

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Daniel da Silva Stack

**“TUDO COMEÇA NA INTERNET”? HOMOSSEXUALIDADES
EM CONTEXTOS INTERIOANOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Santa Maria, RS
2022

Daniel da Silva Stack

**“TUDO COMEÇA NA INTERNET”? HOMOSSEXUALIDADES EM
CONTEXTO INTERIORANOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Figueiredo Balieiro

Santa Maria, RS
2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Stack, Daniel da Silva
"TUDO COMEÇA NA INTERNET"? HOMOSSEXUALIDADES EM
CONTEXTOS INTERIOANOS NO RIO GRANDE DO SUL / Daniel da
Silva Stack.- 2022.
194 p.; 30 cm

Orientador: Fernando Figueiredo Balieiro
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2022

1. Homossexualidades 2. Masculinidades 3. Interior 4.
Aplicativos 5. Grindr I. Figueiredo Balieiro, Fernando
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DANIEL DA SILVA STACK, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Daniel da Silva Stack

“TUDO COMEÇA NA INTERNET”?
HOMOSSEXUALIDADES EM CONTEXTOS INTERIOANOS NO RIO GRANDE
DO SUL

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Aprovado em 16 de Agosto de 2022:

Fernando de Figueiredo Balieiro, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Miriam Adelman, Dra. (UFPR)

Richard Miskolci Escudeiro, Dr. (UNIFESP)

Santa Maria, RS

Dedico este trabalho à minha mãe, por ser meu exemplo, e a todos que fazem pesquisa nesses tempos difíceis. Resistimos!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família por todo o suporte, em especial à minha mãe que sempre foi meu exemplo de vida, essa vitória é nossa! Sou extremamente grato por sua presença nesses dois últimos anos, não teria conseguido passar pelo mestrado sem seu apoio.

Às minhas amigas e amigos, deixo aqui registrado meus agradecimentos. Foram tantas conversas pelo Whatsapp, videochamadas e alguns encontros presenciais que certamente garantiram que eu tivesse força para continuar. Em muitas ocasiões frisei que parecia que vocês acreditavam mais em mim que eu mesmo; e se não fosse por todo o impulso que me deram, acredito que esse trabalho não teria sido realizado.

Agradeço ao Fernando, meu orientador, pela paciência e disposição em me instruir no período mais desafiador de minha trajetória acadêmica até o momento, aprendi muito nesses dois anos e meio.

Ao professor Richard e à professora Miriam, agradeço pelo momento de troca durante a banca de qualificação e por terem aceitado estar na minha banca de defesa. Suas colocações foram cruciais para que este trabalho tenha tido um salto de qualidade.

Aos meus interlocutores de pesquisa, agradeço por serem solícitos e terem contribuído com essa pesquisa. Vocês se tornaram parte do meu cotidiano, fizeram com que eu me identificasse com suas trajetórias e contribuíssem para o rumo que a pesquisa tomou.

À Lorde, Aurora e Winona Oak, agradeço pelas canções que me acompanharam em momentos distintos durante todo esse percurso.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de auxílio à pesquisa durante um ano do mestrado.

“Pervertido, mal amado, menino malvado, muito cuidado
Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado.

A placa de censura no meu rosto diz

Não recomendado à sociedade

A tarja de conforto no meu corpo diz:

Não recomendado à sociedade

Não olhe nos seus olhos

Não creia no seu coração

Não beba do seu copo

Não tenha compaixão

Diga não à aberração”

Não recomendado - Caio Padro

RESUMO

“TUDO COMEÇA NA INTERNET”? HOMOSSEXUALIDADES EM CONTEXTOS INTERIOANOS NO RIO GRANDE DO SUL

AUTOR: Daniel da Silva Stack

ORIENTADOR: Fernando de Figueiredo Balieiro

A pesquisa tem como objeto a construção da homossexualidade entre usuários do Grindr na cidade de Santa Maria - RS. A etnografia digital é uma metodologia que se propõe a compreender fenômenos sociais nas mídias digitais, sendo a metodologia que proporcionou analisar os perfis de usuários em Santa Maria, e posteriormente, o acesso aos interlocutores. Os jovens selecionados para fazer parte da pesquisa são estudantes que residiam no município de Santa Maria na época das entrevistas e são oriundos de municípios menores ou zonas rurais do estado do Rio Grande do Sul. Investigar a construção da sexualidade para esses sujeitos demandou que fosse compreendido a relação estabelecida entre seus contextos de origem e a cidade de Santa Maria, o que possibilitou entender que o local de origem desses jovens apresenta normas rígidas de gênero e sexualidade. O contexto de cada interlocutor exerceu impacto distinto na construção de seu gênero, os que estiveram mais próximos da zona rural tiveram forte presença de signos do campo que definiam o comportamento masculino. Por se encontrarem afastados de seus municípios de origem e do regime de controle representado pela família, vizinhança e demais sujeitos, esses jovens puderam construir sua apresentação pessoal e experienciar seu desejo homoerótico em Santa Maria, mas com certas preocupações quanto à visibilidade de sua sexualidade. O título da dissertação incorpora a afirmação dos interlocutores que “tudo começa na internet” pois iniciaram a constituição do desejo homoerótico pelo meio digital, porém, busco questionar tal afirmação pois ao longo da pesquisa ficou evidente que a construção da sexualidade se inicia afastada dos meios digitais, é expressa inicialmente na família, escola e vizinhança. Em decorrência do desenvolvimento da internet, segmentos econômicos passaram a produzir um campo afetivo regulado por uma lógica de mercado. Assim, a interface do aplicativo é marcada pela necessidade de que os usuários saibam empreender sobre seus corpos para conseguirem constituir relações, o que implica que negociem com as normas de masculinidade e corpo que produzem os sujeitos alvos do desejo.

Palavras-chave: Homossexualidades; Masculinidades; Interior; Aplicativos; Grindr.

ABSTRACT

AUTHOR: Daniel da Silva Stack
ADVISOR: Fernando de Figueiredo Balieiro

“EVERYTHING STARTS ON THE INTERNET”? HOMOSEXUALITIES OF THE COUNTRYSIDE IN RIO GRANDE DO SUL

This research has as object the construction of masculinity between the users of Grindr in the city of Santa Maria – RS. The digital ethnography is a methodology which aims to understand social phenomenon in digital medias, it being the methodology that has possibilited to the profiles of the users in Santa Maria, and afterwards, the access to the interlocutors. The young people selected to be a part of this research are students that used to reside in the municipality of Santa Maria in the time of the interviews and are from small municipalities or rural areas from the Rio Grande do Sul state. Investigating the construction of the masculinities to these subjects demanded that the established relationship between the context of origin and the city of Santa Maria was understood, which made possible to understand that the origin place of these young people present rigid standards of gender and sexuality, characterized by interlocutors as a conservative and oppressive space. The context of each interlocutor exerted different impact in the construction of their masculinity, the ones that were the closest to the rural area had a stronger presence of countryside signs that defined their masculine behavior. Because they found themselves away from their municipalities of origin and the control regime represented by their family, neighbors and other subjects, these young people could construct their personal presentation and experience their homoerotic desires in a freer manner, but with certain worries related to the visibility of their sexuality. The technological development provided new spaces of sociability, the title of the dissertation expresses that to these subjects the constitution of the homoerotic desire starts on the internet, and it is through these applicatives and social networks that they find their first gay friends and sexual partners. Due to the development of the internet, economic segments started to produce an affective field regulated by market logic. Thus, the applicative interface is marked by the necessity that the users know how to advertise their bodies to be able to constitute relations, which implies that they negotiate with the masculinity standards and body that produce the target subjects of desire.

Keywords: Homosexualities; Masculinities; Countryside; Applications; Grindr.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Informações do perfil do pesquisador.....	34
Figura 2 - Mapa do Rio Grande do Sul com destaque em vermelho no município de Santa Maria.....	37
Figura 3 - Mapa de Santa Maria evidenciando o centro da cidade e o bairro Camobi...38	
Figura 4 - Perfil do usuário “com local” observado a partir do bairro Camobi.....	43
Figura 5 - Perfil de usuário “bisigilo” visualizado no Grindr em Santa Maria.....	132
Figura 6 - Perfil de usuário do Grindr de quarenta e quatro anos visualizado na cidade de Santa Maria.....	137
Figura 7 - Perfil do Grindr de “Gurizão” visualizado na cidade de Santa Maria.....	144
Figura 8 - Perfil do usuário “cb” visualizado na região de Santa Maria.....	165
Figura 9 - Perfil do Grindr na região de Santa Maria.....	166
Figura 10 - Perfil de usuário do Grindr “procura eterna” na região de Santa Maria....	168
Figura 11 - Perfil do usuário do Grindr nomeado “Pedro” de Santa Maria.....	175

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ETNOGRAFANDO O DIGITAL: PROCESSOS METODOLÓGICOS	17
2.1 O ESTUDO DAS PLATAFORMAS E AS DIRETRIZES DO APLICATIVO	27
2.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: A INSERÇÃO NO CAMPO E A COLETA DE DADOS	31
2.2.1 Descrevendo Santa Maria	36
2.2.2 O aplicativo Grindr na cidade de Santa Maria	43
2.3 A ENTREVISTA	49
2.3.1 Lito	51
2.3.2 Félix	53
2.3.3 Eric	56
2.3.4 Patrick	58
3 “TEM QUE SER BAGUAL, TEM QUE PEGAR BOI PELO PESCOÇO”: HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS EM CONTEXTOS INTERIORANOS NO RIO GRANDE DO SUL	61
3.1 DINÂMICAS DE GÊNERO E MASCULINIDADE NO INTERIOR	68
3.1.1 Relações familiares	73
3.1.2 O contexto escolar	80
3.1.3 Relações sociais	84
3.2 “NOS DAMOS BEM, SÓ NÃO FALAMOS SOBRE ISSO”: REGIMES DE VERDADE E HOMOSSEXUALIDADE	90
3.2.1 Os mecanismos da gestão da sexualidade e do segredo	98
3.3 A CONSTRUÇÃO DA (HOMO)SEXUALIDADE	110
4 “EXIGEM O PADRÃO RIO DE JANEIRO”? : CORPORALIDADES E MASCULINIDADES EM APLICATIVOS	122
4.1 EMPREENDEDORISMO: A CONSTRUÇÃO DE SI NO APLICATIVO	127
4.2 AS INTERAÇÕES NO APLICATIVO E ENCONTROS OFFLINE	147
4.3 MASCULINIDADES E CORPORALIDADES EM APLICATIVOS	161
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
APÊNDICE A	186
APÊNDICE B	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190

1 INTRODUÇÃO

“Então, *tudo começa na internet né*, para quem mora em cidade muito pequena e não tem *acesso ao espaço onde as coisas já são faladas e são debatidas*” - Eric, 26 anos (grifos meus).

Início esse trabalho com a fala de Eric expondo como os interlocutores atribuem à internet o meio central para que constituíssem relações com outros homens gays. Proponho um questionamento sobre se, de fato, “tudo começa na internet” para homossexuais que são oriundos de municípios pequenos. Através do meio digital esses jovens tiveram acesso a um discurso que os validam enquanto sujeitos e puderam experienciar seu desejo. Porém, a partir da análise desenvolvida, procuro demonstrar como foi na constituição das relações familiares e sociais, em suas comunidades de origem, que a sexualidade desses jovens foi moldada, fato que se estende para seus usos no aplicativo.

Por ser originário de um município pequeno, a fala de Eric toca em questões que me foram comuns: os primeiros passos para compreender e validar a minha sexualidade foram através da internet. A convivência familiar, escolar, religiosa e social evidenciavam normas rígidas de gênero, onde ser um homem masculino, provedor e heterossexual compunha o ideal dominante, fazendo com que se mostrar um sujeito não conforme com essas normas inicialmente não fosse cogitado. Da mesma maneira, esses jovens universitários relatam a construção da masculinidade em seus municípios, os levando a tentarem incorporar em seu gênero signos que compunham a masculinidade em seus contextos de origem.

Ao adentrar no espaço universitário, tive contato com as teorias de gênero que foram responsáveis por desestabilizar o “mundo” criado em meu município, visto como o único caminho possível. Porém, ao retornar a Capitão Leônidas Marques - PR, meus esforços para aproximar amigos e familiares das discussões de gênero nas quais eu estava imerso, se mostrou quase nulo e desgastante. Eric expõe certo abismo entre o espaço universitário e sua comunidade de origem, pois compreende que há espaços onde “as coisas já são faladas e são debatidas”, há abertura para que esses sujeitos possam conversar sobre a sexualidade e tornam possível a existência de masculinidades e sexualidades divergentes sem a mesma pressão e violência que existe em seus

contextos de origem, marcado pelo contingente populacional inferior a Santa Maria - Rio Grande do Sul.

Nesta pesquisa, tenho como objetivo compreender a construção do gênero e da sexualidade para homens com desejos homoeróticos que utilizavam o Grindr. As conversas com usuários que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, e posteriormente os interlocutores, evidenciaram que Santa Maria, por ser uma cidade universitária onde muitos jovens migram de outros municípios do Rio Grande do Sul, estados brasileiros ou países para estudar nas instituições públicas e privadas do município, permite que a apresentação pessoal e a construção do *self* no aplicativo ocorra de maneira distinta dos contextos que vieram.

Utilizei da etnografia digital como metodologia, com a observação participante e a entrevista semiestruturada como métodos de coleta de dados, o que permitiu a observação dos perfis, conversas com usuários e interlocutores. Estes expuseram a complexidade que a interface do aplicativo apresenta, sendo possível compreendê-la através de aspectos sociais do município e do estado. A pandemia da covid-19 exerceu grande impacto na maneira como acessei os perfis para o desenvolvimento metodológico e a coleta de dados. Por ter retornado ao meu município em outro estado, foi necessário incorporar um aplicativo de localização fictícia que permitiu o acesso aos perfis de Santa Maria, e que também possibilitou o trânsito entre espaços dentro do município, o que contribuiu para a compreensão ampla da interface do aplicativo.

O município de Santa Maria é a sexta cidade mais populosa do Rio Grande do Sul, com estimativa de 283 mil habitantes, apresenta instituições de ensino superior públicas e privadas que somam mais de trinta mil estudantes. Esse espaço, visto como um local onde as discussões de gênero e sexualidade “são faladas e debatidas”, fez parte das narrativas dos interlocutores selecionados, como um lugar que permitiu a construção de desejo, gênero, sexualidade e aproximou alguns interlocutores de discussões ativistas de gênero. Porém, a construção da sexualidade e do gênero, seja na interface do aplicativo ou no espaço urbano do município, esteve ancorada na produção histórica de um ideal de masculinidade.

Os interlocutores selecionados para compor o trabalho não são naturais de Santa Maria, mas ingressaram no município para estudar ou realizar estágios de seus cursos de graduação, sendo oriundos de municípios pequenos ou zonas rurais do estado. As experiências desses jovens em seus contextos de origem contribuem para a percepção de que a produção social do gênero delimita o lugar que os corpos ocupam na estrutura

social. Os discursos que ecoam na família, na escola e nas relações sociais são condenatórios da homossexualidade e exigem que esses sujeitos expressem sua masculinidade de uma determinada forma. Para os interlocutores da zona rural, a constituição de suas masculinidades expressava ideais associados a signos do campo, como o cuidado de animais de grande porte, o conserto de cercas, o tiro com armas de fogo etc. A constituição da masculinidade relacionada ao campo foi expressada através das falas de Félix¹ e Lito, “ser bagual” e “pegar boi pelo pescoço” foram analogias utilizadas por Lito que classificaram a masculinidade no meio rural. São expressões que compõem o título do terceiro capítulo em que analiso a construção da masculinidade nos contextos de origem desses jovens. As variações para os interlocutores das zonas rurais e interlocutores do perímetro urbano, em que há signos semelhantes devido ao trânsito constituído entre rural e urbano mas também diferenças significativas em cada contexto, permitiram diferentes níveis de exposição da sexualidade, bem como, de experiência dos desejos homoeróticos desses jovens.

Para Félix, interlocutor da zona rural, a exposição da sexualidade no município de Santa Maria é possível na interface do Grindr e em alguns locais em que se sente seguro. Ele afirma que Santa Maria é uma cidade acolhedora das homossexualidades “mais liberais”, que não estariam alinhadas ao comportamento dominante. Por outro lado, outros interlocutores “mais liberais” demonstraram uma insegurança maior quanto à expressão de gênero no município, porém, reconhecem em Santa Maria um ambiente “menos conservador” quando comparado ao local em que cresceram. Assim, a trajetória estabelecida entre seus municípios de origem, a cidade de Santa Maria e a interface do aplicativo mostram que esses sujeitos negociam constantemente a exposição de sua sexualidade, masculinidade e apresentação pessoal, seja em ambientes online ou offline, e em cada cenário acionam diferentes segmentos para a construção de seu *self*.

Na interface do aplicativo esses jovens se deparam com o exercício de elaborarem suas apresentações pessoais com o objetivo de encontrar parceiros sexuais, assim, a escolha de suas fotografias e descrições são estrategicamente construídas, para conseguir parceiros sexuais. Esses jovens precisam negociar com a masculinidade buscada por outros sujeitos, evidenciando em suas apresentações pessoais signos aos quais atribuem às suas masculinidades. As relações contemporâneas mediadas pelo meio digital foram construídas a partir de noções de mercado, o que Eva Illouz (2011)

¹ Todos os nomes próprios ou de municípios utilizados na pesquisa são fictícios como medida de segurança para com a identidade dos interlocutores.

denomina de *capitalismo afetivo* é a relação que se estabeleceu entre segmentos econômicos e culturais que passaram a regular a afetividade, assim, os sujeitos aderem à visão mercadológica para lidar com suas relações. A racionalidade é a marca das relações contemporâneas, o usuário deve acionar em sua construção pessoal estratégias que chamem a atenção dos demais usuários para que sejam vistos como pessoas desejadas. Para além da construção pessoal, a racionalidade implica na escolha de seus parceiros, pois os encontros devem resultar da melhor escolha possível (ILLOUZ, 2011).

Para além da aparência, os perfis de usuários buscam comunicar outros atributos que compõem o *capital erótico* (ILLOUZ; KAPLAN, 2020) definido como a relação entre aparência, capitais social e cultural e a afetividade, que determinam o lugar dos sujeitos no campo afetivo (ILLOUZ, 2011). Porém, o contexto do município de Santa Maria expôs que a construção do perfil ocorre de maneiras distintas: há uma preocupação consciente dos sujeitos na construção de seus perfis, porém os perfis de usuários destoam de outros contextos. Em outras pesquisas sobre a temática foi ressaltado que os perfis em aplicativos buscam evidenciar uma corporalidade desejada, a masculinidade dominante, além de aspectos culturais e econômicos. Nesta pesquisa, esse tipo de perfil foi nomeado pelos interlocutores de “padrão”, o interlocutor Patrick afirma que há na interface do aplicativo um “padrão Rio de Janeiro de homens bombados, masculinos e que cheiram a Chanel” e que esse “padrão” seria uma extensão no Rio Grande do Sul. Essa expressão “padrão Rio de Janeiro” é parte do título do quarto capítulo, mas vem acompanhada de uma interrogação, será que no município de Santa Maria há a predominância de um “padrão Rio de Janeiro”? Quais seriam os critérios que constroem esse padrão? Ambas as perguntas estiveram presentes nas entrevistas e durante a análise. Neste capítulo tensiono as normas de masculinidade e corporalidade na plataforma, a fim de compreender como ocorre a busca sexual na interface do aplicativo, e especialmente, para os interlocutores da pesquisa.

Devido a esses jovens adentrarem no espaço acadêmico, que seria um “espaço das coisas serem faladas e debatidas”, o contato com o meio universitário acabou proporcionando a esses sujeitos uma aproximação com discussões de gênero, ainda que indiretamente. Isso possibilitou que revissem questões ligadas à masculinidade e tentassem contrapor os discursos de masculinidade e sexualidade de seus municípios e também da interface do aplicativo, a qual alguns desses sujeitos exibiram críticas quanto às interações estabelecidas na plataforma, relatando com certa frequência a insatisfação

em utilizarem o aplicativo.

Investigar as críticas dos interlocutores quanto aos usos dos aplicativos me proporcionou compreender que para esses sujeitos o Grindr, assim como a internet, assume o papel central para a busca sexual, como ilustra a frase de Eric que sugere que para eles “tudo começa na internet”, incluindo seus encontros sexuais atuais. Porém, os perfis que tornam explícito que o aplicativo é voltado para o sexo em suas apresentações pessoais e na maneira como conduzem as interações trazem certos desconfortos para alguns interlocutores. Assim, esses interlocutores afirmam não buscarem apenas sexo no aplicativo, mas veem o Grindr como um aplicativo para o sexo, em contraposição ao Tinder, por exemplo, visto como aplicativo para namoros e relações mais duradouras. Nos seus usos esses sujeitos reiteram essa concepção, pois atribuem sua busca sexual ao Grindr e se tornam reféns das interações e apresentações roteirizadas em um mercado sexual que valoriza com muita ênfase determinadas concepções de “corpo” e ‘masculinidade’.

Além disso, ao se aproximarem de discussões ativistas de gênero, esses jovens desenvolveram críticas ao gênero, reprovando determinados discursos que se fazem presentes na plataforma. No entanto, o discurso desenvolvido através dessa crítica traz limitações para que identifiquem todos os mecanismos através dos quais o gênero conduz suas interações na plataforma, relegando algumas dessas construções sociais apenas a questões ligadas à atração.

Ao desenvolver a pesquisa no contexto de Santa Maria foi possível identificar a construção de modelos de masculinidades acionados na construção do *self* online. As dinâmicas de gênero constituídas entre as cidades de origem, o espaço acadêmico e do município evidenciam possibilidades distintas da construção do desejo homoerótico. O contato com a cultura gaúcha produz um modelo de masculinidade que está relacionado a elementos particulares, como os signos vinculados ao campo e ao rural.

O desafio posto para a pesquisa foi compreender o contexto particular do município, e ao mesmo tempo vinculá-lo à produção histórica de sexualidade e gênero, bem como às alterações nas configurações afetivas, que são frutos do desenvolvimento tecnológico e econômico. Os ambientes digitais criam novas formas de sociabilidade e, em muitos casos, também reforçam modelos corporais e de masculinidade nos quais passaram a configurar as relações. Dentro do aplicativo foi possível visualizar normas na busca sexual que estão ligadas a questões de masculinidade, corpo, raça/etnia, classe social etc. As maneiras como essas normas sobressaíam no campo foram variadas, ora

através da rejeição explícita ou ancoradas na concepção de atração e gosto pessoal. Os interlocutores, que não faziam menções a nenhuma dessas normas, mostraram que estas também estavam presentes nas suas interações no aplicativo e encontros presenciais, evidenciando o fato de que esses sujeitos negociam constantemente com essas normas.

2 ETNOGRAFANDO O DIGITAL: PROCESSOS METODOLÓGICOS

#No gordos
 #No feos
 #No pobres, bueno si eres vergon puedo tolerar
 #No negros. Aunque si eres black vergon también puedo tolerar.² (Biografia do perfil de “katuete#22” visualizado no Grindr em 28 de Novembro de 2020).

O trecho acima foi retirado de um perfil que observei pela manhã do dia 28 de novembro de 2020, trago ele no início deste capítulo pois considero que esse perfil exemplifica, de maneira mais explícita, uma série de discursos que podem ser visualizados na interface do aplicativo na região de Santa Maria. Discussões que foram explanadas pelos meus interlocutores e que pude experienciar durante meu campo. Essa biografia é de um perfil de um jovem de vinte e dois anos intitulado “katuete#22”, usuário do aplicativo Grindr que estava na região de Santa Maria na manhã em que visualizei seu perfil. Sua biografia comunica como dentro das plataformas digitais, em especial os aplicativos de relacionamento, os usuários mobilizam problemáticas sociais, seja através da afirmação explícita como nesse caso ou de forma sutil, ancorada no gosto pessoal, ou ainda, quando utilizam sua biografia para contestação dessas problemáticas.

Para a minha inserção no campo, compreendi que investigar uma plataforma digital apresenta desafios assim como em etnografias realizadas de modo offline. Optei por utilizar a etnografia digital para desenvolver a pesquisa, essa metodologia se consolidou a partir da necessidade de assimilar as mudanças culturais ocasionadas com o avanço tecnológico e as relações sociais. Assim, compreendendo que a plataforma do aplicativo Grindr é um campo de pesquisa, a internet constitui-se como artefato cultural (HINE, 2015) sendo um espaço em que a cultura é “formada e reformada” e padrões comportamentais no aplicativo estão visíveis e passíveis de investigação sociológica.

Christine Hine (2016) destaca que:

² #Não a gordos
 #Não a feios
 #Não a pobres, bem, se for dotado posso tolerar
 #Não a negros. A não ser um negro pauzudo ai também posso tolerar - Tradução minha.

As tecnologias digitais se tornam cada vez mais uma parte intrínseca das vidas cotidianas em vez de uma esfera separada de existência social. Todas essas mudanças motivam os estudos etnográficos: nós precisamos saber em detalhes que tipos de mudanças estão ocorrendo nas instituições e organizações, no engajamento das pessoas com a mídia nesta era digital, e quais efeitos em termos de nossas culturas e nossas comunidades, quer seja on-line, off-line ou, como é o caso mais frequente, complexos híbridos do on-line com o off-line [...] O etnógrafo age, não julgando a priori o significado inerente da mídia ou como as pessoas deveriam usá-la. Em vez disso, procura alcançar um profundo engajamento com os detalhes confusos contidos naquilo que as pessoas realmente fazem com a mídia na prática. A etnografia, portanto, pode nos proporcionar um insight em um sentido mais profundo do significado da mídia, explorando não somente o que um texto específico significa, mas, qual o significado da mídia como um componente da vida cotidiana em um sentido mais amplo, uma vez que ela é socialmente, culturalmente e tecnologicamente permeada. (HINE, 2016, p. 12).

A etnografia é caracterizada por uma aproximação com as experiências do grupo pesquisado, através da observação participante o pesquisador se insere no grupo e realiza um incessante trabalho de descrição e compreensão dos signos compartilhados entre seus informantes. Clifford Geertz (1978) utiliza-se do exemplo da piscadela, ato que está emaranhado em uma teia de significados, podendo ser manifestado ora como um tique (algo intencional) ou uma imitação, a compreensão do ato está ligada ao entendimento de signos que são compartilhados entre o grupo.

Compreender o que os usuários desejam comunicar, como no exemplo do perfil de abertura do capítulo, demandou que para entender a busca sexual no município era necessário situá-la numa produção histórica que construiu definições de masculinidade e sexualidade, assim como de corpo. Para assim, poder identificar que predominantemente a busca por homens brancos, masculinos, sarados, dotados e de classe alta, como o perfil destaca, é fruto de mudanças históricas detalhadas em extensa bibliografia e que puderam ser visualizadas na pesquisa empírica.

Realizar uma etnografia inclui estabelecer relações, aproximar-se ao máximo da experiência dos sujeitos pesquisados. A etnografia se caracteriza como uma metodologia aberta, a qual permite que a observação do campo conduza o etnógrafo acerca das questões de análise. Em muitos casos a elaboração de questões prévias de investigação mostram o quanto o campo pode alterar as percepções iniciais, “assim, é difícil generalizar um conjunto de ferramentas etnográficas de antemão e frustrantemente desafiador especificar, antes de começar o estudo, o que exatamente o etnógrafo deveria fazer” (HINE, 2016, p. 8).

Ao passo que a investigação adquiriu profundidade, as observações iniciais

ganham novos sentidos frente a descobertas e interpretações. Minha premissa inicial de investigação era que o campo de Santa Maria, por apresentar grande estrutura acadêmica, proporcionava um ambiente de maior exposição em relação às interações sexuais entre homens, que o sigilo e discrição dos perfis compreendia uma minoria dos usuários, além de que na plataforma haveria muitos perfis que questionavam normas ligadas a corpo e masculinidade. Essa premissa é caracterizada por mim como ingênua, pois conforme o curso etnográfico se aprofundou, pude perceber que essas percepções não poderiam ser confirmadas já que o contexto da cidade demandou uma complexidade de análise, visto que os perfis presentes na plataforma são heterogêneos. Como exemplo, ficou claro que a exposição da sexualidade abertamente no aplicativo não necessariamente representa a mesma exposição em outros espaços, revelando formas diversas de se lidar com o “armário gay”. Embora biografias como a do perfil citado inicialmente não sejam maioria, a negação desses discursos também não é expressiva. Durante as entrevistas pude perceber que as interações dos interlocutores com outros perfis seguiam algumas normas quanto ao corpo, signos de masculinidades e questões raciais; ainda que esses interlocutores apresentassem um discurso que contrapõe essas normas, revelando contradição entre discursos e interações entre usuários.

Daniel Miller e Don Slater (2004), formularam alguns pressupostos para a etnografia digital durante um estudo etnográfico em cibercafés em Trinidad, logo no período inicial da internet comercial. Para esses autores a realização da etnografia digital é semelhante a etnografia offline, envolvendo participação, observação, conversas, texto e relacionamentos (p. 44). Vivenciei e desenvolvi essas categorias em meu incurso etnográfico na plataforma, participei da interação com outros usuários, pude visualizar e utilizar da estrutura do aplicativo, bem como suas ferramentas. Acompanhei diversos perfis de usuários durante minhas idas ao campo e estabeleci vínculos com os interlocutores que não se limitaram apenas a interface do aplicativo.

As interações em ambientes online compreendem três diferentes dimensões, como Christine Hine (2016) nomeia de “internet 3E” (*embedded, embodied and everyday*). Ou seja, em sua visão, as mudanças tecnológicas produziram uma internet que é incorporada, corporificada e cotidiana. Para a autora, as experiências online não se caracterizam como uma experiência limitada ao digital, a corporificação torna-se uma parte expressiva de como utilizamos as tecnologias pois nosso corpo produz sensações que podem ser ocasionadas tanto nas interações offline quanto online. Por exemplo,

ficar envergonhado ou com rubor nas bochechas a partir da troca de mensagens com alguém que desperta o interesse amoroso, ou ainda, interações sexuais que podem se desdobrar a partir da troca de fotografia dentro de aplicativos.

Hine (2015) destaca que é importante que o etnógrafo não descarte nenhuma forma de comunicação. Em sua visão, etnografias em ambientes digitais são um desafio ao etnógrafo ao demandar a compreensão das coisas de um modo unificado. Dessa forma, torna-se necessário a busca pela compreensão de todos os mecanismos (visíveis e invisíveis) que estão presentes nas redes.

É importante, então, que os etnógrafos participem das diversas formas de comunicação e interação que aqueles que estudam usam e não descartem nenhuma dessas formas de comunicação como inerentemente menos informativas ou não etnográficas. A aceitação deste ponto, no entanto, causa alguns problemas para um projeto etnográfico, porque desafia a capacidade do etnógrafo de entender as situações como um todo unificado. As comunicações mediadas são preocupantes para os etnógrafos porque muitas vezes parecem deixar-nos incapazes de compreender uma situação como uma entidade singular com todas as suas ramificações e de descobrir o que significa para os seus participantes. (HINE, 2015, p. 3, tradução minha).

As tecnologias de rede demandaram que se estabelecesse um campo de estudo próprio, já o surgimento dos aplicativos de relacionamento a partir do desenvolvimento tecnológico alterou a forma como os sujeitos se relacionam e suas configurações sexuais. Como observa Richard Miskolci (2014), as relações sexuais em contexto digital estão marcadas pela praticidade que apresentam, em aplicativos que usam a geolocalização, o usuário pode estar no conforto de casa e investir em sua vida sexual, sem a necessidade de se deslocar a bares, baladas e outros espaços frequentados por possíveis parceiros. Assim, conforme o autor e outros autores demonstraram, as mudanças na seara sexual e afetiva vão além de questões exclusivamente tecnológicas.

Miskolci (2014) afirma que os aplicativos de relacionamentos trouxeram a possibilidade de agência para grupos como mulheres e homossexuais, que puderam gerenciar as relações sexuais a partir do online. Mas, ao mesmo tempo, essas novas relações reforçaram padrões corporais e de masculinidade. Ao analisar a pornografia homossexual que foi responsável por colocar o homem gay, que até então era visto com estigma de doença, em posição de desejo, o autor conclui que esse fato também reforçou um padrão corporal alvo do desejo e que pode ser visto na busca sexual na plataforma.

A socióloga marroquina Eva Illouz (2011), analisa a maneira como o

capitalismo foi incorporado na afetividade contemporânea. A autora destaca o surgimento de uma linguagem especializada na psicologia sobre o amor a partir da década de oitenta, estabelecendo um nicho específico de revistas e programas de TVs entre outras produções que se tornaram extremamente lucrativas, tendo como objetivo explicar e resolver os conflitos na área romântica. Dessa forma, o que ela denomina de “capitalismo afetivo” seriam as modificações observáveis na estrutura econômica com a reformulação de pressupostos afetivos que transformam as relações contemporâneas.

O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. [...] minha análise não é marxista nem weberiana, na medida em que não pressuponho que a economia e os afetos possam (ou devam) ser separados uns dos outros. Na verdade, como pretendo mostrar, repertórios culturais baseados no mercado moldam e impregnam as relações interpessoais e afetivas, e as relações interpessoais encontram-se no epicentro das relações econômicas. (ILLOUZ, 2011, p. 8).

Illouz (2011) pontua a maneira como os aplicativos de relacionamento produzem uma sensação de agência para o usuário ao escolher com quem quer interagir. Porém, essa concepção oculta a maneira como eles se orientam por questões culturais e hegemônicas ligadas ao gosto. Ao incorporar noções de consumo e descarte nas relações, constrói-se a noção de que há sempre um *upgrade* a ser feito. Illouz (2011) afirma que “até o prato gastronômico mais requintado ainda pode ser superado” (p. 53), evidenciando a constante sensação de que sempre iremos encontrar alguém melhor, além de produzir a necessidade de buscar um aprimoramento pessoal que aperfeiçoe nossa posição na hierarquia do desejo. Isso demanda que, na construção do *self* em rede, sejam acionadas estratégias como a de ir à academia, frequentar determinados lugares, viajar, fazer procedimentos estéticos, usar determinadas marcas de roupas e acessórios, enfim, estratégias que tocam em questões que movimentam a estrutura econômica.

Seguindo a metáfora gastronômica, é possível assimilar a estrutura dos aplicativos com um menu de restaurante em que o usuário seleciona o prato para consumo. Um perfil observado durante a pesquisa compara o Grindr a um açougue de carne evidenciando a lógica da escolha e do consumo, mas também destacando como os corpos se apresentam recortados para trazer foco em determinada característica particular. Segundo Illouz (2011), a sensação de agência produzida da interação online

faz com que as pessoas busquem alguém que está fora do seu alcance. Miskolci (2004) afirma que na internet as pessoas estão sujeitas a procurarem parceiros que elas consideram melhores que a si mesmo, o que, como destaca o autor, em relações construídas offline também pode ser observado. No entanto, em ambientes digitais a lógica racional e da escolha é definidora para as relações.

[...] o problema da internet é que as pessoas criam um intenso desejo de alguém que, em suas palavras, está “fora do seu alcance”, alguém de valor superior ao delas. Não querem se contentar com alguém que lhes seja equiparável. Em vez disso, por verem de perto tantas pessoas que estão acima delas, e pelo fato de a internet lhes dar a ilusão de que estas são fáceis de alcançar, elas anseiam por essas pessoas, e não pelas que poderiam conseguir (ILLOUZ, 2011, p. 53).

Dialogando com as mudanças tecnológicas e econômicas, Miskolci (2014) denomina a nova configuração das relações sexuais como *nova economia do desejo*, imbricando mudanças na esfera afetivo-sexual com transformações econômicas e tecnológicas em andamento. Partindo do exemplo dos relacionamentos heterossexuais, as mudanças podem ser vistas na alteração do roteiro heterossexual de namoro-noivado-casamento, o qual se torna obsoleto frente às exigências de qualificação profissional e do mercado de trabalho, requerendo outro planejamento de vida mais flexível, no qual as relações duradouras perdem espaço ou são adiadas.

Miskolci (2014) também destaca a centralidade que San Francisco (EUA) adquiriu como formadora de identidades gays e lésbicas, bem como suas transformações contemporâneas. O aplicativo Grindr foi desenvolvido em contexto urbano específico, o de San Francisco, no qual além da história específica em torno de gênero e sexualidade, apresenta infraestrutura, mobilidade e segurança que diferem do contexto brasileiro. Se as funcionalidades e os códigos são criados naquele contexto, é importante estar atento às suas traduções culturais. Os usuários brasileiros que interagem através da plataforma se familiarizam com o uso de termos norte-americanos (como tribos, *tap* etc) e chegam a atribuir novos significados que só puderam ser compreendidos através da investigação etnográfica. Por exemplo, durante o percurso em campo em Santa Maria observei que alguns usuários não compreendem a funcionalidade do *tap*, que se caracteriza como o envio de um sinal para o outro usuário comunicando o interesse sexual, nas observações em campo alguns perfis escreviam que *taps* seriam ignorados. Essas situações evocam como, em contextos específicos, a

maneira como ocorre a recepção de determinadas ferramentas do aplicativo pode se distanciar de sua idealização inicial.

No intercurso de investigação do aplicativo, assim como em etnografias offline, o diário de campo foi meu principal companheiro. Nele relatei as percepções acerca dos perfis, da plataforma e das interações estabelecidas. Escrevi sobre o nervosismo ao primeiro contato com os usuários por meio do “frio na barriga”, a euforia ao ter usuários interessados na pesquisa e o desconforto em relação a interações que não respeitavam minha posição de pesquisador. Esse misto de emoções confirma que as interações em ambientes online têm a capacidade de produzir sensações corporificadas tal qual as offline.

A partir do campo e das interações com os usuários no aplicativo, conjuntamente com as entrevistas, etapas que conformaram os limites do meu objeto de pesquisa, fui modificando o desenho etnográfico que se construiu. Tive como foco as experiências de quatro jovens homossexuais do interior do Rio Grande do Sul, que se mudaram para Santa Maria para cursar a graduação ou realizar estágios obrigatórios do curso e que utilizavam o aplicativo Grindr para encontrar parceiros sexuais.

Até o período do exame de qualificação, eu havia estabelecido interações com cinco homens que aceitaram ser entrevistados via Whatsapp, desses, dois realizavam cursos de graduação ou pós-graduação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A partir da dificuldade de estabelecer conexão com esses usuários, houve a necessidade de modificar o roteiro de entrevista e a maneira como este seria aplicado. O fato de não estar residindo em Santa Maria e o contato pessoal ocasionar riscos à saúde por conta da Covid-19, fez com que eu optasse por utilizar ferramentas de videoconferência para a realização das entrevistas.

No que diz respeito aos usuários que contribuíram para a pesquisa, até o momento da qualificação eu havia selecionado dois interlocutores que trouxeram dados interessantes durante as interações por Whatsapp e que gostaria de seguir acompanhando. Um desses interlocutores não mostrou interesse em continuar a contribuir com a pesquisa de forma remota, evidenciando estar disponível se as entrevistas fossem presenciais; já o segundo apontou que não tinha disponibilidade pois estava mudando de cidade e não conseguia ter horários livres para que a entrevista por videoconferência pudesse ser realizada. As entrevistas com profundidade demandam que o pesquisador e o interlocutor tenham disponibilidade de tempo para dialogar sobre as questões feitas e os desdobramentos a partir delas. Após não ter condições para dar

continuidade com esses dois usuários do aplicativo, retornei a plataforma para poder selecionar novos interlocutores. Nesse segundo momento, todos os usuários que mostraram interesse estavam na faixa etária de 24 a 30 anos e eram acadêmicos de instituições de ensino superior de Santa Maria.

Assim, realizei pelo menos uma entrevista com duração de uma hora cada, via Google Meet, com oito jovens, optando por dar continuidade e finalizar o roteiro de perguntas com quatro homens selecionados desse grupo. Os critérios de seleção dos interlocutores nesse segundo momento foram, sobretudo, jovens que migraram para Santa Maria deixando seus municípios de origem dentro do estado do Rio Grande do Sul, ou no caso de Lito, que havia migrado da zona rural de Santa Maria para o perímetro urbano. Os quatro jovens dos quais trago suas histórias e trajetórias representam algo em comum que é observado pelos residentes de Santa Maria: são jovens criados em uma dinâmica de gênero e cultura muito particular da região. Sendo afetados por discursos de gênero vistos como característica do “interior” e da zona rural, que, ao mudarem para o perímetro urbano do município de Santa Maria passam a experimentar sua homossexualidade sem a vigilância social imposta em seu contexto de origem.

Segundo Maria Nazareth Wanderley (2009), ao pensar os contextos rural e urbano devemos identificá-los não como pares de oposição, mas como espaços que constroem relações de *interdependência*. Embora as definições de rural e urbano apresentem um sistema de definição diversificado, em alguns países baseado na densidade demográfica, ele não é satisfatório para entender diferenças culturais. Nesse sentido, “o grande desafio é o de compreender os processos sociais pelos quais estas realidades se interligam em profundidade, reiterando-se mutuamente” (p. 60). O termo “interior” tal como mobilizado na linguagem êmica no campo estudado, apresenta camadas. Diz respeito às cidades do estado que se localizam territorialmente fora da área metropolitana das capitais ou do litoral, como Santa Maria, mas é mobilizado por esses usuários para definir o tipo de relações que se estabelecem em seus municípios de origem nos quais o contingente populacional é inferior. Quando se fala que sua origem ou sua casa é no “interior”, refere-se a localidades distantes de onde vivem atualmente, podendo ser pequenos municípios urbanos ou zonas rurais.

Ao analisar as relações entre campo e cidade, Ricardo Abramovay (2000) destaca que em cidades com pouco contingente populacional as relações sociais se estreitam e estabelecem vínculos de proximidade que podem se estender a toda a

comunidade, o que é menos presente em grandes centros urbanos pois os vínculos se limitam a grupos fechados. No contexto dos interlocutores que cresceram em municípios de até 60 mil habitantes (Lito, Patrick e Félix), estes são descritos como “um espaço onde todo mundo conhece todo mundo”. Já no município de Eric, de 120 mil habitantes, as relações sociais de proximidade se restringiam mais ao bairro em que morava. Ainda que haja diferenças entre as relações de proximidade para os interlocutores da pesquisa, o que será possível de identificar com maior clareza nas apresentações pessoais, as relações de proximidade estabelecidas em seus contextos de origem tiveram impacto quanto à exposição do desejo homoerótico nas relações pessoais. Ao deixar esse contexto interiorano e adentrar, por assim dizer, no “anonimato” de Santa Maria, esses jovens veem a possibilidade de construir uma homosociabilidade gay que não visualizavam em suas cidades de origem.

O conceito de homosociabilidade foi cunhado por Eve Kossoff Sedgwick em seu livro *“Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire”* de 1985. Esse termo é utilizado pela autora para expressar o tipo de relação que se constrói entre homens. Nas narrativas dos interlocutores pude observar que o conceito de homosociabilidade é útil para explicar dois tipos de relações constituídas. Inicialmente representa as ligações masculinas formadas por homens aparentemente heterossexuais que compartilham dos mesmos pressupostos de masculinidade, como por exemplo, primos, tios, colegas e vizinhos. Nesses grupos homosociais eram definidos os pressupostos de masculinidade pautados na definição de virilidade, relação com a vida no campo e discursos condenatórios da homossexualidade. O segundo tipo de relação refere-se aos laços que são formados entre homens homossexuais na cidade de Santa Maria através da interface do aplicativo, se caracterizando por vínculos de amizade e pela possibilidade de encontros sexuais. Embora Santa Maria possa ser vista como um espaço de liberdade da homossexualidade, o fato desses jovens manterem contato com seus municípios de origem, seja pelas visitas esporádicas ou por pessoas oriundas desse contexto que residem em Santa Maria, faz com que a construção do desejo homoerótico e da masculinidade não aconteça de forma “livre”. Assim, a exposição da sexualidade é reconfigurada a fim de manter as relações sociais estabelecidas conjuntamente com suas homossexualidades.

O antropólogo Guilherme Passamani, realizou pesquisas acadêmicas com o tema da homossexualidade na região de Santa Maria, Porto Alegre e Buenos Aires. Em “‘Na Batida da Concha’: um Olhar Antropológico sobre Homossexualidade Masculina no

Interior do Rio Grande do Sul” (2010), o autor volta seu olhar para um grupo de jovens homossexuais de municípios interioranos próximos a Santa Maria que se mudaram para a cidade com o objetivo de cursarem a graduação. Ao adentrarem no espaço urbano do município, esses jovens viram a possibilidade de estabelecer relações homoeróticas sem assumi-las publicamente, e assim, desenvolveram mecanismos para tal. A “sociedade do apertamento” como chama Passamani (2010), é um circuito de homosociabilidade restrito a um grupo de homens gays que frequentavam um apartamento no centro da cidade. Esse grupo é descrito por ele como sujeitos que se reuniam e limitavam-se a falar sobre sua sexualidade somente nesse espaço. Quando alguém do grupo tinha interesse em trazer mais um membro, realizavam o ritual da “batida da concha” que consistia em convidar esse possível membro para um jantar, durante o qual perguntavam “se ele batia ou não a concha” se referindo a questão de esse sujeito ser ou não homossexual. A expressão foi criada por acaso, mas revela a cautela desses jovens em sondar se um possível novo integrante seria gay ou não, a fim de agrupar em sua “sociedade” jovens que compartilhassem do mesmo segredo e não representassem a ameaça de exposição de sua homossexualidade publicamente.

Apesar do desenvolvimento tecnológico ter progredido desde o período da pesquisa de Passamani (2010), além dos contextos interioranos também se alterarem e incorporarem as novas tecnologias, é possível identificar elementos que traçam um paralelo entre os dois estudos, centrando-se na constituição da masculinidade ligada aos contextos definidos como interioranos. Diferente dos interlocutores de Passamani (2010), que limitavam o conhecimento da homossexualidade nesse grupo fechado e offline, meus interlocutores de pesquisa expõem com certa cautela sua homossexualidade em diferentes grupos que frequentam. Conjuntamente com o desenvolvimento tecnológico que criou novos espaços de interação, a visibilidade da homossexualidade se estende aos ambientes digitais, incluindo a interface do aplicativo e redes sociais. É desse ponto de partida que investigo a constituição da homossexualidade para esses quatro jovens universitários, buscando expor as semelhanças e diferenças no que tange à questão da masculinidade, sexualidade e os usos do aplicativo, almejando compreender suas experiências individuais em seus municípios de origem, relacionando-as com o município de Santa Maria e o meio digital do aplicativo.

Nas seções a seguir abordo com mais detalhes o percurso metodológico até o acesso aos informantes da pesquisa. Abordo as diretrizes do aplicativo para melhor

compreensão da estrutura por trás da plataforma e como este se diferencia de outros aplicativos do mesmo segmento, também descrevendo a unicidade que o contexto local apresenta. Posteriormente, abordo a construção do perfil de pesquisador e as percepções acerca do campo da pesquisa, conjuntamente com a elaboração do roteiro de perguntas destinado ao aprofundamento da investigação com os usuários por meio da entrevista semiestruturada; e, por fim, apresento os interlocutores que contribuíram com esse trabalho.

2.1 O ESTUDO DAS PLATAFORMAS E AS DIRETRIZES DO APLICATIVO

Ao discutir as plataformas digitais é necessário compreender as mudanças ocasionadas a partir do advento da internet. O sociólogo Manuel Castells (2015), utiliza a noção de “autocomunicação de massas” para descrever as mudanças do desenvolvimento tecnológico e como essas alteraram a comunicação, transmissão e recepção de mensagens pela rede, destacando que as mesmas têm capacidade de alcançar uma audiência massiva que se diferencia grandemente da televisão e do rádio (principais meios de comunicação antes da internet). Para Castells (2015, p. 96), esses meios de comunicação tradicionais são caracterizados pela transmissão unidirecional, enquanto com o surgimento da internet a comunicação interpessoal é interativa pois os usuários podem trocar informações e enviá-las a grupos restritos.

As novas tecnologias proporcionam possibilidades de se conectar e produzir interações na internet que formaram novos modelos de sociabilidade. Porém, essas interações nos ambientes digitais não são autônomas. A socióloga José Van Dijck (2016) utiliza a ideia de “cultura da conectividade” para caracterizar as novas configurações entre os domínios privado e público no universo digital. A autora destaca que as plataformas digitais impõem uma forma específica em relação a como compartilhamos e recebemos mensagens, ancoradas no objetivo de veicular publicidade personalizada, que é a base econômica de empresas privadas.

Os estudos sobre as plataformas digitais compreendem que elas não são mecanismos ou ferramentas neutras, mas estão imbuídas de valores e interesses privados que buscam, de certa maneira, ser ocultados. Dessa forma, as tecnologias produzem interações entre os usuários através de suas configurações, construindo novas formações sociais e econômicas. José Van Dijck (2016) afirma ainda que as plataformas constituem um “ecossistema de redes” (VAN DIJCK, 2016), estando conectadas entre si

e utilizam recursos em comum, resultando no que ela chama de “sociedade das plataformas” (VAN DIJCK et al., 2018).

Muitas pessoas pensam nas plataformas simplesmente como ferramentas tecnológicas que lhes permitem fazer coisas em linha: conversar, partilhar, comentar, namorar, procurar, comprar coisas, ouvir música, ver vídeos, chamar um táxi, e assim por diante. Mas estas atividades em linha escondem um sistema cuja lógica e logística é mais do que facilitar: na realidade, moldam a forma como vivemos e como a sociedade está organizada (Gehl 2011) [...] uma plataforma é alimentada por dados, automatizada e organizada através de algoritmos e interfaces, formalizada através de relações de propriedade impulsionadas por modelos de negócio, e governada através de acordos de utilização. (VAN DIJCK et al. 2018, p. 09, tradução minha).

Entendendo que as plataformas operam sob uma lógica de mercado é necessário conceber alguns dos mecanismos por trás do aplicativo Grindr. Trago como exemplo, as configurações do aplicativo nas quais há o “centro de preferências de consentimento” que traz informações acerca do uso dos SDKs³, que são kits de desenvolvimento do software, e que é uma seção do aplicativo que está em língua inglesa. Dentro desse centro de preferências é informado que o aplicativo coleta dados de uso para parceiros (patrocinadores) para que estes forneçam anúncios personalizados. Segundo o aplicativo, as informações coletadas “podem estar relacionadas a você, seu dispositivo e usos do aplicativo, mas não inclui dados relacionados à saúde sexual”. A coleta de dados é obrigatória, desse modo, para utilizar o Grindr é necessário que o usuário ceda essas informações.

A única ação que fica a critério do usuário é a de conceder permissão a essas empresas que recebem as informações de dados para as reterem, usarem ou divulgarem para além do serviço de anúncios personalizados do aplicativo. Assim, em relação ao usuário que desativa a opção “permitir o uso de anunciantes de terceiros” (Allow third-party advertisers use) o aplicativo transmite um sinal aos seus anunciantes terceiros informando que estes estão contratualmente proibidos de reter, usar ou divulgar informação, exceto para a personalização de anúncios no aplicativo. Esse recurso é o único que o usuário pode habilitar ou desabilitar, e, ao criar a conta no Grindr, ele já vem automaticamente ativado.

³ Mais informações sobre o termo podem ser acessadas em: <https://www.redhat.com/pt-br/topics/cloud-native-apps/what-is-SDK#:~:text=Os%20SDKs%20s%C3%A3o%20os%20elementos,Bibliotecas> Acesso em: 05 abr. 2022.

Esse assunto expõe um *modus operandi* de grandes empresas que usam como estratégia termos de uso longos que são ignorados ou passam despercebidos pela maioria dos usuários. Shoshana Zuboff, discute em seu livro “A era do capitalismo de vigilância” (2019) o modo como esses dados colhidos por aplicativos são comercializados para empresas, que podem a partir deles influenciar as escolhas nas redes, podendo, dessa forma exercer um controle a nível social, político e econômico. Essas situações realçam a maneira como as mídias digitais produzem uma sensação de autonomia na medida que evidenciam para o usuário que este teria em mãos um poder de agência na escolha, compartilhamento e produção de conteúdos. Por outro lado, as plataformas ocultam ou dificultam o acesso do usuário ao conhecimento sobre os mecanismos presentes na sua operacionalização e os interesses corporativos nos dados gerados ao usar tais ferramentas.

Para além dos termos de uso, o Grindr estabelece as diretrizes do aplicativo a fim de, supostamente, manter segundo suas normas “um ambiente seguro e autêntico, cheio de diversidade, respeito mútuo e positividade sexual”. O não cumprimento das diretrizes estabelecidas pode resultar na remoção de conteúdo e até banimento da comunidade. No que tange ao assédio, a plataforma permite que o usuário denuncie qualquer perfil caso não se sinta confortável com a interação estabelecida. Caso o usuário crie novas contas para “contatos indesejados”, promova em seu perfil conteúdos relacionados a discurso de ódio, ameaças, violência, suicídio, autoflagelação, isso resultaria no banido permanente do aplicativo. Ao se posicionar sobre o uso de fotografias, o site proíbe explicitamente fotos que contenham nudez e conteúdo sexual explícito. Sendo vetada a utilização de fotos recortadas que demonstrariam que o sujeito estaria nu, bem como exposição de pelos pubianos, genitais visíveis através da roupa (incluindo ereções parciais ou totais), imagens de brinquedos sexuais, atos sexuais reais ou imitações, roupas íntimas que revelam nádegas (como a *jockstrap*), fotos da virilha mesmo que vestida, close-up extremo dos mamilos, usuários tocando suas genitais (o aplicativo pontua, a menos que de “brincadeira”) e fluídos corporais (sêmen, sangue ou semelhantes). O aplicativo comunica que permite a exibição de uma foto de roupa íntima na grade do perfil, desde que não seja excessivamente erótica ou quebre alguma das diretrizes acima.

Quando o usuário escolhe uma foto nova para o perfil, essa é enviada a um moderador e dessa forma aprovada ou rejeitada de acordo com o cumprimento das diretrizes. A observação do campo revela que o controle da exposição de fotos no

aplicativo não segue estritamente as diretrizes do aplicativo, alguns exemplos que encontrei no campo incluem fotos em que a genitália ereta está completamente visível através da roupa íntima, em que há close na região dos pelos pubianos e homens visivelmente nus escondendo sua genitália com a mão, e nádegas visíveis. Outros usuários expõem-se totalmente nus, com seus genitais à mostra, mas “enganam” a moderação aplicando figuras (riscos) sobre a fotografia, que dificultam a identificação em softwares de reconhecimento.

Em conversas informais com amigos que usavam o aplicativo, ficou explícita a existência de falhas na moderação das fotografias no aplicativo. Como exemplo, relatei a frustração que tive ao acrescentar uma foto ao perfil de pesquisador e ela ter sido rejeitada sob justificativa de “provocação sexual”, a foto em si foi tirada ao ar livre numa praça em que estava sentado, usava uma bermuda jeans, camiseta branca e uma jaqueta. Esse caso despertou em um amigo uma indignação semelhante, fazendo-o compartilhar que teve uma fotografia de rosto rejeitada no aplicativo por “apologia ao uso de drogas”. Dessa forma, questões surgiram no que tange ao cumprimento das diretrizes propostas pelo aplicativo e a moderação de fotos dos usuários. Embora o aplicativo possa usar tecnologia de reconhecimento, esse serviço não acontece de forma precisa.

Ao utilizar o Grindr é vetado qualquer uso para atividades que possam infringir a lei, como comercialização de drogas ou trabalho sexual, e exposição de garotos de programa. A etnografia revelou códigos mobilizados pelos usuários através da utilização de signos específicos para consumo/comercialização de drogas e trabalho sexual. O uso do emoji de “raio” indicava o consumo e/ou comercialização de cocaína, já o emoji que representa a “folha de bordô” denota o consumo e/ou comercialização de maconha. Os termos utilizados para trabalho sexual eram “GP”, “PG”, acompanhante de luxo e massoterapeuta. Além disso, alguns perfis compartilhavam links para suas páginas no OnlyFans, vendiam “*pack* de nudes”⁴, ou acrescentavam a rede social Twitter, que apresenta a política de usuário menos rigorosa quanto às demais redes sociais. Os perfis desses usuários que apresentavam o Twitter na bio divulgavam conteúdo pornográfico próprio ou de terceiros.

É necessário evidenciar que os perfis que utilizavam do Twitter ou OnlyFans para promoção de pornografia representam uma porcentagem mínima entre os usuários

⁴ O *pack* de nudes significa um pacote de fotos eróticas, o usuário que deseja adquirir um pacote de nudes deve fazer uma transferência bancária via Pix ao usuário e este envia as fotografias.

de Santa Maria. A maior parte dos perfis da cidade que tive acesso se distanciam desse tipo de produção e divulgação de conteúdo, que observei ser mais recorrente ao investigar cidades maiores a fim de identificar diferenças entre esses contextos quando comparados com minhas observações na plataforma.

Com relação à restrição do aplicativo por idade, usuários menores de dezoito anos vão contra as diretrizes do aplicativo, ainda que perfis de menores de idade puderam ser observados na pesquisa de campo. A facilidade de criar uma conta e a falta da necessidade de confirmação da identidade na plataforma, tornam o Grindr, de certa forma, um ambiente propício a perfis de usuário menores de dezoito anos, bem como o uso de perfis *fakes* (que também vão contra as diretrizes). Um dos rapazes que conversei durante as primeiras incursões a campo afirma que utilizava o Grindr com 16-17 anos, sempre que era denunciado e perdia a conta, fazia outra sem muitas dificuldades. Após essa breve discussão sobre as plataformas e diretrizes do aplicativo com o objetivo de compreender parte da operacionalização do aplicativo, detalharei na próxima sessão os procedimentos metodológicos e a inserção em Santa Maria.

2.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: A INSERÇÃO NO CAMPO E A COLETA DE DADOS

Ao ingressar na pós-graduação tinha interesse em trabalhar o tema de masculinidades com homens gays que vivenciaram a experiência militar, em razão de Santa Maria ter grande destaque na área. A partir da reflexão sobre a dificuldade do acesso e a questão da segurança pessoal dos possíveis interlocutores da pesquisa, o foco de pesquisa tornou-se outro: a constituição da sexualidade através do aplicativo Grindr. A pandemia de Covid-19, desde março de 2020, impactou grande parte das pesquisas acadêmicas que tiveram que adaptar procedimentos metodológicos que levassem em conta as recomendações dos órgãos de saúde, os quais enfatizavam a necessidade de adotar o isolamento social como principal medida para frear os casos de contaminação pelo novo coronavírus. Dessa maneira, o desenho metodológico de pesquisa sofreu ajustes nesse intercurso inicial. Com o cancelamento de atividades acadêmicas presenciais retornei ao meu município de origem, no estado do Paraná, a mais de 500 km da Universidade Federal de Santa Maria.

Assim, como o enfoque de pesquisa tratava sobre o Grindr na cidade de Santa Maria, para que a pesquisa pudesse ser realizada foi necessário incorporar um aplicativo

que permitisse minha entrada no Grindr com localização fictícia, fazendo com que os perfis visíveis na minha interface do aplicativo estivessem em Santa Maria. Um dos objetivos iniciais da pesquisa era analisar de que forma a pandemia de Covid-19 impactava os encontros offline. No entanto, durante a etnografia no aplicativo percebi que eram escassos os perfis que faziam menção à pandemia ou ao isolamento social. Além disso, nas conversas durante as entrevistas as informações acerca do impacto do novo coronavírus sobre os encontros sexuais foram escassas, não corroborando para desenvolver esse objetivo de pesquisa inicial.

De um campo vasto de aplicativos de relacionamentos, optei pelo Grindr por conta de sua composição e funcionalidade. A geolocalização do aplicativo é extremamente precisa, o que o torna a melhor opção para investigação socioantropológica por localidade, pois os perfis que aparecem no topo da tela são os mais próximos. O aplicativo Hornet também apresenta um bom desenvolvimento da geolocalização, mas no Grindr o número de perfis na região de Santa Maria é consideravelmente maior que no Hornet. Outro fator que implicou na não escolha desse aplicativo em questão é que o Hornet se caracteriza como uma “rede social gay”, onde há a exibição de um *feed* com fotos, notícias e *stories* de usuários de diferentes partes do país, o que implicaria na dificuldade de análise local.

Já em comparação com o Tinder que necessita do *match* para interação, o Grindr permite visualizar todos os perfis na proximidade sem necessitar de interação ou escolha prévia de ambos, bem como não é necessário acionar filtros como idade, gênero e raio de distância, que são de extrema importância para o funcionamento do Tinder. No que diz respeito aos usos do aplicativo, segundo alguns de meus interlocutores, o Tinder é descrito como um em que o usuário busca constituir laços mais duradouros de amizade e/ou namoro, enquanto o Grindr estaria diretamente ligado ao *hook up*⁵. Um dos perfis observados na região que tinha como finalidade encontros sexuais escreveu a seguinte frase: “quer amizade vai para o Tinder”, denotando que o objetivo central do aplicativo Grindr é a promoção de encontros sexuais. Por todos esses fatores, o Grindr me pareceu ser o aplicativo mais dinâmico e que me possibilitaria trabalhar os novos interesses de pesquisa.

Após a delimitação do meu campo de pesquisa e resolução do problema da localidade, tive que buscar a forma de configurar meu smartphone para habilitar a função. Demorei aproximadamente uma hora navegando em sites para compreender

⁵ Palavra em inglês que significa encontros sexuais rápidos e casuais.

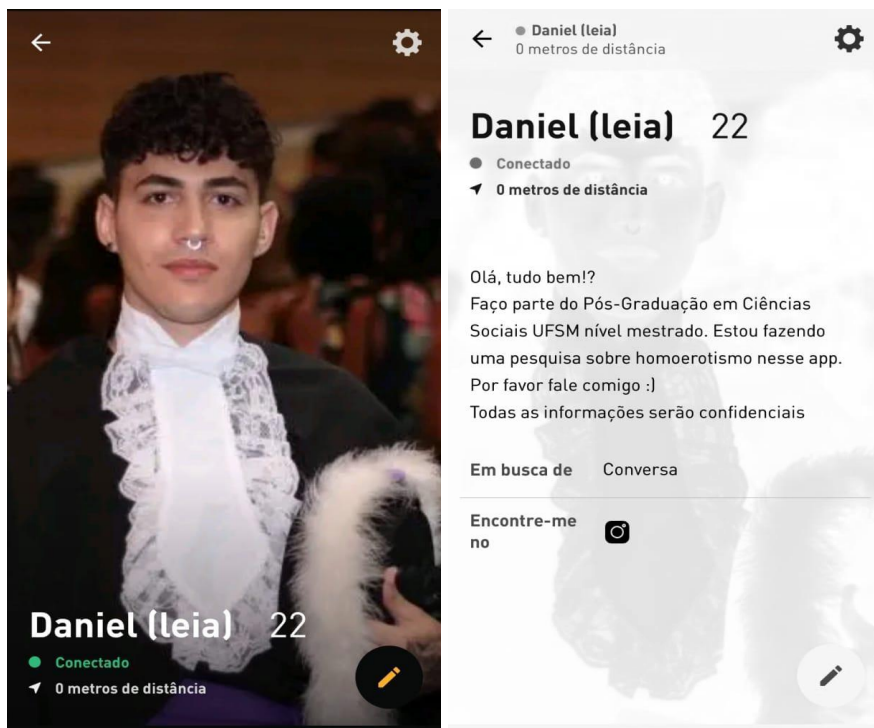
como utilizar a localização fictícia. O pressuposto parece ser simples, mas para isso as configurações do smartphone precisam estar disponíveis para alteração, dessa forma, o usuário deve tornar-se um desenvolvedor. Após essa alteração o proprietário do smartphone deve selecionar um aplicativo de localização fictícia, instalá-lo no aparelho e habilitá-lo na interface do desenvolvedor. Feito esses ajustes eu estava apto para o início das observações com a primeira ida ao campo.

A observação participante que desenvolvi através do aplicativo permitiu ter experiências semelhantes com as dos usuários “nativos”. Mas, por já ter utilizado o Grindr para fins pessoais, tendo uma familiaridade com sua construção e uso, foi necessário um exercício constante de estranhar a plataforma, os perfis e signos mobilizados, a fim de aprofundar a minha análise socioantropológica e compreender o intuito dos usuários com determinados signos na apresentação pessoal e como estes estavam interligados com a produção histórica de masculinidade. No momento das entrevistas foi crucial tensionar as respostas dos interlocutores, pois em diversas situações foi possível identificar um discurso que não era confirmado por eles nas interações práticas do aplicativo.

Ao construir o perfil de pesquisador, demandei estratégias para torná-lo o mais claro possível e atrair interessados. Minhas experiências pessoais no aplicativo sempre me mostraram a pouca leitura dos perfis pelos usuários, deste modo intitulei meu perfil de “Daniel (leia)”, como um pedido aos demais usuários para lerem meu perfil. No espaço “sobre mim” comunico que sou mestrando em Ciências Sociais pela UFSM e estou investigando inicialmente a questão do homoerotismo no aplicativo. Após a melhor construção do objeto de pesquisa alterei o termo “homoerotismo” para “homossexualidade”.

Optei por acrescentar meu Instagram para que o usuário pudesse sentir-se mais seguro ao acessar mais informações a meu respeito. A foto de perfil escolhida buscou diferenciar-se das fotos comumente expostas e marcar meu lugar de pesquisador, utilizei uma foto tirada na minha colação de grau em ciências sociais, nela estou olhando para a câmera segurando o capelo no braço esquerdo.

Figura 1 - Informações do perfil do pesquisador.



Fonte: elaboração própria.

Na primeira hora de observação, meu perfil foi visualizado por oitenta e dois usuários, tendo recebido dez *taps* e três usuários enviaram mensagens diretamente. Os *taps* não comunicavam exatamente se o usuário havia demonstrado interesse na pesquisa e se havia feito a leitura do perfil. Dessa forma, a cada *tap* recebido eu enviava uma mensagem ao usuário me apresentando, explicando a pesquisa (o que havia delimitado até então), convidando para contribuir e ressaltando que todas as informações seriam confidenciais. Em todas as interações a partir do *tap*, os usuários não mostraram interesse na pesquisa; os informantes que realizei pelo menos uma entrevista me chamaram a partir da leitura do perfil, exibindo curiosidade sobre o tema e se colocando à disposição.

Um dos usuários que conversei, mas não dei continuidade nas entrevistas, disse ser doutorando e se colocava à disposição pois compreendia a falta de incentivo à pesquisa no contexto brasileiro. Embora buscasse na seleção dos interlocutores ter contato com usuários que não estivessem vinculados à universidade, não obtive êxito. Compreendo que a área que transitei correspondia ao centro da cidade e ao bairro da universidade, espaços reconhecidos pela concentração de apartamentos que são alugados para estudantes, dessa forma, a maioria dos perfis que visualizei na interface

eram de estudantes em curso ou formados, ou então os usuários que não estudavam na universidade trabalhavam na instituição como servidores. O município de Santa Maria destaca-se por suas instituições de ensino superior, portanto, isso está presente no cotidiano da cidade, o que faz com que grande parte da população localizada no centro e no bairro Camobi, (onde se localiza a UFSM) tenha alguma ligação com o meio acadêmico.

Outro fator preponderante que imagino ter impactado na seleção de interlocutores de pesquisa foi o fato de não estar presente na cidade e ter de realizar as entrevistas de forma online, isso poderia intimidar alguns usuários, especialmente os que demandam discrição e sigilo, fazendo-os se sentir acuados quanto a metodologia da pesquisa. Além da demanda de um conhecimento básico para o acesso aos recursos de videoconferência, seja para computador ou celular.

A respeito de todos os interlocutores que se dispuseram a contribuir com a pesquisa serem jovens universitários, esse fator não compromete a construção da pesquisa, visto que a condução das entrevistas focou na maneira como esses jovens se percebiam quanto aos discursos sobre gênero e sexualidade, considerando com atenção especial a questão de seus municípios de origem, com os quais mantinham relações familiares.

Ademais, apesar das discussões sobre gênero e sexualidade na universidade apresentarem grandes avanços e divergirem de concepções observadas em outros espaços sociais, representando principalmente uma ruptura com noções pré-concebidas acerca do gênero, esses discursos não circulam no ambiente universitário de modo uniforme, conforme pude perceber na realização da pesquisa. Durante a condução das entrevistas ficou nítido que os espaços acadêmicos afetaram as vivências desses sujeitos, mas estes ainda continuam atravessados por discursos antagônicos que buscam regular o gênero. Ainda que apresentem diferentes níveis de criticidade ao regime regulatório de gênero, não conseguem se esquivar por completo e acabam por ter contato novamente quando retornam para suas cidades ou através de enunciados presentes nos outros perfis que reforçam essas normas. Conjuntamente, esses usuários tecem críticas aos modelos de masculinidade, sexualidade e corpo, mas também acabam por incorporá-los ou reproduzi-los em suas interações no aplicativo.

Ao adentrar em campo no aplicativo, realizei a primeira observação no início de junho de 2020, até então, como já mencionado, os procedimentos metodológicos e categorias de análise estavam em constante reformulação. Tinha conhecimento de que

acompanharia alguns interlocutores para investigar as questões de forma mais próxima, porém, por não estar em um estágio da pesquisa que me permitisse fazer esse acompanhamento e não querer perder esses contatos já realizados, pedia autorização para favoritar o perfil e entrar em contato posteriormente quando as questões de pesquisa estivessem delimitadas. Mesmo “favoritando” os perfis para contato posterior, quase todos passavam a não estar mais disponíveis, já que para criar um perfil no Grindr é necessário apenas ter uma conta de e-mail, podendo ser a conta do gmail da Google comumente utilizada para configuração de smartphones android. O usuário também pode desativar a conta, excluí-la e refazê-la com o mesmo e-mail e senha, essa efemeridade dos perfis é compartilhada pela maioria de meus interlocutores, que costumam excluir e criar novas contas. Patrick, Lito e Eric relataram insatisfação com o aplicativo e interações na plataforma, mas acabaram retornando ao aplicativo em algum momento e com nova conta, assunto que será melhor abordado nos capítulos seguintes.

Fiz observações no aplicativo em diferentes turnos, optei por realizar prints dos perfis para que tivesse informações que considere importante para utilizar na análise posteriormente. Em média, a cada hora de interação no aplicativo era possível visualizar entre 120 a 150 perfis, no bairro universitário de Camobi o número de perfis é consideravelmente menor, a distância dos perfis nessa localidade chegava a 10 km, o que correspondia ao centro da cidade. No centro da cidade observei perfis num raio de 3 km. O número de prints resultante das observações foi de 1.646 perfis, muitos dos quais observei e printei mais de uma vez em diferentes ocasiões.

2.2.1 Descrevendo Santa Maria

O município de Santa Maria é localizado na região central do Rio Grande Sul, com uma população estimada em 2020 de 283.677 habitantes de acordo com IBGE⁶. Sendo a quinta cidade mais populosa do estado. Atrás da capital, Porto Alegre, o município de Caxias do Sul é o único que apresenta uma população maior que quinhentos mil habitantes. Quando comparado às cidades mais populosas da região Sul, podemos observar que os três estados apresentam as maiores cidades com semelhante contingente populacional. Porém, ao comparar as cidades mais populosas do Rio Grande do Sul com São Paulo é possível identificar que Sorocaba, a nona cidade mais populosa de São Paulo, apresenta contingente populacional maior que Caxias do Sul, a

⁶ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama> Acesso em: 17 jul. 2021.

cidade mais populosa, com exceção da capital Porto Alegre.

Figura 2 - Mapa do Rio Grande do Sul com destaque em vermelho no município de Santa Maria.



Fonte: Ficheiro Google.

Santa Maria apresenta em suas proximidades, municípios menores que utilizam de recursos da cidade, como por exemplo, o Hospital Universitário (HUSM) e tem a concentração de uma população jovem que ingressa na cidade para estudar. A Universidade Federal de Santa Maria apresenta em sua extensão mais de mil e oitocentos hectares, conta com mais de oitenta cursos de graduação e moradia estudantil abrangente. Segundo dados fornecidos da Agência de desenvolvimento de Santa Maria⁷, a UFSM apresentava em 2017 um número total de 23.778 estudantes entre os cursos de graduação, pós-graduação, ensino médio e técnico, além de outros campos situados em Palmeira das Missões, Frederico Westphalen e Cachoeiras do Sul. As outras seis instituições privadas da cidade (FADISMA, FAMES, FAPAS, FISMA, ULBRA e UNIFRA) apresentaram em seu corpo discente cerca de 9.116 estudantes.

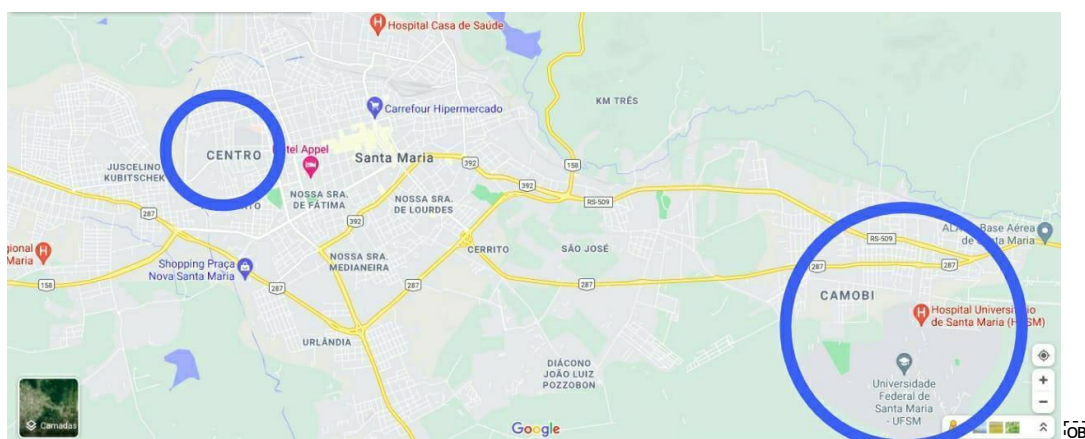
⁷ Disponível em: <https://santamariaemdados.com.br/6-educacao/6-2-instituicoes-de-ensino-superior/>
Acesso em: 17 jul. 2021.

Os dados oficiais do censo realizado pelo IBGE em 2010⁸, mostram que o número de habitantes do município com o ensino médio completo e superior incompleto correspondia a 67.880 pessoas, e o número de habitantes com o ensino superior completo era equivalente a 32.994. A maior porcentagem de renda equivale a de 2 a 5 salários mínimos, cerca de 36,42% da população total apresenta tal renda. Segundo os mesmos dados, a categoria de professores das ciências e intelectuais somavam 15.619 profissionais, sendo 6.515 correspondentes a profissionais do sexo masculino e 9.104 profissionais do sexo feminino.

A universidade está localizada em Camobi, afastado dos demais bairros da cidade, o acesso é possível através de duas vias conhecidas como “Faixa Velha” e “Faixa Nova”. De acordo com o censo de 2010, o número de habitantes de Camobi era de 21 mil moradores, composto principalmente por jovens, sendo o percentual de 18,3% de jovens e 8% de idosos⁹; o bairro apresentava cerca de 8.356 domicílios particulares e permanentes e uma proporção de ocupação de 87,2%.

O centro da cidade apresentava em 2010 uma população de 17.000 habitantes, com 10.753 domicílios particulares e permanentes, a proporção de domicílios ocupados estava em 70,1%. A partir desses dados podemos identificar que a população do centro da cidade é inferior à do bairro Camobi, mas o centro apresenta a maior quantidade de domicílios particulares, ou seja, moradores locais fixos. No mapa a seguir é possível visualizar os bairros correspondentes ao Centro e ao bairro Camobi.

Figura 3 - Mapa de Santa Maria evidenciando o centro da cidade e o bairro Camobi



⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/pesquisa/23/22469?detalhes=true> Acesso em: 17 jul. 2021.

⁹ Disponível em: https://populacao.net.br/populacao-camobi_santa-maria_rs.html Acesso em: 17 jul 2021.

Fonte: Google Maps.

A cidade de Santa Maria também é a segunda cidade no Brasil a apresentar a maior concentração de militares. São dezenove organizações militares¹⁰, contando com um hospital militar (Hospital de Guarnição de Santa Maria), o colégio militar e a base área, que fica no mesmo bairro que a universidade. Já os membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares somavam 5.327 profissionais, desse número 164 eram profissionais do sexo feminino. Fica evidente que o número de profissionais militares no município é expressivo quando comparamos, por exemplo, os dados do censo de 2010 entre municípios do mesmo porte que Santa Maria.

O município de Gravataí (RS) tem uma população estimada em 2020 de 283.620 habitantes, número semelhante ao de Santa Maria, mas com relação a membros de forças armadas, policiais e bombeiros militares, o número total é muito inferior, sendo 314 profissionais do sexo masculino e 13 profissionais do sexo feminino (IBGE, 2010). Segundo matéria divulgada por um jornal local¹¹, a cidade era a quarta colocada entre as mais buscadas por militares para viver. Dados divulgados pela Agência de Desenvolvimento de Santa Maria, mostram que os oficiais do exército (militares e aeronáutica) representam 2,73% da população, não contando seus familiares. Diante desse cenário local com forte presença universitária e militar, surgiu a questão de como diferentes masculinidades são acionadas no aplicativo Grindr. Conforme construí a investigação etnográfica pude observar que signos militares estavam presentes em alguns perfis, mas sua visualização era esporádica, evidenciando que mesmo com a infraestrutura militar na cidade, na interface do aplicativo esses signos não são evidenciados com recorrência. Durante o acompanhamento, visualizei em torno de três perfis nos quais era possível identificar a farda militar; outro exibia as botas que compõem a farda e se identificava como militar; já um outro perfil colocou na descrição que procurava militar ou policial para sexo e oferecia pagamento.

Mesmo com a pouca visualização desses signos no perfil, isso não significa que não há a presença de homens com desejos homoeróticos nos espaços militares da cidade, mas que esses, se utilizam o aplicativo, não tornam visíveis essa informação no perfil do Grindr. Ao transitar por uma praça próxima a um quartel no centro da cidade, pude observar uma quantidade maior de perfis de usuários com dezoito anos, sem foto e

¹⁰ Dados divulgados pela Agência de Desenvolvimento de Santa Maria <https://santamariaemdados.com.br/sociedade/8-5-defesa/> Acesso em: 17 jul. 2021.

¹¹ Matéria completa disponível em: encurtador.com.br/uxERW Acesso em: 14 maio 2021.

que estavam muito próximos ao meu local, levantando a possibilidade de serem jovens que prestavam serviço no quartel. Posteriormente nas entrevistas um de meus interlocutores revelou ter se relacionado com homens que seguiam carreira militar, um deles casado e com filhos. Se considerarmos a construção da subordinação nos espaços militares é compreensível que homens com desejos homoeróticos optem pelo segredo em relação a sua sexualidade e busquem manter uma heterossexualidade presumida, estabelecendo estratégias para conciliar vida profissional, pessoal e desejos homoeróticos.

Santa Maria apresenta diversas homenagens a coronéis, capitães e marchantes, um exemplo é o 3º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado-Regimento Mallet que é uma homenagem ao Marechal Emílio Luiz Mallet, considerado patrono da Arma de Artilharia do Exército Brasileiro. Os restos mortais do Marechal Mallet e de sua esposa deram origem ao memorial Mallet¹² em 1996. O museu está localizado nas proximidades do quartel e tem como objetivo abrigar a história da arma de artilharia. A praça que se localiza à frente do grupo de artilharia é nomeada em homenagem ao mesmo patrono. Nas ruas da cidade é possível visualizar homenagens a membros do exército como os coronéis João Niederauer, Ernesto Marques da Rocha e Antero Correia de Barro, e ao Tenente Natalio Sanches Fernandes.

Em contraste, a universidade apresenta um grupo de vivência e acolhimento LGBTQIAP+¹³, aberto ao público acadêmico e externo, com o objetivo de compartilhar vivências e criar redes de apoio. E, na cidade atua o coletivo VOE¹⁴, que surgiu a partir da universidade, composto por estudantes, pesquisadores e ativistas reunidos em defesa da diversidade sexual, responsável por organizar atos políticos e a parada LGBT alternativa. Além do coletivo, a cidade apresenta uma revista colaborativa, a revista Prisma LGBT¹⁵ também integra as produções e discussões sobre gênero e sexualidade, se apresentando como “uma revista colaborativa e independente que serve como canal de comunicação entre o público LGBT e sua produção cultural, artística e política”.

Destacando esses espaços criados a partir da universidade, pode-se esperar que a cidade seja acolhedora com a diversidade sexual e de gênero, mas a realidade é que

¹² A página do Museu pode ser acessada em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9528/> Acesso em: 17 jul. 2021.

¹³ A página do grupo pode ser acessada pelo Facebook em: https://www.facebook.com/vivenciasLGBT/?ref=page_internal Acesso em: 03 jun. 2021.

¹⁴ A página do coletivo pode ser acessada pelo Facebook em: <https://www.facebook.com/ColetivoVoe> Acesso em: 03 jun. 2021.

¹⁵ A página da revista pode ser acessada pelo Facebook em: <https://www.facebook.com/search/top?q=revista%20prisma%20lgbt> Acesso em: 03 jun. 2021.

sujeitos LGBTs residentes no município destacam existir um certo conservadorismo, que pude experienciar durante a graduação, ainda que possa ser visto como mais brando que em outros municípios do interior do estado. Entre o final de 2019 e início de 2020, quatro transexuais foram assassinadas, sendo que o primeiro assassinato ocorreu pouco tempo depois da 1ª Marcha trans organizada pelo coletivo TransViver juntamente com a ONG Igualdade, com a 18ª Parada Livre da Região Central. A 1ª marcha trans levava o slogan “Que bom te ver viva”, sinalizando a baixa expectativa de vida que a população transexual possui no território brasileiro.

Os assassinatos das quatro transexuais foram abordados em um artigo publicado no jornal eletrônico Sul 21, escrito pelos professores Fernando de Figueiredo Balieiro¹⁶ e Richard Miskolci¹⁷, intitulado “Morte em Santa Maria: cidade vive escalada de violência de gênero”¹⁸, no qual os autores evidenciam que apesar da cidade ter uma grande concentração de estudantes e um número elevado de doutores, não representa a população geral que apresenta ensino básico ou médio incompletos. O município concentra grande número de feminicídios e violência de gênero, dessa forma, Santa Maria reflete a vulnerabilidade de sujeitos LGBTQIAP+ que pode ser observada em nível nacional.

A partir das entrevistas foi possível visualizar que, em certa medida, a cidade fornece ao estudante que vem de municípios menores uma maior liberdade de exposição e conforto com a sexualidade; enquanto de outro lado, ecoa um discurso de gênero e sexualidade normativo que pode ser percebido por esses sujeitos, além de manter um cenário de violência que atinge grupos mais vulneráveis. Um dos interlocutores exemplifica essa discussão ao discorrer sobre uma situação comparando seu bairro de origem, a universidade e seu estágio realizado no município. Eric expõe como se sente confortável em apresentar-se de determinada forma em Santa Maria e em seu município exhibe algumas preocupações quanto à maneira de se vestir e portar. A partir dessas situações podemos compreender a maneira como no município de Santa Maria esses jovens constroem sua apresentação pessoal diferente do que ocorreria em suas cidades de origem, e dentro da cidade, apresentam maior conforto no ambiente universitário quando comparado a outros locais do município. Mas ainda assim, a maneira como se

¹⁶ Professor de Sociologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pesquisador do Quereres – Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Direitos Humanos e Saúde (UNIFESP).

¹⁷ Sociólogo da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), coordenador do Quereres, e membro do GT Saúde da População LGBTI+ da ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva).

¹⁸ Texto completo em: encurtador.com.br/mKTVY Acesso em: 08 abr. 2022.

apresentam reflete a falta de segurança, o medo de sofrer violências e agressões, seja em sua cidade de origem ou Santa Maria. Com relação a unhas pintadas, o mesmo interlocutor afirma não se sentir confortável em utilizá-las em seu estágio (em Santa Maria) por medo da reação das pessoas, mas que se sente confortável quando está em um espaço universitário. Dessa maneira, a universidade é sinalizada como um espaço seguro para sujeitos cuja apresentação pessoal destoa da norma.

Félix, outro interlocutor desta pesquisa, classifica a cidade como “bem de boas”, realçando o acolhimento das homossexualidades “mais liberais”, ou seja, que não são normativas. Esse mesmo interlocutor se descreve como discreto, buscando manter uma heterossexualidade presumida. É possível identificar que para os interlocutores que apresentam certa feminilidade visível, seja através de trejeitos ou de signos femininos, há uma insegurança maior ao transitar por determinados espaços urbanos do município, especialmente por advirem de fora.

Ao analisar os municípios de origem dos interlocutores e a cidade de Santa Maria, devemos retornar a discussão de Ricardo Abramovay (2000) sobre as relações que são estabelecidas entre campo e cidade, para assim assimilar as relações de interdependência e de continuidades que são construídas entre esses dois espaços. Dessa forma, é possível compreender que há diferenças significativas entre os dois contextos, mas podemos identificar similitudes. Na cidade há a presença de signos característicos da cultura gaúcha, no bairro da universidade há dois CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) onde ocorrem festividades. Já as relações estabelecidas com o rural podem ser observadas através das feiras com produtores locais realizadas nas proximidades da universidade.

Em alguns cursos da UFSM que lidam diretamente com questões ligadas ao campo e criação de animais, é comum identificar conexões com símbolos do campo e da cultura gaúcha nas interações entre os alunos e nos eventos realizados. Com intuito de angariar dinheiro para a formatura grande maioria dos cursos realizam festas, no curso da Agronomia a festa tradicional se chama “Batataço”, da zootecnia a festa se chama “Pega Cria¹⁹”. Em ambas as festas os estilos musicais envolvem sertanejo e vaneirão, sendo comum visualizar o público feminino com botas altas de montaria e os homens de bombacha, além do tradicional chapéu de caubói.

¹⁹ Nesse teaser do VIII Pega Cria da Zootecnia que aconteceu no Centro de Eventos da universidade é possível visualizar como a cultura gaúcha está presente dentro da universidade: <https://www.youtube.com/watch?v=5DF31NnKxEE> Acesso em: 21 abr. 2022.

A partir dessa descrição sobressaem as relações de complementaridade descritas por Wanderley (2009), nas quais o espaço urbano da cidade interage em alguma medida com signos que são mais presentes na zona rural. Assim, esses jovens universitários saem de suas cidades, mas conseguem visualizar semelhanças, ainda que sejam mais tênues. Em cada contexto social, seja na zona rural, no perímetro urbano dos municípios menores ou no município de Santa Maria, todos apresentam relação com o campo e a cultura gaúcha refletida de diferentes formas. Contudo, por se tratar de um município com grande estrutura urbana, em Santa Maria esses jovens conseguem acessar espaços que não estão presentes em seus municípios de origem, e assim, estabelecer novos circuitos de relações.

2.2.2 O aplicativo Grindr na cidade de Santa Maria

Na biografia de abertura do capítulo é possível visualizar através das *hashtags* quais tipos de perfis que “katuete#22” não deseja se relacionar. É recorrente na interface do aplicativo que usuários comuniquem seu gosto pessoal a partir da rejeição de determinadas características, apoiando-se na negativa desses sujeitos, outros perfis tinham estratégia semelhante, mas utilizavam o emoji de placa de trânsito indicando “proibido”- como na figura abaixo - ao lado do emoji seguiam a descrever quais os tipos de usuários que não gostariam de se relacionar. Nesse tipo de apresentação pessoal eram mobilizados pelo perfis restrições ligadas à masculinidade, corpo, idade, raça/etnia, classe social e questões ligadas a comportamento (como uso de substâncias ilícitas). Alguns perfis como o “katuete#22” combinavam várias dessas restrições para comunicar suas preferências aos demais usuários.

Figura 4 - Perfil do usuário “com local” observado a partir do bairro Camobi.



Fonte: Arquivo pessoal.

A partir da visualização desse perfil de usuário e de outros, foi possível observar como os discursos incorporados no aplicativo evidenciam contradições com a apresentação pessoal. A foto do perfil de “katuete#22” o apresenta com uma fantasia religiosa que remetia a batina, roupa eclesiástica utilizada na igreja católica, e segurava um crucifixo em sua mão esquerda exibindo suas unhas pintadas de preto.

A foto em si pode ter mais de uma interpretação, mas é vista por mim – ainda que possa não ter sido teorizada da mesma maneira pelo usuário – como uma sátira/subversão do fato de que comumente a religião apresenta um discurso conservador a respeito da sexualidade e da homossexualidade. A utilização de símbolos religiosos para contestação de discursos relacionados a sexualidade é uma prática corrente na cultura de massas, como o caso da cantora pop Madonna com seu álbum “*Like a Prayer*”²⁰ lançado no ano de 1989. No clipe musical que leva o nome do álbum é possível visualizar Madonna subvertendo símbolos religiosos para questionar questões ligadas à moralidade, abordando representações de gênero, sexualidade e raça²¹.

A escolha das fotografias no aplicativo não é realizada de forma aleatória, Luiz

²⁰ O clipe musical da canção “Like a Prayer” pode ser acessado através do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=79fzeNUqObQ> Acesso em: 24 maio 2022.

²¹ Algumas recepções da época de lançamento do álbum foram negativas, grupos religiosos buscaram boicotar a carreira da cantora acusando-a de blasfêmia ao interpretar uma mulher imoral dentro de uma igreja. A jornalista Stacy Lambe publicou uma matéria em comemoração aos trinta anos de lançamento do álbum de estúdio e rememorou como o álbum impactou o cenário social da época, matéria completa disponível em: <https://www.etonline.com/like-a-prayer-30-years-later-how-the-controversial-music-video-barely-made-it-to-air-121023> Acesso em: 24 maio 2022.

Felipe Zago (2009) denomina de “currículo” as informações em perfis online, pois o usuário seleciona intencionalmente fotografias e textos para compô-lo a fim de evidenciar determinadas características e se tornar um perfil considerado interessante e desejado. Dessa forma, a escolha da fotografia de “katuete#22” foi utilizada para transmitir uma mensagem, além da interpretação acerca de sua fantasia, é possível aproximá-la de um signo de feminilidade por conta de suas unhas estarem esmaltadas, o que, por sua vez, pode ser interpretado pelos outros usuários como “afeminamento”, aproximando-o do padrão de masculinidade preterível por diversos perfis.

Foi possível observar que muitos perfis se distanciam dos modelos estéticos corporais, de idade, raça/etnia, classe social e masculinidade, que acionam em sua busca sexual, fato que evidencia a exigência de normas às quais não correspondem. Em uma de minhas conversas por Whatsapp com um perfil que nomeei como Antônio, ele comentou que “procuram um Tom Cruise e são um Faustão”, expondo as exigências que circulam nos perfis, mas que pouco são atendidas por esses usuários. A sua fala expõe a maneira como a construção do desejo, influenciada por padrões midiáticos, molda corpos que são irreais nos usos de aplicativos. Como destaca Illouz (2011), na internet as pessoas procuram sujeitos que consideram melhores que a si mesmos, dessa forma, procuram um modelo estético e corporal que é quase inatingível e está a parte de sua realidade. O que está exposto através da fala de Antônio é o fato de na internet as pessoas procurarem determinado modelo corporal que por vezes é o oposto de sua apresentação.

Nomeio como “exigências” dos perfis pela maneira enfática que muitos expõem suas preferências de masculinidade e corpo, pois são descritas como questões intransponíveis. Os usuários utilizam emojis de “proibido” ou escrevem em caixa alta as reprovações a parcelas de usuários. No entanto, ainda que compreenda como exigências, esse fato não atenua que alguns usuários possam de certa forma flexibilizá-las, como o perfil “katuete#22” que ficaria com homens pobres e negros se forem dotados. Ainda no caso de “katuete#22”, que pode ser visto como fora do padrão de masculinidade (por apresentar unhas pintadas), resultando em sua rejeição por vários perfis de usuários, ele incorpora outras exigências em sua apresentação pessoal envolvendo questões de racismo, gordofobia, gerontofobia e classismo.

Durante a fase de entrevistas, um dos meus interlocutores afirmou que na interface do aplicativo exigem um padrão “Rio de Janeiro”. Como já mencionado, essa frase dá título ao quarto capítulo da pesquisa no qual busco questionar se no contexto de

Santa Maria realmente predomina uma norma de masculinidade e corpo que é associado como “padrão” de grandes capitais do país; e ainda, de que forma essas normas são atendidas pelos perfis de usuários, se há flexibilizações nas buscas sexuais no aplicativo.

Como dito, a flexibilização da norma pode ser observada no perfil de “katuete#22”, pois em sua biografia ele rejeita homens feios, gordos, pobres e negros, mas comunica que poderia ter relações sexuais com homens cis pobres e negros desde que estejam enquadrados na categoria “dotado”, ou seja, tenham a genitália maior que a média. Assim, ao analisar as posições de desejo para os perfis de usuários no mercado erótico da plataforma não cabe pressupor que determinada característica exclui os sujeitos desse segmento, mas sim que os colocam nas posições mais baixas do desejo.

No livro “A sociologia do corpo”, David Le Breton (2010) discute como o corpo é parte do tecido social e é transpassado por inscrições culturais que adquirem significados quando compreendidos a partir de sua produção histórica. Assim, o corpo torna-se um emaranhado de construções sociais perpassado por questões estéticas, de classe, raça/etnia, gênero, sexualidade etc, que determinam sua posição socialmente. Dessa forma, ao analisar o corpo como parte central do mercado erótico da plataforma, devemos ter em mente que as posições mais altas na hierarquia do desejo compreendem um somatório de características procuradas com maior ênfase dentro desse segmento. E, ao não corresponder a uma ou mais dessas características, as possibilidades de interações sexuais com outros perfis são reduzidas. Um de meus interlocutores afirma que não é o perfil mais buscado no aplicativo, mas ainda assim tem características que o posicionam de maneira que consegue estabelecer relações.

Como explanado anteriormente, visualizei perfis que afirmavam padrões corporais que seguem determinada norma e uma quantidade pouco expressiva de perfis que na busca sexual posicionavam seus gostos pessoais distante dessa norma. Assim, há na plataforma do aplicativo menor quantidade de perfis que expõem estarem abertos para se relacionarem com pessoas mais velhas, gordas e femininas, por exemplo, do que perfis que rejeitam esses sujeitos.

Com relação a exposição de si no aplicativo através de fotografias, meus interlocutores relataram que no município há uma maior exposição de rostos quando comparado com suas cidades de origem. O que sugere que em cidades menores há um controle maior da exposição dentro do aplicativo devido às relações sociais nesse contexto apresentarem coesão social mais forte. De antemão, a exposição no aplicativo

em Santa Maria não está relacionada com a falta de preocupação com a visibilidade da sexualidade, mas esta ocorre de forma diferente, como evidenciado nas entrevistas.

Também pude perceber com recorrência nas biografias que muitos usuários cobravam os demais por terem ou enviarem fotos de rosto para estabelecerem contato pelo aplicativo, um perfil escreveu em sua biografia: “cara você tem que ter foto”. Durante as idas a campo observei um perfil que havia escrito em sua biografia: “afim de algo, não se ache tão superior vc não é. Aqui é estranho, a pessoa sem foto, diz que sem foto, sem papo, é pra rir”. Esse perfil expõe a cobrança por fotografias por parte de usuários que não se expõem no aplicativo. Outros associam a exposição do rosto com a reivindicação pública da homossexualidade. Dessa forma, encontrei perfis que enfatizavam procurar pessoas discretas e semelhantes, que no desenrolar da conversa trocavam fotografias. Mesmo os usuários que possuem foto de rosto na plataforma podem negociar a visibilidade da sua sexualidade²² em outros espaços para além do aplicativo.

Ao analisar as fotografias expostas, foi recorrente visualizar perfis que apresentavam algum signo relacionado ao campo. Um perfil de um interlocutor apresentava fotos montado a cavalo, de paisagens do campo e tomando mate (chimarrão). Enquanto outros também apresentavam fotos do campo, mas também, por exemplo, uma foto de uma carroça (transporte que usa tração animal). Ainda que esses signos não estivessem presentes na maioria dos perfis na região, sinalizam a relação que foi apresentada inicialmente, em que a cidade apresenta aos arredores municípios pequenos que são marcados pelo contato maior com o campo. Sendo as principais atividades econômicas ligadas a cultura campeira, envolvendo a agricultura e a criação de animais. Além disso, a população jovem e universitária da cidade de Santa Maria é composta principalmente por sujeitos de fora do município, do estado e país, e, desse percentual, é significativo o número de estudantes que são originários desses municípios vizinhos.

Ao revisitar os prints que produzi durante as idas a campo busquei identificar a predominância de idade. Optei por estabelecer uma faixa etária principal que correspondia dos 18 aos 30 anos, por ser recorrente perfis estipularem trinta anos como idade máxima para interações no aplicativo. Dos perfis que expunham sua idade, a

²² Esse assunto será discutido novamente no tópico 3.2.1 “Os mecanismos de gestão da sexualidade e do segredo” no qual, a partir das narrativas dos interlocutores, analiso a maneira como estes negociam sua sexualidade entre Santa Maria, suas cidades de origem e a plataforma do aplicativo.

maioria correspondia a essa faixa etária. E, como o Grindr se trata de um aplicativo comercial voltado ao sexo homoerótico, a faixa etária mais visível corresponde também a procura dos mais desejados, sendo a juventude uma característica fundamental que compõe a hierarquia do desejo entre usuários. Em seu artigo “‘É ajuda, não é prostituição’: Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul”, Guilherme Passamani (2017) expõe como seus interlocutores idosos veem as relações de troca com quem se relacionam. Afirmam que só serão vistos como atraentes caso apresentem características que compensem a falta de juventude. O capital financeiro, por exemplo, seria responsável por colocá-los em uma relação mais igualitária para com os jovens que se relacionam.

A faixa etária mais visível no aplicativo corresponde a um público jovem, que durante a adolescência ou início da vida adulta teve proximidade com as redes sociais e outras tecnologias, como é o caso dos interlocutores da pesquisa. Para esses jovens as relações homoeróticas foram (e são) mediadas pela tecnologia. Para Antônio, usuário de quarenta anos que citei anteriormente, a plataforma do aplicativo é uma complementaridade para a sua busca sexual, já que ele obtém mais sucesso para encontrar parceiros ao frequentar um parque com densa vegetação localizado em um bairro do município. Esse parque é reconhecido como um espaço de homosociabilidade gay que, em determinado horário do dia, a possibilidade de encontrar parceiros é garantida.

Nesses espaços o prazer é o objetivo principal, demarcando que se o sujeito “escolher demais” acabará perdendo as oportunidades de sexo. A pesquisa de Camilo Braz Albuquerque (2010), nomeada por ele como uma “etnografia imprópria” analisou clubes de sexo para homens. A partir de sua análise sobre os cinemões e saunas destaca que o público que frequentava esses espaços era composto por sujeitos que estariam à margem das possibilidades de relações com outros homens, sendo sujeitos mais velhos. Esses espaços são descritos pelo autor como: “nada de homens ‘sarados’, malhados, com roupas de moda ou de marca” (p. 26-27). Como ressalta Albuquerque (2010), o acesso a esses espaços se tornou escasso com o passar dos anos, atualmente cinemas para exibição de conteúdo adulto ou saunas não são tão recorrentes.

A busca sexual nesses espaços offline, incluindo o local que Antônio acessa, não é marcada previamente como um encontro sexual mediado por aplicativos. O sujeito que se desloca para esses locais pode não ter contatos sexuais ou conseguir mais de um contato no mesmo período, sendo um espaço sem “garantias”, o que torna o contato

sexual sem tantos critérios de escolha como observados online.

No Grindr essas questões aparecem de forma distinta, uma parte dos perfis, normalmente que não apresenta fotos e comunica não enviar fotos de rosto no privado, mostra insatisfação afirmando em suas biografias que no Grindr “enrolam demais”. Essas questões ligadas às diferentes percepções e usos do aplicativo de acordo com a idade não foram aprofundadas na presente pesquisa devido a faixa etária dos interlocutores corresponderem dos 24 aos 27 anos. Mas, trago como parte da descrição do campo para evidenciar a predominância de certa faixa etária no aplicativo. Além disso, minha percepção foi de que homens de outras faixas etárias, como Antônio, que construíram seu desejo homoerótico quando a tecnologia não era presente, se utilizam de outras estratégias para a busca sexual. Sendo necessário assim, que se estabelecesse um estudo comparativo sobre os usos do aplicativo com diferentes faixas etárias para obter a confirmação, o que não pude realizar.

2.3 A ENTREVISTA

A entrevista semiestruturada foi incorporada à pesquisa com o objetivo de aprofundar a investigação sobre masculinidade e compreender as trajetórias individuais dos interlocutores. Sendo utilizada na pesquisa a partir da formulação de perguntas que dá ao interlocutor a liberdade de guiar a conversa sobre sua experiência na plataforma, concepções de masculinidades e relações familiares.

A socióloga Raewyn Connell (2003) afirma que a masculinidade é uma configuração prática reiterada cotidianamente. Assim, dentre as possíveis configurações de masculinidade uma torna-se a desejada, ideal que é denominado pela autora como “masculinidade hegemônica” Ao identificar a masculinidade como construção social a autora enfatiza que as práticas de gênero, e conseqüentemente de masculinidades, são comportamentos sociais ancorados a partir de um ideal histórico.

Por se tratar de uma construção social, os homens podem se aproximar ou afastar desses ideais de masculinidade em diferentes contextos. Dessa forma, compreendendo o aplicativo como um lugar de construção de masculinidade, orientado por ideais históricos e culturais relacionados ao prestígio de determinadas corpos e modelos de masculinidades, considerei a entrevista semiestruturada a ferramenta que possibilita aprofundar a pesquisa com relação aos usuários para além das descrições dos perfis, propiciando visualizar contradições entre discursos e interações, além de abordar

a vivência desses sujeitos e as normas de gênero presentes em seus municípios de origem.

Como já mencionado, realizei pelo menos uma entrevista com oito usuários do Grindr. Deste número finalizei o roteiro de perguntas com quatro jovens gays residentes, na época das entrevistas, em Santa Maria - RS. O roteiro com noventa e cinco questões pôde ser aplicado em três entrevistas com aproximadamente uma hora de duração cada. Realizadas entre os meses de outubro de 2021 e janeiro de 2022, as entrevistas foram gravadas e transcritas por um *software* de transcrição chamado Trint. Tive o roteiro como guia da entrevista, mas não me mantive fixo nas perguntas pré-elaboradas. A partir da resposta do interlocutor novas perguntas foram feitas e assim se estabelecia um diálogo sobre o assunto. Conduzindo a entrevista dessa maneira pude contabilizar que o roteiro se desdobrou em mais duzentas e cinquenta perguntas realizadas por mim ao longo das entrevistas.

Para a elaboração do roteiro busquei compreender nas primeiras interações a criação familiar, os enunciados de gênero que eram dispersos nos espaços que transitaram e como avaliavam sua experiência escolar. Observando situações de violências oriundas do gênero que incidiam sobre esses sujeitos em tenra idade, além de focar em outros espaços de sociabilidade como relações no bairro e entre amigos. Na segunda entrevista as questões realizadas foram sobre como esses usuários se descreviam, o que consideravam como “masculinidade”, e quais expectativas incidiam sobre eles quanto a expressão de masculinidade, bem como, de que maneira descreviam o município de Santa Maria e questões ligadas ao amor e relacionamentos. E, a última entrevista enfatizou os usos do aplicativo, o tipo de perfil buscado por eles, as percepções sobre os perfis e encontros offline. De modo geral, durante o período das entrevistas os assuntos não foram compartimentalizados, várias questões trazidas pelos interlocutores foram em alguns momentos retomadas, adquirindo novas interpretações e sentidos.

Ao traçar a trajetória de vida dos interlocutores, passando por momentos da infância, escola, adolescência e vida adulta, consegui estabelecer uma conexão de modo que me relataram terem confidenciado coisas que até então não haviam verbalizado para ninguém. Lito disse que me considerava um amigo pois eu sabia mais de sua vida que pessoas próximas. Em outras ocasiões, a partir das conversas e questionamentos, os interlocutores confessaram terem refletido sobre questões que eu havia trazido nas entrevistas e que até então estavam despercebidas. Em conversas informais após a

entrevista, alguns interlocutores disseram que esperavam a condução de pesquisa de forma diferente, visto que o tema era masculinidades no Grindr e o roteiro de entrevista começava pela infância; esse fator surpresa me possibilitou criar uma aproximação muito rápida com esses sujeitos, que se tornaram parte do meu cotidiano. As conexões que tive com esses quatro jovens e a maneira como me permiti ser afetado impactou minha compreensão pessoal, trazendo identificações com eles que eu não esperava, ou que não esperava que aconteceriam de maneira tão profunda por se tratar de encontros por webconferência.

Após trazer algumas questões acerca da plataforma, do município de Santa Maria, da inserção no campo de pesquisa, bem como sobre a seleção dos interlocutores e a condução das entrevistas, apresento os interlocutores que contribuíram para que essa pesquisa se tornasse possível. Embora tenham experiências de vida semelhantes, esses jovens têm singularidades, sendo importante compreender suas características individuais para a análise. Ademais, relembro que as informações como nome, curso e município foram ocultadas ou modificadas para preservar sua segurança.

2.3.1 Lito

Lito foi o primeiro interlocutor que se dispôs a falar comigo após eu retornar ao aplicativo em busca de novos interlocutores. Ele é um jovem branco, cisgênero e homossexual de vinte e quatro anos, pós-graduando na UFSM. Vindo da zona rural do município de Santa Maria, filho de um agricultor e uma professora, tem uma irmã e um irmão, ambos mais velhos.

Realizou o ensino fundamental na escola do campo em que sua mãe trabalhava, começando a frequentar a cidade de Santa Maria para cursar o ensino médio e quando ingressou na graduação mudou-se para a área urbana do município. Com sua irmã ele mantém uma relação de proximidade por serem confidentes do mesmo segredo, pois sua irmã é homossexual e casada com outra mulher. A relação com seu irmão é distante, moraram juntos por algum tempo enquanto ele finalizava a graduação e tiveram atritos recorrentes. Lito descreve que esses conflitos tinham como principal pauta a convivência, mas como pano de fundo haviam questões ligadas à sexualidade, como o fato de seu irmão admitir não gostar do seu círculo de amizade, composto por pessoas com gênero e sexualidade não normativas.

O distanciamento na relação dos irmãos também se deve ao fato de pertencerem a “universos opostos”. Lito relata que na infância, enquanto o irmão supria as expectativas de um homem do campo que exercia trabalhos braçais, auxiliava seu pai no cuidados dos animais e no conserto de cercas, entre outros trabalhos, ele não se identificava com tais funções. Por isso, preferia ficar em casa e ajudar sua mãe. Dessa forma, afirma que seu pai e irmão “têm assunto para conversar”, enquanto ele se vê distante das duas figuras.

Na infância, Lito destaca as relações com primos e primas que moravam próximos e frequentavam a casa da avó. Como a família por parte de pai é grande, ele tem muitos primos, e as brincadeiras descritas, que eram no sítio, no pé de mangueira e acompanhando o pai e tios nas carneações, revelam o contato com a natureza e as relações de proximidade que são construídas nos espaços rurais. Mas além disso, esses espaços de convívio com os primos e tios podem ser considerados produtores de discursos ligados à masculinidade, reforçando signos do campo, como veremos no capítulo seguinte.

Ainda na infância, Lito participou do CTG de sua comunidade, evidenciando que se identificava mais com os ensaios e as coreografias do que com os bailes realizados. No seu grupo de CTG teve a primeira paixão por outro menino, que era par de uma de suas amigas. Essa situação marca o primeiro contato com o desejo homoerótico, ainda que tenha se mantido platônico. Quando estava cursando o ensino médio no município de Santa Maria, entrou em um grupo de Facebook para encontro entre homens residentes na cidade. Foi através desse grupo que marcou o primeiro encontro com outro rapaz, nas proximidades do centro da cidade. Na ocasião, ao encontrar o rapaz e identificá-lo como diferente das fotografias trocadas pela rede social, apenas o cumprimentou e foi embora. Posteriormente, no segundo ano de sua graduação, teve contato com o Grindr e saiu com o primeiro rapaz. A partir de nossas conversas ficou evidente que, tanto para Lito quanto para os outros interlocutores, a busca por parceiros sexuais iniciou e se restringiu a aplicativos de relacionamentos e as redes sociais, evidenciando o recorte etário da pesquisa.

Lito considera como conservador o espaço em que cresceu, o que fez com que conseguisse assumir sua homossexualidade para alguns membros da família somente no segundo ano de graduação, mesmo período em que também se assumiu para os colegas de sua turma. De seu círculo familiar, Lito contou sobre sua sexualidade apenas para a

mãe, afirmando não tocar no assunto novamente desde aquele momento. Ele acredita que o pai saiba sobre sua sexualidade, mas não tem confirmação.

O contato com os pais acontece através de visitas semanais que eles realizam, pois se deslocam até o município para resolverem assuntos pessoais, nesses períodos enquanto seu pai resolve coisas pela cidade sua mãe o faz companhia e conversam sobre assuntos variados, mas nunca sobre sexualidade e relacionamentos. Lito teve uma relação de cerca de dois anos com outro rapaz, mas seu pai e sua mãe nunca tiveram contato com seu namorado. Outras ocasiões de visita à família é quando ele decide passar o final de semana na casa dos pais, ou há comemorações em que junta-se com outros familiares.

Em sua trajetória escolar ele destaca a influência de sua mãe e irmã (que seguiu carreira acadêmica) se descobrindo um leitor ávido, inclusive mostrando nas entrevistas livros que havia comprado e recebido. Além de sua paixão pela leitura, os jogos online ou físicos também são seus passatempos. Relata ter construído relações no ensino médio, onde se reuniam para jogar Uno e jogo comercial de baralho, que ainda fazem parte do seu cotidiano. Dentre seus jogos favoritos destaca os RPGs, *role-playing games*, em que se assume um personagem criando uma narrativa segundo as regras. Para esses jogos ele se reunia com seus amigos e passavam horas jogando.

Lito se considera uma pessoa tímida, seu jeito de falar é manso e paciente. Mantendo sempre um tom de voz médio, afirma que não gosta de conflitos e faz de tudo para evitá-los. Ele atribui sua timidez e falta de traquejo social a pouca abertura para o diálogo que experienciou na família e como reprimiu questões ligadas a sua masculinidade, especialmente a partir da relação com seu pai, marcada por grande distanciamento. No aplicativo, Lito utiliza com frequência a tribo “*nerd*” do aplicativo, durante nossas entrevistas a estante que ficava ao fundo evidenciava bonecos e produtos de franquias como Harry Potter, Pokémon, Star Wars etc. Além de estar “curtindo” coisas relacionadas a tribo “*couro*” no aplicativo. Dos quatro interlocutores de pesquisa, Lito é o que mais utiliza os recursos disponíveis no aplicativo, como o uso das tribos²³, de filtros, entre outras técnicas que maximizam a visualização do seu perfil. Demonstra, assim, grande compreensão dos mecanismos de visibilidade do aplicativo e o uso que faz da plataforma apresenta maior variedade se comparado aos demais interlocutores.

²³ “Tribos” são identificações que permitem aos usuários construir a partir de certas características uma identidade dentro do aplicativo, os recursos das tribos comunicam questões ligadas a aparência física como “barbie”, “urso” “malhadinho” ou questões ligadas a interesses culturais ou sexuais. No aplicativo há treze tribos disponíveis e o usuário pode selecionar três para compor seu perfil.

2.3.2 Félix

Félix é um jovem branco, cisgênero e homossexual de vinte e sete anos, de um município com contingente populacional de pouco mais de três mil habitantes, localizado a 90 km do município de Santa Maria. Sua família é composta por sua mãe, pai e avó que moram e trabalham na zona rural. A economia é baseada na agricultura familiar com plantio de fumo e soja, e o município apresenta grande destaque na criação de suínos e bovinos. Ele descreve o município como “parado no tempo”, onde sua família viveria ainda no século XIX, analogia semelhante a usada em uma das entrevistas por Lito para descrever a criação de seu pai.

Por ser filho único relatou a solidão que foi crescer no campo e por isso acredita que nunca foi uma criança que estabeleceu muitas relações. Durante nossas entrevistas pude observar que Félix tem uma ótima memória, lembrando com clareza de datas e acontecimentos de sua vida e de seu município; disse ter interesse em cursar história, mas na época de nossas entrevistas estudava em um cursinho pois gostaria de cursar medicina ou enfermagem. Em paralelo com o cursinho, iniciou a graduação em 2019 na UFSM em um curso de ciências naturais e exatas, a qual classifica não ser seu forte e por isso o desejo de mudar de área.

Em suas narrativas sempre evoca seu município de origem, sendo de todos os interlocutores o que está mais conectado com a vida que levava até seus vinte e cinco anos. Félix traz muitos elementos para pensar a vida no interior, principalmente as dinâmicas que são características desse contexto, como o fato de todos se conhecerem, e dessa forma, exercerem uma vigilância comunitária sobre a vida de cada um. Nossas entrevistas eram recheadas de informações pessoais sobre os moradores de sua cidade, que ele acompanha com frequência através de visitas ao município e também pelo Facebook.

Com relação à vida que levava no campo, ele diz ser uma rotina exaustiva e sem grandes mudanças. Essa falta de perspectiva que atribui a sua cidade o teria levado a tentar o suicídio duas vezes. Félix não terminou o ensino médio de forma regular, pois como na trajetória de Lito, o ensino no campo acontece até o ensino fundamental, portanto, para cursar o ensino médio seria necessário se deslocar para colégios no centro ou até em outras cidades. Nessa época Félix estava desanimado com os estudos, quando chegou o momento de mudar de escola surgiu em seu município o boato de drogas

circulando nesse espaço, assim, sua família o proibiu de seguir e como estava desanimado achou conveniente interromper os estudos.

Ao voltar aos estudos concluiu através do regime ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), fruto de sua determinação em querer para sua vida algo que o seu município não poderia oferecer. A saída de seu município de origem representa uma ruptura e com isso a possibilidade de vivenciar questões ligadas ao desejo homoerótico. O contexto afastado da tutela de seus pais e vizinhança possibilitou experiências ligadas a sua homossexualidade, mas o fato de estar no município de Santa Maria não significou a ausência de uma vigilância de si quanto à exposição de sua homossexualidade.

Diferentemente da relação que Lito estabeleceu com o campo, Félix se identifica com as demandas desse espaço, afirmando saber realizar todas as funções necessárias para seguir com o legado da família, inclusive se gaba de saber atirar melhor que seu pai. Nas suas fotos expostas no aplicativo é possível visualizar sua relação com o campo, em uma das fotos ele está montado a cavalo, já em outra está sentado tomando mate, sendo possível visualizar o campo que circunda os arredores. O contato entre o rural e o urbano se estende a outras redes sociais como o Instagram, em que a construção do seu perfil traz fotos que mesclam esses dois ambientes com fotografias de animais em currais, de paisagens e natureza em meio a fotografias no espaço urbano da cidade, em shoppings e exposições de carros.

A relação entre sua sexualidade e seu município de origem é marcada pelo segredo. Félix descreve a proximidade e a vigilância exercida pelos moradores locais, utilizando como exemplo alguns escândalos que envolveram habitantes do município que cultivavam relações homoeróticas. Em uma das entrevistas relatou sobre um agricultor que pegou seu filho com um peão, a partir desse flagrante arrumou um casamento para o jovem rapaz que se mudou para Santa Maria. Foi um exemplo de ação que visava limpar a imagem da família da memória coletiva dos habitantes. Embora Félix afirme que tenha se aceitado enquanto homossexual, para ele não existe a menor possibilidade de que sua família saiba sobre sua sexualidade, caso passasse por essa “humilhação” ele relata que interromperia sua vida.

A partir da preocupação com a possibilidade de ter sua sexualidade exposta no seu município de origem e com isso gerar um escrutínio público ligado a sua imagem, Félix compartilha o segredo de sua sexualidade apenas com pessoas que ele seleciona do seu círculo de amizade, sendo três amigas que conheceu na época da escola. Além do

mais, exerce uma vigilância constante sobre seu gênero, se considerando um homem discreto em comparação a outras masculinidades que considera mais “liberal”. Em Santa Maria ele afirma se permitir ser mais liberal, termo utilizado por Félix para demarcar expressões de gênero que não estão alinhadas ao modelo de masculinidade dominante, o que faria com que esses outros homens fossem facilmente reconhecidos como homossexuais.

Os comportamentos descritos por ele como liberais incluem o uso de roupas coloridas e chamativas, de maquiagem, bem como trejeitos e afetações. Félix afirmou que se permitia ser mais liberal em nossa relação pesquisador-informante, o que pude perceber quando ele evocava algumas gírias e bordões considerados como pertencentes a uma cultura homossexual, além de incorporar certo afeminamento e trejeitos em poucas ocasiões. Assim como na pesquisa de Guilherme Passamani (2010) já apresentada neste trabalho, seus interlocutores da “sociedade do apertamento” incorporavam trejeitos quando estavam sozinhos. O mesmo pode ser observado com relação a Félix que quando reconhece um ambiente como seguro permite essas variações no seu comportamento, que se limitam a poucas relações estabelecidas dentro do município de Santa Maria.

Uma das questões centrais que diferencia esse interlocutor dos demais é o fato de que nenhum membro de sua família sabe sobre sua homossexualidade, o colocando em uma posição de alerta constante. Os demais interlocutores relatam certo conforto com sua sexualidade e gênero a partir do momento que ela foi verbalizada para alguém da família, comumente a figura materna, o que não elimina a preocupação com a visibilidade da homossexualidade, mas atenua alguns receios advindos de seu comportamento.

2.3.3 Eric

Eric, jovem não-branco, cisgênero e homossexual de vinte e seis anos, originário de um município de mais de 120 mil habitantes, localizado a mais de 200 km de Santa Maria e com grande proximidade com a fronteira Brasil-Uruguaí. Eric foi o último interlocutor com o qual iniciei e finalizei o roteiro de entrevistas. Por ser originário de um município com contingente populacional maior que do restante dos interlocutores, pôde acessar um circuito de sociabilidade com outras pessoas LGBTs e desenvolver seu desejo homoerótico.

Ele classifica onde nasceu como uma cidade interiorana comum do sul, que carrega um conservadorismo muito característico, e assim, é opressora com vivências que destoam da norma de gênero e sexualidade. Eric é filho de uma merendeira e perdeu seu pai quando era criança, sendo o mais novo entre seus irmãos. A irmã mais velha deixou a cidade quando ele ainda era uma criança, dessa forma, conviveu por mais tempo com seu irmão mais velho.

A relação entre os irmãos é descrita por ele como conturbada. Quando sua irmã se ausentou do lar a responsabilidade de cuidar de Eric ficou para o irmão, que era muito violento com ele. Quando se assumiu para sua mãe pediu para que ela não contasse a seu irmão por medo de sua reação, mas essa situação parou de preocupá-lo com o tempo. Eric se assumiu homossexual para sua mãe quando ainda frequentava o ensino escolar, pouco antes de ingressar no ensino médio quando começou as primeiras amizades com outros jovens homossexuais do município que conheceu na internet. Antes de se assumir, sua postura era marcada pela necessidade de esconder ao máximo sua sexualidade para não levantar suspeitas entre colegas e vizinhos. A maneira como se expõe, seja em Santa Maria ou na cidade de origem, é permeada pela escolha consciente que leva em consideração o medo e a possibilidade de sofrer discriminação, como por exemplo, ser alvo de violência física ou simbólica.

Diferente dos dois interlocutores já descritos, que no caso de Lito convivia com seus primos na infância ou Félix que vivia isolado, Eric estabeleceu relações comunitárias com os membros do seu bairro. Esses jovens adolescentes formavam um grupo no qual eram acionados discursos que estimulavam a heterossexualidade e a masculinidade viril, sendo os sujeitos que não atendiam a essa norma alvos de piadas e xingamentos. Assim, para não levantar suspeitas com relação a sua sexualidade, ele compartilhava forçadamente desses signos que constituíam o grupo.

Por algum tempo após assumir a homossexualidade para sua mãe, o medo dos possíveis comentários que seriam feitos por seus vizinhos pesou sobre seu comportamento. Devido ao fato de sua cidade apresentar um contingente populacional significativo, ele conseguiu estabelecer relações fora do seu bairro, em um espaço que nomeia como um “gueto”, local onde eram realizadas festas e encontros com outros jovens LGBTs, e que para ele apresentava certa marginalização. Nesse período Eric descreve ter sido uma pessoa dentro de casa, outra quando tinha que manter relações com os vizinhos e, ainda, outra totalmente diferente (com a qual mais se identificava) quando estava fora da tutela da família e vizinhos.

Em nossas conversas, quando indagado sobre a relação entre Santa Maria e sua cidade de origem, afirmou que se sente confortável em, por exemplo, andar de determinada forma para ir ao mercado em Santa Maria, coisa que não acontece quando se trata do seu bairro de origem. Esboçando ainda ter preocupações quanto à maneira de se portar dentro de seu bairro e as reações que uma postura de gênero dissidente poderia causar nos habitantes locais. Ao descrever sua vizinhança comentou que por ser uma região da fronteira a grande maioria mantém relações com o campo, ainda que habitam a área urbana do município. Apesar da relação de seus vizinhos com o lavoura, esse fator não esteve presente em sua narrativa como na de Lito e Félix. O que sobressai na narrativa de Eric são questões voltadas à expressão da masculinidade associada a questões étnico-raciais. Eric é filho de uma relação inter-racial, sua mãe é uma mulher branca e seu pai era um homem negro, apesar de não ser uma pessoa retinta, de pele escura, ele apresenta alguns fenótipos reconhecidos como sendo de pessoas negras, como o cabelo cacheado, lábios grossos e nariz demarcado. A partir desses traços que constitui sua aparência, em sua adolescência Erick teve impasses relacionados a sua autoestima, alisando o cabelo para estar mais próximo da definição do que seria “bonito”. Apesar de considerar que atualmente essas questões terem sido superadas e não afetarem mais sua autoestima, não o isenta de sofrer violências até mesmo dentro do aplicativo. Ele relata ter sido alvo de ofensas de cunho racial por dois perfis em ocasiões distintas em que o chamaram no intuito de ofender seus traços.

Eric passou pela experiência de se mudar de região quando deixa o Rio Grande do Sul para cursar um curso de humanas no Mato Grosso em uma cidade com mais de 600 mil habitantes, essa mudança representou uma ruptura ligada a questões de masculinidade, pois revela que quando deixou seu município de origem sentiu que não possuía mais barreiras. Então, ele afirma ter passado por uma mudança radical, deixou os cabelos compridos como sempre admirou, mudou seu jeito de falar, vestir, gostos pessoais etc. Após alguns semestres do curso ele retornou ao Rio Grande do Sul, se mudando para Santa Maria onde optou por outro curso relacionado às humanidades.

2.3.4 Patrick

Patrick é um jovem branco, cisgênero e homossexual de vinte e sete anos, natural de um município com um pouco mais de 60 mil habitantes, que fica a 150 km de Santa Maria. Assim como para os outros interlocutores, Patrick associa que por ser

pequena, em sua cidade há uma forte presença do tradicionalismo, o que faz com que as pessoas sejam conservadoras e “de mente fechada”.

Sua relação com o pai atualmente é descrita por ele como distante. Seus pais se separaram quando ele tinha em torno de doze anos de idade e após o ocorrido o pai formou uma nova família e desde então têm mantido pouco contato. Atualmente seu pai tem uma propriedade e trabalha criando animais, mas durante a infância de Patrick seu pai era dono de uma pequena mercearia. Na narrativa de Patrick esse local simbolizou o primeiro contato com os ideais de masculinidade que eram compartilhados pelo grupo de homens que o frequentavam. Esse ideal de masculinidade era construído a partir da afirmação de virilidade e da homofobia, em que frequentemente satirizavam a homossexualidade e a atribuíam a alguém como forma de deslegitimá-lo em relação a uma posição de homem. Nesse espaço, ele identifica que seu pai adquiria uma postura diferente de quando estavam a sós. Em sua visão, seu gênero sempre denunciou sua homossexualidade e as atitudes de seu pai eram de compreensão, mas quando estava junto de seus companheiros adotava uma postura agressiva, zombando de outros homens que não atendiam aos ideais de masculinidade compartilhados pelo grupo, como o caso dos famosos Caetano Veloso e Ney Matogrosso.

A sua relação com a figura materna é descrita por ele como conturbada. Os conflitos com a mãe surgiram durante a adolescência, a partir da expressão de gênero que ele incorporou em sua apresentação pessoal, descrita como seguindo a moda emo/gótico popular durante a época. Sua mãe esboçava preocupação com a vizinhança e como reagiriam frente a apresentação pessoal de Patrick, ocasionando desconforto dentro de sua família. Na infância, Patrick chegou a frequentar uma escola para padres, considerava como possibilidade trilhar um caminho dentro da igreja católica pois para ele as alternativas de vida eram: um casamento com outra mulher, o que não conseguiria manter, ou, se tornar “chacota” da cidade, pois ouvia com frequência xingamentos que eram direcionados as “mariconas”²⁴. Durante as entrevistas Patrick esboçou um grande medo de envelhecer e assim, assumir o mesmo lugar dos homossexuais que viu sendo satirizados durante sua infância e adolescência, pessoas sozinhas alvos de preconceitos e que não eram respeitadas socialmente.

²⁴ O significado do termo maricona nos dicionários é caracterizado como um substantivo feminino que descreve alguém que é covarde ou medroso. A aplicação desse termo no contexto brasileiro é mobilizada de forma pejorativa sendo utilizado para descrever homossexuais idosos que não constituíam relações afetivas e já não são mais vistos como alvos de desejo erótico.

Após o divórcio de seus pais ele ingressou no ensino regular em uma escola pública que sua mãe lecionava. Ao verbalizar como ocorreu o processo de saída do armário, Patrick satiriza que ele deu apenas o aval para as pessoas que realizavam bullying com ele, o fazerem com propriedade. Sua expressão de gênero sempre se aproximou da feminilidade, o que era entendido pelas pessoas como homossexualidade. Dessa forma, dentro do contexto escolar chegou a sofrer preconceito por parte de colegas e professores. A partir disso Patrick adotou uma postura contestatória às normas de gênero, o que por sua vez ocasionou conflitos com sua mãe.

De todos os interlocutores ele é o que apresenta a linguagem sobre gênero mais próxima do ativismo, como o uso do termo “militância” que foi evocado por ele nas entrevistas para descrever as tentativas de lutar contra estereótipos de gênero e sexualidade. O contato com essa linguagem ativista de gênero fez com que Patrick questionasse a postura e os comportamentos preconceituosos na família e na escola, sendo de todos os interlocutores o que menos esboça preocupação ou desconforto com a sexualidade no meio familiar.

Por ter uma feminilidade que pode ser visualizada nas interações, seja pessoalmente ou por videoconferência, ele diz ter desenvolvido uma necessidade recorrente de começar as conversações no Grindr se desculpando por ser um homem afeminado. Relata estar lidando com questões relacionadas à masculinidade, afirmando ter transitado pela feminilidade como um subterfúgio que o evitaria de sofrer violência, visto que, não seria visto por homens heterossexuais como ameaça. Posteriormente, para se conectar com seu lado masculino, como ele afirma, Patrick passou a utilizar barba e frequentar a academia, dessa maneira, incorporando em sua apresentação pessoal signos que constituem a masculinidade, ainda que ele exerça críticas a esse modelo.

Mesmo estando próximo das discussões acadêmicas ou ativistas acerca do gênero, apresentando um discurso pautado na diversidade e aceitação de outras vivências, Patrick acaba por reproduzir e incorporar na sua busca no aplicativo normas ligadas ao corpo, sejam questões ligadas à racialidade ou à forma corporal, revelando incoerências quando compara-se o discurso com as interações dentro do aplicativo. A frase que dá título ao quarto capítulo foi proferida por ele em uma das entrevistas, descrevendo o Grindr como um lugar “onde o pessoal exige o padrão Rio de Janeiro de homens bombados, masculinos, que cheiram a Channel”. Mas, apesar de criticar esse

modelo de corporalidade, ele utiliza-se do trabalho intenso com o corpo na academia buscando se aproximar desse modelo.

3 “TEM QUE SER BAGUAL, TEM QUE PEGAR BOI PELO PESCOÇO”: HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS EM CONTEXTOS INTERIORANOS NO RIO GRANDE DO SUL

“então sempre essa figura do homem do campo que... que tem que ser másculo, que tem que ser macho, tem que pegar o boi pelo pescoço e tal” - Lito, 24 anos.

A partir das conversas com os interlocutores pude perceber que na constituição da masculinidade desses sujeitos, seus municípios de origem tiveram grande papel ao definir as concepções de “ser homem”. Os signos da constituição da masculinidade nesses espaços são marcados por características comuns de municípios interioranos do sul do Brasil, onde há forte presença da cultura gaúcha, particularidade do Rio Grande do Sul. Neste capítulo discuto as dinâmicas de gênero relatadas pelos interlocutores, os signos que representam a masculinidade ideal e o impacto em suas trajetórias individuais, bem como semelhanças e diferenças entre os sujeitos de pesquisa. Posteriormente, analiso a visão da homossexualidade em seus municípios de origem a fim de compreender os mecanismos de gestão da homossexualidade que se estabeleceram no município natal e na cidade de Santa Maria.

O título deste capítulo é uma frase dita por Lito, que abarca alguns dos enunciados de masculinidade que ele ouvia em espaços de homosociabilidade onde estavam presentes seus tios e primos. Ser “bagual” é utilizado para se referir ao homem que é arisco, que não tem medo, que é selvagem, é uma expressão gaúcha que tem como significado²⁵ um potro recém domado que não obedece o costeiro. A segunda parte da frase complementa o que é um “homem bagual”, para ser um sujeito bagual “tem que pegar boi pelo pescoço”. Sugere a necessidade de que o homem do campo seja destemido, valente, impulsivo e, de certa forma, imprudente, que não se preocupa com os possíveis riscos de ser ferido pelos chifres do boi. Durante nossas conversas, Lito contou sobre o ideal de homem que foi transmitido para seu pai e de que maneira este tentou transmitir para ele.

²⁵Significado retirado de: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bagual> Acesso em: 05 mar. 2022.

[...] aí esse ideal, os homens iam pra lavoura, cuidar do campo e tinha que ser bagual, tinha que ser macho não sei o quê; e eles faziam essas analogias com as vacas e com os bichos também, de “ah tem que ser o touruno, o touro, não sei o que, não pode fraquejar nem nada” (Lito 24 anos).

No trecho acima identifica-se que a constituição da masculinidade nesses espaços está ligada diretamente ao desempenho de funções braçais e da relação com o campo. Além do bagual (potro selvagem e arisco), ele evoca a figura do touruno²⁶, um boi que é mal castrado e ainda procura vacas. Ao ter essa expressão circulando nas conversas com seus primos, podemos reconhecer que o comportamento masculino estava ligado ao desempenho da (hétero)sexualidade em “pegar mulher”. Analogias com os animais são comuns devido a relação estabelecida no campo, mas seu significado é construído socialmente. Assim, a associação ao touruno ou touro decorre do fato que acasalam e inseminam muitas vacas, o que por sua vez é usado para descrever o comportamento heterossexual masculino ideal, pois se refere ao homem que é ativo sexualmente e que está atrás de várias mulheres. O termo touruno também pode ser utilizado em menção a um cavalo touruno, que descreve um comportamento de garanhão ou conquistador que é associado ao sujeito que está sempre investindo e cortejando muitas mulheres.

O que me chamou a atenção foi o fato de que as analogias que circulam nos espaços mais próximos ao rural, constituem enunciados do que é ser homem e estão marcadas pela interação com os signos do campo presentes nesses contextos interioranos. Para analisar a constituição da masculinidade para os interlocutores em suas respectivas cidades foi imprescindível retomar a constituição histórica de gênero. Os estudos sobre masculinidades tiveram como principal teórica a socióloga já citada Raewyn Connell. A partir dos estudos rejeitou-se a noção de “papel masculino”, por ser uma concepção que naturaliza a masculinidade como algo intrínseco ao homem, o que ignora a dimensão das relações de poder, violência e desigualdade material que se sobrepõem entre os grupos de homens. Para Connell (1995), o papel masculino “trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade” (p. 188).

Em seu livro, publicado em 1993 e intitulado de “*Masculinities*”, Connell afirma que nem todos os grupos de homens se beneficiam da mesma forma da sociedade

²⁶ Significado retirado de: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=touruno> Acesso em: 05 mar. 2022.

patriarcal. Há entre os grupos de homens, diferenças significativas na maneira como se posicionam socialmente, desse modo, a masculinidade não deve ser compreendida como homogênea e coesa, mas como um termo plural que abarca várias configurações.

A autora define a masculinidade como uma configuração prática e histórica “em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188). Ao compreender a masculinidade como um conceito plural e construído historicamente, pontua que uma forma de masculinidade passa a ser vista como ideal e assume posição de dominação, subalternizando outras configurações de masculinidades. Essa configuração é nomeada por ela como “masculinidade hegemônica” e organiza as relações sociais. O ideal de hegemonia é reconhecido pelas masculinidades que são subalternizadas, pois as relações entre ideal hegemônico e a subalternidade são produtos de um mesmo contexto social. Assim, as masculinidades estão em constante (re)construção e diálogo. Se estabelecem relações de marginalização, dominação e cumplicidade (CONNELL, 1995, p.189), o que torna visível a dimensão de poder entre as masculinidades, na qual esse ideal hegemônico ocupa o topo da hierarquia e as outras configurações estão agrupadas em torno dela.

Ao caracterizar o gênero como uma estrutura contraditória, não estática e com possíveis alterações, Connell (1995) evidencia que as relações de gênero são pautadas na dinâmica em que os indivíduos podem “lutar contra as instituições e forças culturais ou aceitar sua estampa” (CONNELL, 1995, p. 190). Dessa forma, podem incorporar e rejeitar em alguma medida as premissas de masculinidade que são dominantes, mas lutar contra essas instituições e forças culturais é uma tarefa árdua. As constituições das masculinidades “envolvem encontros complexos com instituições (tais como escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (tais como a comunicação de massa, a religião e o feminismo)” (1995, p. 190).

Ao apontar que existem diferenças na formação da masculinidade entre grupos de homens, por exemplo, constituintes da classe trabalhadora ou pertencente a determinados grupos raciais e identitários, como homens negros ou homossexuais, Raewyn Connell (1995) abre a possibilidade para pensar os interlocutores dessa pesquisa e como foram (e são) atravessados pela constituição da masculinidade característica de contextos do interior do Rio Grande do Sul. Esses jovens saíram de municípios com contingente populacional inferior (e muitas vezes, muito inferior) ao do município de Santa Maria, espaços onde os signos de uma cultura campeira ou gaúcha estão mais presentes e compõem o ideal de masculinidade de forma acentuada. Pode

observar que ainda que esses sujeitos rejeitassem várias das concepções dominantes de masculinidade, lutar contra as “estampas culturais” implica sofrer um ônus ao não serem cúmplices dessas práticas. Além de que, mesmo os sujeitos que atendem às expectativas da masculinidade foram lesados por adotarem um comportamento de gênero com o qual não se identificavam.

A etnografia de Ondina Fachel Leal (2019) realizada na década de oitenta, trata sobre a constituição da cultura, identidade e masculinidade na região do pampa do Rio Grande do Sul. A autora salienta que a cultura do sul do Brasil sempre despertou a curiosidade de etnógrafos e pesquisadores destacando as visitas de Charles Darwin, que ficou extremamente intrigado pelo comportamento dos homens no Sul. Leal (2019) nomeia a masculinidade no pampa do Rio Grande do Sul de “masculinidade campeira”, onde os homens lidam com o cuidado de animais e outras atividades características que são típicas do campo. Seu trabalho histórico, expõe o entrelaçamento da cultura gaúcha com a construção do ser homem no pampa. O galpão é visto por ela como espaço de homosociabilidade masculina que permite o exercício da masculinidade através de jogos, rinhas de galos e atividades braçais que colocam à prova a masculinidade desses homens. Isso pode acontecer através de mitos como o da “salamanca do Jarau²⁷”, descrito pela autora como uma história de galpão que traduz o que seria a identidade do gaúcho.

São condições de pertencimento a este grupo: ser um vencedor no jogo de apostas – quer no truco, cavalos, rinha ou tava –, esta é uma cultura de desafio onde se aposta tudo; ter talento musical; ter conhecimento sobre as ervas medicinais (talvez isto possibilitasse uma ruptura definitiva com a dependência dos homens às práticas de cura tradicionalmente exercidas por mulheres nesta região); ter liderança, poder e não ter que se submeter; ter gado e terras, que é outra forma de se obter poder e prestígio; e, finalmente, ter habilidades verbais e manuais. (LEAL, 2019, p. 29).

Apesar do trabalho de Ondina Leal (2019) corresponder a um período histórico e uma organização social que não pode ser contemplada em sua inteireza, através das narrativas dos jovens interlocutores ainda podemos visualizar relações entre a cultura gaúcha e a produção social da masculinidade a partir de signos culturais. Em “A

²⁷ A Salamanca do Jarau corresponde a lenda da “Teiniaguá” ou “Salamanca do Jarau” que oferece muita riqueza ao homem que conseguir passar por sete provas, descritas por Ondina Leal (2019) como provas que atestariam a identidade do homem gaúcho, como ser bom em jogos, força, valentia etc. Uma adaptação da lenda pode ser visualizada em: <http://especiais-pio.clicrbs.com.br/sete-lendas-gauchas/6/index.html> Acesso em: 13 jul. 2022.

centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo” Stuart Hall (1997) discute sobre as alterações das identidades culturais a partir de fenômenos da globalização. Criticando as teses simplificadoras que entendem que a globalização seria responsável por homogeneizar as culturas e, de certo modo, unificá-las, Hall (1997) destaca que há uma dupla relação: a cultura incorpora signos globais e se altera, mas também mantém nesse processo signos particulares.

Em “Ruralidades atravessadas: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o(s) Outro(s) nas redes sociais”, Miriam Adelman, César Franco e Andressa Pires (2015) analisaram a constituição de *selfs* nas redes sociais com usuários do Facebook que compartilhavam signos relacionados ao meio rural e a cultura equestre. Dessa forma, os autores destacam os trânsitos entre o rural e urbano, falseando oposições sedimentadas entre o “tradicional” e o “moderno” pois para seus interlocutores as redes sociais tornam-se uma extensão de seus gostos pessoais e culturais.

No contexto de pesquisa acerca da construção identitária no Facebook, os autores destacam que esses jovens ressignificam questões ligadas à tradição e incorporam novas maneiras de “ser campeiro” que se torna um estilo de vida que despende tempo e dinheiro. Ademais, os autores analisam a construção do gênero ressaltando a presença de mulheres numa cultura que era masculina. Estas, em suas publicações pessoais na rede (Facebook) questionavam noções acerca do gênero, como a necessidade de se ter um homem para ser feliz. Em contrapartida, incorporavam questões ligadas à feminilidade e beleza para se afirmarem enquanto mulheres dentro da cultura equestre.

Da mesma maneira, Félix, que foi criado na zona rural, evidenciou na construção do seu *self* no aplicativo e nas redes sociais os atravessamentos constituídos entre o campo e o urbano, ressaltando a hibridização entre esses dois espaços. Nesse sentido, a cultura do campo se altera, incorpora o desenvolvimento tecnológico, se “moderniza” e passa a acessar espaços e recursos que produzem novos traços culturais. Félix ressaltou na primeira entrevista que sua família não possuía telefone e moto por serem “invenção do diabo”. Posteriormente, durante nossa última entrevista sua mãe ligou para ele com um smartphone, e passou a acessar redes sociais e de comunicação estabelecendo novas formas de relação com Félix e outros sujeitos dentro de seu município.

Dentro de seus municípios de origem, a cobrança para exercer um “papel de homem” existe desde cedo nas vivências dos interlocutores, que foram afetados e

tiveram diferentes contatos com esses signos do “ser homem” no contexto gaúcho. Ao descreverem seus municípios de origem, todos os tratam como municípios do interior, assim, o interior vai além de uma definição geográfica e sinaliza a construção de comportamentos sociais vistos como característicos de determinado contexto. Santa Maria é um município do interior do estado mas o termo não é mobilizado pelos interlocutores para definir a cidade e sim para referenciar seus municípios de origem, que são interioranos já que divergem das relações estabelecidas em Santa Maria. Essa visão contrastante dos interlocutores evidencia que eles analisam seus contextos de origem como lugares atrasados, conservadores, onde não há a possibilidade de vivência da homossexualidade, e, em contrapartida, atribuem à cidade de Santa Maria um valor de espaço de libertação, lugar acolhedor e que lhes dá possibilidades de serem eles mesmos. Sobre os interlocutores da zona rural, Lito e Félix, podemos considerar que estariam vivendo no “interior do interior” onde há maior relação, presença e cobrança em algumas características da masculinidade relacionadas ao campo.

Para Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) a constituição da *masculinidade hegemônica* opera a partir do constante diálogo com as masculinidades subalternas, sendo produzidas a partir da interação com signos globais e locais. Como já pontuado, na trajetória dos interlocutores o ideal de masculinidade se diferenciou à medida que o espaço urbano estava mais presente. Eric conta que no bairro em que morava a maioria dos vizinhos lidavam com o campo, mas esses signos não apareceram com frequência em sua narrativa como na de Félix e Lito. Assim, para Eric e Patrick, moradores urbanos, a constituição da masculinidade nos espaços de homosociabilidade que frequentavam eram expressadas a partir da reiteração de comportamentos heterossexuais e completa rejeição da homossexualidade, além de enfatizar determinada expressão de gênero.

Ao analisar a constituição da masculinidade desses jovens é possível identificar a presença de signos globais da masculinidade, assim como, uma produção local atrelada ao ambiente em que viveram (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Para definirmos qual masculinidade é hegemônica nesses contextos, devemos buscar compreender quais atributos compõem o ideal de hegemonia e quais expressões de masculinidade são subordinadas nas relações de gênero. A masculinidade é múltipla, sendo uma produção individual, local e global que forma grupos de indivíduos que compartilham de práticas sociais que compõem suas fronteiras de masculinidade.

Connell pontua que:

Pesquisas internacionais confirmaram fortemente o insight inicial de que ordens de gênero constroem masculinidades múltiplas. Valdés e Olavarria mostram que, mesmo em países culturalmente homogêneos como o Chile, não há uma masculinidade unitária, uma vez que os padrões variam por classe e geração. Em outro famoso país homogêneo, o Japão, Ishii-Kuntz traça a “emergência de masculinidades diversas” na história social recente, com mudanças nas práticas de cuidado das crianças como desenvolvimento-chave. Diversidade de masculinidades também é encontrada em instituições particulares como a instituição militar [...] Finalmente, um corpo considerável de pesquisas mostra que as masculinidades não são simplesmente diferentes entre si mas também sujeitas a mudanças. Desafios à hegemonia são comuns, e o são também os ajustes em face desses desafios. Morrell mostra evidências sobre as transformações de gênero na África Meridional associadas com o fim do Apartheid, um sistema de patriarcados segregados e concorrentes. Ferguson analisa o declínio dos ideais de longa duração de masculinidade na Irlanda – o padre celibatário e o homem de família que trabalha duro – e sua substituição por modelos mais modernizados e orientados pelo mercado. (CONNELL, 2013, p. 278).

A partir da interlocução com esse grupo de jovens homossexuais e universitários, ficou evidente que a homossexualidade contribuiu para que esses sujeitos decidissem deixar seu município natal e estabelecessem novos vínculos na cidade de Santa Maria. O ato de se mudar de cidade não representa uma ruptura completa da cobrança de um ideal de masculinidade do interior, ao retornar aos seus municípios de origem esses jovens voltam a lidar com esses enunciados de masculinidade, ainda que de forma diferente. Ao questionar a vivência familiar, a experiência escolar e relações sociais, além das circunstâncias que contribuíram para a mudança de cidade, foi possível visualizar as dinâmicas de gênero em que esses sujeitos estiveram imersos, sendo viável compreender os discursos sobre masculinidade que lhes foram expostos. Na seção a seguir trago esses enunciados presentes nas narrativas a fim de detalhar o que constitui a masculinidade interiorana, explicitando as diferenças na sua constituição.

3.1 DINÂMICAS DE GÊNERO E MASCULINIDADE NO INTERIOR

Ao focar a discussão acerca do gênero é necessário compreender a historicidade que se constituiu tornando-se um campo de estudos cheio de lutas e disputas. O gênero se impõe enquanto um sistema que ordena a vida social a partir de construções que

determinam e regulam os corpos, esse termo é utilizado para se referir ao controle dos corpos a partir da constituição do sexo e a maneira como a cultura está imbricada para definir o que seria um homem e uma mulher.

Joan Scott (1990) define gênero como construções sociais que determinam papéis a homens e mulheres, sendo uma “categoria social imposta a um corpo sexuado” (SCOTT, 1990, p. 75). O termo gênero expressa a construção social das identidades a partir de enunciados que não podem ser comprovados como intrínsecos à “natureza” de homens e mulheres. Embora esse termo auxilie a compreensão da dimensão cultural, produzida a partir dos corpos sexuados, ele não pode ser compreendido como uma interpretação cultural sobre o sexo. Em “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” Judith Butler (2003) tensiona os limites discursivos da produção do gênero sobre o sexo, afirmando que o gênero não está para a cultura assim como o sexo para a natureza, mas sim que a produção discursiva do gênero também incide sobre o sexo.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2003, p. 27).

A produção discursiva do sexo reuniu enunciados históricos que produziram noções acerca do corpo, como por exemplo, a de que o órgão genital feminino seria um pênis invertido ou ainda a doença neurótica chamada de “histeria” vista como típica do corpo feminino. Dessa forma, é possível identificar maneiras em que há a produção discursiva do sexo, e conseqüentemente, do gênero.

Para Butler (2014) o gênero é um aparato regulatório que organiza os sujeitos no tecido social. Engendra mecanismos do poder que regulam os corpos. A autora destaca os poderes regulatórios como a medicina e a psiquiatria na definição de comportamentos inapropriados com relação ao gênero e a sexualidade, como no caso da homossexualidade e da transexualidade que estiveram presentes em manuais de

psiquiatria e medicina configuradas como doenças.

Na experiência dos meus interlocutores, o poder regulatório do gênero se impôs de diferentes maneiras: a família, a escola e as relações sociais representaram um ponto regulatório na definição de uma norma de gênero que se mantém pois é reiterada e reproduzida constante, reiterando sua posição dominante. É através da reprodução de determinados enunciados e da punição social (violência simbólica ou física) que se mantém esse regime regulatório. Ademais, os espaços que os interlocutores acessaram evidenciaram diferentes maneiras de controle social de gênero e sexualidade, o que é objeto de argumentação deste capítulo.

De fato, a norma somente persiste como norma enquanto é atualizada na prática social e reidealizada e reinstituída durante e ao longo dos rituais sociais cotidianos da vida corporal. A norma não possui um estatuto ontológico independente, mas não pode ser facilmente reduzida a sua concretização; ela própria é (re)produzida na sua corporificação, por meio dos atos que se esforçam para se aproximar dela, por meio de idealizações reproduzidas nos e por esses atos. (BUTLER, 2014, p. 262).

Portanto, gênero se constitui como uma esfera de controle e poder sobre os corpos, não sendo a única, mas um campo central da dimensão do poder, sobre o qual essa estampa cultural é sobrescrita. Ao analisar a dimensão de poder a partir do gênero, Scott (1990) pontua que este é o campo primário no qual o poder é articulado pois na esfera social há diferenças construídas a partir do gênero que colocam os homens em posições dominantes (SCOTT, 1990, p. 88).

A “marca do gênero”, expressão que intitula o artigo de Monique Wittig (1984) é usada para evidenciar a estrutura do gênero expressa a partir da linguagem, demarcando que as nossas experiências sociais são generificadas desde a forma como utilizamos a linguagem para fazer referência a nós e aos outros. Assim sendo, o sujeito que transgride a marca do gênero imposta socialmente é alvo do controle social manifestado através de violência simbólica ou física. Na narrativa dos interlocutores a vigilância sobre o gênero incide desde cedo sobre esses corpos e se estende a todas as áreas que transitaram. Ao terem uma postura considerada como imprópria ao seu gênero, são submetidos a uma série de constrangimentos que têm por objetivo corrigir esse comportamento apontado como falho.

Joan Scott (1900) e Judith Butler (2003) evidenciam nos seus estudos que por não se tratar de algo intrínseco à natureza humana o gênero não se constitui como fixo

ou coerente, mas se caracteriza como uma constante negociação com a norma e um esforço pessoal em construir coerência de gênero, ou seja, transitar somente pelas práticas que são atribuídas ao seu gênero. Scott (1990) trata sobre como a constituição da masculinidade demanda uma rejeição ao feminino, desse modo, quando algum sujeito tido como masculino cruza a linha imposta para seu gênero, ele perde status, visto que qualquer signo do universo feminino é considerado inferior na hierarquia do gênero. Judith Butler (2003) aprofunda e complexifica a discussão de gênero ao cunhar a “matriz heterossexual” como a imposição social de uma linearidade entre sexo-gênero-desejo. Nesse sentido, socialmente o sujeito deve manter uma coerência ao se identificar com o gênero construído sobre o sexo: ser heterossexual e consequentemente desejar o sexo “oposto”. A matriz heterossexual exige não só uma coerência com o gênero mas também com a sexualidade e o desejo.

Os primeiros preconceitos que alguns interlocutores vivenciaram na escola ou na família eram sobretudo de gênero por não compartilharem da masculinidade exigida nesses contextos, mas a violência que incidiu sobre esses corpos estava ligada à sexualidade. Lito e Patrick vivenciaram algumas situações no ambiente escolar nas quais, por não compartilharem de signos ligados a masculinidade como os outros meninos, eram chamados de “bichinhas” e outros “apelidos” de cunho homofóbico.

Ademais, o conceito de “heteronormatividade” é utilizado por Butler (2003) para definir a imposição para não-heterossexuais, caracterizada por uma cobrança por apresentarem em seus comportamentos atributos da heterossexualidade através da reprodução de valores, práticas e discursos. Essa reprodução da norma heterossexual faz com que homens gays alinhados ao modelo de masculinidade hegemônica não sejam alvos recorrentes de violência. Aqueles sujeitos que com discrição conseguem esconder sua sexualidade podem transitar pelas esferas sociais sem os mesmos empecilhos impostos a homens com expressão de gênero não-normativa. Como resultado, a busca incessante por incorporar atributos da heterossexualidade pode ser um ato desgastante, afetando a saúde mental, como no caso de homens que estabelecem relações com mulheres para esconder sua sexualidade e acabam sendo infelizes em suas relações. Nas entrevistas com Félix ficou evidente como a vigilância quanto ao seu gênero é constante, tanto no município de Santa Maria quanto na interface do aplicativo. Ainda que ele afirme poder ser mais “liberal” no município, as amarras que o prendem tornam-se apenas mais “frouxas”. O desgaste em incorporar os atributos da heterossexualidade foi um fator que contribuiu para que esse interlocutor tentasse tirar

sua própria vida.

Para Connell e Pearse (2015), analisar o gênero envolve compreender que sua construção não é natural, nem fixa e não se resume apenas a “uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas” (2015, p. 39). Reivindicamos um espaço na estrutura do gênero, adotamos ou rejeitamos certas definições, ou seja, “respondemos ao lugar que nos é dado —, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 39). Porém, a maneira como podemos responder de forma contrária a estrutura de gênero envolve um ônus social. Na narrativa dos interlocutores, ao lutar contra a imposição de determinado modelo de masculinidade, eles sofreram retaliações por expor a fragilidade que as relações de gênero são construídas.

No contexto familiar e social que cresceram podemos visualizar enunciados que produzem o gênero, além de violências que incidiram sobre esses sujeitos ao apresentarem um comportamento que não é característico do “ser homem”. Lito, em vários momentos originou conflitos com o pai por não alcançar as expectativas que ele tinha sobre seu comportamento.

Teve algumas vezes que a gente ia fazer algum trabalho, sei lá, no campo e tal e aí era algo manual, consertar cerca algo assim, se eu não conseguia ou não tinha força, ele brigava e falava que eu tinha que ser homem, que eu tinha que ser homem, ficar forte, falar grosso e não sei o que. Era mais nesse sentido de quando tinha que ajudar ele em alguma coisa, por isso eu gostava de ficar mais com a minha mãe, ajudar ela em casa enquanto meu irmão ajudava o meu pai (Lito, 24 anos).

Ele relata que seu irmão correspondia ao que se era esperado de um homem naquele contexto e, portanto, por compartilhar desses signos que eram comuns ao pai, conseguiram estabelecer relações, ainda que não tão profundas, por se manterem sobre coisas cotidianas do campo. Já para Lito, a relação com seu pai é marcada por um grande distanciamento devido a essas situações produzirem nele um sentimento de raiva e revolta. Ao analisar a imposição da masculinidade na trajetória de Lito é possível identificar que o ressentimento ocasionado pelos conflitos resultou no afastamento entre os dois. As definições de masculinidade são transmitidas entre gerações, assim, a maneira como o pai de Lito foi criado produziu suas concepções de masculinidade,

viabilizando para ele uma única forma de “ser homem”.

Félix, outro interlocutor da zona rural, relata que não teve uma cobrança para se comportar de determinada forma, principalmente por esconder sua sexualidade e ser um cara discreto. Assim, não levantou motivos para que sua família desconfiasse, nem sofreu algum tipo de violência direta para aderir a determinado comportamento. A cobrança que incidiu sobre ele foi semelhante à de Lito no que se refere em saber executar o trabalho no campo, que ele conta que “graças a deus” conseguiu aprender e, como já mencionado, se gaba por saber atirar melhor que seu pai.

Daniel: E quando você estava crescendo você sentia uma cobrança para se comportar de determinada forma?

Félix: Não, não tinha porque era bem mais discreto, então pelo menos consegui manter essa aparência até hoje que nunca desconfiaram de mim. Eu tinha uma cobrança assim de aprender a andar a cavalo, todas essas coisas de lidar no gado, de aprender as coisas, de entender sobre negócios e tal. Eu aprendi, graças a deus aprendi bem, tenho uma boa noção de tudo, se tivesse que voltar pra lá hoje, tipo se eles morressem, eu saberia sim fazer, era essa a cobrança. Me preparar como eu não tenho irmãos...

A partir de minhas conversas com Félix, ficou evidente que não houve uma violência direta a partir de ofensas ou constrangimentos, o que pode ser observado na vivência dos outros três interlocutores. O fato de corresponder em seu comportamento ao que foi esperado do seu gênero, não o isenta de ter sido afetado pelos discursos de gênero e sexualidade produzidos em seu município. Os discursos religiosos em sua cidade condenam a homossexualidade ao inferno, além disso, há um controle moral exercidos sobre os moradores que transgridem as normas de gênero e sexualidade. Esses dois fatores o reprimiram e devem ser considerados uma forma de violência indireta, pois foram essas cobranças na estrutura de gênero: ser um homem masculino e heterossexual, que contribuíram para que ele compreendesse sua homossexualidade como motivo de vergonha. Apesar de Félix relatar ter condições de desempenhar o papel de seu pai, essas situações produziram nele o desejo de construir sua vida mantendo um afastamento de suas origens. Ao ser indagado sobre se teria vontade em algum momento de assumir sua homossexualidade aos familiares, afirmou que se eles descobrissem a humilhação seria tão grande que daria fim em sua vida²⁸.

²⁸ Posteriormente no tópico 3.2.1 abordo os enunciados em relação a homossexualidade que circulavam nos municípios de origem dos interlocutores e como produziram a forma como esses sujeitos visualizavam a si mesmos.

3.1.1 Relações familiares

Nas narrativas dos interlocutores as relações familiares, com exceção de Eric que perdeu o pai quando jovem, revelaram um forte e tenso distanciamento emocional da figura paterna. O motivo desse distanciamento é visto pelos interlocutores como dificuldades em estabelecer conexões, falar dos sentimentos e sentir emoções advindas do lado paterno. Esse fato revela como o gênero está introjetado na maneira como os sujeitos expressam suas emoções, na qual as analogias evidenciam a mulher como um ser sentimental e a figura masculina é associada à racionalidade. Os enunciados que circulam a esfera pública e estão presentes na criação das crianças evidenciam que homens não choram e que qualquer expressão de afetividade entre meninos é interpretada como homossexualidade (SAFFIOTI, 1987).

Como Heleieth Saffioti (1987) pontua em sua obra “O poder do macho”, a construção social do gênero tem impacto na produção do corpo, destacando casos em que a repressão das emoções, cobradas do homem a partir desses enunciados, faz com que homens adultos não produzam lágrimas de choro. Os enunciados de repressão das emoções faz com que esses jovens não consigam chorar, e dessa forma, tenham sua saúde mental afetada. Patrick relatou não se lembrar de qual foi a última vez que conseguiu chorar e que não chora com frequência. Félix conta sobre seu processo, como se sente sobrecarregado em situações e não consegue expressar suas emoções através do choro, optando por tomar medicação para dormir nessas ocasiões.

Félix: Eu não choro porque eu não consigo, mas eu acho bom, faz bem pra saúde, eu acho normal né, se todos chorassem, conseguissem... seria um gênio melhor, mudaria, uma pessoa mais sensível. Eu não choro porque não consigo chorar né, faz muito tempo que eu não choro, que não consigo chorar. Até tento, vem e embrulha os olhos, mas não sai nada de lágrimas (risos). Varia também né de pessoa para pessoa, alguns tem mais facilidade outros não, eu sou uma pessoa que não chora.

Daniel: *Você sempre teve dificuldade para chorar?*

Félix: Sempre, uhum, sempre, sempre. É que quando era pequeno minha mãe dizia que tinha que engolir o choro, que era feio chorar, que não podia chorar e que choro era sinal de fraqueza. Então como eu não podia chorar, com o tempo perdi aquele hábito, hábito não, mas tipo não consigo, não sei explicar, não sei, às vezes quando tô com alguma coisa de aula de trabalho pra fazer de aula, com raiva às vezes, vem aquela vontade mas não consigo chorar.

Daniel: *E você consegue expressar suas emoções de outra forma?*

Félix: É, às vezes dormindo, tomo remédio pra dormir quando estou com muita raiva e tal, alguma coisa que acontece e não consigo chorar tomo um remédio pra dormir, depois acordo melhor.

Daniel: *Você tem facilidade de falar sobre seus sentimentos?*

Félix: Não, até porque nunca falei muito, sempre fui mais fechado.

A primeira e única vez que Lito se recorda de ver seu pai se emocionar, chorar, dizer que o ama e sente orgulho foi durante sua formatura. Ele descreve um pouco do que causou esse distanciamento paterno, destacando o quanto seu pai apresenta dificuldades para se abrir e conversar sobre sentimentos.

Olha, ele sempre me ajudou e me ajuda financeiramente. Mas é, ele não fala muito de sentimentos, então meio que não sei se eu aprendi alguma coisa com ele não, como ele não fala de sentimentos não teve como estabelecer uma relação muito próxima com ele, por ele ter sempre morado na zona rural, vem de uma família de nove irmãos que é super tipo século 19, então eu não tenho uma lembrança assim tipo que é dele. Eu tenho a lembrança que era nossa família, a gente passando férias sei lá em Ivorá, momentos ótimos, mas é sempre com a família, não eu sozinho com ele, isso não tenho lembrança (Lito, 24 anos).

Já Eric descreve não ter tido muita abertura para expor suas emoções entre os membros da família, afirmando que não conseguia chorar, fato que mudou quando se viu em contato com outras pessoas ao mudar de estado. De sua família, Félix se recorda que a afetuosidade que recebeu veio de seu avô, que faleceu quando ele era criança. Ele descreve o avô como uma pessoa muito diferente de seu pai e que contribuiu muito para sua formação enquanto sujeito.

Ele era uma pessoa mais aberta, mais afetiva como você falou, que tinha me fugido a palavra, desculpa, as vezes eu falo demais, às vezes me foge o tema ser usado porque eu tive o covid em maio e fiquei meio esquecido, então às vezes eu demoro para me lembrar alguns termos. Tenho muita lembrança boa com ele, tenho lembrança boa assim tem muitos né, principalmente de campereada e tal assim que eu aprendi a lidar com gado, cavalo, camperear com ele assim e tal, porque meu avô já era uma pessoa mais pacienciosa, meu pai já uma pessoa mais, digamos mais excêntrico, mais enjoado e tal (Félix, 26 anos).

A partir das falas dos interlocutores visualiza-se a maneira como a construção de gênero e masculinidade produziu nos sujeitos adultos dificuldades para expressarem suas emoções, a ponto de sentirem-se sobrecarregados tendo que recorrer a outras medidas, como o uso de medicamentos, para poder equilibrar esse campo. Isso destaca que a imposição social do gênero é capaz de alterar a estrutura biológica do corpo,

impondo limitações sobre a maneira como os homens devem experienciar seu corpo e emoções.

A construção social do gênero no modelo de família tida como tradicional, foi cunhado a partir da divisão sexual do trabalho (SAFFIOTI, 1987) que relega ao homem o papel de provedor principal do seio familiar, responsável pelo sustento da casa, enquanto a posição feminina é secundária, vista como de ajuda e cuidado, seja dos filhos ou do lar. Assim, a relação de afetividade deve advir do lado materno, pois o homem contribui com o sustento financeiro. Portanto, as relações de maior proximidade comumente se estabelecem com a mãe. Lito relata ter uma relação mais amigável com a mãe, com quem encontra maior abertura e diálogo, embora nunca conversem sobre questões ligadas à sexualidade. Essa dinâmica de gênero em que o homem é autoridade principal e responsável pelo sustento da casa pode ser observada na constituição familiar dos jovens oriundos da zona rural.

A partir da etnografia, Renata Piecha (2020) que analisou camponeses na região de Rincão dos Alves no estado do Rio Grande do Sul, concluiu que há a naturalização de determinadas funções divididas pelo gênero, sendo o trabalho masculino mais valorizado e o feminino não visto com o mesmo prestígio.

A cultura patriarcal é, no mundo rural, ainda, muito persistente, relacionando-se à naturalização dos papéis atribuídos a homens e mulheres, às relações fortemente hierarquizadas que se dão dentro do núcleo familiar camponês que acabam legitimando-se pela divisão sexual do trabalho, como também observado por Paulilo (1987) em seus estudos. Em Rincão dos Alves, também a hierarquização dos membros da família reflete diretamente na hierarquização de suas tarefas. No campo, os papéis de gênero são, ainda muito bem delimitados e refletem, assim, na divisão sexual do trabalho que se estrutura de acordo com as diferenças de gênero e geração e que faz com que essas camponesas vivenciem uma árdua rotina de trabalho que, por sua posição subalterna, acaba por ser também menosprezado. (PIECHA, 2020, p. 104).

As dinâmicas de gênero nesses contextos delimitam com rigidez o papel do homem e da mulher. As tarefas são divididas de acordo com a ordem de gênero sendo as atividades domésticas executadas pelas mulheres, pois há, de certa forma, um “acordo silencioso” de que o trabalho na parte interna da casa é função feminina, enquanto as atividades masculinas estão fora de casa como o plantio, a manutenção de cercas e espaços, cuidar de animais etc.

[...] principalmente os homens ali no campo cuidam dos bichos, cuidam de tudo que fica para fora de casa, de dar bóia (comida) para os bichos, cuidar da lavoura, capinar; tinha plantação de mandioca, de melancia e aí tinha que capinar. Às vezes minha irmã acabava indo também, mas era mais eu e meu irmão, porque minha irmã já estava estudando. Tudo que era pra fora de casa que envolvia força, suor, tocas as vacas, curar, vacinar ovelha, tudo que envolvia os animais e tal. As mulheres faziam o trabalho que é de casa, "ah se carneava vaca elas ensacavam os pedaços", faziam os guisados, a comida depois, faziam comida para quando os caras chegassem quando tinha alguma carneação, alguma coisa grande que tinha... chamavam gente pra ajudar, aí minha mãe e minha tia faziam as comidas. Aí no ano novo também, essas coisas assim, os caras ficavam no galpão fazendo churrasco e as mulheres na casa conversando. Na minha família, por parte de pai, que é uma família grande, sempre vi essa divisão nas festas nos eventos maiores que vinha mais gente, mas como estava no grupo das crianças a gente ficava correndo por todos os lugares, mas depois quando ficou maior assim, eu ficava meio a meio, às vezes ficava desconfortável de estar no grupo das mulheres, mas era lá que eu me sentia... que eu sentia vontade de conversar porque no papo dos homens ali de vaca, de bicho, eu não me identificava com nada daquilo (Lito, 24 anos).

Já no contexto familiar de Eric e Patrick quem desempenhava o papel de provedor era sua mãe. Na família de Eric, por sua mãe ser solo, era a responsável pelo sustento dos três filhos. E, no contexto familiar de Patrick, sua mãe assumia o papel principal de mantenedora da casa.

Como a minha mãe é professora e meu pai tinha um emprego informal na época, não era bem delimitada as tarefas. Era minha mãe que trazia o sustento, mais rechonchudo, mais robusto. E meu pai trazia... como posso dizer... não supérfluo, mas algum acréscimo era por parte dele. Eu associo minha mãe... tô me formando em nutrição, indo pra parte alimentar eu associo a minha mãe ao arroz, feijão e carne; e meu pai a parte de frutas assim, uma parte mais extra, iogurte essa parte que não é tão enquadrada digamos assim. Meu pai cozinhava lá em casa e ela ficava mais com a parte roupas eu acho que assim, não me recordo muito. Lembro dele cozinhando, ele cozinha muito bem, ela também cozinha muito, mas era ele todos dias (Patrick, 27 anos).

As questões de gênero no contexto rural vão além da divisão de tarefas do campo. Devido ao machismo há o não reconhecimento da autonomia feminina no campo. Félix relata uma situação em que um homem se recusou a negociar gado com sua avó por ela ser mulher. Sobre isso, Piecha (2020) afirma que no contexto rural as mulheres enfrentam problemas ligados à herança e a manter-se no campo sem um marido. As pesquisas de gênero na zona rural evidenciam a disparidade com relação aos bens. Muitas filhas recebem suas heranças por meio de bens e enxovais enquanto os

homens da família são os herdeiros das terras cultiváveis.

De onde eu venho, de Quevedos²⁹, a sociedade segue um modelo tradicional, digamos que lá tinha um coronelismo, lá tem esse coronelismo digamos assim que o homem tenha que ser o centro das atenções. Tanto é que tinha uma vez um cara que comprava gado e foi comprar do meu pai e da minha avó há algum tempo atrás; ele não negociava com mulheres, ele negociava apenas com homens né, meu avô era morto, o cara não negociava com mulheres, teria que ser com homens só, acho horrível isso. Tanto é que minha avó não vendeu, nem meu pai vendeu, não se acertaram no preço, mas tipo o cara não negociava com mulheres, achei um cúmulo isso, o Ó. (Félix, 27 anos).

Para Michael Kimmel (1998) a constituição da masculinidade envolve uma dupla relação de poder: pautada na desigualdade de gênero entre homens e mulheres e na desigualdade dentro do grupo de homens, estabelecida entre a masculinidade hegemônica e as masculinidades subalternas. Assim, as relações de gênero trazidas pelos interlocutores demarcam essas duas dimensões de poder: a desigualdade ligada à masculinidade, expressa na violência simbólica dos enunciados de gênero reverberados nas diferentes instituições; e a desigualdade expressa a partir da relação heterossexual na família (pai e mãe).

[...] entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (KIMMEL, 1998, p. 105).

Félix descreve como em seu município há uma forte preocupação moral em torno da fidelidade, observável por meio das fofocas sobre os casos de infidelidade. Quando ocorre alguma traição que venha a público, os moradores da cidade exercem controle social através de comentários com o objetivo de afetar a moral do sujeito. Ao ser questionado se tanto as mulheres quanto os homens são julgados igualmente nesses casos, Félix afirma:

²⁹ Os municípios de origem dos interlocutores foram trocados como medida ética de anonimato, os nomes apresentados no trabalho são de municípios que apresentam uma proximidade no contingente populacional, não tendo nenhuma outra relação com as cidades de origem.

[...] falam muito também; em muitos casos julgam a mulher mais, a mulher é mais julgada lá do que o homem em casos de traições. Tem o costume de levar e devolvem para os pais (risos). Isso aconteceu uma vez que eu lembro de uma mulher que andava com o cunhado dela, daí o marido pegou ela, deu um escândalo na época, eu era pequeno. Aí o cara foi lá devolver ela para a mãe dela porque o pai dela já era morto, aí a mãe dela disse “não aceito, você tirou ela da minha casa e agora vai ficar com ela, não aceito de volta”, o cara ficou e estão juntos até hoje, passou aquela época e hoje em dia são os que mais condenam os outros, eles não lembram do que aconteceu com eles (Félix, 27 anos).

Essa prática relatada por Félix da devolução da esposa à família evidencia como a construção do comportamento feminino é pautada em uma série de normas que inclui bom comportamento, virgindade e submissão ao esposo. No inciso IV do artigo 219 do Código Civil Brasileiro de 1916, dava-se a possibilidade do casamento ser anulado caso o esposo descobrisse que sua esposa não era virgem. Esse artigo do código civil foi revogado apenas no ano de 2003³⁰.

A fala de Félix me trouxe à memória uma música que sempre ouvi de meu pai, gaúcho do campo, que poderia ser associado ao gaúcho abordado no trabalho de Ondina Leal (2019), que é aquele que desenvolvia atividades braçais, que tinha histórias de galpão, caçadas e participava de rinhas de galos. A música em questão é “Boiadeiro de palavra”³¹ interpretada por Tião Carreiro e Pardinho, dupla sertaneja popularmente conhecida por ser referência da moda de viola. Conta a história de um boiadeiro de classe trabalhadora, um peão, que enriqueceu após se casar com uma mulher de condição social abastada, dona de grande beleza e cabelos longos. O marido afirma que seus “cabelos compridos são minha maior riqueza, se você cortar nós separa na certeza”. Um tempo depois de casados, a bela jovem corta seus cabelos, para atestar sua palavra e controle sobre a esposa, o boiadeiro de palavra obriga o cabeleireiro a raspar a cabeça de sua amada e obriga-a a andar na praça, acabando por devolvê-la a seu pai “por não achar outro meio”.

A canção descreve como as relações de gênero foram construídas. Ainda que consideráveis mudanças possam ser observadas, os resquícios dessa ordem de gênero ainda estão presentes no comportamento dos indivíduos, principalmente ao estabelecer uma hierarquia de gênero no contexto familiar. Na casa de Lito, quando sua mãe buscou fazer uma pós-graduação em sua área enquanto ele ainda era uma criança, houveram

³⁰ Matéria sobre o assunto disponível em: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/separao-e-virgindade> Acesso em: 14 abr. 2022.

³¹ A letra completa está disponível em <https://www.letras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/720758/> Acesso em: 14 abr. 2022.

conflitos com o pai por conta de isso demandar que ela tivesse que se deslocar à região urbana do município sozinha e durante a noite.

Ainda que haja diferenças na constituição familiar no que tange ao sustento da casa e cuidados domésticos entre Lito e Félix quando comparados ao contexto familiar de Patrick e Eric, esses enunciados de gênero ainda puderam ser observados mesmo com a configuração familiar diferente do “tradicional”. Em vários momentos descritos por Patrick ele trouxe as expectativas sociais que sentia serem cobradas dele, também reproduzidas dentro da família por suas tias. Destacou a cobrança por construir um lar e ser o provedor, “sustentar uma casa, fazer um churrasquinho no domingo, ah acho que isso, sustentar uma casa, comprar suas coisas, esse padrão heteronormativo exige, meninos com carro, meninas no banco do carona”.

Mesmo com o enfoque da pesquisa em compreender a constituição das masculinidades para esses jovens do interior, entender as dinâmicas de gênero no contexto familiar e as cobranças pelas relações heterossexuais, bem como o espaço destinado na esfera social ao homem e a mulher, auxiliam a pensar as relações de poder estabelecidas a partir do gênero. Além disso, contribui para analisar as especificidades que os contextos no interior do Rio Grande do Sul apresentam na constituição da masculinidade particular de cada interlocutor.

3.1.2 O contexto escolar

No intercurso das entrevistas pude compreender que a exigência de determinado comportamento de gênero tem como instituição primária o seio familiar, mas outras instituições sociais desempenham papel importante no controle social sobre o comportamento dos sujeitos. A escola foi destacada como espaço que não sabe lidar com a diferença expondo esses sujeitos a violências. Para Miskolci (2012) a escola é um espaço em que discursos ligados ao gênero e sexualidade são reiterados através do regime de heterossexismo.

Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. Um exemplo de heterossexismo está nos materiais didáticos que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher. A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. Ela se expressa, frequentemente, de forma indireta, por exemplo, por meio da disseminação escolar, mas também midiática, apenas de imagens de casais heterossexuais. Isso relega à invisibilidade os casais formados por dois homens ou duas mulheres. A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no

modelo heterossexual, familiar e reprodutivo (MISKOLCI, 2012, p. 43).

O espaço escolar torna-se parte de uma estrutura que normaliza determinados comportamentos de gênero, a escola corresponde a um importante espaço de socialização para além do contexto familiar e ocupa grande parte da formação dos sujeitos. No espaço escolar, determinados comportamentos de gênero ocasionam violências que os interlocutores foram submetidos por apresentarem uma masculinidade distante da exigida, as formas de retaliação quanto ao gênero provieram de outros alunos e de professores. Na escola do campo em que Lito estudou havia um aluno mais velho que sempre o perseguia no recreio. O motivo principal das agressões, segundo ele, estavam relacionados a sua aparência, por ser filho de uma professora da escola e ligados à homofobia.

A escola é caracterizada por Guacira Lopes Louro (2000) como reprodutora de um “currículo oculto” que se estende além dos planos pedagógicos. Esse termo é utilizado pela autora para tratar da reprodução normativa de valores; e, como o ambiente escolar fragiliza e exclui sujeitos não conformes à norma. Patrick relata um constrangimento advindo de uma professora que, em uma aula em que ele estava usando uma camiseta de cor rosa que era da sua avó, interrompeu o conteúdo para apontar diretamente para Patrick e dizer que ele estava parecendo “uma mulher”.

Patrick: Teve uma vez que fui com uma camisa rosa linda que eu tinha achado no guarda-roupa da minha avó, e ela era bem clima anos 80 e eu fui com ela para escola me achando a vintage; e aí essa professora disse, parou a aula e falou assim “*meu deus tu parece uma mulher*”, ela era uma professora bem *tantan*, ela falou “*nossa tu parece uma mulher*” e ficou um tempo parada refletindo, viajando, não sei se causei alguma desconstrução mais brusca nela, não sei se eu feri ela de alguma maneira, trouxe alguma memória, mas ela parou a aula e disse “*tu tá parecendo uma mulher*” não lembro mais o que ela disse, eu lembro do momento que ela parou e me olhou e eu fiz uma cara de “??”, “tu também parece uma mulher”, isso é problema pra alguém?

Daniel: *Como seus colegas reagiram nessa situação?*

Patrick: Foi no primeiro ano do ensino médio né, então já estava nos 15 anos, já havia me aceitado como gay e aí ela... ficou todo mundo em choque assim porque ninguém esperava aquele comentário, eu estava conversando sei lá o que estava fazendo, ficou como mundo “o que está acontecendo aqui? do nada isso”.

Apesar de apenas a aparência e o jeito de Patrick já contestarem o regime normativo de gênero, ele assumiu uma posição discursiva ao responder sua professora.

Nessa época ele já havia confirmado para os colegas sua sexualidade e o fato de seu comportamento destoar do que era normalizado causava uma ruptura nas concepções de gênero das pessoas em seu entorno.

Connell e Pearse (2015) tensionam a maneira como os sujeitos e instituições compreendem que gênero não é natural e por isso estabelecem mecanismos para punir os transgressores da ordem de gênero. Elas citam a maneira como a homossexualidade é vista como anti-natural, mas ainda assim se fazem necessárias leis que têm objetivo de acabar com “tais comportamentos”. As situações de violência experienciadas pelos interlocutores na escola produziram constrangimentos e silenciamentos. Eric também relata uma situação de desconforto que vivenciou em um desfile de brincadeiras escolares, por ter feito uma pose considerada “feminina” sua professora o retirou imediatamente do espaço em que estava com os demais colegas. Em um primeiro momento a estrutura de gênero pode parecer rígida e nítida na superfície (CONNELL; PEARSE, 2015, p.39), mas ao olhar de perto podemos ver que simplesmente colocar a mão na cintura pode desestabilizar toda essa estrutura.

Nossa, tem uma situação que eu nunca esqueço. Eu estava na primeira série, todo o ano na escola - não sei se na sua cidade também - mas o povo faz uma série de brincadeiras tipo desfile, coisa assim, concurso essas coisas. Eu tinha sete anos e aí tá, iria num desfile na escola; e tem jeito de menino desfilar e tem jeito de menina, pelo menos naquela época tinha, dois mil e pouco. E aí chegou a minha vez e a minha referência de desfile de modelo, essas coisas, era a Gisele Bunchen. E aí na hora de desfilar eu fui muito afeminado com a mão na cintura e tudo mais. Aí a professora veio me tirou e me colocou em uma sala, me deixou lá, eu nem lembro o que aconteceu. Mas coisas que eu hoje enxergue como algo que talvez tenha tido alguma coisa a ver com sexualidade ou algo do tipo foi essa ocasião, para mim foi bem marcante [...] o que marcou para mim assim foi ela me tirando, mas eu não lembro do que ela me falou ou se ela falou alguma coisa (Eric, 26 anos).

Essas situações vivenciadas pelos interlocutores revelam a maneira como determinadas instituições se tornam produtoras do gênero. Ao passo que esses jovens se afastaram do que é concebido como comportamento ideal masculino, no caso de Patrick por utilizar uma camiseta de cor “feminina” ou de Eric por incorporar trejeitos “femininos”, foram alvos da violência que regula os corpos no espaço escolar. Louro (2000) trata sobre como a escola reforça discursos normativos sobre o gênero, e em contrapartida, sufoca outras formas de construir-se sujeito.

As tecnologias utilizadas pela escola alcançam, aqui, o resultado pretendido: o autodisciplinamento, o investimento continuado e autônomo do sujeito sobre si mesmo. Com a cautela que deve cercar todas as afirmações pretensamente gerais, é possível dizer que a masculinidade forjada nessa instituição particular almejava um homem controlado, capaz de evitar “explosões” ou manifestações impulsivas e arrebatadas. O homem “de verdade”, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Conseqüentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto, características femininas. (LOURO, 2000, p. 14).

A Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil³² realizada no ano de 2016 com o tema “as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais”, teve uma amostra populacional de 1.016 estudantes entre 13 e 21 anos de idade, que frequentavam o ensino regular no ano de 2015 e se identificavam com uma identidade de gênero e/ou sexualidade não normativas. A partir da aplicação de questionários de forma remota, concluiu-se que 60,2% dos jovens sentiam-se inseguros no ambiente escolar por causa de sua sexualidade. Já o percentual de jovens que se sentiam inseguros por conta de sua expressão de gênero totalizou 42,8%. Esses dados evidenciam como o espaço escolar apresenta entraves e não consegue resolver de modo satisfatório problemas relacionados a gênero e sexualidade.

Outro dado decorrente do questionário está ligado aos espaços escolares evitados com frequência por esses estudantes, 38,4% afirmam evitar utilizar o banheiro por se sentirem vulneráveis e 36,1% evitam atividades relacionadas à prática de educação física. Ao questionar os interlocutores sobre a aula de educação física no ambiente escolar, Eric e Félix relataram não gostar da disciplina. Para Félix, a aula era ruim pois as atividades desempenhadas centraram-se em jogar bola (futebol), esporte que ele praticava devido a pressão social e a divisão generificada da aula.

Na escola de Eric os alunos que não tinham interesse na disciplina participavam da banda marcial da escola, que tinha como objetivo ensaiar para festividades como Sete de Setembro. Esse espaço foi caracterizado como um momento em que podiam ser eles mesmos, sem tanta vigilância acerca do seu gênero. Para Eric a banda marcial da escola era uma possibilidade de fuga das relações generificadas estabelecidas na aula de educação física, que o intimidava.

³² Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2018/07/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>
Acesso em: 20 abr. 2022.

Mas no ensino médio eu gostava mais da banda, que eu participava da banda da escola. E aí lá a gente escolhia, ou jogava handebol, futsal ou basquete. E aí quem não gostava de fazer esporte ia para a banda da escola, e aí eu era uma dessas pessoas. É curioso porque todos os gays da escola iam para a banda. Ninguém queria fazer educação física (risos) acho que tinha muito. Eu acho que esse negócio da educação física também é muito, não sei, tem um destaque assim, acho que pelo menos entre os gays. Porque é o momento, pelo menos a maioria dos que eu conhecia não gostavam de fazer, então quando o professor falava “Ah hoje a gente vai jogar futebol”, rolava uma tensão (Eric, 26 anos).

A tensão descrita por Eric com relação a prática do futebol evidencia como a distinção de gênero na escola é acentuada nessas ocasiões pelo fato de professores reforçarem o futebol como atividade masculina e voleibol ou ginástica como femininas, o que coloca as pessoas que não gostam dessas modalidades esportivas em situações de desconforto. Eric relata que a banda da escola era um lugar em que ele podia relaxar um pouco, “era um espaço legal assim, era um espaço onde eu sentia que a gente podia ser mais a gente assim, não precisava ficar tentando manter uma postura para evitar ser alvo de uma piada, algum comentário ou alguma coisa”.

Já na experiência escolar de Lito, a aula de educação física foi citada como uma das melhores disciplinas que ele frequentou ao longo do ensino médio, esse fato ocorreu pois em sua escola ficava a critério do aluno escolher qual modalidade de esporte gostaria de praticar. Assim, ao invés de se estabelecer uma divisão generificada nesse espaço, o estudante opta por escolher uma modalidade em que se sente confortável. A prática de esporte é mista e contribui para que estudantes com uma masculinidade não normativa possam se sentir mais confortáveis.

3.1.3 Relações sociais

Além do ambiente familiar e escolar, as relações sociais estabelecidas por esses jovens, sejam de amizade ou vizinhança constituídas em seus contextos de origem, tiveram impacto ao estender os pressupostos de masculinidade e sexualidade com os quais tiveram contato na família e escola. Durante a apresentação dos interlocutores ressaltei algumas relações sociais que puderam ser vistas como produtoras de noções acerca do gênero e masculinidade.

Na narrativa de Patrick, as relações entre homens que frequentavam a mercearia de seu pai afirmavam nesse espaço discursos sobre a masculinidade construídos a partir

da afirmação da heterossexualidade, o que ocorria através da rejeição da homossexualidade e de homens afeminados. Como visto anteriormente, a produção da sexualidade e de certo ideal de masculinidade operam sob o mesmo regime: são relações que necessitam de outras sexualidades e masculinidades para se definirem. Segundo Tomaz Tadeu Silva (2000) a identidade é uma afirmação daquilo que se é, como por exemplo, “ser heterossexual”. Em contrapartida, essa afirmação carrega consigo a negação daquilo que não se é, no mesmo exemplo, não ser homossexual ou bissexual. Ao incorporar as disparidades sociais entre as sexualidades é notório que a produção da diferença, do “outro”, ocorre a partir da atribuição valorativa inferior, assim, a heterossexualidade se constrói a partir daquilo que ela não é, e como consequência, define a homossexualidade nesse processo.

O “outro” se configura como o diferente daquilo que se espera dentro das relações entre sujeitos, se torna uma figura que destoa da moralidade ideal. O “outro” é uma identidade atribuída a um grupo diferente, dessa maneira, a diferença produz dois grupos distintos. O “nós”, que simboliza a identidade dominante, composta por sujeitos que compartilham dos mesmos signos e experiência de vida; e os “outros”, que são todos os sujeitos que se distanciam dessa identidade. Na produção da sexualidade e do gênero nos contextos de origem dos interlocutores, o “outro” é resultado da concepção de masculinidade e sexualidade dominante, por não haver conformidade com esse modelo. O grupo “nós” sinaliza os sujeitos que correspondem a esses ideais, sendo uma identidade vista como universal e que exclui a partir da diferença.

A produção da (hétero)sexualidade nesse contexto em que Patrick viveu, igualmente aos demais interlocutores, ocorria a partir da negação da homossexualidade através de discursos que colocavam sujeitos homossexuais como motivo de escárnio. Além da sexualidade, masculinidades que se aproximavam do feminino eram igualmente alvo de “piadas” que tinham como intuito reforçar a norma de masculinidade. O controle do gênero e da sexualidade ocorreu de forma semelhante no bairro em que Eric morava com a mãe e o irmão. Os filhos dos vizinhos se reuniam quando não estavam na escola e reforçavam determinada norma de masculinidade e sexualidade. Eric conta que se sentia inseguro se não compartilhasse das mesmas práticas que o grupo, pois seria posto como o “outro”, o “diferente” e isso poderia ocasionar em bullying ou assédio moral por parte do grupo. Dessa maneira, ele endossava “piadas” feitas a sujeitos “diferentes” e comentários acerca da masculinidade, ambas ações como mecanismo para se preservar.

Eu sentia medo de ser diferente deles e por algum motivo, tipo de haver algum tipo de bullying, assédio moral ou coisas do tipo assim [...] Falar de uma mulher, comentar sobre uma mulher que passa na rua essas coisas sabe? De “nossa que gostosa, que mulher isso, que mulher aquilo”. Acho que principalmente esse tipo de coisa assim acontecia muito; e aí eu estando ali na mesma rodinha que eles, se eu não compartilhasse daquela coisa ali também; não sei, seria estranho, chamaria atenção (Eric, 26 anos).

O medo da exposição, de se distanciar do grupo, impactou a constituição da masculinidade desses sujeitos. O menor movimento em falso poderia colocar todo seu esforço e a aparente heterossexualidade por “água abaixo”. Eric afirma que queria ser invisível, passar despercebido, compartilhar dos mesmos signos até se encontrar desaparecido no meio da multidão. Da mesma maneira Patrick, na infância, reproduzia os mesmos pressupostos compartilhados pelo grupo, mesmo sendo um comportamento que lhe causava desconforto.

Para Lito, as relações que construiu além do espaço escolar e familiar ocorreram quando ele frequentava o CTG de sua linha rural. Ele descreve que nesse período teve sua primeira paixão por um menino que participava do grupo. Esse espaço para ele não teve o mesmo impacto no controle da sexualidade e masculinidade como para os dois interlocutores anteriores, mas as dinâmicas de gênero podem ser observadas a partir das vestimentas, do papel que cada sujeito desempenha na dança, das normas de gênero para os frequentadores desse espaço. No entanto, apesar desses “códigos de conduta”, haviam sujeitos que não compartilhavam desses signos que eram comuns e transgrediam a esses papéis determinados.

Mas naquela época tinha muito essa questão dos papéis, mas tinha muitas mulheres no CTG que elas não se enquadravam, tinha mulheres... tinham muitas mulheres dançando com mulheres, isso eu observava sempre, tinha muitas mulheres de bombacha que não queriam saber de vestido de prenda e elas... e elas eram tipo um posicionamento muito incisivo assim, elas não chegaram a patroas do CTG, mas elas participavam como tesoureira ou outros cargos ali do CTG. Então, nesse sentido dos papéis eu sentia que tinha assim e eu naquela época não estava ciente assim se elas sofreram machismo ou não e naquela época nem pensava nessas coisas, mas eu vi que elas tinham um posicionamento muito forte (Lito, 24 anos).

Lito gostava bastante do seu grupo de CTG, principalmente dos ensaios em que eram desenvolvidas as coreografias, porém ele não gostava dos espaços dos bailes, nem das competições entre centros. Para ele, nesse cenário as músicas e passos eram repetitivos, os ensaios com seu grupo de CTG simbolizam um momento de maior expressão artística e corporal e envolvia um menor policiamento de seu comportamento, pois o corpo estava em movimento e realizava os passos de dança a partir da instrução do coreógrafo. Já no baile, a carga retornava pois era um espaço que apresentava suas regras e papéis, mesmo quando os sujeitos não aderiam completamente.

O policiamento com relação ao seu comportamento foi se instituindo desde muito cedo. Lito relata uma situação que evidencia a disciplina imposta para que o corpo desempenhe a masculinidade em seus gestos, postura, forma de andar etc. Durante uma visita à UFSM com sua mãe e colegas da escola, ao descer uma arquibancada foi repreendido pela mãe por estar fazendo algo que não era de “homem”.

[...] eu lembro que uma vez, a gente foi num passeio e a minha mãe também estava e eu estava descendo as arquibancadas de um jeito super gay e aí a minha mãe falou para eu parar de fazer aquilo porque tipo aquilo não era coisa de homem. Isso eu lembro bem e depois a gente vai né... vai se policiando, cada vez mais vai reprimindo muita coisa. Na infância não tinha essas repressões, brincava de boneca junto com minhas primas, cresci com três primas e com referências femininas de cultura pop, elas assistiam a Xuxa, elas tinham várias bonecas e vários DVDs da Barbie. Até um 10 anos mais ou menos que aí começa “ah vai.. não pode, não pode brincar sozinho” às vezes até quando a gente ia para o campo (Lito, 24 anos).

Na narrativa dos interlocutores, as relações sociais para além da escola e da família tiveram impactos distintos na configuração da masculinidade de cada interlocutor. Para Patrick e Lito, esses espaços apresentaram menor coerção sobre determinado comportamento de gênero quando comparado com a esfera familiar e escolar. Para Eric, as relações com seus vizinhos ainda impactam a maneira como ele se comporta quando retorna à sua cidade de origem.

Durante as entrevistas de Félix, as relações sociais em seu município se mostraram bem mais impactantes e coercitivas do que para o restante dos interlocutores de pesquisa. Quando Félix descrevia seu município sempre trazia casos de moradores locais que foram expostos por apresentar um comportamento considerado imoral e tinham sua imagem pessoal destruída publicamente.

Nas histórias que ele trouxe, a infidelidade e a homossexualidade atraíam com veemência a reprovação pública. Os casos em que a homossexualidade era descoberta tinham um impacto devastador sobre o sujeito que fora exposto. Félix relata a história de uma mulher de sua cidade que fora descoberta tendo um namoro com outra mulher e a violência simbólica a qual ela foi submetida fez com que ela tivesse que ser internada pois havia tentado se matar. Desse mesmo fato, a mulher relatou estar vendo um rapaz, que segundo os moradores locais, havia se matado por ter sido pego em uma relação homoerótica.

Daí ela veio para Santa Maria e internaram ela no hospital de Santa Maria, segundo o povo “na parte dos loucos”, na ala psiquiátrica universitária. Ai diz que a guria falava com uma pessoa, um espírito, aí ela foi na psicóloga, levaram no psiquiatra ou psicólogo. Ela contou que ela enxerga um guri que ele morava lá para aqueles lados e se matou em 2018, só que na época contava que o guri se matou porque... ele... eles plantavam fumo e ele não foi botar o veneno, quando chegou em casa a mãe bateu nele, ele já tinha 22 anos e disse que tinha ido para bailão lá em outro município. Aí ele se matou enforcado, passou o tempo de 2018 para 2021, agora três anos depois essa menina conhecia o guri que morreu, que aparece para ela, porque ele era gay e tinha um caso com outro guri que morava perto, e ocasionalmente depois que esse guri se matou, o guri que ele tinha o caso teve depressão. Foi bem comentado na época porque esse outro guri teve depressão e tal tentou se matar. Mas só que pensavam que eram bem amigos, agora veio a público essa história (Félix, 27 anos).

Félix relata, a partir dos comentários de sua avó, sobre uma situação específica que teria desencadeado o adoecimento mental de Felícia³³. Após uma discussão verbal com outro morador da cidade, esse confronto se desencadeou em uma tentativa de agressão física a facção por parte de Felícia.

Então, ela ficou bem surtada da cabeça. Minha avó falou que essa guria estava num bolicho lá perto da casa dela e estava lá um cara que até é casado com uma parente do meu pai. Ele disse "Felícia, que graça você acha namorar/andar com outra guria?", ai essa Felícia disse “a mesma que você acha de ser corno, que sua mulher anda com a metade de Quevedos e tua filha que anda com a metade do estado”, porque ela filha dele era mesmo muito *xina* mesmo, aquela é verdade que ela, se tem uma pessoa que andou com todo mundo, se teve uma pessoa que aproveitou foi aquela. Aí diz que aquela Felícia falou “não dá nada o Rio Grande é grande” que ela disse da

³³ Nome fictício de uma das moradoras de seu município natal que havia sido exposta enquanto mulher lésbica, sendo alvo de violência simbólica.

mulher e filha que são xinas. Ai ele disse que ela era uma pervertida e ia para o inferno, “o demônio vai ter levar, teu lugar no inferno ta garantido, tu e o governador”, que a primeira coisa que eles falam é no governador que também vai para o inferno, o “governador³⁴ da mal exemplo e é isso que acontece” (Félix, 27 anos).

Félix ressalta que os acontecimentos comumente são distorcidos e aumentados pelos moradores locais, assim, não há comprovação dos fatos que relata, mas mesmo assim, o interessante é observar que essas situações ainda que distorcidas exercem controle sobre os habitantes locais, tendo capacidade de afetá-los de muitas formas. Na situação acima há a vigilância do comportamento feminino heterossexual, como por exemplo, ao utilizar das supostas experiências sexuais da filha do homem, ao evocar o termo “xina” utilizado para designar mulheres que teriam um comportamento “promíscuo” por terem muitos parceiros sexuais; e do controle da sexualidade, ao terem mobilizado que por ter constituído relacionamentos homoeróticos Felícia já teria um “lugar no inferno”.

Ainda, é ressaltado nessa situação um exemplo de moralidade reprovável, quando o homem afirma que o governador Eduardo Leite presta seu mau exemplo de conduta à população, o que em sua visão propicia que determinados sujeitos sigam seu exemplo errôneo. Esse exemplo do governador Eduardo Leite esteve presente em outras situações que ele relatou. Em seu município, Félix enumerou muitos casos em que houveram desdobramentos a partir da exposição dos desejos homoeróticos, o que faz com que muitos sujeitos homossexuais deixem seu município de origem. Essa afirmação também esteve presente na narrativa de Eric, que diz que todos os seus amigos tiveram que deixar seu município. Essa questão reforça que esses contextos são intolerantes a determinados sujeitos, porém tal afirmação deve ser revista com certa cautela.

Eu sei de um guri que morava em Quevedos, que mora lá em Porto Alegre agora, eu vi no Face que ele se declarou. Tem esse guri que eu contei da aula lá que os outros falavam muito, que agora mora em Santa Maria. Há muito tempo atrás tinha um que era o médico de lá, hoje é médico daqui (Santa Maria), o pai dele pegou ele e outro cara lá no cocho de sal. O pai do outro guri mandou ele para Porto Alegre, hoje o guri é advogado, mora em Porto Alegre, não voltou mais para Quevedos. E o pai do guri (que é médico)

³⁴ A fala se refere a Eduardo Leite que exercia mandato como governador do Rio Grande do Sul de 2019 a 2022, Eduardo Leite se assumiu publicamente homossexual em julho de 2021, o que no município de origem de Félix passou a vê-lo com grande reprovação e utilizando de seu nome para reforçar a moralidade existente.

mandou ele para Santa Maria, morar para cá, depois ele também se tornou médico; e hoje ele é casado com mulher, era! porque a mulher deixou dele a pouco tempo. Um escândalo, porque foi um casamento arranjado, o pai dele arranjou para não ficar feio, para abafar o escândalo (Félix, 27 anos).

Apesar de construírem suas narrativas ancoradas nessa premissa, os interlocutores exibiram diversas possibilidades de experiência da homossexualidade dentro de seus contextos de origem. Patrick relata ter seu melhor amigo gay morando em seu município de origem. Já Eric afirma que quando volta para sua cidade faz vários rolês diferentes com seus amigos e amigas gays e lésbicas. Félix afirma que existem rumores de uma suposta homossexualidade de determinados sujeitos dentro de seu município, como o caso de um homem mais velho, seu parente distante, que por não ter constituído casamento e ser uma pessoa sozinha dizem os boatos que ele seria homossexual. Ainda que a vivência da homossexualidade não ocorra de maneira semelhante ao que eles experienciam em Santa Maria, essa questão não anula o fato de que ela está presente nesses contextos, ainda que sob a forma de rumores, de uma homossexualidade “mais discreta”. Ao analisar envelhecimento e homossexualidade o antropólogo Guilherme Passamani (2017) critica a concepção de que sujeitos homossexuais só conseguem viver a homossexualidade ao se mudarem para grandes centros urbanos. Através de sua pesquisa é possível observar a maneira como estar perto do convívio familiar modifica as possibilidades de encontros afetivos e sexuais, mas não os anula por completo.

3.2 “NOS DAMOS BEM, SÓ NÃO FALAMOS SOBRE ISSO”: REGIMES DE VERDADE E HOMOSSEXUALIDADE

A partir do trabalho de campo e à medida que a pesquisa tomou profundidade através das entrevistas semiestruturadas com quatro jovens residentes em Santa Maria, tornaram-se evidentes questões relacionadas à visibilidade da homossexualidade, visto que a gestão da sexualidade não se limita à interface do aplicativo. E o fato dos interlocutores destacarem grande exposição de perfis com fotos de rosto não significa uma reivindicação pública da homossexualidade, a visibilidade da homossexualidade não se limita apenas ao aplicativo. Dessa forma, busquei entender em quais espaços esses jovens sentem-se confortáveis ou não para expor sua homossexualidade.

A gestão da visibilidade da homossexualidade é conhecida como dispositivo do armário (SEDGWICK, 2007). No imaginário social, os sujeitos não conformes com a heterossexualidade vivem um processo de “sair do armário” ao reivindicar publicamente uma identidade não heterossexual. Mas a análise produzida por Eve Sedgwick (2007) evidencia que o armário é na verdade um “dispositivo da sexualidade”, que gerencia a sexualidade de todos os sujeitos durante toda sua trajetória.

O segredo e a revelação são pares de oposição que funcionam sobre a mesma gramática. Sedgwick (2007) inicia seu texto trazendo processos judiciais nos Estados Unidos onde a visibilidade da sexualidade (ou a falta dela) colocaram determinados sujeitos em destaque dentro do ambiente profissional, pessoal e público. Visibilizar demais ou de menos a sexualidade evidencia a constante regulação que sujeitos LGBTs devem ponderar cotidianamente, o segredo e a revelação adquirem posições arbitrárias como evidencia Sedgwick (2007). Há sujeitos que gostariam de saber menos, preferindo repousar sobre a desconfiança, e assim, a gestão do armário torna-se uma estrutura definidora da exposição (ou não) da sexualidade para cada interlocutor.

Conforme Sedgwick (2007), o dispositivo da sexualidade é consequência do regime heterossexista. A discussão acerca do regime da sexualidade tem seu principal referencial em Michel Foucault (2010), que afirma que não vivemos um regime repressivo com relação ao sexo (sexualidade), mas que nunca antes houve tanta estimulação discursiva sobre o assunto. “Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos” (FOUCAULT, 2010, p. 29-30). Foucault salienta as diferentes maneiras do não-dizer, os muitos silêncios que fazem com que apenas uma sexualidade seja reconhecida como natural, saudável e desejada.

Na vida de meus interlocutores os regimes de verdade acerca da sexualidade foram produzidos nos diferentes espaços que transitaram, como efeito disso obrigou que estabelecessem estratégias e negociassem sua sexualidade no município de origem, na cidade de Santa Maria e através das mídias digitais. Dessa forma, irei discorrer sobre o regime de visibilidade da homossexualidade a partir da vivência desses quatro jovens universitários que migraram de seus municípios de origem, no interior do Rio Grande do Sul, para Santa Maria. A frase ou o sentido dela, “nos damos bem, só não falamos sobre isso” esteve presente nas narrativas de três interlocutores sobre a questão da homossexualidade na família, sugerindo que para ter uma boa relação se deve evitar tocar no assunto da homossexualidade.

A formação do regime de visibilidade é composta pela pressuposição normativa da heterossexualidade, e, conseqüentemente, por uma sucessão de discursos que normalizam a heterossexualidade e conduzem a homossexualidade como anti-natural, como perversão e algo a ser escondido do olhar público. Sedgwick (2007) utiliza da história bíblica e literária de Esther para análise. Ao se “assumir” judia ao rei Assuero para evitar a condenação de seu povo, ela experiencia vários pontos que são comuns na vivência de sujeitos que escondem o segredo da sexualidade. São sinalizados pela autora a angústia e o medo de “confessar” a homossexualidade para amigos e familiares, mas essa questão vai muito além.

Para Sedgwick (2007) o dispositivo de visibilidade da homossexualidade está presente na vida de todos os sujeitos homossexuais e pode se estender a quem está ciente do segredo. Para ela sempre ocorrerá em algum círculo social novas situações ou pessoas que fazem necessário que o sujeito comunique ou esconda sua sexualidade. Na vida dos interlocutores, o armário fez e faz parte dos círculos sociais, relações familiares, amizades entre colegas de escola, colegas universitários, entre outros. A revelação da homossexualidade em qualquer uma dessas situações não representa uma ruptura completa com a gestão da sexualidade.

Constrangimentos sociais, medo da rejeição familiar, perda de apoio familiar e financeiro, preocupação com a segurança pessoal, são questões que fazem com que a vigilância da sexualidade esteja sempre presente. Dos interlocutores que assumiram sua sexualidade na família, Patrick e Eric, ao adentrarem seus respectivos estágios acadêmicos novamente se depararam com as problemáticas: até que ponto desejam comunicar sua sexualidade? De que maneira expor sua homossexualidade pode afetar essas novas relações sociais? Essas são questões que cercam os sujeitos não-heterossexuais e que Sedgwick (2007) discute em sua argumentação teórica.

Antes de adentrar a gestão da sexualidade para os interlocutores, é necessário compreender de que maneira se construiu a visão da homossexualidade para que esta se tornasse uma questão tão central na vida desses sujeitos. De que maneira os discursos históricos relegaram a homossexualidade à subalternidade e fizeram com que se “assumir homossexual” ou ser tirado do “armário” fosse um catalisador para arruinar as relações sociais?

Para compreender a visão negativa da homossexualidade é necessário entender sobre sua construção. Foucault (2010) analisa historicamente a construção da figura do homossexual no século XVIII, antes do surgimento da homossexualidade enquanto

característica intrínseca ao sujeito (identidade) ela simbolizava um comportamento chamado de pederastia. Ao passo que a pederastia representava uma prática e a homossexualidade passou a representar um sujeito, houve uma mudança de compreensão, e a homossexualidade não se tratava apenas de uma prática ou comportamento, mas sim de uma doença.

A concepção da homossexualidade enquanto doença representa um discurso. Para Foucault (2012) o discurso é descrito como “controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório” (FOUCAULT, 2012, p. 8-9). O discurso é um mecanismo a qual se instauram regimes de verdade, se utilizando de diferentes instituições como elementos de rarefação de um discurso. Na experiência dos interlocutores é possível identificar diferentes discursos acerca da homossexualidade em instituições como família, escola e a igreja. Para Foucault (2012):

O discurso nada mais é que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos, e, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2012, p. 49).

Ao conversar com os interlocutores sobre o medo em ser percebido como homossexual, identifiquei que essa preocupação surgiu através do retrato negativo da homossexualidade. Desde cedo (antes da descoberta de sua sexualidade) já estavam em contato com a reprodução de determinados discursos que construíram sua percepção (negativa) da homossexualidade. Como dito anteriormente, Michel Foucault (2012) denomina como regime de verdade um aparato complexo que se constrói a partir do estímulo de determinados discursos, e sufocamento de outros, e que é produtor na vida dos sujeitos. A teoria de Foucault tem grande destaque a partir de sua análise do poder, em que o autor identifica que este é produtor, e não somente repressivo, além de ser relacional, pois não se detém o poder, o que existe são relações de poder.

Comparando a heterossexualidade e a homossexualidade o autor identifica que há uma relação de poder pois os regimes de verdade que foram produzidos sobre a homossexualidade a colocaram ao longo da história como anomalia, doença, perversão, passando a orientar os sujeitos à uma heterossexualidade desejada, visto que esta se coloca como natural e saudável. Seguindo o pensamento foucaultiano, Joan Scott (1990)

descreve que ambas as sexualidades (homo e hétero) compartilham da mesma economia fálica. Reguladas por pressupostos semelhantes, participam de um “jogo” em que uma necessita da outra para se definir. A heterossexualidade se define a partir do que ela não é, ou seja, homo ou bissexualidade. Para além disso, segundo Scott (1990) as definições da homo e heterossexualidade são fundadas em pares de oposição, como natural e anti-natural, promíscuo e contido, saudável e doença (p. 304).

Félix relatou que o medo com relação a sua sexualidade se construiu através de enunciados religiosos que, segundo ele, condenam os homossexuais ao inferno. Ao retratar seu município de origem e conseqüentemente seus familiares, afirmou que esses vivem “ainda no século XIX”, em razão disso, declara que demorou muito tempo para compreender que existia possibilidade de vida fora do seu município.

É digamos que hoje em dia isso não me incomoda mais, até tipo eu já me *perdoei* por ser assim, também até já me “*aceitei*”, entre aspas assim. É e eu não quero que saibam, eles não podem ficar sabendo tal porque eu acho que não resistiria a uma *humilhação* assim de ser descoberto né; eu me *suicidaria com certeza*, sem dúvida nenhuma se eu fosse descoberto (Félix, 27 anos, grifos meus).

Na gestão de sua sexualidade ele reconhece ter se aceitado assim, mas, como já dito, conta que em hipótese alguma gostaria que sua família soubesse acerca de sua sexualidade. A partir das afirmações de Félix podemos identificar como ele ainda atribui certa vergonha a sua sexualidade, logo no início das entrevistas Félix apresentou resistência com os termos “gay” ou “homossexual” para se referir ao seu desejo homoerótico, fato que indica que ele apresenta um constrangimento com relação a exposição da sua sexualidade.

Em seu município, as representações de homossexuais são motivo de escárnio público, onde os sujeitos evocam figuras públicas para satirizar sua sexualidade e condená-las ao inferno. Em sua família, após a publicização da sexualidade do então governador Eduardo Leite passaram a satirizar a homossexualidade e usá-lo como exemplo de comportamento reprovável. Gayle Rubin (2012) afirma existir uma hierarquia com relação às práticas sexuais, onde sumariamente as posições mais altas da pirâmide são compostas pelas diferentes formas de configuração da heterossexualidade (marital, monogâmica, reprodutiva), em que são garantidas posições de privilégio. Ao passo que esses discursos ecoam com facilidade nesses contextos, são responsáveis por

produzir um sentimento de vergonha, medo, calúnia, violência física etc, que incide sobre os sujeitos que se distanciam dessa norma (RUBIN, 2012, p.16).

Esse medo se estende não somente ao sujeito homossexual, mas acomete seus familiares. Eric relata que ao assumir-se para sua mãe sentiu vergonha e rejeição, o que fez com que após o ocorrido ele se ausentasse por alguns dias do convívio familiar, retornando posteriormente. Além da vergonha com relação aos familiares, pois pediu a sua mãe que não contasse a seu irmão sua homossexualidade, Eric lidava com o olhar incisivo da vizinhança e via sua sexualidade como algo que devia esconder para não ser identificado na rua “como o filho viado da Tereza”.

Ao falar sobre o momento em que se assumiu para sua mãe, ele não classifica a postura da mãe como intolerante, mas sim de preocupação, em que o primeiro esboço de apreensão incidiu sobre o HIV/AIDS. O sociólogo Richard Miskolci (2017) discute acerca do pânico sexual do HIV/AIDS que acometeu os homens homossexuais a partir da década de oitenta. Ao ser concebida como uma infecção proveniente dos gays, resultou em um descaso dos agentes do Estado, nos Estados Unidos a partir de movimentos sociais como *Act Up*³⁵ é que o Estado passou a se importar minimamente com a população LGBTQIAP+ na época da epidemia.

Os pânicos morais são descritos por Gayle Rubin (2012) como estratégias discursivas que buscam exercer controle sobre figuras sociais que representam periculosidade. A associação da homossexualidade com a promiscuidade, visto como algo capaz de corromper a estrutura familiar, relega essa sexualidade ao espaço do “não dito”, como efeito do controle discursivo.

Os pânicos morais raramente aliviam um problema real já que eles focam em quimeras e significantes. Eles tomam a preexistente estrutura discursiva em que se inventam vítimas para justificar o tratamento dos “vícios” como crimes. A criminalização de comportamentos inócuos como a homossexualidade, prostituição, obscenidade, ou consumo recreativo de drogas é racionalizado ao representá-los como ameaças a saúde e segurança, mulheres e crianças, segurança nacional, a família, ou a civilização em si mesma. Mesmo quando a atividade é entendida como inofensiva, pode ser banida pela alegação de “levar” a algo ostensivamente errado (RUBIN, 2012, p. 36).

³⁵ Grupo político fundado na década de oitenta nos Estados Unidos que manifestava-se em prol de políticas públicas para a população afetada pela epidemia do HIV/Aids.

Apesar de os conhecimentos sobre a infecção comprovarem que ela independe da sexualidade, o que faz com que em vários países haja uma porcentagem maior de infectados identificados supostamente como heterossexuais³⁶, ainda é possível visualizar os estereótipos que circulam no debate público e vulnerabilizam homens homossexuais. Um exemplo recente é o caso das afirmações da cantora gospel Ana Paula Valadão, que em 2020 associou a AIDS como castigo divino para a população homossexual³⁷. Dessa forma, os regimes de verdade da sexualidade se utilizam de diferentes discursos para estabelecer o “bom” e o “mau” sexo. No caso da cantora gospel, o sexo entre homens ocasionaria uma infecção que leva a morte, o mesmo não ocorreria com o sexo entre um homem e uma mulher, visto que é concebido como um bom sexo.

Os resquícios ou reverberações do pânico do HIV/AIDS também podem ser observados a partir dos diálogos que estabeleci com Patrick. Em seu município os sujeitos identificados como homossexuais tinham sobre si, atribuído pelos moradores locais, o estigma da infecção. Caso esses sujeitos notassem mudanças corporais circulavam no debate público afirmações como: “você viu fulano? Como emagreceu, só pode estar com AIDS”. Dessa maneira, as associações feitas a homossexualidade como algo impuro, pecaminoso, que resulta em uma doença e a morte, são estratégias discursivas que produzem no meio social o medo de ser associado a tal figura, o que por sua vez resulta nas angústias experienciadas por esses sujeitos ao se afastarem da heterossexualidade.

Os discursos sobre homossexualidade com os quais Patrick se deparou durante seu desenvolvimento centraram-se na intolerância, sendo todos de cunho homofóbico. Seu pai era dono de uma mercearia/bar local que servia como um espaço de homosociabilidade, lugar em que eram reafirmados discursos acerca da masculinidade e sexualidade. Patrick conta que uma das “brincadeiras” que recorda nesse espaço é quando os homens frequentadores da mercearia acusavam os outros de estarem próximos a casa de determinados sujeitos conhecidos pela sua homossexualidade. Essa afirmação tinha por objetivo levantar a possibilidade de uma relação (sexual) com esses sujeitos e colocar em xeque a heterossexualidade desses homens.

³⁶ “No Reino Unido, 55% das pessoas diagnosticadas em 2021 vivendo com HIV são heterossexuais”
Matéria completa em: <https://gay.blog.br/noticias/no-reino-unido-55-das-pessoas-diagnosticadas-em-2021-vivendo-com-hiv-sao-heterossexuais/> Acesso em: 18 fev. 2022.

³⁷ “Ana Paula Valadão afirma que Aids é doença de homossexual e polêmica viraliza nas redes sociais”
Matéria completa em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/09/12/interna_nacional.1184860/ana-paula-valadao-afirma-aids-e-doenca-homossexual-polemica.shtml Acesso em: 18 fev. 2022.

Não é possível analisar os discursos da sexualidade descolados da produção do gênero, como pontuado anteriormente, devido a matriz sexual (tríade que cobra uma continuidade entre sexo-gênero-desejo), os discursos para ser considerado um “homem de verdade” nesse espaço incluem a identificação com gênero, pressupostos sociais de uma masculinidade e atração pelo sexo “oposto”. A cobrança por uma masculinidade heterossexual nesses espaços de homosociabilidade fez com que os interlocutores que entrevistei reproduzissem determinados discursos. Ao avaliar sua postura nesses espaços, Patrick afirma que reproduzia alguns discursos que classifica como homofóbicos, mesmo sentindo grande desconforto com a ação. Como já mencionado, ele identifica que o pai adquiria uma postura diferente quando estava na roda de amigos, pois no relacionamento interpessoal, de pai e filho, sentia que seu pai era amoroso e compreensivo, visto que em sua visão sempre demonstrou ser uma criança “diferente”.

O meu reproduzia muitos discursos, acho que até pelo convívio com esses outros homens, não que fosse da natureza dele, reproduzia certos comportamentos homofóbicos com relação a artistas, por exemplo, tinha muita implicância com Caetano Veloso, Ney Matogrosso, mesmo o Caetano não sendo gay. Mas ele reproduzia certas piadas relacionadas a artistas [...] Às vezes com primos eu também não me sentia confortável em certas rodas, porque rolavam esses tipos de comentários, com meus pais e meus primos. Então, não era algo que demonstrava o que ele era, porque quando estava dentro de casa, quando era eu e ele, ele era mais na dele, tipo não atacava ninguém, mas em frente a um público ele tomava essa postura mais... (Patrick, 27 anos).

A norma de gênero e, conseqüentemente, o comportamento de uma suposta heterossexualidade também esteve presente nas falas de Eric, em seu grupo de amigos composto por meninos da vizinhança que também eram seus colegas de escola. Ele relata expressar uma heterossexualidade aparente ao endossar comentários acerca de mulheres nessas rodas, demonstrando uma suposta erotização do corpo feminino; e em outros momentos através do riso de piadas e brincadeiras homofóbicas. Esse comportamento tinha como objetivo não atrair a atenção sobre sua sexualidade e não torná-la alvo de bullying e intolerância por parte dos seus colegas.

Então a minha preocupação era ter uma postura em que eu não desse motivo para ninguém falar nada de mim. Eu queria passar batido, *ser invisível*. Só que eu não podia porque sempre morei ali e as pessoas sabiam quem eu era. Então sei lá, eu ficava tentando *manter uma postura assim "de homem"* porque também os meus vizinhos todos são muito tradicionais, todo mundo metido com coisas do campo assim, de fazendas e cavalos (Eric, 26 anos,

grifos meus).

Os regimes de verdade formulados nos discursos, ora religioso, ora vinculado à saúde, definiram uma norma de gênero e sexualidade que contribuiu para que esses sujeitos por muito tempo não vislumbrassem possibilidades de vivenciar sua sexualidade nesses contextos. Na internet, esses interlocutores passaram a buscar informações e estabelecer uma rede de contatos, amigos e confidentes, na qual a possibilidade de usufruir da sexualidade se tornou possível em alguns espaços. Como Sedgwick (2007) pontua, até o homossexual assumido em algum momento ou situação se verá novamente dentro do armário, sua sexualidade será uma questão e novos armários se impõem. Dessa forma, o fato de assumirem a homossexualidade para alguns membros da família, nas redes sociais ou na interface do aplicativo, não representa uma despreocupação com a sexualidade, pois esta adquire nuances e engendra um dispositivo de gestão do segredo.

3.2.1 Os mecanismos da gestão da sexualidade e do segredo

O regime de visibilidade da homossexualidade incide sobre esses jovens de diferentes maneiras, o segredo e a desconfiança da homossexualidade os acompanha cotidianamente. Como exposto por Sedgwick (2007) o armário foi considerado símbolo da opressão homossexual no século XX. A autora tece críticas ao armário devido ao movimento homossexual caracterizá-lo como o único passo a ser superado para a visibilidade pública da homossexualidade. Sedgwick (2007), assim como as narrativas de meus interlocutores, evidenciam que a exposição da homossexualidade não se resume ao ato único de “sair do armário”, pois corresponde a um regime de visibilidade presente cotidianamente na vida de homossexuais. As narrativas de meus interlocutores corroboram para pensar que a exposição da sexualidade é negociada entre (e dentro de) seus municípios de origem e a cidade de Santa Maria, conjuntamente com a interface do aplicativo.

O regime de visibilidade da homossexualidade é configurado a partir do fato de que todos os sujeitos são orientados para a heterossexualidade. Dessa forma, se assumir homossexual acompanha angústias e sofrimentos por não corresponder ao que se é esperado da sexualidade. Ademais, caso não existissem assimetrias entre as sexualidades (resultado de uma relação de poder que coloca a heterossexualidade como

modelo a ser seguido) expor-se enquanto homossexual talvez não apresentasse a mesma carga social e emocional experienciadas pelos interlocutores.

Para Sedgwick (2007), mesmo os homossexuais assumidamente gays estariam ocasionalmente em um “armário” em um nível pessoal, profissional ou institucional; novos círculos sociais demandam que esses sujeitos tenham que repensar a exposição da sexualidade (p. 22). Assim, mesmo os interlocutores que se assumiram para todos os membros de sua família, retornam ao “armário” ao ingressar em um novo trabalho, mudar de cidade e fazer novos amigos, como no caso dos interlocutores dessa pesquisa.

Ao conversar sobre a relação entre os interlocutores e os familiares confidentes de sua sexualidade, Lito, Eric e Patrick, relataram ter uma boa relação, mas não falam sobre sua sexualidade diretamente com esses sujeitos. Lito e Eric assumiram-se para a figura materna que passou a gerir a sexualidade escondendo do pai, no caso de Lito; e inicialmente do irmão, no caso de Eric.

[...] E eles sabem, todo mundo sabe, tipo a única pessoa com quem eu verbalizei sobre isso foi a minha mãe. Mas nunca... não era algo que eu tentei esconder assim dos meus irmãos. Na verdade, no começo eu *até tentei (esconder) do meu irmão* um pouco, tanto é que era uma preocupação que eu mostrei pra minha mãe, "estou falando para você mas eu não quero o meu irmão saiba"; mas foi algo que durou pouco tempo também e com a minha irmã não tenho conflitos em relação a isso, a gente se fala com frequência. Mas *a gente também não fala sobre esse assunto especificamente*, até porque ela é evangélica (Eric, 26 anos).

Como Lito descreve, “a minha mãe sabe, mas o meu pai eu não sei se sabe, e também não tenho uma relação próxima com ele, mas a minha mãe que é com quem me importo, minha irmã é lésbica também e com a minha mãe é ok, mas a gente não conversa sobre isso, mas ela sabe”. A fala de Lito sinaliza que a relação dos dois é positiva, porém não há abertura para conversar sobre sua sexualidade. No intercurso de investigação com os interlocutores se sobressaiu o fato de que as relações com os familiares cientes de sua homossexualidade são caracterizadas como positivas, porém, não há espaço nem abertura para conversar sobre sexualidade, suas relações e relacionamentos. No caso da irmã de Lito, esta mora com sua companheira em outro estado e mantém a vida que leva com ela a parte do restante de sua família.

As pessoas confidentes do segredo se tornam parte do mecanismo de gestão da sexualidade. Um exemplo utilizado por Sedgwick (2007) é a mãe que ao saber da

sexualidade do filho entra no “armário”, por ter que guardar segredo de uma vizinhança conservadora. Nas festas comemorativas de fim de ano na família de Lito, sua sexualidade é de certo modo acobertada por sua mãe, ela como confidente do segredo do filho opta por não expor aos demais parentes. Desse modo, a sexualidade de Lito é gerida por ele e pela mãe nesses espaços. Seus tios e tias comumente o questionavam sobre “as namoradinhas” e tanto ele quanto a mãe optam por não tornar visível sua homossexualidade. Sua mãe representa o ponto de confiança para os dois filhos homossexuais, e possivelmente mantém o segredo da sexualidade dos filhos para com o pai e o irmão heterossexual.

Para Sedgwick (2007) viver ou sair do “armário” não são questões puramente “herméticas” (p. 39), mas envolve trajetórias individuais que estão relacionadas ao contexto em que se vive. Para Félix, a visibilidade de sua sexualidade para a família é algo que ele considera impensável, a humilhação, medo e repressão que imagina caso esse fato ocorresse impede que o segredo seja tornado público. Sedgwick (2007) pontua a preocupação que se assumir para os pais desperta, “contra o medo de ser morto (ou desejado morto) pelos pais numa tal revelação, é provável que ocorra a possibilidade, muitas vezes imaginada com maior intensidade, de que a revelação os mate” (p. 39).

Como Sedgwick (2007) teoriza, o segredo representa uma relação de poder, visto que o sujeito que sabe da sexualidade alheia o pode expor a qualquer momento. Félix vivenciou uma situação de desconforto a respeito de outro rapaz o ter acusado de ser homossexual, nesse caso, a acusação representava o risco de exposição ou rumores sobre Félix no seu município de origem, o que obrigou a tomar medidas que oferecessem uma proteção no que tange a esse segredo.

[...] depois de uns 15 anos tal que eu me descobri assim. Ocasionalmente ninguém sabe sobre mim lá em Quevedos, só sabe uma colega, ex-colega de aula minha, duas ex-colegas de aula minha que sabem disso porque eu contei, mas depois que eu estava em Santa Maria. Na época não contei pra ninguém. Mas teve uma vez um guri que desconfiou de mim e falou, sabe como é as coisas e tipo, aí eu me vinguei dele. Eu descobri que ele não pagava a pensão, ele era um ano mais velho que eu e não pagava pensão para duas crianças que ele tinha; e como na época trocou o comando da polícia lá e a polícia sempre era... meu pai gostava muito da polícia, levava a polícia sempre lá em casa jantar, almoçar e tal, carneava ovelha e dava pra polícia, carneava vaca. Como então eu sabia que ele estava na justiça, eu fui lá e denunciei onde ele estava escondido. Ocasionalmente ele estava escondido nas terras do meu pai, no município de Guassupi. A polícia falou se eu ia mostrar onde era e eu disse “eu vou”, dois dias depois que meu pai e avó não estariam em casa. Então eu disse “eu vou e mostro, mas só posso daqui a dois dias”, aí tá eu fui

com a polícia lá e ele tava sentado lá e a polícia foi lá e prendeu mesmo. Ah ele me disse que eu era uma cobra, uma pessoa má, cruel, ele me disse horrores de coisas. [...] me considero um homem bom, considero discreto, tento pelo menos manter a discrição, tá certo que aqui eu posso ser um pouco mais liberal, mas lá em Quevedos eu me considero mais discreto tanto que ninguém nunca me falou nada e tal, só aquele guri que desconfiou de mim e eu denunciei ele (risos) eu disse pra ele porque tinha feito aquilo e acabou, ele tem medo de me enfrentar (Félix, 26 anos).

O “não falar sobre”, frase que foi reiterada nas narrativas dos interlocutores, sinaliza uma posição de conforto entre eles e seus familiares. O “não falar sobre” na narrativa de Patrick ocorre com seu pai, ele classifica a relação dos dois como boa, mas não falam abertamente sobre sua sexualidade. Dos quatro interlocutores, Patrick é o que apresenta maior abertura com relação a sua sexualidade e por efeito não demanda uma gestão da sexualidade no contexto familiar como nos demais interlocutores. Lito e Eric afirmam acreditarem que seu pai, irmãos e outros familiares saibam de sua sexualidade, pois nas redes sociais (em especial, no Facebook) as postagens e comportamento revelariam a homossexualidade, além de não esconder seu círculos de amizades compostos por pessoas LGBTQIAP+.

Eu acho que atualmente, ninguém mais me questiona nem nada porque no Instagram... eu sou bem aberto quanto a isso, teve fotos que eu postei com a bandeira do orgulho, a bandeira do arco-íris na minha própria bio, tem o emoji do arco-íris na bio do Facebook. Mas é claro isso é para pessoas que entendem de redes sociais e vão pegar os sinais implícitos. Agora com a família, assim, principalmente a família do meu pai, tipo eu acho que a maioria desconfia, mas nunca chegou no momento que eu falei para eles que eu era gay nem nada. Tanto que meu pai acho que não sabe, mas sei lá se ele sabe ou não, mas como ele não é uma figura que eu tenha muita relação, para mim não faz assim uma diferença muito grande, eu acho que eu já tinha falado isso na outra vez (Lito, 24 anos).

O silêncio sobre esse assunto revela, de certa forma, uma posição de conforto que propicia a manutenção das relações existentes. Como Miskolci (2017) afirma, a desconfiança da sexualidade pode ser uma posição mais confortável que a confirmação em si. Para Sedgwick (2007), “assumir-se” em algumas narrativas são ideias que se cristalizam, pois a desconfiança com relação à sexualidade não impõe os mesmos confrontos que a confirmação da homossexualidade. Ademais, em muitos casos, expor a homossexualidade não permite antecipar a reação de familiares e pode resultar na perda

de segurança ao ser expulso de casa, por exemplo, ou na perda de apoio financeiro e suporte emocional. Nas trajetórias de Lito e Félix ambos pontuaram que dependiam do suporte financeiro de seus pais, Félix defendeu que o governo federal deveria criar casas de acolhimento para gays e lésbicas que fossem expulsos de casa, se utilizando como exemplo. Assim, o segredo quanto à sexualidade propicia a manutenção de certo estilo de vida para esses interlocutores, a confirmação ou exposição da homossexualidade pode resultar na perda das condições que permitem que residam em Santa Maria e possam continuar suas graduações.

A incerteza ou a suspeita de homossexualidade ainda pode ser menos problemática do que a certeza e a comprovação que um parceiro tornaria inevitável. Homens que buscam parceiros do mesmo sexo ainda tendem a ser incentivados a manter presumida heterossexualidade para ter melhor aceitação em certos espaços, o que pode ser viabilizado pela manutenção de casos eventuais e sem compromisso. O controle sobre o grau de envolvimento é algo particularmente precioso para a maioria dos usuários que conheci, os quais valorizam sua independência, frequentemente conquistada a duras penas em processos dolorosos de assumir-se, distanciar-se de suas famílias ou manter suas vidas sexuais em segredo (MISKOLCI, 2017, p. 95).

Não somente pessoas podem representar confiança e abertura com relação à sexualidade, mas espaços podem demonstrar-se mais acolhedores às possibilidades de experienciar gênero e sexualidade. Para Félix, o município de Santa Maria representa um espaço em que pode vivenciar um circuito de homossociabilidade diferente do município natal, observado em sua frase “tá certo que aqui eu posso ser um pouco mais liberal”. Ele utiliza o termo liberal para denominar homens gays que dão mais “pinta”, que teriam uma forma de se vestir diferenciada e que andariam com outros homens gays tornando-os facilmente reconhecidos enquanto homossexuais. Estar afastado do controle de seus pais e dos habitantes locais de seu município o permitem ser mais “liberal”. A preocupação com relação a sua sexualidade não some por completo em Santa Maria, mas por estar distante daqueles que poderiam influenciar diretamente sua trajetória ele consegue visibilizar sua homossexualidade dentro do aplicativo em Santa Maria.

No município de Santa Maria ele reside com um primo, afirmando acreditar que este desconfia de sua sexualidade, desconfiança que é recíproca. Por ser um município maior e longe da presença de familiares (com exceção do primo), ele conseguiu

estabelecer uma rede de amigos em que pode compartilhar seu segredo. Os interlocutores da pesquisa apresentam semelhanças no que tange a visibilidade da sexualidade no contexto familiar, destacando o “não saber” ou “não falar sobre” como posições elegidas dentro das estratégias que cada um utiliza para acessar um circuito de homosociabilidade e não comprometer as relações estabelecidas com a família e em seus municípios de origem. Ainda assim, há significativas diferenças a respeito da homosociabilidade que cada interlocutor pode estabelecer.

Para Lito e Félix, moradores da zona rural, a possibilidade de contatos e possíveis parceiros nesse espaço foi nula, já Patrick e Eric, moradores do perímetro urbano, puderam experienciar uma homosociabilidade que começou em seus municípios de origem. Patrick afirma não ter tido muitas barreiras com relação a homossexualidade, apesar de ter tido conflitos insistentes com sua mãe sobre sua expressão de gênero. Conflitos que se mostraram atuais durante as entrevistas.

Já Eric, ao se assumir e ter começado a frequentar espaços considerados “GLS”³⁸, demandou que por um período de tempo buscasse manter em segredo esse circuito. Em seu município havia algumas festas que eram organizadas para LGBTs que aconteciam esporadicamente. Ele relata ter conhecido esse público através da internet, se deparando com “um novo mundo”, em que essas pessoas compartilhavam experiências semelhantes em relação a sexualidade.

Conhecendo pela internet as pessoas que eu conheci porque dali eu fui... eu descobri várias coisas, eu comecei a sair, na época a gente falava GLS das festas da cidade. Eu tinha 15 anos, eu chegava assim eu olhava e “nossa meu Deus isso aqui existe, olha o tanto de gente”, eu não imaginava que tinha gente nessa cidade entendeu. Então pra mim foi muito importante, muito importante (Eric, 26 anos).

Ao questionar como esse circuito de encontros e festas acontecia paralelamente numa cidade que ele afirma que atualmente ainda carrega muito conservadorismo. Segundo Erick, não havia uma localidade específica para o encontro e comumente as festas sempre mudavam de localização. Nesse período, apesar de logo ter se assumido para sua mãe, mantinha sua sexualidade em segredo para seus vizinhos, desse modo,

³⁸ ‘GLS’ é um termo usado inicialmente para se referir a gays, lésbicas e simpatizantes, essa sigla foi criada por um jornalista da Folha, André Fischer que escrevia uma coluna sobre sexualidade.

frequentava locais que eram afastados de seu bairro. Durante os encontros na praça, sempre que uma pessoa conhecida passava pelo local, ele se escondia, pois estar junto com aqueles sujeitos denunciava sua sexualidade. Através de suas falas é possível compreender de que maneira se impôs a gestão da sexualidade em diferentes círculos sociais, pois apesar de ter se assumido para sua família, a vizinhança do seu bairro representava um novo regime de visibilidade de sua homossexualidade.

[...] uma coisa que acontecia comigo e com uma amiga, a gente estava ali mas se passasse alguém conhecido de fora do meio das festas, conhecido da nossa vida de família, a gente se escondia, ficava atrás da árvore, ficava atrás do colega que estava do lado, pra não ser visto, para não ser identificado, para ninguém fala “Olha lá fulano estava andando com não sei quem”. Então rolou assim, mas foi só por um período, até ser inevitável. Você também estava com todos se escondendo e com uma preocupação que não precisava ter. E como já tinha falado para a minha mãe, depois que eu falei para minha mãe foi rápido assim para eu deixar de me preocupar com essas coisas (Eric, 26 anos).

Na narrativa dos interlocutores é possível visualizar como relegam a seus locais de origem a impossibilidade de vivenciarem experiências enquanto homossexuais, ao passo que os dados de entrevistas evidenciaram que muitos desses sujeitos construíram experiências com outros homens ou apontaram sujeitos a quais reconheciam enquanto homossexuais dentro de seus municípios. Esse fato não atenua que a violência de gênero e sexualidade seja percebida com maior intensidade nesses locais pelos interlocutores, mas mostra que veem seus municípios e Santa Maria como pares de oposição. Consideram Santa Maria um espaço em que podem ser eles mesmos, fato que também não pode ser confirmado em suas narrativas, visto que a preocupação com a visibilidade de sua sexualidade os acompanha dentro do município e na interface do aplicativo.

Algo comum na narrativa é o fato de todos estabelecerem os primeiros contatos com outros homens pela internet, para os interlocutores a rede é o único espaço em que estabelecem sua busca sexual, principalmente pelo Grindr ou mesmo em redes sociais. O fato da internet ser apontada como o espaço onde “tudo começa” mostra que para os interlocutores de pesquisa a sexualidade é iniciada a partir do momento em que relações sexuais podem ser constituídas, revelando um comportamento de gênero presente na construção das masculinidades em que o contato sexual é central para a identidade masculina. De fato, a construção da homossexualidade para esses jovens ocorreu muito

antes da possibilidade de encontrar parceiros, foram os enunciados presentes na família, escola e demais instituições e círculos sociais que foram responsáveis por essa construção, acontecimento que ainda é presente contemporaneamente.

Com Lito, o primeiro contato que estabeleceu com outro homem aconteceu em sua adolescência através de um grupo de Facebook onde os usuários conversavam e marcavam encontros offline. Nesse grupo os usuários não apresentavam fotos e poucas informações eram descritas no perfil, as publicações eram como anúncios. A partir desse grupo ele estabeleceu um contato com outro rapaz e marcou de se encontrar em um local público.

[...] eu tinha muito medo tipo e quando eu vim para a cidade eu já participei tipo eu entrei em grupos do Facebook na época de homens gays aqui de Santa Maria era lá para 2012. Nem sei se ainda existem esses grupos. Mas eu entrava, eu criava um perfil fake no Facebook e entrei nesses grupos. E aí foi mais ou menos, eu acho que quando eu tinha 15 ou 16 que aí eu encontrei um menino por causa desse grupo e tal. Mas eu cheguei lá o menino era muito diferente da foto; e eu só dei oi pra ele e fui embora. Foi essa minha primeira experiência com o encontros e aplicativos coisa do tipo. E depois sim com o Grindr, que eu já tinha entrado na faculdade mas ainda não tinha, não tinha me assumido nem para minhas colegas, por mais que eles desconfiassem, ainda mais na comunicação. E só fui me assumir no segundo ano da faculdade, no início do segundo ano. E aí depois que eu me assumi nossa comecei a encontrar mais caras. E aí a primeira vez que eu beijei um cara foi por causa do Grindr, acho que quando eu tinha 18 aí, eu não tinha sumido ainda para meus colegas de faculdade, mas eu já estava na faculdade (Lito, 24 anos).

Os primeiros pressupostos com relação a internet e a homossexualidade são de que este seria um ambiente descolado de amarras ligadas a vida offline, dessa forma, o usuário se veria livre de ter que lidar com o regime de visibilidade da homossexualidade. De fato, os espaços online ampliaram ou criaram possibilidades de homens com desejos homoeróticos experienciarem sua sexualidade sem adentrar ao espaço público, como Patrick destaca que os aplicativos são uma forma de constituir relações no conforto do lar. Em contrapartida, ao passo que os ambientes digitais estabelecem novas formas de experiência do desejo, eles incorporam na busca sexual questões ligadas à masculinidade, pois as interações online, em aplicativos, têm como objetivo final encontros offline. Dessa maneira, há uma preocupação em buscar sujeitos que não colocariam em risco a aparente “heterossexualidade”, assim, os espaços online representam a ampliação desse regime (MISKOLCI, 2009b). O sociólogo Richard

Miskolci foi um dos primeiros pesquisadores a se debruçar para compreender como os ambientes digitais ampliam as possibilidades de homens homossexuais se relacionarem afetiva e sexualmente.

No presente, indivíduos “no armário” se deparam com um cenário distinto graças à internet. A possibilidade de estabelecer contato sem exposição alçou a rede a um papel central na vida de boa parte destes sujeitos, a ponto de muitos nem conseguirem se imaginar “desconectados”. A era da internet parece tê-los libertado da maioria das restrições do armário, hipótese que resolvi testar por meio de uma incursão etnográfica nas salas de bate-papo gay voltadas para o público masculino de São Paulo e do Rio de Janeiro (MISKOLCI, 2009b, p. 172).

Os ambientes digitais possibilitam que homens com desejos homoeróticos estabeleçam um campo maior para contatos sexuais, como por exemplo, na versão gratuita do Grindr em que o usuário visualiza noventa e nove perfis próximos e mais noventa e nove que trocaram de foto recentemente, contatos que podem ocorrer simultaneamente e que não seriam possíveis de serem estabelecidos em festas ou bares. Embora, os ambientes digitais ampliem a busca sexual são reforçados nesses espaços uma norma de masculinidade, em que os contatos são estabelecidos a partir do cumprimento de uma série de requisitos. Para Miskolci (2009b) a internet apresenta duas faces: por um lado facilita os encontros sexuais, e por outro reforça uma norma que é sinônimo da heterossexualidade.

Durante minhas idas ao campo foi habitual visualizar perfis de usuários com poucas informações e sem fotos que se intitulavam como “discretos” ou “sigilosos”. Em alguns desses perfis era comum observar enunciados que reforçavam ou rejeitavam determinada expressão de masculinidade, como por exemplo, perfis que buscavam “machos” ou semelhantes, que queriam estabelecer relações de amizade com rapazes com o mesmo tipo de masculinidade, mais próxima da heterossexualidade. Outros perfis reforçavam a norma a partir da rejeição, dizendo não querer se relacionar com homens afeminados, em alguns casos atribuindo isso a não sentir tesão por tais usuários.

Outra questão que me saltou aos olhos foi o fato de existir uma mudança na construção dos perfis de acordo com a localidade do município. Como dito, ao buscar estabelecer contatos e conhecer um pouco mais a interface do aplicativo no município, acessei o aplicativo em duas localidades, no bairro da universidade e em regiões do

centro da cidade. Em algumas localidades no centro da cidade predominavam perfis que não apresentavam fotos de rosto nem informações adicionais, o que difere das proximidades da universidade onde perfis com fotos e informações de biografia eram mais frequentes.

Dessa forma, a interface do aplicativo apresenta perfis que fazem a gestão da sexualidade ao se expor (ou não) de determinada maneira no aplicativo. Félix apresenta fotos no perfil do Grindr que mostram seu rosto, tomando mate, montado a cavalo etc, mas na sua bio comunica que é “discreto”. O termo “discreto” nesse contexto significa um usuário que mantém discrição da sua sexualidade, que não levanta suspeita, nem busca evidenciar a homossexualidade, preocupação central na exposição de Félix, que, ainda assim, no aplicativo na cidade de Santa Maria afirma poder se expor mais.

As relações construídas por Félix no aplicativo e offline, majoritariamente foram estabelecidas com usuários que apresentassem um mecanismo de gestão da sexualidade semelhante, ou ainda mais rígido que o seu. Ele relata se relacionar esporadicamente com um homem com carreira militar que mantém um casamento heterossexual com filhos, também mantém contatos eventuais com outro homem de carreira militar, da mesma maneira discreto porém sem casamento e filhos.

A busca desses usuários por manter uma heterossexualidade presumida, ao apresentarem o ideal de masculinidade e estendê-las para a busca sexual, pode ter vários motivos como sinaliza Miskolci (2009b), mas evidencia que esses usuários optam por manterem o desejo sem revelá-lo, possibilitando a manutenção de relações que seriam abaladas caso seus desejos homoeróticos fossem publicizados. Na vivência de Félix, ele chega a utilizar o recurso “explorar” do aplicativo para ver seu município de origem. Segundo ele, quase todos os perfis naquela localidade não têm fotos, mas ele fica deduzindo quem poderia ser e imediatamente bloqueia o usuário para que esse, ainda que compartilhe o mesmo segredo, não possa expô-lo de alguma maneira.

A web estendeu o código-território da homossexualidade para mais pessoas nas metrópoles e nos recantos do interior do país. Nestes locais, a maioria jamais quis (ou pôde) se expor de forma a frequentar algum local claramente gay ou lésbico. Estes indivíduos, os quais, pelas razões as mais diversas (geográficas, econômicas, puro e simples preconceito), se consideram “fora do meio”, encontraram na web uma forma de conhecer parceiros e até fazer amizades sem o ônus da exposição de seus interesses eróticos no espaço público (MISKOLCI, 2009b, p. 176).

Certa vez, Félix encontrou no shopping um outro rapaz com quem havia tido contatos sexuais andando de mãos dadas com uma mulher, ao passar pelo rapaz o mesmo deferiu uma piscadela para Félix, que não esboçou nenhuma reação por estar acompanhado de seu primo. Nesse sentido, o segmento de aplicativos voltados ao sexo entre homens segue uma gramática da visibilidade da sexualidade que são reiteradas e mobilizadas pelos usuários na interface do aplicativo, no que tange a uma norma de expressão da sexualidade e masculinidade (MISKOLCI, 2009b).

Nas narrativas desses jovens, a universidade foi um ponto marcante no que tange à visibilidade da sexualidade. Eric afirma identificar no espaço universitário uma segurança em transitar e se expressar de determinada forma, o que não acontece no seu trabalho (em Santa Maria), nem quando retorna ao seu bairro no município de origem.

Na universidade é o espaço em que eu me sinto mais livre. No trabalho já é um espaço que não, por exemplo, nem tanto pelo espaço de trabalho e pelas pessoas estão trabalhando juntos, mas eu faço estágio, as pessoas vão lá; e eu já pensei "ah vou pintar minha unha" e depois pensei não vou pintar porque eu não sei qual será a reação da pessoa. Mesmo que a pessoa não vá reagir, tipo de falar alguma coisa ou de olhar, mas sei lá não sei qual vai ser a reação daquela pessoa e acabo não fazendo por causa disso. Então o espaço de trabalho é algo assim. O meu bairro também foi um processo, hoje é bem menos, mas ainda vez ou outra tem coisa que eu não penso "ah não vou fazer"; Tipo hoje, eu estou com short rosa do Bambi, e por exemplo, aqui eu uso para atravessar a rua e ir comprar algo na padaria da frente, mas lá no meu bairro eu não vou ir com esse mesmo shorts no mercado lá da rua porque sei lá os lugares vão ser diferentes (Eric, 26 anos).

O espaço universitário pode ser interpretado como um espaço mais tolerante que outros locais do município e seus municípios de origem por circularem discursos de gênero e sexualidade que questionam as normas sociais. Notoriamente a dispersão desses discursos não é regular, mas no caso dos entrevistados, suas áreas de estudo se concentram nas humanidades, com exceção de Félix que é na área das ciências naturais, mas, mesmo nesse caso, seu curso apresenta grande proximidade com questões sociais. Lito conta que durante o primeiro ano do curso se identificava enquanto heterossexual, seu círculo de amigos na universidade era composto por várias pessoas membros da comunidade LGBTQIAP+ o que trouxe segurança para ele se assumir no início do segundo ano.

E depois sim com o Grindr, que eu já tinha entrado na faculdade mas ainda não tinha me assumido nem para minhas colegas, por mais que eles desconfiassem, ainda mais na comunicação. E só fui me assumir no segundo ano da faculdade, no início do segundo ano (Lito, 24 anos).

O fato de morarem afastados de suas famílias e frequentarem o espaço universitário, faz com que esses jovens apresentem discursos que divergem do contexto que saíram. Esse fato, juntamente com o uso de aplicativos, propicia uma gestão da sexualidade em que circuitos de homosociabilidade são estabelecidos, a escolha de parceiros orienta-se no aplicativo por questões de uma masculinidade que não exponha o segredo. A volta ao convívio familiar é acompanhada por preocupações que variam entre os interlocutores, mas envolve mudanças na apresentação, maneira de vestir, falar e se comportar.

Nas narrativas dos interlocutores, foi possível perceber o quanto as relações pessoais foram afetadas pela sexualidade deles, envolvendo de certa forma um sacrifício ao passo que para manter “a boa relação” devem omitir uma parte que os compõem enquanto sujeitos desejantes, algo que não afeta as relações heterossexuais em seu entorno. Os discursos presentes nos municípios de origem desses interlocutores induziram esses sujeitos a se compreenderem enquanto desviantes e anormais, visto que a heterossexualidade se coloca como natural e saudável, a homossexualidade é interpretada de forma oposta. Na vida de Félix as possibilidades de vivência de sua sexualidade, de estar fora do armário, só podem existir quando está afastado do convívio familiar e foram mediadas pelas mídias digitais.

Para Eric e Lito, o segredo adquire uma dinâmica diferente, visto que há familiares confidentes que adentram o “armário” e “acobertam” sua sexualidade dos demais. Embora esses sujeitos não relatem drásticas mudanças de comportamento e afirmem que nas redes sociais apresentam um discurso que os colocariam de fácil reconhecimento enquanto homossexuais, a confirmação da homossexualidade não foi exposta igualmente a todos membros da família. Dessa maneira, vivem um eterno desconfiar de “que sabem”, posição que torna possível a interação e manutenção das relações com esses sujeitos.

Já a universidade, e os espaços de sociabilidade vinculados a ela, se mostraram como seguros para uma expressão de gênero menos normativa; outros contextos despertaram tensão no que condiz a suas masculinidades. Além dos espaços offline, a

interface do aplicativo torna-se um ambiente que possibilita estabelecer relações sexuais, mas demanda que alguns usuários negociem a visibilidade da sexualidade buscando mecanismos que assegurem a manutenção das relações offline.

3.3. A CONSTRUÇÃO DA (HOMO)SEXUALIDADE

Nas trajetórias dos interlocutores eles se depararam com enunciados de masculinidade que definiam o que é “ser homem”. Ao se distanciarem do ideal de masculinidade e sexualidade eles acabaram sofrendo em um nível pessoal e social. Apesar do ideal de masculinidade ser disperso através da família, escola e círculos sociais, esses sujeitos constituíram uma masculinidade a parte do ideal exigido. Como Connell e Pearse (2015) discutem, a construção do gênero não é apenas uma estrutura sobrescrita nos corpos, os sujeitos possuem agência ao rejeitarem ou incorporarem os enunciados que produzem o gênero.

Outro fator importante para a construção da masculinidade desses homens é a proximidade que estabeleceram com teorias e discussões de gênero presentes no ambiente universitário. Quanto mais envoltos em discussões sobre o gênero, mais esses sujeitos demonstraram compreender parte da estrutura do gênero e constituir sua masculinidade rejeitando noções hegemônicas, as reflexões produzidas acerca da masculinidade revelaram como esses sujeitos se veem na estrutura do gênero. Apesar da proximidade com termos teóricos de gênero, a qual esses sujeitos justificam a si mesmos, há um limite presente a maneira como utilizam essas categorias para justificarem seus comportamentos transgressores a norma de gênero, mas apresentam dificuldades em identificar comportamentos que são esperados com relação a masculinidade, seja em suas interações offline ou na interface do aplicativo.

Os comparativos a partir do modelo esperado de masculinidade evidenciaram como eles analisam a si mesmos a partir desse ideal, no que correspondem ou não a masculinidade exigida em seus contextos de origens. Os discursos de gênero não impactaram somente a masculinidade de cada interlocutor, mas a maneira como construíram sua sexualidade e puderam estabelecer relações homoeróticas com outros sujeitos, no caso de Lito e Félix, moradores da zona rural, só estabeleceram relações com os outros sujeitos quando se mudaram a Santa Maria.

Lito, Eric e Patrick demonstraram uma proximidade maior com as teorias de gênero e sexualidade, e assim, desenvolveram certa criticidade com relação ao ideal

hegemônico de masculinidade, compreendendo em certa medida que se afastam da cobrança de masculinidade perceptível socialmente e na interface do aplicativo. Além disso, demonstraram que esse assunto foi um problema no início da experiência de sua sexualidade, mas hoje não são afetados da mesma maneira.

Lito trouxe durante nossas entrevistas a visão contrastante que possui sobre sua masculinidade e o ideal presente em sua família, ao se expressar acerca da masculinidade é possível visualizar que ele utiliza termos conceituais como “masculinidade hegemônica” o que evidencia sua compreensão das relações de gênero e sua proximidade com discussões ativistas e sociais.

Eu considero que eu tenho uma visão de masculinidade diferente da *visão hegemônica* do que é ser homem. Para mim a masculinidade é você não ter que se comportar de determinado jeito, porque a sociedade disse que tem que ser assim. Para mim, masculinidade é você sentir seus sentimentos ser sincero com você mesmo e... chorar se for preciso, falar que ama as pessoas, falar se algo te incomoda, é expressar sentimentos e ouvir, principalmente no seu lugar de homem privilegiado numa sociedade que é majoritariamente machista, para mim masculinidade é isso, mas na prática na minha família é outra coisa (Lito, 24 anos).

Em nossas conversas, Lito sempre pontuou o ideal de masculinidade presente em sua criação e os conflitos recorrentes que estabeleceu na infância com seu pai por não conseguir se identificar e corresponder da mesma maneira que seu irmão. Ainda que essa cobrança o trouxesse emoções negativas, ele não sentia culpa por estar afastado desse ideal, mas sim raiva pelo pai não compreender seu jeito. Ele afirma: “eu ficava com raiva dele, eu não ficava com raiva de mim, porque pra mim... essa coisa, eu sabia e tinha consciência que eu não queria mudar. Eu ficava com raiva porque ele era assim”.

A concepção conflitante de masculinidade entre Lito e seu pai pode ser observada com maior clareza quando Lito se identificou com o primeiro personagem homossexual que fazia parte da telenovela “América”, exibida pela emissora de televisão Rede Globo no ano de 2005. A ambientação da novela utilizava-se dos rodeios, os personagens principais eram um par romântico entre Sol e Tião, caubói que competia em rodeios. Em paralelo a essa trama existia um personagem homossexual, Júnior interpretado por Bruno Gagliasso estabeleceu uma relação romântica com Zeca, interpretado por Eron Cordeiro, ambos os atores chegaram a protagonizar uma cena de

um beijo entre os personagens no final da trama e que, como afirma Bruno Gagliasso³⁹, foi censurada horas antes pela emissora.

Em sua casa a exibição de telenovelas reunia a família em uma atividade comum, ao ter o enredo do personagem principal na prática de rodeios, a telenovela evidenciava certa constituição de masculinidade que era aproximada com a de seu pai. No entanto, ao ter um enredo paralelo sobre um personagem homossexual despertava uma reação de reprovação e repulsa exposta por seu pai.

Ah! tinha um personagem na novela América eu acho que era... que era do Bruno Gagliasso, e ele era gay nessa novela e eu acho, eu... eu tinha uns lá uns oito, nove anos e aí lá quando eu vi esse personagem eu percebi que eu também me senti atraído por ele então eu acho que foi mais ou menos nessa hora que eu comecei a ter um pouco de consciência [...] eu via ele comentando quando algum personagem gay aparecia na novela; e aí ele desdenhava, falava que tinha que dar uma surra de *relho* uma coisa assim (Lito, 24 anos).

Essas situações fizeram com que Lito tivesse muitos entraves para experienciar sua sexualidade, como vimos, esses conflitos com a figura paterna fez com que eles atualmente não tenham proximidade e a homossexualidade de Lito não foi comunicada por ele para com o pai. Esse sufocamento de sua sexualidade e jeito de ser, fez com que ele identificasse que sua timidez e falta de traquejo social são resultados dessas interações.

A partir desse caso do personagem de Bruno Gagliasso é possível identificar que a novela teve um impacto na trajetória pessoal de Lito ao expor o desejo dissidente, ainda que reduzida e orientada por ideais corporais e de masculinidade limitados. Otávio Chagas da Rosa (2018) realizou uma pesquisa sobre a recepção masculina de telenovelas, seus interlocutores em diferentes momentos expuseram a maneira como as telenovelas trouxeram para seu cotidiano debates como alcoolismo, violência contra mulher, transexualidade entre outros que até então não eram discutidas com tanta ênfase nos segmentos sociais, como as redes sociais, televisão e relações interpessoais.

³⁹ Em entrevista para o programa Lady Night, apresentado por Tatá Werneck no canal Multishow, Bruno afirma que chegaram a gravar diferentes versões do beijos para o final da trama de seu personagem e que foi censurado antes de ir para exibição na rede aberta de tv. <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/bruno-gagliasso-lembra-censura-em-beijo-gay-na-novela-america-foi-climao> Acesso em: 25 jun. 2022.

Assim, as produções culturais podem subverter ou reiterar determinada ordem de gênero, como Eric traz em sua narrativa sobre o peso que produções para a televisão tiveram ao reforçar o gênero, produzindo um ideal de masculinidade que ele pode identificar. Por ter perdido seu pai muito cedo, ele afirma não ter tido uma forte referência masculina, mas comunica sobre o impacto das produções culturais sobre a concepção de masculinidade.

Eu acho que o que eu vi na TV assim, esse conceito, essa ideia de masculinidade e de como é ser homem, que eu via na sociedade. Mas acho que talvez o que eu quisesse ser era a partir de referências que eu via na TV; de atores. Se eu lembro de alguém? Não consigo apontar alguém específico assim, mas para mim está muito relacionado com isso, com o consumo de mídia, de televisão, eu era uma criança que assistia muita televisão (Eric, 26 anos).

Embora Eric evidencie que através da televisão era possível visualizar os ideais de masculinidade, foi na internet e durante sua adolescência que ele encontrou novas referências de masculinidade que o contemplavam. Ele cita ter admirado o cantor Jeffree Stars por apresentar uma expressão de gênero pautada na androginia, termo comum na época que descrevia sujeitos que apresentavam certa ambiguidade na construção do gênero. Esse cantor, compositor e maquiador apresentava cabelo comprido, usava maquiagem e roupas que estavam afastadas da masculinidade cobrada no contexto em que Eric vivia.

[...] quando eu era adolescente eu gostava muito de androginia, aí tinha uma galera assim, o Jeffree Stars que eu gostava de acompanhar, um cantor que não é contemporâneo nosso mas que ele também tinha uma vibe assim e eu me interessava falando esteticamente, de jeito, maneira de se comportar, se vestir, de cabelo (Eric, 26 anos).

O modelo estilizado da expressão de gênero de Jeffree Stars simboliza uma dissidência de gênero que era comercial durante a adolescência desses jovens interlocutores. Em outro momento Eric cita um fato acerca da calça colorida, peça de vestuário que se tornou moda devido a banda de pop rock Restart em 2008, época em que Eric estava frequentando o ensino fundamental. Apesar de apresentarem certa

dissidência quanto à norma de gênero para os contextos de origem de Eric, a expressão de gênero tanto de Jeffree Stars quanto do Restart visavam o lucro comercial. Em matéria da revista Istoé Dinheiro publicada em 2012⁴⁰ com mais de quinhentos produtos licenciados a banda havia faturado mais de 200 milhões de reais em dois anos. Ao se identificar com Jeffree Stars e tê-lo como modelo, há novamente um contraste entre o que Eric admirava e desejava e o ideal compartilhado em seu município. O peso da cobrança de certa expressão de gênero se sobrepôs durante parte da sua adolescência, o que fez com que expressar-se de forma diferente e seguir tendências comerciais dentro de seu município fosse uma grande questão a ser considerada. Ainda hoje, para ele, a exposição em seu município de origem é permeada por incertezas e inseguranças, pois compreende que ao se afastar da masculinidade dominante fica suscetível a formas de retaliações.

Tive fases da minha vida em que eu me vestia de uma forma; e isso estava ligado de certa forma com essa questão de masculino e tudo mais. Por exemplo, algo que foi marcante para mim, não sei se você lembra quando era moda da calça colorida? Eu lembro como foi o processo para mim de ter coragem de usar uma calça laranja que eu tinha comprado (risos). Mas eu não tinha coragem de usar, a calça não era rosa, era laranja mas eu não tinha coragem e... porque aquilo ali iam me chamar de viadinho e coisas do tipo. Então, eu acho que algumas coisas eu acabei fazendo, mudando, teve fases da minha vida que andava com unha pintada, junto dessas coisas sempre tinha esse processo de pensar no preço também; o preço que se paga por assumir certas posturas e outras não [...] Eu ainda penso, tem coisas que eu paro para pensar, tipo sei lá algo que me dá vontade de usar mas que eu penso, "será que eu não vou ser olhado torto?", "será que não vou ouvir algum comentário que eu não to afim de ouvir?" (Eric, 26 anos).

Nas narrativas de Patrick ele cita que um modelo de masculinidade durante sua infância era o desenho He-man, alter ego do Príncipe Adam, personagem principal do desenho. O He-man também foi citado por outro perfil no início da pesquisa e sinalizado como um modelo de masculinidade e corpo que eram vistos como ideais. A série *"Brinquedos que marcam época"* da plataforma de streaming Netflix apresentou como o desenho foi uma adaptação e estratégia de marketing para a venda de uma linha de bonecos de ação, estratégia de marketing que foi bem sucedida e proporcionou lucros

⁴⁰ Matéria completa em: <https://www.istoedinheiro.com.br/restart-a-maquina-de-fazer-dinheiro/> Acesso em: 08 set. 2022.

bilionários. Conjuntamente, o desenho animado criado para atrair as crianças para a compra dos brinquedos da Mattel contribuiu para que esses sujeitos tivessem um primeiro contato com a produção de um ideal de masculinidade.

Além do He-man, Patrick trouxe os bonecos e jogos de luta livre, como algo marcante que associava à masculinidade. Ele relata um episódio com seu pai a qual foram alugar uma fita de jogos e Patrick escolheu um jogo de luta, não porque gostasse de tais jogos, mas porque tinha vontade em compartilhar dos mesmos signos que eram comuns aos outros meninos. Nessa situação, seu pai por compreender que ele se frustraria com o jogo, alugou sem ele saber uma outra fita com uma temática de jogo diferente.

[...] fui alugar uma fita de videogame e aluguei uma de uns lutadores assim, tipo uma coisa meio MMA para mostrar que eu era “menino”. Aí ele (o pai) alugou escondido uma fita tipo do Super Mario ou Donkey Kong, porque ele sabia que eu ia acabar não gostando dos lutadores, era mais uma forção, essa é mais uma lembrança positiva com ele (Patrick, 27 anos).

As falas de Patrick evidenciaram que desde muito cedo ele não se identificava com as normas de gênero em seu contexto, a “forção” como ele afirma, é utilizada para descrever as tentativas insistentes em se portar como a masculinidade que visualizava em seu contexto. Após a compreensão de sua sexualidade e que as tentativas em aderir o modelo de masculinidade eram frustradas, ele buscou uma alternativa, trilhar um caminho que o preservasse mesmo se reconhecendo como homossexual, por isso, na sua pré-adolescência decidiu frequentar uma escola de padre.

Após o divórcio de seus pais ele abandonou a escola católica e passou a frequentar uma escola pública do seu município, onde logo no início de sua trajetória nessa escola passou a ser alvo constante de preconceito devido a maneira como apresentava seu gênero. Esses fatos fizeram com que ele buscasse mecanismos de preservar sua segurança, assim, adquiriu uma postura combativa e que reagia às microviolências a que era submetido. Dessa maneira, ele se compreende como alguém que foge do esperado, mas consegue se impor.

Então eu acho que eu me vejo como um ser assim, nem tão masculino, nem tão feminino, mas forte, não forte fisicamente - claro que um pouco de definição é sempre interessante - mas eu me vejo com um ser imponente, respeitado mesmo sendo o que foge do esperado (Patrick, 27 anos).

Para Patrick a construção de sua masculinidade sempre fugiu do que era esperado, como dito em sua apresentação no capítulo anterior, ele adotou posturas de gênero que não eram convencionais em seu município, como afirma ter se identificado com a cultura emo e passou a andar com sujeitos mais “alternativos”. Em sua visão, ele se aproximou do universo feminino para não representar ameaça aos outros homens e mulheres, ainda que tivesse medo de sofrer alguma agressão pois via que a violência física atingia com maior intensidade esse grupo. Atualmente ele diz estar se aproximando de sua masculinidade, somente porque passou a incorporar signos que para ele são definidores de masculinidade como a barba e frequentar a academia para ter um corpo malhado.

[...] durante muito tempo assim - como posso dizer - sentia uma repulsa pelo estereótipo da masculinidade. Sempre neguei esse meu lado e foi bem recente que comecei a descobrir o lado masculino e permitir que ele aflorasse dentro de mim. Então, não até pouco tempo atrás, hoje em dia algumas coisas como a barba, acho um sinal de masculinidade, o corpo que está tomando uma certa forma de academia também (Patrick, 27 anos).

Apesar da falta de proximidade com seu pai, Patrick evidencia que a postura de seu pai para com ele sempre foi de compreensão e respeito, ele afirma que seu pai teve que se acostumar por ter dois filhos gays. Patrick relata que por seu irmão afirmar não querer casar, o que ele também afirmava em sua infância, seria um indicativo de homossexualidade, mesmo seu irmão apresentando um comportamento de gênero diferente do seu na infância. Ainda que a postura do pai de Patrick fosse mais compreensiva, em algumas ocasiões, como na presença de outros homens, seu pai adquiria outra postura, como por exemplo, endossando piadas de cunho homofóbico. A maneira como o pai de Patrick age com relação ao comportamento dos filhos revela uma dinâmica na qual os pais participam com os demais membros de sua comunidade. De maneira alguma o pai de Lito o proibiu de estudar ou se mostrou contrário às escolhas do filho, o momento mais sentimental que ele experienciou com seu pai foi

durante a sua formatura a qual seu pai chorou e disse sentir orgulho dos filhos. Embora seus pais apresentem certa dificuldade de compreensão quanto a homossexualidade ou ainda masculinidades dissidentes, eles colocam a prova suas concepções e comportamentos de gênero ao se mostrarem compreensivos, como no caso de Patrick, ou incentivando a sua maneira, ainda que financeiramente como no caso de Lito.

A constituição da masculinidade para Félix, em comparação com os demais interlocutores, revelou que seu município de origem é marcado por uma coerção social mais perceptível que os municípios dos demais interlocutores. Para Félix o tempo que passou em seu município de origem era visto como “a única vida possível”, onde era constituído socialmente certo pânico em qualquer lugar de fora apresentava grandes ameaças.

Aí quando eu comecei a cair na realidade entender as coisas né, porque fiquei muito tempo afastado, um tempo alienado né; porque a minha vó falava que quem ia embora da cidade judiavam, matavam, assaltavam, faziam um horror de coisas. Então eu fui criado naquele mundo e eu acreditava de tanto que falavam. Ai acabei acreditando “ah não dá para gente morar para cidade, não dá nem pra ir para a cidade, pois fazem horrores de coisas, é horrível”. Então eu acabei achando que o único mundo era aquela região ali, pois não tinha mais mundo lá fora (Félix, 27 anos).

Em seu município de origem, a baixa taxa populacional e a forte relação de proximidade entre os habitantes locais possibilitaram com que a coerção social fosse mais acentuada. Os moradores locais passam a exercer o controle social por meio da “fofoca”. Em seu livro intitulado “Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares” publicado em 2000, a antropóloga Claudia Fonseca realizou uma etnografia em bairros(vilas) periféricas de Porto Alegre e analisou que a fofoca nesses espaços correspondia a uma estratégia de gênero utilizada pelas mulheres para conseguir se impor e terem como reagir para com seus maridos. Em sua análise a autora pontua como a “fofoca” pode bendizer ou maldizer tal sujeito e comportamento, em alguns casos a ameaça de endossar boatos de traição são utilizados para influenciar o comportamento de seus parceiros pois estes afetariam sua honra.

Semelhante ao trabalho de Claudia Fonseca (2000), a fofoca ou boato no município de Félix afeta a honra e a imagem pessoal dos envolvidos. No entanto, Félix afirma que quando algum caso de traição ou homossexualidade é trazido a público os

habitantes locais tecem os comentários com o intuito de reprovar tais sujeitos, ele acrescenta que as notícias ou fofocas sofrem diversas alterações e são “aumentadas”, desse modo, ficar “falado” nesses espaços é uma grande desonra e humilhação que recai sobre o indivíduo e também seus familiares.

[...] lá a boca do povo condena a pessoa, é condenado pela boca do povo, saem falando, tem uma coisa assim (sinal com as mãos) e faz uma coisa assim (faz o sinal com a mão indicando ser algo maior); aumentam sempre até chegar no final, aumentam muito a história [...] Eu acho que eles desfiguram, destroem a figura da pessoa, honra, tudo. Da maneira que falam e saem espalhando eles aumentam as coisas o que é pior, se contassem somente como aconteceu aumentam muito, e isso denigre a imagem da pessoa, de ambas as partes tanto quem andava com outro quando a pessoa traída (Félix, 27 anos).

A constituição das relações em seu município teve grande impacto no controle do comportamento de Félix e na maneira como ele constituiu a sua masculinidade, exercendo um maior controle de seu comportamento em seu município de origem. Félix conseguiu atender as expectativas sobre sua masculinidade, se relacionando com grande êxito com o trabalho no campo, a única expectativa a qual não atendeu foi a constituição de um relacionamento heterossexual. Um conhecido de seu pai chegou a realizar uma proposta de casamento para que Félix casasse com sua filha. Ao tratar sobre esse assunto, Félix afirmou que preferia fugir caso chegasse de fato a ser obrigado a se casar.

De certa forma, a vinda de Félix a Santa Maria sinalizou uma “fuga” do espaço em que vivia, embora vá com certa frequência a seu município de origem ele mantém o afastamento necessário entre o que pode ser em Santa Maria e a maneira como deve se portar em seu município de origem.

[...] eu não conseguiria casar só para manter a aparência não. Eu acho que eu preferia fugir e não casar com mulher. Uma coisa que eu não ia fazer na vida era casar com mulher, porque tipo ia casar e estaria enganando outra pessoa, ia guardar um segredo e cada vez aumentar mais uma coisa, até porque algum dia quando fosse descoberto a culpa seria minha. A pessoa com quem estaria casada ficaria com raiva, se sentiria enganada, sentiria ódio de mim e dizendo que eu enganei. Então essa culpa eu não carrego e nem quero também carregar, já sou bem direto, não isso nunca faria, preferia fugir se chegasse a esse ponto (Félix, 27 anos).

A necessidade de encontrar um meio que possibilitasse usufruir seus desejos homoeróticos e manter as relações em seu município fizeram com que sua masculinidade e de seus parceiros não se distanciasse do ideal hegemônico. Assim, ele descreve a masculinidade de seus parceiros como “discreta” em contraposição a masculinidade “liberal”, preferindo constituir relações com sujeitos que se assemelham a sua masculinidade.

[...] eu não sou muito *liberal* assim tal tipo tanto é que pouquíssimas pessoas sabem sobre mim né, desse meu segredo né... que eu curto caras e tal (certo constrangimento e dificuldade ao assumir o desejo) [...] (fala sobre antigo relacionamento) eu gostava dele, ele era muito discreto também, a família dele não sabia sobre ele, então, assim como a minha também não pode saber, então eu gostava dele, acho que mais por essa parte né, parte da discrição e tal (Félix, 27 anos).

Ao analisar as relações homoeróticas que esses sujeitos constituíram ficou visível que a primeira experiência com outro homem aconteceu mais cedo para Patrick e Eric em comparação a Lito e Félix. Patrick deu seu primeiro beijo na adolescência, em um ex-namorado de sua amiga, já Eric beijou pela primeira vez em uma das festas que caracteriza como “GLS”, também durante sua adolescência.

Foi com 15 anos. Foi com um namorado de uma amiga minha que se descobriu bi na época. E aí eu...já tinha me descoberto gay mas aí né, acabou que ficamos, eles haviam terminado um tempo depois que havíamos se conhecido. Acho que rolou algo forte um com o outro daí ele se descobriu bi, sabia que eu era gay, ele terminou com ela e a gente acabou ficando uma temporada (Patrick, 27 anos).

Lito teve a primeira oportunidade de sair com outro rapaz durante o ensino médio através de um grupo de Facebook, situação em que não “rolou nada”, posteriormente ele saiu com um rapaz quando estava frequentando o segundo ano da graduação, residindo já em Santa Maria e tendo por volta de dezoito anos. Da mesma maneira, Félix foi constituir sua primeira relação com outro homem no segundo ano em que estava residindo em Santa Maria, já com vinte e seis anos.

A primeira vez que beijei foi aqui em Santa Maria, eu já morava aqui. Foi em... eu vim pra cá virgem, que eu até te falei né, deixei de ser virgem aqui em 2020, no ano passado, não faz nenhum ano (risos envergonhados). Mas enfim, foi com um guri que mora aqui perto de casa, eu conheci ele no... como é o nome daquele negócio? Badoo [...] eu sempre fui muito fechado e tal, apesar de eu já estar em Santa Maria há um ano, quase dois anos na época, eu nunca tinha... porque eu era muito, ainda sou muito afastado e tal, digamos que eu ainda tenho - a não sei como vou te explicar - mas não sou assim muito jogado, claro eu tive outras oportunidades outras vezes, mas recusei todas, até que foi (Félix, 27 anos).

As possibilidades de Lito e Félix de constituírem relações com outros rapazes, por serem moradores da zona rural, foram expostas por eles como inexistentes. Há ainda uma diferença entre esses dois interlocutores pois Lito é morador de uma zona rural pertencente à Santa Maria, assim, sua experiência frustrada com o rapaz que conheceu no Facebook foi possível somente por ele cursar o ensino médio em uma escola na cidade. Outro fator que impactou para que as relações homoeróticas de Lito e Félix fossem construídas mais tardiamente em comparação a Eric e Patrick é que esses dois interlocutores não revelaram sua sexualidade para nenhum ou poucos membros da família. Desse modo o risco de exposição ou descoberta fez com que esperassem até terem uma maior segurança. As narrativas dos interlocutores relevam que a sexualidade desses jovens acontece mais tardiamente do que para heterossexuais, as paixões na adolescência, como no caso de Lito, se mantiveram platônicas pois a exposição da homossexualidade apresenta muitas angústias para esses sujeitos. A visão negativa construída na família, escola, amigos etc, é central para expressão da homossexualidade desses jovens.

Para Lito e Félix, Santa Maria representou o cenário que proporcionou a constituição de relações com outros homens, não de imediato, pois ambos esperaram até o segundo ano residindo no município para experienciar seu desejo. Para Eric e Patrick o município de Santa Maria tornou-se uma extensão de algo iniciado em seus municípios de origem, mas que maximizou as possibilidades de interações com outros sujeitos e possibilitou construir sua apresentação pessoal de modo diferente que em seu município de origem. Santa Maria permitiu para esses sujeitos experienciarem suas sexualidades sem as mesmas preocupações despertadas em seus municípios. Mesmos os interlocutores que já haviam assumido sua homossexualidade para a família e amigos relataram menor preocupação em se portar de determinada forma em Santa Maria, pois

todos reconhecem a cidade como um espaço menos conservador quando comparado aos locais de origem.

O espaço universitário marca as narrativas desses jovens pois permitiu que construíssem sua masculinidade de forma diferente. Proporcionou, principalmente, o acesso à linguagem sobre o gênero para que, em alguma medida, pudessem rejeitar certos discursos sobre masculinidade, além de proporcionar certo alívio da angústia ocasionada por não estarem alinhados ao modelo de masculinidade.

Contudo, ainda que tenham se aproximado das discussões de gênero presentes no ambiente universitário e construído outras formas de masculinidade em contraposição ao modelo hegemônico, é possível visualizar que esses sujeitos se orientam por pressupostos de masculinidade em sua apresentação no aplicativo e na busca sexual. Em meio a isso, se orientam e reconhecem como signos de masculinidade somente características que compõem as noções hegemônicas, como quando Patrick afirma que a barba e um corpo de musculoso são signos de masculinidade⁴¹.

⁴¹ Esse assunto será tratado com maior profundidade no item 4.3 dedicado a compreender como noções de masculinidade e corpo orientam os sujeitos na plataforma do aplicativo Grindr.

4 “EXIGEM O PADRÃO RIO DE JANEIRO”? CORPORALIDADES E MASCULINIDADES EM APLICATIVOS

“o Grindr é o próprio Chernobyl assim; onde o pessoal exige o padrão Rio de Janeiro de homens bombados, masculinos, que cheiram a Channel. Então o Grindr é uma extensão disso aqui no interior do Rio Grande do Sul” - Patrick, 27 anos.

A frase dita por Patrick apresenta a problemática relacionada ao modo como os interlocutores compreendem a interface do aplicativo em Santa Maria. Durante as entrevistas, os quatro interlocutores selecionados relataram em alguma medida existir uma norma relacionada à masculinidade e corpo visível na plataforma, ao passo que descreveram que os perfis presentes na região estão distantes dessa norma. Nas minhas perambulações no aplicativo pude observar alguns discursos presentes na biografia de perfis que reiteravam normas relacionadas à masculinidade e ao corpo, evidenciando certa recorrência na busca sexual por corpos jovens, magros e não afeminados. Era possível visualizar, através das fotografias expostas no aplicativo, que muitos perfis que mobilizaram restrições quanto à idade, forma corporal ou masculinidade não atendiam à norma em suas apresentações. Assim, alguns questionamentos surgiram a partir dessas percepções e da fala de Patrick.

A afirmação de Patrick consiste em sua interpretação acerca da plataforma, “padrão Rio de Janeiro” se trata de uma analogia que esse interlocutor utiliza para descrição das preferências no aplicativo. Se as exigências no aplicativo são altamente rígidas, correspondendo a um alto padrão dentro do aplicativo, sendo que poucos perfis atendem essa norma, como se desdobra a busca sexual? Em que medida esses perfis flexibilizam suas exigências para obter prazer? No que esses discursos presentes na plataforma permitem compreender as interações dentro do município?

Na análise de Patrick sobre a plataforma, ele afirma que há a existência de um padrão de corporalidade e masculinidade bem delimitado que pode ser observado como próprio das regiões metropolitanas do Brasil, e que se estenderia para as regiões afastadas dessas localidades. Como discutido no capítulo anterior, a construção da masculinidade no interior, seja em municípios pequenos ou cidades de porte médio como Santa Maria, ocorre a partir de signos presentes nesse contexto. Investigar esse ambiente revela as particularidades locais, ainda que seja possível observar questões

similares em outras localidades. Assim, pressupor que o “padrão Rio de Janeiro” é uma extensão no Rio Grande do Sul, em especial nos municípios de pequeno e médio porte, é uma afirmação que necessita de atenção.

A partir da discussão sobre as novas tecnologias é possível compreender como elas contribuíram para que se formassem novas formas de sociabilidade que foram orientadas por construções sociais históricas. Assim, a internet torna-se central para o encontro sexual, principalmente entre os interlocutores da pesquisa que representam uma faixa etária que logo na adolescência está imersa nas mídias digitais. Apesar de fundar novos espaços de sociabilidade, dentro dos aplicativos online são reforçados modelos estéticos, corporais e de masculinidade que se tornam norteadores na busca sexual. Os espaços online ampliaram as possibilidades de encontros, pois em qualquer espaço de homosociabilidade offline é difícil atingir o número de sujeitos com objetivos semelhantes que estão reunidos em ambientes online como a interface do Grindr. A praticidade e conforto proporcionados pelas tecnologias foram ressaltadas por Patrick que diz: “eu sempre fui muito aberto para aplicativos pelo fato de eu não gostar de sair de casa, os aplicativos eram uma forma de conhecer pessoas sem sair do conforto do meu lar”.

A despeito do entendimento de que os aplicativos fundaram um novo meio de sociabilidade, pesquisas como a da socióloga Eva Illouz (2011) problematizam como as relações online são constituídas a partir da lógica de mercado que exige racionalidade nas escolhas. O que a autora denomina de “capitalismo afetivo”, é a influência do capitalismo que introjetou nas relações repertórios culturais, práticas afetivas e discursos ancoradas numa lógica mercadológica e econômica que molda uns aos outros, exigindo uma “racionalização” e “mercantilização” dos afetos (ILLOUZ, 2011, p. 8). A argumentação principal da autora destaca como ao longo dos anos a psicologia se debruçou a estudar o campo da afetividade, colocando os afetos como parte central da sociabilidade. Dessa forma, houve uma ascensão do *homo sentimentalis*, surgindo novos termos como “intimidade”, “autorrealização” e “inteligência afetiva” que se desenvolveram para explicar o que era saudável dentro dos relacionamentos. Com isso, os segmentos econômicos viram a possibilidade de lucro ao produzirem ferramentas que ensinavam as pessoas a se relacionarem.

Para a autora surgiu um “campo afetivo”, um espaço de disputas onde se criam discursos e regras a partir do cruzamento entre o “mundo acadêmico, diferentes segmentos das indústrias culturais, grupos de profissionais credenciados pelo Estado e

pela universidade, e ainda o grande mercado dos medicamentos e da cultura popular” (ILLOUZ, 2011, p. 39). O conceito de campo afetivo é inspirado no conceito de “campo” do sociólogo Pierre Bourdieu que define um campo como um espaço autônomo, com regras próprias e caracterizado por disputas entre sujeitos. Assim a autora percebe a afetividade como um campo de disputas entre segmentos comerciais, acadêmicos e vinculados à saúde, sendo a racionalização de mercado no campo afetivo a marca das relações contemporâneas.

Seguindo a ótica mercadológica, todos os perfis em sites e aplicativos estão em uma constante competição, dessa maneira, o sujeito deve buscar uma melhora na sua posição no mercado para se tornar um perfil mais desejado e ter sucesso no campo afetivo e sexual. Para isso, ele deve acionar estratégias que o aproximem do modelo mais desejado dentro do campo, o que por sua vez desenvolve um “habitus afetivo”. O conceito de “habitus” é caracterizado por Pierre Bourdieu (2009) como um “sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (p. 87). Deste modo, no campo afetivo os segmentos descritos pela autora configuraram a estrutura das relações afetivas e esta passou a estruturar a posteriori a maneira como os sujeitos se relacionam afetivamente.

Assim, podemos nos inspirar na análise de Eva Illouz (2011) e visualizar o aplicativo como um campo de disputas ancorado no habitus afetivo, marcado pela presença de signos que constituem a masculinidade e corporalidades que são dominantes e orientam o desejo dos usuários, impondo sobre eles a necessidade de buscar melhorar sua posição no mercado. Assim, em um primeiro momento o uso de aplicativos desperta no sujeito a ideia de muitas possibilidades de possíveis parceiros, mas a medida em que observam sua posição dentro do mercado as possibilidades de relações diminuem.

Para Illouz (2011) as apresentações pessoais na internet tem como marca três mudanças ligadas a construção da identidade, a primeira é a decomposição da identidade em segmentos, sejam eles gostos pessoais, objetivos de vida, personalidade etc; a segunda característica é que o que antes era privado se torna público, a partir da textualização e exposição de fotografias o eu privado torna-se público pois há a exposição pessoal para uma audiência. A terceira mudança está ligada à concepção da ideologia liberal da escolha, onde o sujeito possui, em tese, toda a agência da plataforma e concentra em seu perfil grande possibilidade de encontrar parceiros. Para a autora, devido aos sites e aplicativos estabelecerem essa concepção de muitos pretendentes à

espera da seleção do usuário, isso produz a sensação que os encontros devem resultar da melhor escolha possível (ILLOUZ, 2011, p. 49). Retomando a discussão iniciada no segundo capítulo, como as interações provenientes nos sites e aplicativos estão relacionados a seleção árdua por parte dos usuários, estes buscam refinar os gostos em um nível individual relacionado ao aprimoramento cultural, corporal, personalidade etc. Ao afirmar que até o “prato mais caro pode ser refinado”, Illouz (2011) informa que no “capitalismo afetivo” até o perfil mais desejado pode melhorar sua posição no mercado dos afetos.

Nesse mesmo segmento, o “refinamento do prato” também significa um *upgrade* nas relações, pois a lógica de mercado pautada no consumo transforma as relações em produto, dessa forma, sempre pode surgir “alguém melhor”, como por exemplo um novo modelo de smartphone com uma série de melhorias. Esse refinamento é discutido por diversas perspectivas, como a análise de Zygmunt Bauman ao afirmar a existência da modernidade líquida, para explicar a fragilidade das relações contemporâneas. Para Eva Illouz (2011) a análise de Bauman não desenvolve a discussão central sobre o capitalismo ter sido incorporado nas relações contemporâneas, o que em sua visão é a chave para compreender a maneira como tecnologia e mercado alteraram o campo afetivo.

A norma descrita por Patrick de “homens bombados e masculinos” apresenta uma produção histórica que colocou esse modelo de masculinidade como desejante dentro das interações online. O sociólogo Richard Miskolci (2017), analisa no último capítulo de sua obra “Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line” como foi constituído um padrão de masculinidade dentro do desejo homoerótico. O autor salienta a importância que representações midiáticas desempenharam na década de sessenta ao retratar a homossexualidade sobre um viés de escrutínio e deboche de homens afeminados ou relatada a partir do macho viril que interrompia sua vida por conta de sua homossexualidade, o que despertou um medo de homossexuais serem associados à Sissy, personagem caracterizado pela bicha cômica, que se tornou nos Estados Unidos uma forma pejorativa de referir-se a homens afeminados.

Ao analisar como a masculinidade viril se tornou alvo do desejo do público homossexual, Miskolci (2017) também ressalta a importância da pornografia, primeiramente por colocar o homossexual como desejante e alvo de desejo, mas em função disso modelou o desejo para uma corporalidade que não abrangia todos os

corpos. O pânico do HIV/Aids na década de oitenta soma-se a essas questões por ter produzido a associação entre magreza e doença, em contrapartida, os homens gays identificaram a possibilidade de trabalhar seus corpos a fim de afastar-se desse estigma, contribuindo para a ascensão dos corpos *sarados*, ou seja, corpos não doentes. O constante regime regulatório de gênero que historicamente resultou em inúmeras formas de perseguição a homens com desejos homoeróticos também influenciou na constituição da masculinidade gay, pois impôs que nesse período a homossexualidade tivesse que ser “camuflada”, assim, buscando assemelhar a masculinidade heterossexual. Miskolci (2017) denomina de “passar por hetero” o processo de incorporar signos de virilidade que eram tidos como marcas da heterossexualidade.

Para Butler (2003), o “passar por hétero”, é um comportamento de gênero que busca imitar pressupostos da masculinidade heterossexual é uma cópia de uma cópia, pois a masculinidade heterossexual não passa de uma ficção, estabelecida como norma e, assim, naturalizada como supostamente original. A vista disso é possível analisar a maneira como os perfis são construídos e de que maneira são mobilizados signos que buscam tornar esses perfis desejados reiterando construções de masculinidade e corpo. Nas entrevistas pude aprofundar como esses sujeitos mobilizam estratégias ligadas a apresentação pessoal, como utilizam as ferramentas da plataforma para que seu perfil seja visualizado e aumentem as chances de encontrar novos parceiros sexuais. A construção do self online demanda que todo o perfil seja empreendedor de si, que saiba “vender” seu conteúdo e gerenciar sua vida amorosa a partir da racionalidade. As entrevistas evidenciaram que a construção do perfil no aplicativo mobiliza signos que buscam transmitir a mensagem para os demais perfis. A respeito das normas exigidas dentro do aplicativo com relação a corporalidade e masculinidade pude observar que elas são mobilizadas pelos interlocutores, ainda que não deixem explícito na construção do seu perfil e não se fixem na procura estilizada do que seria o “padrão Rio de Janeiro”.

A condução das entrevistas expôs para a análise a maneira como os interlocutores tecem inúmeras críticas às interações na plataforma, que nomeiam de roteiro, onde as conversas seguem um modelo de entrevista e as perguntas realizadas pelos usuários são semelhantes. Illouz (2011) afirma que devido ao grande número de interações há a tendência de que as perguntas realizadas online sigam uma formatação única, sendo aplicado a todas as conversas estabelecidas. Ainda que esses usuários comuniquem insatisfação em estarem no aplicativo e participarem desse roteiro

formatado, eles acabam aderindo a lógica de interação da plataforma para poder ter contatos sexuais.

No primeiro tópico analiso a construção dos perfis dos interlocutores dentro aplicativo, evidenciando de que maneira o perfil se constitui como currículo e qual o papel que ele desempenha na busca sexual. Posteriormente no segundo tópico discuto acerca dos usos do aplicativo, quais estratégias esses interlocutores buscam incorporar para maximizar a busca sexual, como racionalizam o campo das afetividades e investigo de que modo questões de masculinidade e corpo são mobilizados nas interações dos interlocutores nos espaços online e offline. O último tópico do capítulo contempla como esses sujeitos compreendem sua masculinidade ao adentrar a interface do aplicativo onde há a pluralidade de masculinidades e maneiras de “ser homem”. Questões ligadas à masculinidade produzem a maneira como esses sujeitos compreendem sua sexualidade; e conseqüentemente impactam suas escolhas online.

4.1 EMPREENDEDORISMO: A CONSTRUÇÃO DE SI NO APLICATIVO

A construção de si no aplicativo demanda um processo de racionalização em que o usuário seleciona as informações textuais e fotografias para que possa atingir seus objetivos da maneira mais eficiente possível. Como já mencionado, Luiz Felipe Zago (2009) denomina os perfis em sites e aplicativos como currículo, pois são construções linguísticas e visuais que ancoradas em signos do campo comunicam aos demais usuários seus interesses pessoais, sua sexualidade, gênero etc. A construção do currículo é um ato racional que ocorre a partir da delimitação do usuário sobre o que deseja ou não comunicar aos demais.

Chamo os perfis dos internautas de currículo para qualificar o conjunto de informações ali publicadas por eles sobre corpo, gênero e sexualidade. O que está publicado nos perfis dos usuários são informações prévias e intencionalmente selecionadas que os demais visitantes devem saber e que devem conhecer [...] Aquilo que é informado através das páginas pessoais apresenta conhecimentos relevantes, saberes importantes, significados pertinentes para a descrição, apresentação e produção daquilo que está ali descrito na mesma medida em que também indica que há outras informações que ali não estão publicadas, que não compõem esta grade de saberes, que ficaram no domínio da ignorância. Tudo aquilo que não é dito ou que não é mostrado nos perfis acaba, por isso mesmo, sendo pertinente para sua problematização (ZAGO, 2009, p.13).

No Grindr o preenchimento de informações nos perfis é opcional, há um espaço livre de apresentação de 255 caracteres e opções de preencher uma espécie de ficha onde o usuário pode expor suas informações corporais (idade, peso, altura, etnia, tipo de corpo, posição sexual), pode utilizar das tribos para identificação, comunicar seu gênero e pronomes, colocar seus objetivos com o aplicativo, se aceita receber fotos, status de saúde sexual, acrescentar redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter) e pode ainda conectar-se ao Spotify⁴² para apresentar seu gosto musical aos demais. Em sua última atualização de 19 de Maio de 2022 o aplicativo incluiu o uso de tags para compor o perfil, o usuário pode adicionar até oito tags e ao clicá-las pode filtrar usuários que acrescentaram a mesma tag em seu perfil.

A construção do currículo ocorre à medida que o usuário seleciona quais informações irá preencher e quais irá ocultar no seu perfil, por exemplo, um usuário pode esconder de forma estratégica sua idade visto que usuários apresentam restrições de idade, ou ainda ocultar sua altura e peso corporal por considerar que tais informações dificultariam as interações em rede. Nos dois perfis que trouxe no capítulo metodológico, o de “katuete#22” e o de “com local 18”, ambos os usuários decidem de maneira consciente mobilizar um discurso para compor seu currículo que comunica suas preferências e objetivos dentro do aplicativo, algo que através da leitura desses perfis é possível compreender como seu currículo ressalta sua busca sexual.

A seleção de fotografias para compor o currículo também mobiliza estratégias por parte dos usuários que selecionam as fotos a partir de critérios, seja determinados ângulos fotográficos, cenários que evidenciem classe social, capital cultural ou partes do corpo que contribuam para o capital sexual. O conceito de “capital sexual” torna-se extremamente importante para análise pois relaciona a construção do desejo e da sexualidade à maneira que são objetivadas para diferentes ganhos na atual esfera capitalista. Esse termo é desenvolvido por Eva Illouz e Dana Kaplan (2020) no livro “El capital sexual en la Modernidad tardía”, as autoras teorizam o capital sexual a partir da teoria de análise dos capitais, compreendendo que na esfera social existem outros capitais além do econômico, que era ênfase das teorias econômicas, para esses autores cultura e status também compõem um tipo de capital, pois ao deter o capital cultural ou social o indivíduo pode movimentar seu capital econômico e vice-versa.

⁴² Plataforma de *streaming* de músicas.

A teoria dos capitais sustenta que o capital é parte de uma relação de desigualdade material e simbólica, ao passo que possuir determinado capital coloca o sujeito em melhores posições na esfera social. Assim, o capital sexual torna-se definidor da posição do sujeito na estrutura do desejo e pode proporcionar ganhos sociais e econômicos. Illouz e Kaplan (2020) utilizam da teoria de Adam Isaiah Green que define três eixos do capital sexual, sendo a aparência (rosto e corpo), afeto e estilo sociocultural; dessa maneira, a constituição do capital sexual torna-se algo pertencente a um grupo de indivíduos.

Dos ganhos econômicos a partir do capital sexual as autoras citam pessoas que trabalham com o sexo e grandes corporações que lucram a partir da produção do desejo erótico. Em um nível pessoal elas destacam que o capital sexual traz autoestima, auto expressão, autonomia; e ao deter o capital sexual o indivíduo pode obter ganhos sexuais e sociais dentro da configuração da estrutura do desejo. Como já revelado no capítulo metodológico, visualizei alguns perfis que na plataforma se intitulavam como “GP” e “acompanhante” ou produziam conteúdos eróticos em plataformas como Twitter e Only Fans, a partir dessa produção erótica do desejo é possível compreender que o aplicativo amplia as possibilidades do mercado sexual, pois o indivíduo ao corresponder a configuração dominante do desejo pode objetivar seu capital sexual para ganhos econômicos em outras redes. Esse conceito é fundamental para analisar que a constituição do desejo na contemporaneidade vai além da aparência (que desempenha um papel importante), mas corresponde também a estilos de apresentação, status, cultura e classe social.

Ao lembrar a bio de “katuete#22” podemos visualizar que aparência é parte de suas exigências, mas também a classe social é pontuada para possíveis interações, ainda que o usuário apresente certa flexibilidade quanto às suas exigências. Já durante as entrevistas, Patrick revelou que só constituiu relacionamentos com sujeitos que estavam ou haviam concluído o nível superior, pois para ele a constituição de um relacionamento depende de um envolvimento intelectual para manter seu interesse. Assim, a afirmação de Patrick toca em questões centrais da constituição do capital sexual, pois ao definir um envolvimento intelectual atrelado ao ensino superior ele limita sua busca a uma porcentagem baixa de usuários, visto que no Brasil em 2019 apenas vinte e um por cento⁴³ de jovens e adultos apresentavam formação no ensino superior, dessa maneira,

43

ressaltar ter escolaridade e acesso a determinados espaços são aspectos que constituem o capital sexual e melhor posicionam determinados usuários nas interações online.

Outro perfil observado em campo escreve em sua biografia “educação é afrodisíaco para mim. Bom nível cultural, independente, direto”, o currículo desse usuário mobiliza duas esferas que compõem o capital sexual, ao expor que detém um bom nível cultural ele afirma deter capital cultural. E ao se posicionar como independente ele adentra a esfera econômica, explicitando que se mantém de forma independente. A escolha em mobilizar tais informações na biografia do perfil é consciente à medida que na “nova economia do desejo” (MISKOLCI, 2014) a independência financeira, desenvolvimento profissional e nível cultural tornam-se partes importantes para constituição de relações, mesmo as relações casuais.

Dentro do processo de construção imagética, Zago (2009) denomina de projeto *mostrar-sombrear* a escolha das fotografias a serem incorporadas para constituir o currículo, ainda podemos pensar esse projeto como *mostrar-sombrear-recortar* ao passo que as escolhas de imagem podem esconder os rostos através de jogos de luz (sombrear) ou por emojis, riscos; o rosto ainda pode ser recortado da imagem, o usuário pode escolher evidenciar apenas seu peitoral, abdômen, volume de sua genitália, entre outras formas de exposição que pude observar em campo. Nos perfis da plataforma e posteriormente nas entrevistas pude observar que a troca de fotografias torna-se definidora para um possível encontro offline, muitos perfis reservam um espaço em sua biografia para pedir o envio de fotos, seja de rosto ou de corpo. Em “O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais” Iara Beleli (2015) descreve como a fotografia tornou-se central nas relações contemporâneas mediadas pela internet. Em um primeiro momento as interações na internet eram marcadas pela textualização de si, pois eram escassas as fotografias e para agregá-las a rede demandava um longo processo em escolher uma foto pessoal impressa, ir até um estúdio fotográfico para transformar a foto em um arquivo digital, para assim poder anexá-la em um perfil ou rede social. E, esse processo era inviável para o envio de fotos íntimas visto que a fotografia seria manuseada por terceiros.

Após o surgimento das câmeras fotográficas foi possível produzir com maior facilidade imagens pessoais e incorporá-las em redes sociais e sites. Richard Miskolci (2017) pontua que a selfie é fruto de mudanças sociais que colocam o sujeito de maneira

mais consciente de sua aparência pessoal e padrões estéticos, se caracterizando como a expressão mais recente de autoimersão (p. 77). Assim, podemos observar que a construção imagética e textual em perfis na internet percorreu um longo caminho até apresentar a comodidade da qual experienciamos online. Abaixo está o perfil de “bisigilo”, usuário do Grindr de trinta e cinco anos, a partir da leitura de seu perfil fica evidente que o usuário mobiliza estratégias para tornar seu perfil atraente para os demais. Ao compor seu nome na plataforma, ele comunica sua bissexualidade e que pertence ao grupo de sujeitos que prezam o sigilo, ou seja, procura se relacionar com outros homens, mas sem se expor publicamente de alguma maneira. Sua biografia é maior que a maioria dos perfis que pude observar em campo, e revela que “bisigilo” possui grande conhecimento em mobilizar o capital sexual nas mídias digitais.

Figura 5 - Perfil de usuário “bisigilo” visualizado no Grindr em Santa Maria.

bisigilo 35
● Conectado

Postura de homem, saudável, confiável, procuro isso. Parrudo, 1m87, tentando deixar corpo em dia. Bacana pra um papo, academia, carro, viagens, café, música, cinema. Sem fumo/drogas. Além da pegação, parceria conta muito. Sexo Seguro.

Altura	187 cm
Peso	95 kg
Etnia	Latino
Porte físico	Grande
Gênero	Homem Cis

Posição	Versátil
Tribos	Urso
Relacionamen to atual	Solteiro
Em busca de	Encontros, Amigos, Contatos, Relacionamento
Aceitar fotos NSFW	Sim, por favor
Local de encontro	Minha casa, Sua casa, Cafeteria, Restaurante
Status HIV	Negativo ⓘ
Último exame	fevereiro de 2020

Fonte: Arquivo pessoal.

Seu perfil expõe as três esferas discutidas anteriormente que compõe o capital sexual, ao se descrever como com “postura de homem” ele afirma possuir como qualificador uma masculinidade que simula pressupostos da heterossexualidade, pois comumente posturas consideradas afeminadas são vistas como desqualificadoras da posição de homem, dessa maneira, “postura de homem” compõe uma parte importante de sua apresentação pessoal. Mais a frente em sua biografia ele afirma que está tentando manter o corpo em dia, as três fotos expostas no aplicativo ocultam seu rosto mas evidenciam seus braços musculosos e peitoral definido revelando parte de sua aparência

física. Ele possui uma fotografia onde é possível visualizá-lo em uma paisagem a beira mar e outra em ambiente noturno que o mostra com uma garrafa de cerveja na mão, somada a sua descrição “academia, carro, viagens, café, música, cinema” ele evidencia seu estilo sociocultural; e por último a sua afetividade está expressada em “além de pegação, parceria conta muito”.

Ao invés de optar por apenas construir sua biografia a partir da negação de perfis, como comumente observado, ele opta por se definir como um sujeito que tem “postura de homem, saudável e confiável” e que procura sujeitos que classifica serem semelhantes. A construção de seu currículo busca comunicar aos outros usuários que ele atende a masculinidade dominante, que possui uma corporalidade desejada e que detém outros capitais, como o econômico ao evidenciar possuir carro e realizar viagens, além do capital cultural ao trazer as palavras “música” e “cinema” como partes de sua apresentação pessoal. Apesar da construção do perfil de “bisigilo” definir várias áreas que compreendem ao capital sexual, além de apresentar riqueza de informações pessoais, a visualização de perfis que construíram seu currículo de forma semelhante foram escassos em Santa Maria. Em seu livro, Miskolci (2017) mostra que ao analisar San Francisco (EUA) sobressai a construção imagética de corpos musculosos que seguem poses estilizadas que remetem a celebridades. No meu campo de pesquisa pouco pude observar sujeitos que em suas fotos apresentavam rigoroso detalhamento imagético com relação a cenários e paisagens como no caso de “bisigilo”, ainda que fosse possível visualizá-los na região eles não correspondiam a grande maioria dos perfis no aplicativo. Esse fato não significa que não há uma preocupação consciente na construção do perfil por parte dos usuários, mas retornamos à questão inicial do capítulo, onde o contexto de Santa Maria não está marcado pelo mesmo rigor da estética corporal que pode ser observado em outros contextos.

Pude perceber durante o curso etnográfico no aplicativo que alguns adjetivos eram mobilizados com mais frequência para compor os perfis de usuário, principalmente no que tange ao tamanho da genitália. A compreensão de que a sociedade está constituída a partir do falo, se estende às relações homossexuais como pontua Daniel Welzer-Lang (2001), nas relações entre homens o que utiliza o falo para penetração (ativo) tem um status maior em detrimento do que é penetrado (passivo) pois o que utiliza o falo no sexo realiza seu papel enquanto macho, já o que é penetrado assume uma posição inferior associada a mulher. Peter Fry (1982) ao analisar a dinâmica das bichas e dos machos na década de setenta observa que a construção das

relações sexuais entre homens nesse período era marcado por posições delimitadas onde o homem ou macho, em um momento posterior a figura do “bofe”, era o penetrador e não estava associado a homossexualidade visto que ele desempenhava seu papel “natural”, o oposto da “bicha” que era o homossexual afeminado que seria penetrado. Essas configurações históricas se alteraram, mas ainda é possível observar que dentro dos aplicativos o tamanho do pênis tem um papel importante no capital sexual.

O perfil de “katuete#22” apesar de apresentar restrições raciais e de classe afirma se relacionar com homens negros e pobres desde que esses sejam dotados. Assim, nomes de usuário como “DOT”, “Nerd XL”, “xl”, “DOTxDOT” estavam presentes nas biografias, “dot” é a abreviação de dotado, já “dotxdot” qualifica um homem que é dotado e procura outros dotados para sexo. Já termos como “xl” fazem referência ao tamanho de vestuário “extra grande”, nesse sentido o uso do termo é bem recebido e causa certo prestígio ao qualificar a genitália masculina. Em um outro momento a referência do tamanho do vestuário é utilizada com reprovação sobre determinados corpos, como em um perfil que coloca “nada contra mas não curto afeminados, gg e peludo”.

Outros marcadores sociais são constituintes das apresentações pessoais no aplicativo, no capítulo metodológico descrevi a plataforma do aplicativo e como parte dos perfis mobilizam certos discursos em sua apresentação pessoal. O perfil de “bisigilo” coloca como atrativo de sua apresentação pessoal a frase “postura de homem” para afirmar aos demais sua masculinidade. O “não afeminamento” constitui parte importante do capital erótico para determinados sujeitos que frisam com certa importância em sua apresentação pessoal não serem afeminados, ou serem “homens de verdade”. É interessante analisarmos que para o perfil de “bisigilo” ser homem está intrinsecamente relacionado a masculinidade de macho viril. O Grindr por ser um aplicativo predominantemente⁴⁴ utilizado por homens dispensaria a priori o ênfase de escrever nas biografias que se é homem, ainda mais por existir um campo de preenchimento de gênero, porém esse termo é mobilizado pelos usuários como sinônimo da masculinidade hegemônica. Um perfil escreve em sua bio “sou HOMEM e procuro por HOMENS”, outro usuário escreve que é “homem com jeito de homem”.

⁴⁴ Em suas publicidades recentes o Grindr afirma ser um aplicativo para toda a comunidade LGBTQIAP+, nos espaços de gênero ele incluiu o gênero Mulher e Mulher Trans, no campo de Santa Maria pude observar três perfis de mulheres que se identificavam transexuais durante as idas ao campo, dois perfis de mulheres e um perfil de um casal composto por um homem e uma mulher. Ainda assim, outras identidades que não masculinas são minorias na plataforma.

Assim a descrição enquanto “homem” não está associada somente ao gênero, mas também à masculinidade.

Nesse sentido a valorização de uma masculinidade se constitui a partir da desvalorização de outras masculinidades. Se ser “homem” está atrelado à masculinidade viril, isso quer dizer que outros sujeitos, principalmente os que se aproximam da feminilidade estariam destituídos da posição de “homem” ou ainda não seriam “homens de verdade”. É contraditório se percebemos que para a masculinidade heterossexual qualquer homem com desejos homoeróticos é igualmente destituído da posição de homem. No imaginário social comumente é associado a masculinidade dominante com a heterossexualidade, como Butler (2003) destaca com a matriz-heterossexual. Assim, homossexuais ou bissexuais com expressão de gênero alinhada a esse modelo dominante de masculinidade estariam enganando as pessoas se passando por “homens de verdade”. Quando um sujeito lido como próximo a masculinidade viril se assume homossexual é comum a reação preconceituosa: “ah achei que você era homem de verdade”. Dessa forma, a masculinidade heterossexual não compreende homens homossexuais ou bissexuais enquanto “homens de verdade”, pois estes não estariam cumprindo o atributo principal, a heterossexualidade. Nas relações entre homens na plataforma, sujeito alinhados a masculinidade viril desqualificam outros sujeitos da posição de serem “homens”, o que revela as relações de poder que são constituídas entre homens, em um primeiro momento a relação entre heterossexualidade *versus* (homo)bissexualidade; e em um segundo momento a relação entre homens masculinos *versus* homens afeminados. Os discursos acerca da masculinidade na plataforma constituem relações de antagonismo, de um lado pude observar sujeitos que afirmavam a norma de masculinidade se definindo enquanto sujeitos com “jeito de homem”, “homem de verdade”, “macho” etc. Em contrapartida visualizei sujeitos que em seu currículo questionam normas relacionadas à masculinidade. Um dos usuários que realizei uma entrevista, mas não o trouxe como interlocutor de pesquisa, havia escrito em seu perfil que “não gostar de afeminados era misoginia internalizada”, esse perfil se posiciona criticamente frente às concepções de masculinidade que naturalizam questões de gênero relacionadas a gostos pessoais.

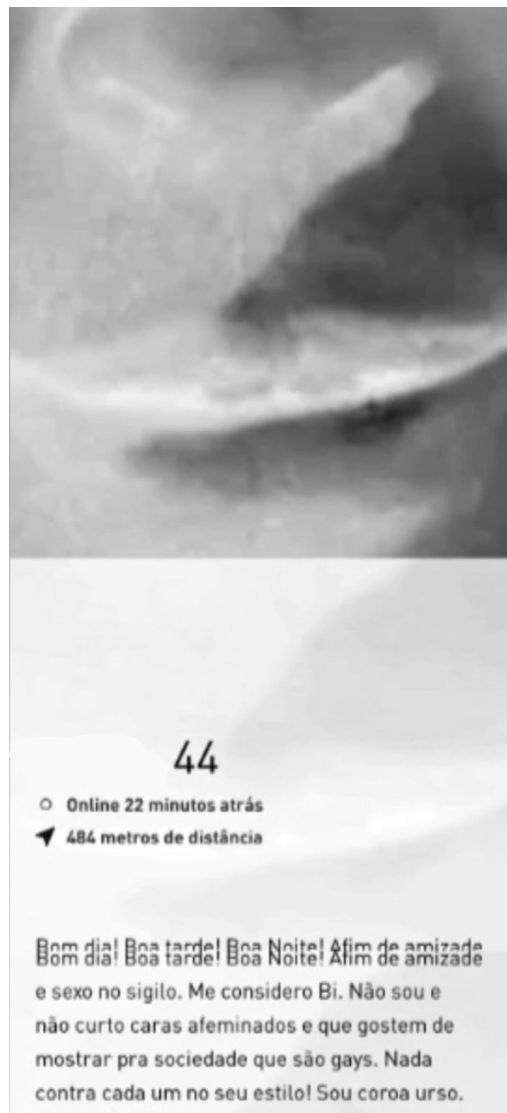
No campo de Santa Maria esses discursos que questionam a masculinidade dominante podem estar mais presentes do que em outros municípios do estado, como os municípios dos interlocutores, que pontuaram que no contexto santamariense há uma predominância de exposição no aplicativo e de perfis que se posicionam de forma

crítica a essas concepções, incluindo alguns interlocutores de pesquisa. Esse fato tem como destaque a presença da universidade e coletivos que promovem uma discussão crítica em relação a gênero e sexualidade que está muito próxima da perspectiva crítica dos próprios interlocutores da pesquisa.

Um outro perfil de usuário de trinta e três anos escreve “deixa eu te contar um negócio: se você está aqui você não é fora do meio”. Outro perfil de usuário de trinta de dois anos problematiza a discrição de perfis pois escreve, “discreto de cu é rola. somos todas viadas gatas então bora curtir pq lavou ta novo” [sic]. Nos três trechos de perfis detalhados acima, sobressai a análise a maneira como esses usuários se posicionam frente às normas de masculinidade que permeiam a plataforma do aplicativo, o que evidencia certo dinamismo na posição desses sujeitos frente às estruturas sociais.

Esses perfis problematizam a associação que é feita entre homossexualidade e comunidade. Estudos realizados sobre a mesma temática (MISKOLCI, 2009b) evidenciam que dentro de aplicativos destinados ao desejo homoerótico existe uma norma da masculinidade e do segredo. A ideia de “meio gay” estaria associada aos ambientes offline composto por homens que assumem sua homossexualidade publicamente, uma concepção de uma comunidade gay pautada em espaços de homosociabilidade que colocariam a homossexualidade em evidência. Como Miskolci (2009b) discute, inicialmente os espaços de homosociabilidade online seriam vistos como “fora do meio”, principalmente porque estar “dentro do meio” era estar associado a marginalização, impureza e promiscuidade. Assim, a internet era vista, inicialmente, como um espaço “limpo” onde o desejo homoerótico podia ser experienciado descolado da associação negativa que era feita a esses sujeitos. As biografias dos usuários acima tencionam a associação entre estar “dentro ou fora do meio” no aplicativo, essas posições com relação aos usuários são divergentes, ao passo que esses usuários afirmam que utilizar o aplicativo online insere-os como parte de um “meio gay”, outros usuários reiteram que estar no aplicativo não significa compartilhar da mesma exposição pública da homossexualidade. O perfil abaixo é de um usuário de quarenta e quatro anos que afirma não gostar de homens afeminados por questão de gosto pessoal e pontua também que não se atrai por caras “que gostam de mostrar para sociedade que são gays”, ou seja, que já assumiram sua homossexualidade.

Figura 6 - Perfil do Grindr de usuário de quarenta e quatro anos visualizado na cidade de Santa Maria.



Fonte: Arquivo pessoal.

É válido pontuar que usuários que buscam subverter a norma de masculinidade em suas apresentações pessoais na plataforma é pouco expressiva quando comparado a toda a totalidade de perfis que pude observar. Da mesma maneira, usuários que mobilizam em seus perfis restrições de idade, masculinidade, corpo e raça não correspondem à maioria de perfis na plataforma, mas ambos os grupos de usuários se tornam expressivos para analisar como a masculinidade é construída dentro da plataforma e quais atributos são qualificadores da masculinidade para esses sujeitos. Essas recorrências de discursos também foram pontuadas pelos interlocutores Patrick, Lito e Eric que apresentam uma maior criticidade em relação a construção de corpo e masculinidade no perfil. Esses interlocutores descreveram discursos recorrentes contra homens afeminados, gordos, negros, mais velhos etc.

Patrick afirma que observa os perfis de Santa Maria como: “acho que 90% do aplicativo é fora do padrão, 90% do aplicativo procura sexo. E às vezes não sabe lidar quando você não está na mesma procura que eles e não leem o perfil das pessoas”. Patrick utiliza de uma porcentagem para descrever que a grande maioria dos perfis da cidade não estariam de acordo com normas corporais e de masculinidade da qual reiteram em suas apresentações pessoais. Apesar disso, este mesmo interlocutor afirma que no município há uma extensão de um padrão “Rio de Janeiro” na busca por “homens bombados, masculinos que cheiram a Chanel”. Esse fato auxilia a compreensão de como o nicho de aplicativos para relacionamento, assim como a mídia, visibiliza determinada corporalidade como alvo do desejo, assim, muitos usuários reiteram um modelo estético a qual não correspondem.

A percepção de Lito vai ao encontro a de Patrick, ele afirma: “Então eu acho que tem esse ideal essa procura que são padrões né que a gente chama, do musculoso, bronzeado, sarado e tem muito dessa procura. Eu vejo caras que só tem o abdômen na foto; e então eles geralmente procuram caras iguais a ele”. Minha investigação no aplicativo evidenciou a presença dessas normas corporais e de masculinidade pertencentes a um grupo pequeno de usuários que acionam em sua construção de currículo alguma norma relacionada à masculinidade, idade, corporalidade ou racialidade. Tampouco pude perceber com grande expressividade perfis que estão adequados a essa construção, ou seja, preenchem todos os requisitos que compõem o “padrão Rio de Janeiro”.

Alguns perfis de usuário que apresentavam restrições como o de “katuete#22” apresentavam certa flexibilidade em suas exigências, pois a medida que se busca um padrão que é composto por um ideal de masculinidade, corpo, raça, capital econômico e cultural que é pouco atendido pelos demais perfis a possibilidade de encontros tornam-se muito baixas. Ademais, os interlocutores de pesquisa apresentaram essa flexibilização do gosto pessoal, Lito e Patrick relatam cada um uma situação em que encontraram homens que não consideravam atraentes, mas estabeleceram relações sexuais igualmente, “contornando a situação”⁴⁵.

Ao adentrar sobre a construção do perfil para os interlocutores e o motivo das escolhas das fotografias, pude perceber diferenças significativas quanto a preocupação na apresentação pessoal de cada um na plataforma. Para Lito, expor ou não alguma

⁴⁵ No tópico seguinte retomarei essas situações para argumentar sobre os usos do aplicativo e encontros offline.

fotografia está atrelada ao que ele busca no momento, durante seus usos, quando está buscando relações de amizade ou parceiros de jogos não sente necessidade de utilizar foto. Na busca sexual na maioria das vezes diz apresentar foto de rosto pois ter foto o coloca em outra grade do aplicativo que aumenta a visibilidade do seu perfil, para ele a foto de rosto também é um pré-requisito para interações com outros usuários.

Nas ocasiões que deseja sexo, mas não apresenta foto de rosto, ele permite que as descrições pessoais de seu perfil sejam “mais ousadas” pois movimenta discursos como “fast foda⁴⁶”, “sexo oral” entre outros que não aparecem com frequência quando seu perfil está com foto. No trecho abaixo ele exemplifica um pouco a maneira como constrói seu perfil para atender aos desejos que possui no momento.

[...] às vezes quando eu quero algo muito específico tipo “hoje eu não quero transar de penetração, só quero sexo oral” então eu mudava o perfil só para tipo “hoje só quero sexo oral” ou também mudava para “hoje eu só quero algo muito rápido, fast foda”, mas isso era a mais tempo atrás, agora não faço mais tanto. Coloco geralmente amigos, conversas, muitas vezes estou com esses perfis e aí já mudo o nome, já mudo todo o perfil; não excludo, mudo todo o perfil e já mudo para algo tipo, quando não estou mais com a vontade eu mudo para amigos conversas (Lito, 24 anos).

Outra questão interessante é que Lito constrói sua apresentação pessoal no Grindr de maneira diferente como em outros aplicativos de relacionamento, no caso dele o Tinder. Não só Lito, mas também Eric e Patrick dizem que as apresentações pessoais no Grindr diferem das apresentações do Tinder. Já havia sinalizado na metodologia que o Grindr é visto como um aplicativo para encontros sexuais e o Tinder é classificado como um aplicativo para relacionamento ou amizade. Esse fato é atribuído a maneira como ambos os aplicativos são construídos. Assim, Lito afirma que mantém no Tinder uma apresentação pessoal que não tem nenhum apelo sexual e está mais próximo a maneira como ele constrói seu self nas redes sociais.

[...] no Tinder eu não sou tão direto para querer sexo nem nada do tipo, no Tinder eu deixo um perfil mais engraçado, acho que a minha descrição do Tinder agora tá que eu aprecio memes, shitposts, tipo memes e post mais

⁴⁶ Miskolci (2017) sinalizava que meados da década de 2010 o termo “fast foda” no contexto brasileiro se tratava de um termo pejorativo relacionado ao *hook up* que seriam encontros casuais, o termo significa encontros sexuais rápidos fazendo alusão ao fast food, comida rápida. Durante a observação do campo percebi com pouca expressividade perfis que rejeitavam o sexo casual. Lito mesmo afirmando a insatisfação com relação as interações no aplicativo só utilizava-o para sexo casual em momentos específicos.

nada a ver, engraçados coisas assim; então o perfil do Tinder é com certeza diferente do Grindr, lá no Tinder sou mais perto do que eu sou no Twitter, no Instagram (Lito, 24 anos).

Lito utiliza com certo dinamismo as ferramentas da plataforma, mas segue seu preenchimento com certa religiosidade, pois se guia pelos filtros do aplicativo e assim, mantém o preenchimento do seu perfil alinhado com sua busca sexual. Das mudanças que ele expõe com frequência está o “em busca de” que alterna entre o “agora” acionado quando está com vontade de relações sexuais; e “amigos” e “conversa” quando deseja algo não relacionado ao sexo. Da mesma forma o uso das categorias que ele mobiliza difere de como os outros perfis utilizam, quando faz o uso de “agora” isso quer dizer que ele busca algo naquele momento ou que ocorra em um curto período de tempo, ele diz que os outros perfis que mobilizam o “agora” não seguem o mesmo imediatismo que ele apresenta, geralmente procuram algo em um maior intervalo de tempo do que ele busca.

Além dos seus objetivos de busca no aplicativo ele modifica com frequência as tribos do aplicativo, “garotos” é uma tribo que aparece com frequência no seu perfil, mas outras tribos como “nerd”, “discreto” e “couro” são acionadas em momentos diferentes. A tribo do “couro” é mais específica e menos recorrente, pude observar que ele utilizou essa tribo acompanhado de uma fotografia que o exibia em uma jaqueta de couro preta, essa tribo está associada com certo fetiche, e por apresentar poucos (ou nenhum) usuário(s) com a mesma tribo na cidade ele diz que utiliza somente quando está na “vibe”. Já a tribo “nerd” está presente quando procura conversas, parceiros para jogos, amigos, mas também quando ele deseja relações sexuais.

A tribo “discreto” está associada somente à busca sexual, mesmo quando está com foto de perfil. Quando o questionei sobre sua interpretação do que seriam os “discretos” ele associa a pessoas tímidas, mas afirma que pode significar pessoas que não são assumidas. Lito afirma que não esconde sua homossexualidade nas redes e nos seus círculos sociais, com exceção da família. Como dito anteriormente, ele apresenta um grande conhecimento dos signos da plataforma, então utilizar “discreto” em seu perfil não é uma mera diferença de interpretação, mas compõe uma estratégia para a busca sexual pois sua aparência não pode ser considerada como afeminada. Dessa maneira, por apresentar certos signos de masculinidade como a barba, uma foto de rosto associada ao uso da tribo pode maximizar as oportunidades de interações na plataforma.

Lito afirma que bloqueia com frequência sujeitos que em seus perfis apresentam as restrições que citei anteriormente (masculinidade, corpo, racialidade etc.), esses perfis de usuários não correspondem à maioria dos perfis, mas ainda que não comunicado na bio, os demais perfis de usuários podem se orientar por certos padrões estéticos, corporais e de masculinidade, dessa forma, pode ter perfis que buscam uma masculinidade normativa que poderiam interagir com Lito a partir da construção de seu perfil e uso dessas categorias.

Cada interlocutor pontuou recursos diferentes que mais gosta no aplicativo, para Lito o uso dos filtros é seu recurso favorito, isso evidencia a maneira como ele orienta as relações na plataforma a partir do que os outros usuários preenchem nessas categorias.

O que eu mais gosto... são os filtros né, para filtrar as tribos, categorias de nerd, couro, agora, são esses que mais gosto e uso; também trocar foto e aí como já tínhamos comentado quando você troca foto seu perfil aparece nos novos, outra aba que tem no Grindr. Hã eu acho que são esses os principais, o filtro de idade, o filtro das tribos e o filtro do que a pessoa está querendo, agora ou amigos, amizade (Lito, 24 anos).

Félix é o único interlocutor que não assumiu sua homossexualidade para algum membro de sua família e o único que verbalmente nas entrevistas se descreveu como alguém discreto. Apesar de frisar a necessidade de manter sua sexualidade no segredo ele expõe seu rosto e apresenta o número máximo de fotos permitidas, tanto no Grindr (cinco fotografias) como no Tinder (nove fotografias), a partir da visualização de seu perfil surgiram questões de como estar no município de Santa Maria permite que ele apresente uma exposição maior, como já discutido na relação entre o armário e a plataforma no capítulo anterior.

O motivo pelo qual ele justifica a escolha das fotografias é que são mais recentes e que ele se sente bem. Nas fotografias expostas podemos ver sua barba que ele afirma ter um cuidado especial, além de fotos a cavalo, paisagens do campo, ele tomando mate e utilizando bombacha. Félix apresenta um grande número de fotografias (número maior que os demais interlocutores) e mobiliza signos que são constituintes da masculinidade no contexto que viveu. Há no aplicativo uma tribo denominada “rústico” que segundo o dicionário Oxford é algo relativo ao campo, à zona rural; próprio da vida no campo. Essa tribo está associada a uma masculinidade que se aproxima de definições de virilidade e do ser “macho”, e apesar de não mobilizar tal categoria em seu perfil, a

partir da leitura de suas fotos e da sua descrição (“busco sigilo”) podemos associá-lo a uma das masculinidades que são alvo do desejo. A construção de seu currículo atende sua busca sexual com sucesso, nas entrevistas ele relatou três grandes envolvimento com homens que mantêm discrição da sexualidade, incluindo um militar com família e esposa.

Tem muita gente que curte um perfil de barba, às minhas eu estou quase sempre de barba. Então a maioria curte com barba então eu uso a barba sempre, por isso eu pensei "vou colocar essas aqui". Eu recebo muito mais pessoas que me mandam, puxam assunto comigo do que eu que chamo (Félix, 27 anos).

Mobilizar signos de masculinidade como a barba torna-se um diferencial entre os perfis de usuários, a barba aparece com frequência como um atributo que é valorizado e para os interlocutores a barba apresenta um destaque positivo que também é associado a beleza. A construção do perfil de Félix embora não seja estilizada de uma forma que o apresente com fotos sem camisa, cumpre seu objetivo na busca sexual que é se relacionar com outros homens que se consideram discretos.

Para selecionar esses homens Félix apresenta um interesse em sujeitos que não apresentam foto, apesar de camuflar esse fato como uma mera curiosidade, está relacionada a forma como ele experiencia sua própria sexualidade e o segredo. Ao descobrir quem está por trás daquele perfil ele se torna parte do segredo e da gestão da sexualidade do outro. Esse interesse vai além do sexual pois já chegou a marcar encontros com perfis que não tinha visto fotos e em uma dessas ocasiões chamou um perfil até sua residência pois achou que seria determinada pessoa, ao se deparar com outra pessoa Félix a dispensou.

Eu tenho mais curiosidade pelas pessoas sem foto. Tenho uma curiosidade de descobrir quem é que atrás daquele perfil. Já teve uma vez que eu estava falando com uma pessoa e eu achei que era uma pessoa e era outra; aí eu convidei pra vir aqui em casa e era um velho coisa mais horrível do mundo [...] E aí ele quis ficar bravo comigo, eu disse que era de menor e ia denunciar ele para a polícia, ele disse que eu era louco e foi embora (Félix, 27 anos).

A partir da indagação a respeito do uso de suas fotografias Eric diz que são fotos em que ele está gostando mais no momento, a partir disso questionei sobre qual leitura

poderia ser feita dos outros usuários a respeito de seu perfil, nesse questionamento ele não conseguiu formular uma resposta para tal questão. Além das duas fotografias que expõem seu rosto, ele apresenta de descrição que não envia nudes e nem tem pretensões específicas com o aplicativo.

Daniel: Você poderia me dizer o que sua bio comunica sobre você? Você também preenche aquelas características do perfil?

Eric: Algumas das características, aliás, não estão todos esses campos preenchidos. Da parte escrita lá comunica isso que eu não quero receber nudes, acho que dá a entender também que não envio; e que eu não tenho nenhuma pretensão específica assim com o aplicativo.

Eric afirma não gostar dos tipos de interações com os outros perfis que são orientadas diretamente para o sexual, apesar de que quando está com interesse sexual adere a esse tipo de conversa. Embora ele não teorize seu perfil como os demais interlocutores, a construção imagética do seu perfil comunica suas características físicas principais, apesar de não se considerar uma pessoa negra, sua aparência pessoal no aplicativo já atraiu comentários racistas de outros perfis.

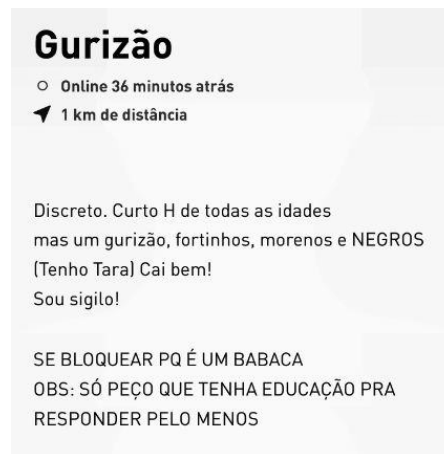
Normas relacionadas à racialidade ocupam duas posições, uma de rejeição e outra de sexualização. Novamente ao retornarmos para o perfil de “katuete#22” visulizamos que esse perfil rejeita homem negros, mas também os sexualiza a partir da noção do falo.

A hipersexualização e hipervirilização do homem negro, reforça a concepção de que seriam “bem dotados” e insaciáveis sexualmente. O próprio termo “cafuçu” presente na função “tribos” do aplicativo, se refere a um homem de pouca instrução, negro, com um corpo malhado (de trabalhos braçais), que é hipermasculino e viril. No aplicativo o desejo relacionado a corpos de homens negros se orientam pela cor da pele, homens negros de pele mais clara são nomeados de “morenos” e estão associados a sexualização e desejo, enquanto homens negros mais retintos são sujeitos mais preteridos no aplicativo.

O interlocutor Félix afirma que seu tipo são homens “morenos” e altos, ao descrever uma antiga relação com um sujeito que nomeei de Cristian ele afirma: “Mas no geral curto vários caras, mas que eu curto mais mesmo assim é um cara moreno alto, não preto, assim preto! Moreno como o Cristian era, mais queimado assim como diz.”

O perfil de “Gurizão” logo abaixo apresenta a sexualização que acompanha corpos de homens negros na plataforma, esse usuário afirma possuir “tara” por “morenos”, e principalmente, homens negros pois sinaliza em caixa alta, destacando dos demais.

Figura 7 - Perfil do Grindr de “Gurizão” visualizado na cidade de Santa Maria.



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante o percurso de entrevista Patrick também apresentou certa abjeção a caras negros em suas interações no aplicativo. Ao pontuar sobre os perfis que compõem seu gosto pessoal ele afirma, “já namorei caras loiros, morenos, castanhos, ruivos [...] só o fato de na internet eu não procurar caras negros, mas se me chamam eu respondo né, é um racistinha de merda né? mas estou tentando me desconstruir, juro”. Para ele os perfis de usuários negros não despertam seu interesse a menos que em seu perfil eles apresentem uma “descrição engraçada”, coisa que ele reconhece não exigir de perfis de homens brancos.

Dos quatro interlocutores, Patrick é o que apresenta maior teorização acerca do seu perfil, durante nossas conversas pude perceber grande preocupação que ele apresenta com seu corpo. Se o “padrão Rio de Janeiro” fosse definido apenas como um modelo corporal pautado em um corpo definido e musculoso, poderíamos enquadrar esse interlocutor nessa categoria. Para ele, o que mais chama a atenção nos perfis de usuário é a escala de peso e altura do aplicativo, o que sinaliza que além de uma preocupação estética de si ele apresenta a mesma preocupação com seus possíveis parceiros.

Com relação às tribos do aplicativo ele se identifica com “nerd” e “garotos”, mas pretende se identificar como “barbie” pois afirma que ele “malha para isso”. Com

relação a escolha de fotos, ele teoriza a única foto que possui no perfil e a partir dela aponta várias características que poderiam ser captadas pela imagem, evidenciando que possui plena consciência da exigência de racionalização e construção do self nas redes sociais.

Patrick: Eu peguei uma foto mais recente, uma qualidade boa, que mostra um pouco de físico, porque não né, é o cartão de visitas, mas sem mostrar demais, estava um braço ali aparecendo, mas a camiseta estava cobrindo. Então, sem ser “vulgar”.

Daniel: *E o que você acha que suas fotos falam sobre você?*

Patrick: Piranha de classe (risos), eu acho que mostra isso que eu não estou ali desesperado por sexo, mas que eu me cuido fisicamente e que eu sou amigável, quando mostra o rosto, ou mostra em um ambiente tão enjaulado, mostra que sou amigável.

A construção de sua biografia foi a única entre os interlocutores que trouxe elementos para além dos usos do aplicativo, ele traz para compor seu perfil que está indignado com o preço dos alimentos, remetendo o assunto a política brasileira. Ao ser questionado sobre o que sua bio comunica sobre ele, ele conclui: “Que eu sou politizado, que estou muito chateado com o preço das coisas do supermercado e que procuro companhia no geral, que não tenho essa delimitação sobre o que eu estou procurando no aplicativo”.

Como dito na apresentação de Patrick suas argumentações se aproximam muito das discussões de gênero, o que ele ressalta em sua narrativa sobre sua “militância pessoal”. A partir de nossas interlocuções pude perceber que ele se posiciona de maneira bem crítica a estrutura de masculinidade, ao aplicativo e outros discursos que circulam nesse ambiente. Por outro lado, pude perceber que ele reproduz esses mecanismos a qual censura. Ao discutirmos sobre padrão corporal e como na plataforma existe grande exigência na estética corporal, ele afirma não existir um corpo específico que o atrai, porém ao tocar no assunto de seus últimos encontros ele relatou uma situação em que foi encontrar um homem e ele não o atraiu.

Daniel: Você poderia, se você não quiser não tem problema nenhum, descrever o que causou desconforto?

Patrick: Eu acho que nós gays, no geral, somos muitos do visual, a gente é muito *egocêntrico*; e a parte do Grindr permitir o envio ou não de nudes, é justamente para gente *saber se vale a pena ou não sair da nossa casa*. Enfim, mas então como eu não aceito mais esse tipo, me causa uma certa retração, por dizer assim; e como a gente depende de ereção para manter relações sexuais, eu acho que todas essas conversas e todos esses contatos são

necessários. Nessa pessoa acabou que eu não... *o corpo não me atraia*, daí a gente contornou a situação. Mas foi questão física mesmo, de não me atrair.

Daniel: Você poderia dizer o que não te atraiu nessa pessoa?

Patrick: É escroto da minha parte, *eu não tenho que opinar sobre o corpo do outro*. Eu acho que foi uma questão... foi uma questão de... deixa eu pensar como eu posso relatar isso... Eu acho que essa pessoa tinha passado por um processo de emagrecimento muito grande, então ele estava com alguns excessos de pele em alguns lugares e também era uma pessoa que *não fazia atividade física*, isso acaba trazendo outras coisas que não me *atraem* (grifos meus).

A partir das falas de Patrick podemos visualizar a maneira como os discursos podem ser mobilizados, mas que isso não infere necessariamente em uma incorporação prática. Em inúmeras ocasiões Patrick frisa que não há um tipo de corpo que o atrai, mas ao discutir os atributos corporais que mais chamam a atenção em um homem, todos os que ele destaca se encaminham para a construção de um corpo “malhado” e com signos de masculinidade dominantes.

Outro fator importante para a compreensão da construção da masculinidade de Patrick é que ele utiliza com frequência o termo “desconstrução”, que está relacionado ao ativismo, pois se trata do reconhecimento de construções sociais que influenciam os comportamentos, dessa forma, desconstruir sinaliza a busca por identificar essas estruturas e seguir o caminho inverso. Ele constantemente utiliza o termo para informar sobre um comportamento ancorado em normas sociais, que ele classifica como um comportamento incorreto, mas do qual não consegue se desvencilhar. Em duas ocasiões ele apresentou certo constrangimento ao reforçar a norma racial e de masculinidade. Quando adentramos sobre cuidados estéticos e uso de maquiagem, o questionei acerca do uso de signos femininos, novamente ele pontuou sobre seu processo de “desconstrução”.

[...] eu não sei até que ponto a minha *desconstrução*, porque na teoria todo mundo "nossa meu deus isso está super aceitável"; eu não sei até que ponto eu me sentiria tão *atraído*. Se for uma pessoa que eu já estou me relacionando a um tempo, obviamente que isso vai ser um plus, eu saber que a pessoa tá cuidando dela. Mas eu já tive algumas experiências ruins, por exemplo, o uso de cinta liga, de uma meia calça, eu já tive problemas com isso (Patrick, 27 anos).

Podemos identificar que Patrick expõe a procura de uma masculinidade viril e do corpo musculoso no aplicativo como algo negativo, com certa toxidade, pois na frase

de abertura do capítulo ele faz a associação do aplicativo a Chernobyl, cidade marcada por um acidente nuclear e que apresenta ainda hoje altos níveis de radiação que impedem a habitação. Esse termo popularmente está associado a identificação de algo ou comportamento problemático. Entretanto, mesmo que apresente essas críticas a construção de gênero, masculinidade e corpo, é notável que em sua busca sexual esse usuário se orienta a partir de comportamentos que ele mesmo considera como reprováveis.

4.2 AS INTERAÇÕES NO APLICATIVO E ENCONTROS OFFLINE

O preenchimento do perfil foi sinalizado como algo importante para a busca sexual no aplicativo, mas as abordagens e usos do aplicativo se mostraram definidoras para interações offline. Primeiramente pude observar que os interlocutores concebem de forma distinta aplicativos do mesmo segmento. Anteriormente trouxe a maneira como Lito se apresenta de forma diferente no Grindr e no Tinder, esse fato é importante pois permite compreender que a maneira como o aplicativo foi estruturado e é visto pelos usuários limita os tipos de interações estabelecidas na plataforma.

Ao questionar os usos do aplicativo para os interlocutores, Lito, Patrick e Eric relataram que o aplicativo possui muitos usos diferentes, ao passo que continuei a investigação pude perceber que os usos poderiam ser resumidos em sexo e/ou amizade. Retomando a maneira como os usuários classificam o Grindr e qual uso eles atribuem podemos constatar que para esses usuários o aplicativo está relacionado principalmente ao sexo, ainda que afirmem que ele possui outros usos. Para Patrick as apresentações pessoais destoam entre o Tinder e o Grindr porque para ele o Grindr está associado a “baixaria” e a “promiscuidade”, esses termos são movidos por esse interlocutor de forma pejorativa para descrever as interações entre os sujeitos que estão presentes na plataforma.

O Grindr você pode enviar fotos, então enviar e receber arquivos, então isso facilita o envio de fotos sensuais, de nudes e é mais prático nesse sentido. O Tinder não permite esse tipo de interação, então eu acho que é um ambiente mais familiar (risos) digamos assim. Mas deixa eu pensar, o Tinder dá... acho que o Grindr agora dá pra você por música, mas dá pra ir para esse lado não tão sexual no Tinder; no Grindr baixaria 100%. [...] Por causa dessa promiscuidade associada ao aplicativo, daí já atrela o lado mais sexual. E o Grindr é mais, não sei como dizer, acho que mais sexual mesmo, vamos manter assim por enquanto (Patrick, 27 anos).

O Tinder foi associado por Patrick ao “LinkedIn”, rede social de negócios. Para ele o Tinder seria um espaço onde os usuários postariam fotos de viagens, ou seja, valorizam seus atributos culturais, enquanto no Grindr por ter um maior apelo sexual como ele descreve, os usuários valorizam mais seus atributos físicos. Para Lito, o Tinder não é tão “sexualizado” devido à sua construção, ele diz que repara que há homens que estão sem foto no Grindr e aparecem com foto no Tinder, além de no Tinder o usuário pode ser visualizado por perfis de outra cidade. A maneira como ele constrói seu perfil no Tinder mostra como Lito compreende esse aplicativo.

eu vejo que às vezes alguém que eu encontrei no Grindr que nem tinha foto, que me enviou no privado, tá lá no Tinder com foto, então eu acho que tem muito disso de no Grindr todo mundo pode ver todo mundo, você está lá vendo uma timeline e você vê as pessoas então às vezes tem caras que não colocam foto, por medo sei lá, que serão encontrados. Mas aí no Tinder estão lá com a foto, então eu acho que são usos diferentes porque os aplicativos têm uma forma de visibilidade diferente (Lito, 24 anos).

As colocações de Lito e Patrick sugerem que o Grindr por ter uma precisão maior da distância entre os usuários e exibir noventa e nove perfis de acordo com a proximidade se torna facilitador de encontros sexuais. Assim, se há muitos usuários na localidade, a distância de visualização do perfil é pequena. O Tinder não apresenta a mesma estrutura, tem uma abrangência maior de distância e seu perfil pode ser visualizado por pessoas de outras cidades, então a rapidez do encontro sexual é menor e a distância de visualização do perfil é maior. Dessa maneira, construir o perfil demanda o conhecimento do público que irá visualizá-lo, a partir das conversas com os interlocutores sobressaiu a concepção de que um perfil construído para objetivos sexuais será melhor correspondido no Grindr. Lito afirma que visualizou muitos homens com perfis no Grindr e no Tinder, os interlocutores de pesquisa mantêm na maioria do tempo conta em ambos os aplicativos. Se uma parcela significativa de homens são usuários do Grindr e do Tinder, por quais motivos a constituição de relações mais duradouras é relegada ao Tinder?

Além da estrutura ser diferente entre os dois aplicativos, os usos dos interlocutores também contribuem para pensar como cada aplicativo é associado a um objetivo específico. Patrick afirma que como não procurava relacionamento no período

em que foi entrevistado, não utilizava o Tinder. Quando apresentava “momentos de carência” (desejo sexual) ele recorria ao Grindr.

[...] eu ultimamente não estou usando o Tinder porque eu não estou procurando um relacionamento, como estou em transição de cidade então não estava procurando nada duradouro. Então, nos meus momentos de carência era mais ir para o Grindr, ou conversar com alguém da cidade por Instagram, que eu também já tinha conhecido através do Grindr (Patrick, 27 anos).

Apesar de estabelecer que o Grindr é um aplicativo para sexo, Patrick ressalta existir a possibilidade de constituir relações nos dois aplicativos, embora acredite que o Tinder é mais propício a cumprir esse objetivo. Quando questionado sobre a possibilidade de ter um relacionamento a partir do Grindr e como contaria eventualmente sobre o início do relacionamento, ele afirma que inventaria algo diferente para contar às pessoas. Esse fato associado à sua descrição do aplicativo exemplifica que ele possui certa vergonha em utilizar o aplicativo, principalmente por associar o Grindr com certa vulgaridade. Ainda que esse usuário tenha essa visão crítica ao aplicativo que não o agrada, ele reitera que o Grindr é um aplicativo para sexo na maneira como utiliza o aplicativo, para saciar seus desejos sexuais.

A noção de promiscuidade é vista por Rubin Gayle (2012) como uma forma de controlar o “bom” e o “mau” sexo. Na sociedade um comportamento promíscuo é associado a determinados grupos (mulheres e homossexuais) para definir esses sujeitos como detentores de um comportamento inapropriado. O termo não é associado a homens heterossexuais pelo fato de que apresentarem muitas parceiras sexuais é visto como algo “natural”. Ao retomar as analogias do “boi” e do “toruno” descritas por Lito podemos identificar que o comportamento masculino, heterossexual e predatório é incentivado socialmente.

Richard Miskolci (2009b) utilizando-se do trabalho de Néstor Perlongher (1987) expôs que os ambientes offline conhecidos como “meio gay” estavam associados a marginalização, impureza e promiscuidade, ao passo que lidavam com o espaço público e era composto por sujeitos que não estavam alinhados ao modelo de masculinidade hegemônica. Com a era digital se constituíram novos ambientes de homossociabilidade online, vistos inicialmente como “fora do meio” por não estar associado a mesma gramática da exposição que ambientes offline. Como trouxe anteriormente para análise, as posições sobre “ser do meio” ou “fora do meio” no Grindr são antagônicas, mas a

partir das falas dos interlocutores ficou evidente que em comparação com o Tinder, há uma promiscuidade associada ao Grindr, principalmente devido aos desejos sexuais estarem mais expostos na construção dos perfis. Assim, a noção de “promiscuidade” associada ao aplicativo que é composto por homens com desejos homoeróticos evidencia que o controle social do sexo e do desejo se estende a maneira como o aplicativo é visto socialmente e acaba sendo reproduzido por sujeitos dentro desse segmento. Ao ser questionado sobre o que seria ser “promíscuo” Patrick conclui: “Acho que é... na verdade é uma palavra meio machista, né? a gente chamar alguém de promíscuo. Mas uma pessoa mais de grau sexualmente, mas tranquila em relação aos seus desejos é visto como promíscuo”.

A pesquisa de Carolina Adolfo de Carvalho (2019), também realizada na cidade de Santa Maria, expôs ao investigar um grupo de mulheres que utilizavam o Tinder, que a presença nesse espaço sinalizava uma sensação de vergonha e fracasso pessoal na vida amorosa, devido ao sujeito recorrer a esse segmento na busca por constituir relações. Para meus interlocutores de pesquisa, usar a internet para a busca sexual não desperta a sensação de fracasso pessoal nas relações amorosas, pois o uso da internet para esses sujeitos adquire centralidade na busca de parceiros. Todos os interlocutores conheceram parceiros sexuais e namorados apenas em ambientes online, o título da dissertação aponta que para esses sujeitos “tudo começa na internet”, esse fato ocorre devido a vários obstáculos que a homossexualidade enfrenta para poder se expor em ambientes públicos. Contudo, a compreensão de que os aplicativos se tornam o meio privilegiado para os encontros sexuais não impede que se demonstre certo incômodo principalmente ao utilizarem o Grindr.

Patrick e Lito apresentaram um incômodo frente às interações no aplicativo, o que segundo eles, faz com que excluam suas contas a cada período de tempo, mas acabam retornando eventualmente ao aplicativo. Para Patrick o comportamento no Grindr é associado à “promiscuidade”, ele apresenta uma visão depreciativa do aplicativo o que faz com que sinta certa culpa com relação aos seus desejos e usos no aplicativo, ele afirma que: “uma vez por mês eu tomo a decisão de nunca mais voltar para o Grindr e no mês seguinte eu estou lá”. A partir das falas de Patrick fica nítido que ele apresenta uma visão que associa o Grindr ao apelo sexual, que as interações na plataforma não o satisfazem, principalmente no que diz respeito às conversas e troca de fotos, ainda assim, ele retorna ao aplicativo em seus momentos de “carência”, o que é admitido por ele com desconforto. Há em seu comportamento online certa

ambivalência, pois da mesma maneira que critica e reprova as interações no aplicativo, voltadas para o sexual, ele adere e reproduz em seus usos do aplicativo.

Então os aplicativos eram uma forma de conhecer pessoas sem sair do conforto do meu lar, acho que o Grindr é mais para coisas casuais, quando não estou tão interessado em relacionamento eu vou para o Grindr. E o Tinder é mais pra namorar [...] Eu uso eles de formas diferentes, momentos diferentes, alternados, dificilmente tenho conta nos dois ao mesmo tempo (Patrick, 27 anos).

A maneira como os interlocutores sinalizaram que o aplicativo é indicado para encontros sexuais, tanto pela construção do aplicativo como pelos usos visto pelos usuários, revelam que há um *habitus* que estrutura as interações online, conjugando características técnicas e as valorações socioculturais dos aplicativos. Além do mais, o fato da internet ser central para a busca de parceiros faz com que eles tenham que retornar ao aplicativo quando querem encontrar parceiros sexuais, ainda que apresentem certas reprovações quanto ao aplicativo.

Como dito anteriormente, para Eva Illouz (2011) as interações online adquirem a tendência a se manterem de forma semelhante, esses interlocutores trouxeram que existe um roteiro de interação online que pouco os agrada. Em função dessa percepção da finalidade do Grindr e das interações roteirizadas, podemos atribuir uma espécie de “jogo” no aplicativo, que possui regras no qual esses interlocutores devem segui-las para terem seus desejos atendidos. Mesmo com essa insatisfação de como ocorrem as interações com os outros usuários presentes nas narrativas de Lito, Patrick e Eric, eles acabam tendo que aderir a esse modelo de interação ou não terão seus objetivos atendidos.

Na maioria das vezes *eu sigo o roteiro*, vou mandar um “oi”, se a pessoa tem foto e eu estou sem foto eu vou mandar oi + foto (de rosto), já mando um “beleza”, *eu critico o roteiro mas na parte da apresentação eu sigo o roteiro*. Tipo o que a gente vai falar além de oi? Tipo às vezes tem algumas coisas... se a foto é engraçada ou o cara com o cachorro, eu vou falar do cachorro; mas depende e não tem muitas... as próprias fotos não dão muita margem para criatividade, geralmente não tem foto, ou é abdômen, ou só foto de rosto e aí não vou chegar “oi bonito”, então é o “oi tudo bem?”. [...] Às vezes eu *não quero enrolar muito e aí eu sigo o roteiro*, eu acho chato mas é o jeito que o aplicativo funciona, então eu não vou ficar sendo criativo nas respostas, às vezes eu só quero *transar de uma vez*, então eu não vou ficar fazendo malabarismo, aí eu sigo o roteiro. (Lito, 24 anos, grifos meus).

A condução das interações ou maneira como elas são construídas online para Félix não desperta nenhuma insatisfação ou desconforto como no restante dos interlocutores. Ele compreende que elas se tornam parte de um processo para resultar em encontros sexuais. Assim, ele sabe “jogar” dentro da plataforma, o que inclui aderir ao roteiro que é composto com perguntas do tipo “curte o que?”, “tem local?”, “troca nudes?” etc. Além da necessidade de tais perguntas para a interação sexual, o envio de nudes, fotos íntimas, também são requisitadas e Félix às troca sem nenhum problema.

E quando pede nudes eu envio, quando a pessoa manda também, eu já mandei também, mas mando mais assim foto de rosto, de corpo, mas eu raramente mando porque eu já tenho ali; a pessoa pede foto de rosto, mas já tem no aplicativo. Mas já troquei fotos de nudes assim também. (Félix, 27 anos).

Aos demais interlocutores o “roteiro” é visto como algo que cansa as interações, foi pontuado durante as entrevistas a tentativa constante de alguns deles em fugir desse roteiro. Ao passo que os interlocutores afirmam que as interações no aplicativo são encaminhadas para encontros sexuais e que eles visualizam o aplicativo para essa finalidade; o esforço em modificar o modelo de interação, ou seja, “nadar contra a maré” parece não surtir efeito dentro do aplicativo. Não obstante, conduzir as conversas para além do objetivo de encontros sexuais só é pontuado pelos interlocutores quando esses apresentam desejos em estabelecer conversas, afetuosidade e amizades. Quando o desejo sexual se sobressai aos demais, eles adotam o modelo de interação que reprovam para terem encontros sexuais.

Eu acho que dá para fugir desse roteiro. Eu acho que também usar ou não esse roteiro pode estar relacionado com a interação que a pessoa está tendo contigo. Talvez uma pessoa que eu vejo que está mais aberta a conversar e também está com interesse em transar, mas também em bater papo fica mais fácil fugir desse roteiro. Mas aí se eu estou interessado em sexo e vejo que a pessoa está também interessada em sexo e já entra nesse roteiro, eu também entro se for a intenção (Eric, 26 anos).

No que se refere à troca de fotografias íntimas, o restante dos interlocutores comunicou que não enviavam nudes, Eric e Lito apresentavam escrito em sua biografia. Para Lito o importante para relação offline é a foto de rosto, o nude para ele está

associado a intimidade, embora afirme não enviar fotos íntimas, em um outro momento diz que pode acontecer, mas é raro.

Para começar que eu já coloco no perfil, não sei se estava na vez que você viu, mas geralmente coloco que *eu não gosto de receber nudes*, porque para mim, não importa se a pessoa é dotada ou não. Se a pessoa procura alguém dotado, eu não vou conversar, porque independente se eu fosse ou não dotado, uma pessoa que só se interessa por um órgão não me interessa, porque eu me interesse por rostos; eu só peço para ver o rosto dela, não peço mais nada e não vou entregar mais nada também, *às vezes acontece de compartilhar alguma nude, mas é raro*. (Lito, 24 anos, grifos meus).

É um consenso entre os interlocutores de pesquisa que o nude é algo central nas interações online entre usuários. Como a troca de nudes adquire centralidade para os encontros offline, o não envio de tais arquivos pode dificultar estabelecer encontros sexuais. Assim, a fala acima de Lito, a qual ele afirma que às vezes acontece a troca de fotografias íntimas, aponta que em alguma medida os usos do aplicativo devem levar em consideração esse “jogo” que se estabelece no Grindr.

Em uma fala anterior de Patrick, ele afirma que a troca de fotografias serve para saber “se vale a pena ou não sair de casa”, ao optar por não trocar fotos com os outros usuários as interações offline podem apresentar maiores chances de desapontamento, como nas duas interações que trouxe anteriormente, de Patrick com o homem que apresentava excessos de pele e com Félix quando convidou um perfil sem foto para ir a sua casa e descobriu que era outra pessoa. Continuando com a situação vivenciada por Patrick ele afirma que possui os próprios mecanismos para evitar que esse tipo de situação ocorra.

[...] como eu gosto de receber fotos do dia-a-dia também é uma forma de eu *monitorar e evitar que esse tipo de situação aconteça*. Mas, aconteceu em uma, até recentemente, não era o que eu esperava, como eu não troco nudes assim, não é uma coisa que me interesse, aí chegou na hora eu fiquei um pouco desconfortável com a situação. Mas, eu sou daquelas, *já que está ali que vamos até o final* (Patrick, 27 anos, grifos meus).

As interações offline também remontam existirem regras próprias, a partir das interações no aplicativo de interesse sexual que se estendem ao ambiente offline é esperado que o que foi acordado seja cumprido presencialmente. Lito também relata

uma situação em que a pessoa que veio até sua casa era diferente e não despertava tanta atração, ainda assim ele afirma que tiveram relações sexuais.

[...] foi um cara que veio aqui e não tinha muito o que fazer, eu não achei ele exatamente não atraente, ele só era diferente da foto, então foi isso, ele veio aqui, era diferente um pouco da foto, mas ficamos mesmo assim [...] Foi mais o choque da primeira vez que olhei para ele, mas tudo bem “você já está aqui né, não vou fazer você perder a viagem” (Lito, 24 anos).

Em ambas as situações o fato de terem combinado algo previamente, o que envolve preparação e deslocamento faz com que exista a necessidade de que aconteça o que foi acordado. Lito sinaliza isso quando afirma “não vou fazer você perder a viagem”, já na situação de Patrick ele afirma “eu fiz o que eu tinha que fazer, a gente acabou transando, mas... foi... acabamos transando mesmo sem sentir atração”.

“Fazer o que tinha que fazer” estabelece certa obrigação que está implícita ao encontro pré-estabelecido através da plataforma, Patrick informa que realmente é esperado se a interação online foi para o campo sexual que presencialmente isso ocorra da mesma maneira.

[...] eu acho que o ônus de ir até a casa das pessoas causa isso, em quem está indo até a casa do outro, acho que essa obrigação meio que está entre linhas assim na conversa, mas aprendizados [...] Eu acho que é um risco que a gente corre, já tive amigos que foram agredidos por se recusarem ou desistirem no meio da transa ou por terem pedido para ir embora, então eu acho que esse é o roteiro off-line, temos o roteiro online e o offline. Não sei se com essa pessoa teria acontecido isso, só não quis pagar pra ver (Patrick, 27 anos).

A situação anterior de Félix a qual o usuário ficou furioso ao ser dispensado sugere igualmente a respeito das interações offline. Esses acordos pré-estabelecidos ao serem rompidos por diversos motivos podem despertar o enfurecimento da contraparte e significar riscos à segurança pessoal. Também foi pontuado nas narrativas a preocupação com a segurança pessoal que influencia os desdobramentos das interações na plataforma. Nas entrevistas de Lito e Patrick se fez presente na época conversas acerca de um possível serial killer⁴⁷ que fez três vítimas, uma em Santa Catarina e duas em Curitiba - PR, esse homem afirmou que marcava encontros com as vítimas por

47

aplicativo. Devido a esse caso ter acontecido em maio de 2021 era um tanto quanto recente no debate social e dessa maneira foi pontuado pelos interlocutores. Adicionar em outra rede social foi exposto como medida de segurança para Lito e Patrick, o uso das redes sociais como Instagram denotou que ao adicionar um possível parceiro sexual a rede, essa ação trazia conforto por ter a confirmação da real identidade do sujeito.

[...] se a gente troca Instagram aí eu fico com uma segurança ainda maior, por mais que possa ser um fake que criou um Instagram. Mas quando trocamos Instagram eu fico mais seguro [...] É uma segurança de que não é um psicopata né! (risos), eu acho que essa é o principal para mim, que não é uma pessoa que sei lá, que vai me fazer mal, por mais que esses casos sejam super raros, mas de vez em quando a gente vê umas manchetes sensacionalistas do "o assassino do Grindr" uma coisa assim (Lito, 24 anos).

Os apontamentos de Lito e Patrick sobre possíveis riscos ao estabelecerem relações offline trouxeram a figura do psicopata. Na análise de Carolina Adolfo de Carvalho (2019), suas interlocutoras de pesquisa trouxeram medos semelhantes ao utilizarem o Tinder. O medo que incide sobre esses sujeitos remonta a vulnerabilidade de gênero e sexualidade onde o predador seria um homem. Como Carvalho (2019) argumenta, as definições do comportamento de um psicopata na área da saúde são arbitrarias e por vezes incoerentes. A autora ainda discute que no imaginário social esse pânico circula entre usuários de aplicativo, ainda que os dados de sua pesquisa não corroborem com essa afirmativa.

Lito evidencia as manchetes sensacionalistas fazendo referência a construção de determinado pânico a partir da ideia de que usar aplicativos põem em risco a segurança pessoal. As interlocutoras de Carvalho (2019) afirmam que o aplicativo (Tinder) seria um ambiente propício para que tais sujeitos espreitassem suas vítimas. Dessa maneira, apesar dos dados da autora exporem que nenhuma de suas interlocutoras experienciou algo próximo a esse medo no aplicativo, ele ainda se faz presente.

As medidas de segurança que são tomadas pelos interlocutores, caso cruzassem realmente com um psicopata/serial killer teriam pouco efeito para assegurar sua proteção. A troca de Instagram é insuficiente para identificar um psicopata ou algo próximo ao comportamento descrito pelos manuais de saúde. Carvalho (2019) relembra que a figura do psicopata no imaginário social ainda remete a construções

cinematográficas que se utilizam de determinadas características para construir a figura aterrorizante de um homem com grande força física e aparência estranha.

Patrick apresenta, segundo suas narrativas, um procedimento estruturado para preservar sua segurança pessoal, ele afirma que não entra em carros de desconhecidos e que: “sempre mando o perfil da pessoa em uma rede social, eu já adiciono essa pessoa em outra rede social para acompanhar, mando o perfil para algum amigo e aviso que estou saindo”. Ele tenciona em nossas conversas sobre o risco que se corre ao construir as relações online, pois reconhece que suas medidas de segurança são contraditórias, pois, apesar de não entrar em carros de desconhecidos, se desloca até a casa de homens que manteve contato apenas pelo aplicativo.

A partir das interações com os usuários observei que as relações online quando migram para o encontro presencial não apresentam garantias. A afirmação de Patrick, “é um risco que a gente corre”, necessita de uma maior atenção, principalmente ao relacionarmos com a segurança pessoal. Ao lembrar o ocorrido e as discussões que surgiram a partir desses casos de assassinatos em Curitiba, me recorro de acompanhar certos discursos através de minhas redes sociais, alguns deles de cunho moral culpavam as vítimas por permitirem que alguém “estranho” fosse até sua casa, dessa maneira, associam que um sujeito que se submete a utilizar os aplicativos, principalmente para encontros sexuais com desconhecidos, está suscetível a esses riscos por apresentarem um comportamento reprovável. Essa afirmação desconsidera a falta de segurança em que a homossexualidade apresenta no espaço público, além de que constituir encontros publicamente ou revelar o segredo da homossexualidade é algo muito arriscado para determinados sujeitos.

Na narrativa dos interlocutores, que encontraram inicialmente apenas na internet a oportunidade de constituir relações, culpabilizá-los por casos de violência que podem surgir no offline não parece estar adequado. Casos de violência ou agressão decorrentes de interações em aplicativos são empiricamente pouco expressivos, mas a moralidade que cerca as interações online para fins sexuais é bastante expressiva, principalmente ao colocar mulheres e homossexuais como culpados caso sejam acometidos por esses incidentes.

Se porventura, casos de agressão e violência fossem recorrentes no Grindr, o que não há comprovação, teria que ser questionada inicialmente a maneira como a estrutura do aplicativo apresenta sérias deficiências com relação à segurança pessoal, como visto

no segundo capítulo, a facilidade em criar e excluir uma conta no aplicativo sem a devida confirmação da identidade.

A despeito dos usos que os interlocutores apontaram que vão além do encontro sexual casual, Patrick e Eric afirmaram que já utilizaram o Grindr para fazer amigos e companhia para sair para lugares. Patrick diz que todos os seus amigos gays vieram de aplicativo: “todos os meus amigos saíram de aplicativos, principalmente do Grindr, nesse sentido dá pra construir sim relações duradouras. Não sei se namoro assim, questões sexuais, como eu disse eu acho que é um aplicativo mais rápido né.” Lito também afirma que construiu relações de amizade através do aplicativo. Ele relata que em muitas ocasiões a interlocução com outros usuários começa a partir de um interesse sexual e se torna amizade.

Eu acho que muito do que acontece é mais no Grindr mesmo, porque às vezes começa como um interesse sexual, interesse só atração física e depois a gente vai conversando mais e aí vira, quando a conversa vai se aprofundando, vamos descobrindo “ah eu também gosto dessa série, eu também gosto desse filme, ah eu vou no cinema e tal” quando começamos a falar mais dos nossos gostos em comum (Lito, 24 anos).

Para Eric e Patrick, as amizades são consequências dos seus usos do aplicativo, como construíram seus perfis demarcando não terem objetivos específicos com o aplicativo, as amizades são frutos de interpelações que não resultaram em encontros sexuais, assim, é mais fácil estabelecer uma amizade a partir do não-interesse sexual. As relações de amizade pontuadas pelos interlocutores, na maioria das vezes não remetem a relações em profundidade, mas por migrarem para outras redes sociais como o Instagram, e assim, poder acompanhar as postagens e compartilhamentos entre os usuários traz para eles a ideia de proximidade, mesmo sendo algo que se restringe ao digital. Apesar dessa tendência das relações de amizade estabelecidas online se manterem nesse ambiente, Patrick diz que seus melhores amigos são frutos de suas trajetórias em aplicativos.

Eu nunca deixo especificado o que eu busco no aplicativo né. Eu não uso o Grindr propriamente para sexo tanto que todos os meus melhores amigos eu consegui através de aplicativos de pegação gays, tanto o Tinder quando o Grindr. Então, eu sempre deixo ali o que eu quero, que é conhecer pessoas, essa última vez era companhia para criticar o governo essas coisas, pra isso eu não preciso me sentir sexualmente atraído pela pessoa (Patrick, 27 anos).

Para Félix, cujo uso do aplicativo é para encontros sexuais, chegou a estabelecer relações de amizade com perfis que residem próximos ao seu apartamento, tendo um amigo em especial a qual realiza caminhadas por um parque da cidade e vão juntos à academia e conversam diariamente pelo Grindr.

E eu uso também o aplicativo Grindr para falar com esse meu amigo de cima que mora aqui perto da academia. A gente não fala no Instagram, quando a gente não quer entrar no Instagram ou no WhatsApp, a gente tem sempre uma cisma... às vezes estou falando com alguém e não quero que aquela pessoa veja que estou online. Então pelo Grindr é mais fácil de falar, eu me comunico com ele pelo Grindr, a gente usa o Grindr para conversar (Félix, 27 anos).

Para esses interlocutores, as relações não orientadas ao encontro sexual são resultados de sua busca sexual no aplicativo e pouco tem relação com a construção específica a partir da biografia do aplicativo. O que difere da maneira como Lito utiliza o aplicativo para estabelecer relações além de parceiros sexuais. Para esse interlocutor, o qual apresenta grande conhecimento de ferramentas na plataforma, ele modifica todo o seu perfil para atender a esse uso específico.

[...] agora eu estou com um perfil que eu coloquei que eu estava procurando pessoas para jogar vôlei, jogar jogos de tabuleiro e tal, aí hoje mesmo tinha um cara, a gente começou a conversar e tal, ele disse que tinha um grupo de RPG e aí perguntei se eles estavam aceitando outros jogadores; ele falou que ia falar com o pessoal e tal e já tipo agilizou para o que eu estava querendo muito, porque o meu grupo com esses amigos do ensino médio, não estávamos conseguindo horário, então usei o Grindr para tentar achar um grupo mais de caras gays e tal porque esse grupo que estou só tem eu de gay o resto é hétero; aí encontrei esse grupo (Lito, 24 anos).

Lito apresenta um modo de interação na plataforma que se distancia grandemente dos demais interlocutores. Em seus usos do aplicativo ele exclui sua conta com frequência e retorna posteriormente, uma estratégia que amplia a visualização do seu perfil. Quanto questionado o porquê ele não retorna “de onde parou”, optando apenas por deslogar a conta, ele afirma que também há perfis que ele bloqueou e talvez poderia ter uma interação em um momento futuro. Para Patrick, que também exclui sua

conta com frequência, quando retorna ao aplicativo e identifica um usuário que já teve interação e não resultou em nada, ele o bloqueia novamente. A abordagem diferente de Lito, mostra que ele identifica cada perfil como um possível parceiro em potencial, ainda que em um momento as interações não o tenham agradado. Assim, o fato de imaginar que poderia conversar com um perfil bloqueado e dessa interação resultar em um encontro sexual, é uma estratégia dentro do aplicativo que garante que ele não “estaria perdendo nada”.

Eu acho que o excluir é mais de querer começar de novo, mas outro dia. E às vezes tem alguns perfis que a gente bloqueia e pode aparecer de novo, alguém que eu não simpatizei e talvez no futuro querer conversar de novo com essa pessoa. Então às vezes o bloquear e o desinstalar também serve para isso. E quando você instala de novo você aparece nos novos perfis, a outra aba do Grindr, quando você começa um novo perfil tem essa meio que dá um up na visualização dos perfis (Lito, 24 anos).

Suas interações na plataforma não são contínuas e são influenciadas por sua vida acadêmica, onde aciona o aplicativo em momentos em que está pouco atarefado, podendo estabelecer relações com outros usuários sem comprometer seu rendimento acadêmico. Miskolci (2014) aponta que mudanças nas formas de construir relações contemporaneamente são influenciadas por fatores econômicos e profissionais.

Eu aciono mais quando eu não estou com tanto trabalho na faculdade, no mestrado, e geralmente nos momentos que eu estou com tesão, sei lá, quando vejo... nunca é tipo de noite, de madrugada, geralmente eu baixo e fico usando por uns três dias, quatro dias. Até que agora o perfil que eu estou, o mais atual, estou com ele há uma semana por aí. Mas aí quando fico cansado das pessoas que estão ali, não quero mais conversar ou com quem já tive uma relação maior já segui no Instagram, aí eu exluo (Lito, 24 anos).

Da mesma maneira, os demais interlocutores afirmaram terem certa resistência em buscar relações mais duradouras sem antes ter concluído certos objetivos profissionais. Quando os interlocutores foram questionados acerca do desejo em constituir relações a longo prazo, todos revelaram terem interesse em estabelecer relações duradouras, ainda que não monogâmicas, mas para essa busca necessitariam primeiramente que eles concluíssem seus cursos, viajassem ou morassem para fora do Brasil por certo período, conquistassem estabilidade financeira etc.

Não, eu já quis, mas tem momentos que eu quero e tem momentos que eu não quero. Quando eu estou muito ocupado na minha vida, eu não quero. Se eu estou muito desocupado na minha vida, aí eu começo a pensar nessas coisas. Mas a princípio de regra eu evito por medo de como que isso vai se chocar ou não vai se chocar com a minha vida e com as coisas que eu quero. Então foram poucas vezes em que eu me envolvi com um relacionamento mais duradouro e tudo mais. As pessoas que eu me relacionei são mais tipo de pessoas que eu fico, mas que não é uma relação formal. São pessoas com quem eu tenho algum tipo de afetividade, uma amizade com sexo digamos assim, porque também é muito difícil para mim como eu falei, sair com uma pessoa só para transar. Eu meio que fico no meio termo entre querer se relacionar, ter uma relação de longo prazo e só querer ter relações sexuais e puramente sexuais (Eric, 26 anos).

Embora os interlocutores afirmem que o Grindr tem muitos usos além da busca por sexo, seus usos do aplicativo, assim, como a estrutura da plataforma, não permitem se desvencilhar da busca para sexo e/ou amizade. Há um outro uso do aplicativo, que já comuniquei anteriormente, ligado a ganhos econômicos a partir do trabalho sexual e/ou produção do conteúdo erótico. As amizades no Grindr para parte dos interlocutores são frutos das interações que não resultaram em encontros sexuais, e, na maioria das vezes, se restringem apenas ao digital. As interações offline apresentaram uma configuração própria que busca cumprir acordos pré-estabelecidos, o que ocasiona certa coerção nos usuários quando suas interações online migram para além do digital.

Os usuários apresentam reprovações com relação ao aplicativo, Patrick associa o Grindr constantemente a promiscuidade e demonstra grande insatisfação em utilizá-lo, esse fato evidencia que o aplicativo é visto socialmente com uma carga negativa, que quando relacionada a segurança pessoal culpabiliza o usuário por utilizá-lo. Não obstante, as interações no aplicativo em sua maioria estão orientadas para a promoção de encontros sexuais offline, o que desagrada os interlocutores que buscam fugir de um modelo de interação roteirizado, ainda assim, esses usuários entram no “jogo” de interação quando estão com desejos sexuais. A insatisfação que apresentam classificando as interações como puramente sexuais, somada ao fato de utilizarem o aplicativo para a busca sexual, revela que seus objetivos são muito próximos aos demais usuários que criticam, mas estão “mascarados” por não deixarem explícitos a mesma maneira que alguns usuários o faz.

4.3 MASCULINIDADES E CORPORALIDADES EM APLICATIVOS

Como visto a partir da teórica Judith Butler (2003), o gênero e o sexo são produzidos culturalmente a partir de uma materialidade que é o corpo. O sujeito designado como homem deve reiterar em seu corpo signos que são compreendidos como pertencentes à masculinidade. Caso transgrida a esfera destinada ao seu gênero ele é recriminado, vimos essas situações quando Eric desfilou de um jeito “feminino” ou quando Patrick ficou “parecendo uma mulher” por utilizar uma camiseta rosa. Connell e Pearse (2015) demonstram que a generificação do corpo é iniciada quando se define durante a gestação se o feto será menino ou menina. A divisão binária do gênero permite que as crianças sejam atribuídas a dois universos distintos, com cores, brinquedos e atividades separadas, assim, o universo masculino e feminino são vistos como à parte um do outro. Dessa forma, a construção da masculinidade deve respeitar essas barreiras impostas, quando visualizamos os símbolos que constituem a masculinidade veremos que chorar, cuidar dos filhos, fazer tarefas domésticas e ter vaidade com a aparência serão características que dificilmente são associadas à masculinidade.

Ao apontarem o que seria a masculinidade, os interlocutores evocaram certas características para defini-la. Patrick afirma: “o que eu considero masculinidade? Acho que é falar grosso, ser peludo, ser bombado ou pelo menos maior fisicamente; é mais para o lado físico.” Através de sua fala podemos compreender que o corpo exibe as qualificações que o colocam como masculino, não basta ser um homem para ser considerado masculino. Como visto na construção de si, ser “homem de verdade” representa um conjunto de características que afastam da feminilidade, separando os sujeitos que são “homens de verdade” dos que não são, na produção da masculinidade hegemônica entre homens gays é indispensável que estes apresentem em seu corpo os signos que figuram a masculinidade dominante.

Para Kathryn Woodward (2000) o corpo é visto como essência irreduzível do que somos, sendo constituinte de nossa identidade como sujeito, dessa forma, é através do corpo que os usuários apresentam sua masculinidade. A autora pontua que o consumo e a publicidade têm se tornado peças centrais na construção identitária pessoal e cultural. Com o fenômeno da globalização, há estabelecido um mercado global de consumo regulado por fatores econômicos. A autora já havia sinalizado que a comunicação em massa vinha exercendo um controle maior na produção de estilos de vida através da

publicidade, marketing e o mundo dos bens de consumo. Woodward (2000) utiliza o circuito da cultura de Paul du Gay et al. (1997) que traz a complexa relação entre representação, regulação, consumo, produção e identidade, todos esses elementos relacionam-se entre si, produzindo os *selves* contemporâneos. A autora indica que os processos envolvidos na produção de significados são engendrados por meio de “sistemas de representação”, conectados com os diversos posicionamentos assumidos pelos sujeitos, no interior de “sistemas simbólicos”, utilizando-se da teoria de antropólogos como Mary Douglas e Lévi Strauss, que teorizam sobre os sistemas de oposições. Os sistemas sociais e simbólicos são responsáveis por “estruturas classificatórias que dão um certo sentido e uma certa ordem à vida social e às distinções fundamentais, entre nós e eles, entre o fora e o dentro, entre o sagrado e o profano, entre o masculino e feminino, que estão no centro dos sistemas de significação da cultura” (WOODWARD, 2000, p. 67-68). Nesse sentido, destaca-se que o mercado necessita ser estruturado pois não é independente já que se apoia em condições sociais e culturais. Mas também, o mercado estabelece quem são os “perdedores” e “ganhadores”, criando um mecanismo de regulação com incentivos e desincentivos, capaz de reger as condutas dos sujeitos (WOODWARD, 2000).

[...] a cultura e a mudança cultural são determinadas pela economia, pelo mercado, pelo Estado, pelo poder político ou social, no sentido forte da palavra (isto é, a forma da cultura é determinada por forças externas à cultura - econômicas ou políticas), ou deveríamos pensar na regulação da cultura e na mudança cultural em termos de um processo de determinação recíproca - originária, por assim dizer, da articulação ou do elo entre a cultura e a economia, o Estado ou o mercado, o que implica num sentido mais fraco de determinação, com cada um impondo limites e exercendo pressões sobre o outro. (HALL, 1997, p. 35).

Desse modo, a masculinidade hegemônica dentro das relações homoeróticas é produzida, regulada e estruturada em cima de fatores econômicos, tornando-se um produto a ser consumido. A produção de publicidade por parte do aplicativo Grindr orienta-se pela produção do desejo, onde corpos musculosos, barbudos e em sua maioria brancos, circulam entre os anúncios na plataforma e em suas redes sociais. A hiper representação de tal identidade implica obrigatoriamente em que haja uma sub-representação de outros grupos de homens, e conseqüentemente, outras formas de masculinidade que não são visibilizadas e pouco aparecem na estrutura que regula esses corpos.

A produção hegemônica que compõe o desejo homoerótico foi discutida em trabalhos como o de Richard Miskolci (2017) a qual trouxe anteriormente por exemplificar historicamente como determinada masculinidade e corpo assumiram posição dominante entre homossexuais; e o trabalho de Luiz Felipe Zago (2009) que analisou a constituição da masculinidade entre vinte e dois perfis “preferidos” do disponível.com. Ambas as pesquisas ressaltam que a produção da masculinidade dominantes entre homens possui características que apenas alguns sujeitos apresentam e se colocam como dominantes justamente por produzirem desigualdades entre os sujeitos que estão à margem dessas características. Os aplicativos são um segmento comercial do entretenimento adulto associado à pornografia, a qual facilita interações com fins sexuais, preferencialmente sem compromisso, com isso, os sujeitos que estão mais próximos dos modelos estéticos difundidos através da mídia e pornografia conseguem estabelecer contatos sexuais com maior êxito.

A partir de minhas incursões a campo e das entrevistas, foi possível traçar um perfil que melhor se enquadraria na maioria das buscas dos usuários a partir das restrições expostas pelos usuários, sendo um homem branco, entre dezoito e trinta anos, com barba, sarado ou magro com definição, não afeminado, que não apresenta pêlos corporais em excesso, que não utiliza drogas e é dotado. O perfil de “katuete#22” apresenta preferências que dialogam com a norma descrita anteriormente, apesar de não fazer menção a masculinidade, o corpo buscado pelo usuário apresenta certas características, é indispensavelmente magro e bonito; e na maioria dos casos branco, pois só é permitido um corpo negro se esse apresente certa característica, seja dotado.

Dos perfis que observei no trabalho de campo identifiquei que poucos usuários pareciam em um primeiro momento atender a todas essas características expostas. A frase de Patrick em que ele afirma que “90% dos perfis são fora do padrão” denota que apesar da percepção de uma norma de masculinidade e corpo dominantes no aplicativo poucos sujeitos correspondem a esse ideal. O contexto de Santa Maria se torna complexo para análise ao passo que as restrições ou preferências acionadas no perfil de usuários são variadas, alguns usuários apresentam restrições de corpo ou raça ou masculinidade etc, alguns usuários acionam em seus perfis mais de uma dessas restrições; e o perfil “katuete#22” foi o que apresentou em sua biografia a maior combinação de restrições que identifiquei em campo. A restrição com relação à masculinidade esteve perceptível em sua maioria em perfis que não apresentavam fotografias de rosto; em perfis com idade superior a quarenta e cinco anos visualizei

com mais recorrência o uso da palavra “macho” tanto para descrição pessoal, quanto na busca por parceiros. Por exemplo, no perfil abaixo de “cb” usuário de quarenta e sete anos ele se descreve como “macho a procura de outro macho”, através de sua fotografia a qual não expõe seu rosto, é possível visualizar que esse usuário se distancia da corporalidade hegemônica traçada pelos interlocutores e demais perfis por não apresentar um corpo musculoso e ser mais velho.

Figura 8 - Perfil do usuário Grindr “cb” visualizado na região de Santa Maria.



Fonte: Arquivo pessoal.

O usuário abaixo não colocou nome nem idade em seu perfil, apresenta em uma de suas fotografias seu torso magro com definição e na outra está somente de cueca e

exibe o volume de sua genitália ereta. Em sua descrição pessoal ele informa que é gaúcho, bissexual, descreve sua altura e peso, que “não curte afeminados, gg e peludo”, sua posição sexual e que gosta do gounage, prática sexual sem penetração anal. Seu corpo não expõe flacidez, sua pele não denota que ele seja alguém mais velho. Esse sujeito estaria mais próximo das definições traçadas anteriormente por ser um homem branco, aparentemente jovem, magro com definição, sem pêlos aparente e que exibe com prestígio pessoal a genitália em uma de suas fotografias. Por consequência, esse usuário por compreender que se aproxima do perfil mais desejado acaba por acionar mais restrições que o usuário anterior, informando ser “seletivo”.

Figura 9 - Perfil do Grindr na região de Santa Maria.



Fonte: Arquivo pessoal.

Patrick em um momento durante nossas entrevistas expõe que conversa com um amigo sobre as exigências dos perfis e a aparência dos usuários, afirmando que esses necessitariam de uma reflexão que permitiria observar quais tipos de parceiros estariam a “par de sua realidade”, evitando que houvesse exigências a quais não são atendidas por esses usuários.

[...] eu tenho um melhor amigo que a gente conversava muito e ele dizia que a gente tem que se conhecer, eu acho que a pessoa tem que saber, não digo o lugar dela, mas ela tem que se observar da forma bruta, do contexto, eu acho que é fora da realidade, as pessoas estão sempre exigindo aquilo que elas não podem ter (Patrick, 27 anos).

O ato consciente de rechaço de determinadas masculinidades e corpos engendra o mecanismo social que violenta determinados corpos e os coloca nas zonas mais baixas do desejo. Outros perfis de usuário fazem a rejeição a determinados corpos a partir da noção de gosto pessoal. Ainda que a rejeição seja mais branda que a do grupo de sujeitos que utiliza de emoji de proibição e uso de caixa alta, por exemplo, ainda é violenta por desqualificar determinados sujeitos como não sendo alvos de desejo. As relações estabelecidas entre os interlocutores, seus namoros ou romances eventuais com outros sujeitos deixou em evidência que há fatores para além da aparência que definem a continuidade das relações, assim, esses discursos presentes nos perfis de usuário reiteram como reprováveis todo um grupo de usuários que apresentam tais características, são formas de violência por homogeneizar um grupo de usuários a partir de sua corporalidade e/ou masculinidade, descartando-os sem a possibilidade de reconhecer características individuais, como por exemplo, a personalidade, o que resulta em insatisfação pessoal e baixa autoestima sobre os usuários que sofrem tais rejeições.

No intercurso de pesquisa, visualizei dois perfis que em sua biografia no aplicativo procuravam homens afeminados para relações sexuais. O perfil de “sou ativo vou aí” de dezenove anos apresentava em sua biografia “ativo - procuro afeminados ou pessoas baixas e leves”. O outro perfil, intitulado de “procura eterna” de um usuário de vinte e dois anos, expõe em sua biografia que procura “sissy afeminada”, o termo “sissy” é estadunidense e era considerado uma ofensa a homens afeminados, esse usuário expõe o comprimento de sua genitália e a evidencia ereta em sua foto de perfil, outro fator interessante é que esse interlocutor afirma que não curte “macho”.

Figura 10 - Perfil do usuário do Grindr “procura eterna” visualizado na região de Santa Maria.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ambos os perfis de usuários se afirmam enquanto “ativo”, que realizará a penetração no ato sexual, na pesquisa de Luis Felipe Zago (2009) ele ressalta o desempenho das posições sexuais atreladas à masculinidade. Os perfis versáteis a qual ele analisou apresentavam certa distinção de acordo com os parceiros, um dos perfis analisados por ele afirmava que com “novinhos” era ativo, macho e com pegada; e com homens mais velhos que ele “era puto de seu macho”. Dessa forma, a procura desses usuários pode sugerir que o afeminamento é permitido ou desejado para alguns sujeitos quando esse realiza a prática anal receptiva (é penetrado). Na produção de pornografia homossexual há um categoria denominada de “femboys” que descreve homens que utilizam signos femininos como calcinha, saia, cinta liga etc. Comumente os conteúdos pornográficos envolvendo “femboys” o colocam em interações com homens musculosos e masculinos, essas associações refletem o que Peter Fry (1992) observou com relação a dinâmica dos machos e das bichas, se tratando da atribuição de papéis

sexuais de acordo com gênero. O macho seria um homem com prática sexual penetrativa, enquanto a bicha (aqui femboy) seria a mulher com prática sexual receptiva. Outra questão que se tornou evidente em Santa Maria foi que a maioria dos perfis que apresentaram restrições de masculinidade, incluindo os perfis que trouxe ao longo do trabalho, correspondem a perfis com idade superior a trinta anos. Em contrapartida, os dois perfis que procuram pessoas afeminadas estão na faixa etária dos vinte anos. Quando somados as conversas com os interlocutores, de mesma faixa etária, se torna perceptível que esses sujeitos destoam da procura da masculinidade viril, que aparecem com maior ênfase em perfis de usuários mais velhos.

A construção do gênero para os interlocutores, com exceção de Félix, se distanciou dos ideais de masculinidade em seus contextos de origem, ainda assim esses jovens identificam na interface do aplicativo uma cobrança relacionada a determinado ideal de masculinidade. Como a internet para eles se torna o principal meio para constituir relações com outros homens surge a necessidade de que esses sujeitos negociem com a norma de masculinidade, podendo incorporar ou rejeitar certos pressupostos de masculinidade em suas apresentações e interações no aplicativo.

Os relacionamentos e interações que esses jovens constituíram iniciaram somente no meio digital. Patrick afirmou que quando saía para festas ia no intuito de beber e dançar, deixando para os aplicativos o encargo de conseguir parceiros sexuais. Todos os seus namorados, segundo ele, foram resultados de suas interações pelo Tinder, enquanto parceiros para sexo casual comumente pelo Grindr. Lito teve um namoro fruto de um match também pelo Tinder e Eric teve três namoros em que conheceu o parceiro pela internet, o primeiro foi resultado de interações no Facebook, antes da popularidade de aplicativos, já os outros namoros conheceu o parceiro pelo Tinder; e o mais recente aconteceu a partir de sua interação no Grindr. Assim, a internet adquire centralidade para a busca de parceiros para esses sujeitos, porém as interações em aplicativos são limitadas no que diz respeito a conhecer o outro, principal diferença das interações offline. A apresentação em perfis online torna-se um exercício de construção consciente onde esses sujeitos mobilizam estratégias para atrair possíveis parceiros, dessa forma, esses usuários lidam com questões ligadas à masculinidade e corpo de maneira mais consciente que nas interações offline.

Como exibido anteriormente, há perfis que reiteram certa norma de masculinidade em suas apresentações pessoais, rejeitando homens afeminados. Ao passo que alguns dos interlocutores se reconhecem como distante do modelo de maior

procura no aplicativo, visualizar com recorrência esses discursos produzem nesses usuários desconforto e mecanismos de reação, sendo a principal ferramenta o bloqueio, utilizada como maneira de reprovar tais usuários e impedir interações com esses sujeitos. Considerando que a masculinidade compõe o capital sexual, a qual define as posições na estrutura do desejo, esses jovens mobilizam estratégias para colocá-los como desejados, o que também toca em questões de masculinidade. Foi perceptível que esses sujeitos apresentam críticas à estrutura de gênero, mas acabam orientando sua busca sexual ou apresentação no aplicativo a partir do reflexo da masculinidade dominante.

A concepção da existência de certo padrão de masculinidade se tornou parte das entrevistas com Lito, Eric e Patrick, esses interlocutores afirmam em suas narrativas que não compactuam com a maneira que esses perfis expõem sua busca sexual a partir da exclusão de outros sujeitos. Lito afirma:

Sim, eu acho que tem um ideal de qual tipo de homem é mais cobiçado no Grindr, que é o homem musculoso, que é o homem barbudo, que é o homem que é ativo e rico. Acho que tem sim esse ideal da masculinidade, do homem que tem pegada, alguma coisa assim, mas quando eu vejo esse tipo de perfil, quando eu vejo que dizem “ah, eu não pego afeminados” eu nem converso, nem dou bola, ou quando falam “só homem versus homem” qualquer coisa assim, mas mesmo que eles falam no perfil “ah, nada contra” mas para mim não faz diferença, ele só está afirmando que ele é preconceituoso, eu sei que tem esse ideal, mas eu não compactuo com ele (Lito, 24 anos).

À medida que as entrevistas tomaram profundidade, pude perceber que questões de masculinidade apareciam na busca sexual de Lito e na maneira como ele se apresentava no aplicativo, estratégia vinculada ao desejo e maximização dos encontros sexuais. Retomando o uso da tribo “discreto” por Lito, ele atribui o uso da tribo como algo que descreve sua timidez, como dito anteriormente, o uso dessa tribo não é mera interpretação divergente de sua parte, pois ele afirma que essa tribo também o descreve enquanto não afeminado.

É, eu acho que esse nome é um pouco problemático porque eu estou ali mostrando meu rosto e não é que eu seja discreto, mas se estivesse a categoria “introvertido” eu colocaria, mas como não tem eu coloco “discreto”, mas é para dizer que eu sou mais sério, mais introvertido, e que não tenho traços afeminados (Lito, 24 anos).

Esse fato mostra que mesmo reprovando perfis que afirmam não se relacionar com afeminados e que apresentam uma norma rígida de masculinidade, Lito utiliza dos mesmos signos e acha significativo comunicar em seu perfil que não é afeminado. Assim, ao comunicar que não é afeminado ele pode ser interpelado por homens que buscam outros homens que consideram “discretos”.

Eu acho que as pessoas me veem sim como mais sério, porque eu sou mais sério; e eu não tenho jeitos afeminados e eu acho que minha voz pode denunciar um pouco. Mas só olhando a imagem acho que me veriam sim como um cara masculino e tal, por ser ativo também eu acho que tem essa construção de um imaginário, a partir do momento que você vê ali "Ativo" e já vem toda uma carga de “esse é dominante, não sei o que” (Lito, 24 anos).

Para Patrick as interações no aplicativo são vistas por ele como uma “mensagem de ego” em outros momentos utiliza a expressão “disputas de egos”, onde os perfis de usuários procuram ser desejados e reconhecidos por estarem dentro de certo padrão que ele descreve como “padrão Rio de Janeiro”. Ele expõe que utiliza o aplicativo com maior frequência quando está com a autoestima baixa, assim, entra no aplicativo para ser desejado. Ele afirma que visualiza a exclusão de homens homossexuais que são afeminados, pobres ou gordos.

Preconceito com tudo que é feminino né causa essa certa repulsa, tipo uma bicha, vou usar esse termo bicha mas tu entende né, a gente está numa conversa entre pessoas do “meio”. Mas uma bicha mais afeminada, uma bicha mais expressiva digamos assim, que esteja em melhor sintonia com seu lado feminino, é sempre bastante criticada. E com homossexuais pobres também né, é sempre a cereja do bolo, que é o público mais fácil né de ser atingido. Ah com gordo também né gente, esqueci dessa parte. Gordo, afeminado e pobre (Patrick, 27 anos).

Patrick afirma estar afastado da demanda de masculinidade por parte dos perfis de usuários, o que produziu nele uma necessidade de se desculpar por apresentar traços e afeminamentos que não são perceptíveis na visualização do seu perfil no aplicativo. Patrick ainda afirma que em sua busca sexual, até recentemente, a barba era um pré-requisito para as interações, afirmando que “as pessoas desejam aquilo que não tem”. O sentido da frase “as pessoas desejam aquilo que não tem” reflete como ele analisa a busca sexual no aplicativo, compreendendo que existe uma procura por certa

norma de corpo e masculinidade que pouco é atendida por esses usuários. Quando questionado se esses perfis atendem às exigências postas em seus perfis, ele conclui: “em sua grande maioria não, em sua extensa maioria não, até porque tem muita gente que não tem foto, tem muita gente que não se mostra, mas quando se mostra foge muito disso. Eu culpo isso ao pornô né que foi cada vez mais aumentando e exigindo”.

A maneira como ele visualiza as exigências no aplicativo retornam a discussão de Eva Illouz (2011) a respeito de como as interações online foram submersas numa lógica de consumo que produz o refinamento do gosto a algo dificilmente atingível. Ademais, o modo como Patrick classifica os perfis de usuários do aplicativo expõe que ele compreende certa hierarquia, pois ele afirma que os sujeitos devem se olhar “de forma bruta” a fim de entenderem que há coisas que eles não podem ter. Ou seja, a partir de uma reflexão pessoal ter compreensão que sua posição na estrutura de desejo não permitiria que determinados sujeitos se relacionassem com outros, dessa forma, Patrick afirma que há perfis que procuram sujeitos que não estariam compatíveis com a sua realidade.

Outra questão que pude perceber durante as nossas conversas, foi o constante desejo que Patrick esboçou de ter atributos que ele julga serem nocivos dentro do aplicativo. Na frase de abertura do capítulo, Patrick descreve as normas no aplicativo como a procura a um “padrão Rio de Janeiro” e que isso é algo nocivo por sua associação a expressão popular “chernobyl”, ainda que identifique as relações de masculinidade no aplicativo como problemáticas ele busca certa adequação com o padrão de masculinidade do aplicativo, sempre pontuando a mudança estética ocasionada por manter a barba e frequentar a academia.

Sua afirmação “barbie é uma tribo que pretendo me identificar nos próximos anos, estou malhando pra isso”, também apresenta elementos para refletir como a masculinidade hegemônica o afeta. “Barbie” é uma tribo utilizada para definir homens gays musculosos que atualmente adquire sentido semelhante ao que ele definiu como “padrão Rio de Janeiro”. Segundo Connell (1993) a masculinidade hegemônica prevê aquiescência das masculinidades dominadas, para além, há o desejo em gozar dos mesmo privilégios que a masculinidade dominante. No entanto, é necessário relacionar isso com os segmentos da indústria que utilizam desses modelos para produzirem nos sujeitos divergentes o desejo em se adequarem a determinada norma, seja através de procedimentos estéticos, academia, entre outros. Dessa forma, apesar da compreensão consciente da exclusão de sujeitos que não apresentam certos atributos da

masculinidade e corpo, esse fato não isenta que esses sujeitos sejam afetados por esse modelo, que se sintam mal por não correspondê-lo e busquem se aproximar dele em alguma medida.

Questões de masculinidade e corporalidade também estão refletidas na busca sexual de Patrick no aplicativo. Ele pontuou não existir um corpo específico que o atraia, mas posteriormente contou sobre um encontro com outro homem que não o atraía por excessos de pele e pela falta de praticar atividade física. A partir disso fiz perguntas específicas relacionando dois tipos de corpos, a primeira é a associação do corpo masculino como um corpo que apresenta ombros largos em contraposição ao feminino que apresentaria maior voluptuosidade no quadril. Assim, Patrick disse se sentir mais atraído pelo primeiro tipo corporal; e afirmou ter associado o segundo a um rapaz que visualizou na internet que era feminino, nessa situação hipotética apenas o primeiro tipo corporal despertaria sua atração. Em outro momento do texto, pontuei como o uso de maquiagem ou determinados acessórios femininos para ele também representa um problema que é vinculado à atração.

Tá, aí começamos a ter um problema, porque eu gosto de ombros, peito maior, acho que o pessoal da academia que treina a mais tempo, a gente tem esse tipo de visão, de procurar isso, porque sabe que dá trabalho um peito, treinar umas costas [...] Quando tu falou em quadril mais largo, me veio a imagem de um homem, de um cara que eu vi no Instagram essa semana que era feminino. Então, eu associei automaticamente a isso, mas eu acho que sim, ombros largos me remetem a masculinidade (Patrick, 27 anos).

Patrick afirma que existe uma construção social do gosto, reconhecendo o pornô como uma ferramenta que vem produzindo cada vez mais um padrão que tem se tornado quase inalcançável. Por outro lado, ao analisar o seu gosto pessoal ele atribui sua rejeição a esses signos femininos e certa corporalidade à "atração". Na narrativa de Eric, ele demonstrou a compreensão de que padrões estéticos, corporais e de masculinidade compõem a estrutura econômica e do desejo que afeta os homens. Dentre nossas conversas ele foi o que mais expôs a compreensão da estrutura de gênero por trás do desejo homoerótico. O fato de ter entrado em um curso de Ciências Humanas antes de ingressar na UFSM, teve impacto em sua análise da plataforma e conjuntamente sobre sua busca sexual. Ele diverge dos demais interlocutores por identificar alguns mecanismos que produzem a corporalidade desejada dentro do aplicativo. Eric pontua:

[...] acho que a indústria cultural como um todo, porque está sempre vendendo algo, e esse corpo também é uma mercadoria. É algo para as pessoas olharem e desejarem ser daquela forma e gastar para que fique daquela forma [...] a questão do corpo, por exemplo, de ter um corpo de academia é algo que para mim é muito presente no aplicativo, no Grindr, por exemplo. Essa questão é um atributo bastante valorizado, é uma característica bastante valorizada. Eu acho que isso causa uma grande pressão entre os gays, entre os héteros também, mas entre os gays também, não sei se é mais, menos ou igual. Mas eu acho que essa é uma das maiores pressões de aparência estética entre os homens gay nos aplicativos (Eric, 26 anos).

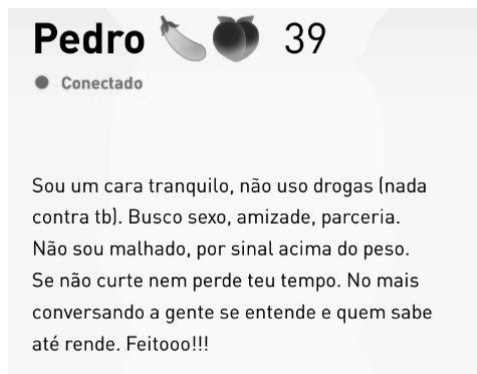
Ele afirma identificar dentro do aplicativo questões relacionadas ao corpo, e como esse mecanismo produz pressão estética entre os usuários do aplicativo. Durante minhas incursões pelo aplicativo visualizei dois perfis que se desculpavam em suas biografias, um dos perfis escreveu “desculpa sou bem magro” e o outro “desculpa, sou acima do peso se não gosta pule para o próximo”. Esses dois perfis evidenciam que existe uma pressão estética que coloca corpos musculosos como alvo de desejo. Em contrapartida, produzem nos usuários que não correspondem a norma a necessidade de se desculparem por não estarem adequados à busca do aplicativo. Da mesma forma, a produção da masculinidade no aplicativo valoriza uma configuração em detrimento das outras; e igualmente no caso de Patrick, produziu a necessidade de que se desculpasse durante as interações online por conter trejeitos e afeminamento.

Ainda que em suas biografias esses dois perfis expressam desconforto por não estarem adequados à norma, há uma grande diferença na recepção de corpos magros e gordos dentro do aplicativo. Em minhas idas ao campo não visualizei um único perfil que utilizava da biografia para rejeitar homens magros, apenas observei alguns perfis que apresentam em suas biografias preferências na busca por homens “gordinhos” ou “parrudos”, mas nunca a partir da rejeição de corpos magros. Em contrapartida, observei com recorrência perfis que rejeitavam homens “gordos”, “gg”, “acima do peso” e derivados; além de ter tido contato com perfis que em suas biografias afirmavam que procuravam apenas caras magros. Assim, ainda que possa ser perceptível uma pressão estética em homens magros, o que incluem os interlocutores de pesquisa, a partir das biografias dos perfis é possível apontar que esses sujeitos conseguem constituir relações sexuais com maior êxito que homens gordos.

Outros perfis de usuários utilizavam de sua biografia para comunicar que fugiam da norma corporal e que não fossem perturbados caso os demais usuários não se

sentissem atraídos. Como o caso do perfil abaixo de “Pedro”, ele afirma que não é malhado e está “acima do peso”, já comunicando aos demais usuários que caso não curtam seu biotipo corporal para evitar a interação.

Figura 11 - Perfil do usuário do Grindr nomeado como “Pedro” de Santa Maria.



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse tipo de abordagem é um indicativo de que as interações no aplicativo produzem nos usuários mecanismos para evitar certas frustrações, comunicar através da bio que possui uma corporalidade diferente da desejada já filtra parte dos usuários e evita, por exemplo, serem bloqueados durante as interações. Lito, que não é um homem gordo, relatou uma frustração com um perfil que sempre que o chama e pede foto de corpo e logo o bloqueia em seguida, ele afirma que ser bloqueado o afeta negativamente.

[...] há várias vezes um cara sarado me chama, aí eu respondo, eu mando foto do meu corpo e aí ele me bloqueia. Então eu não sei se... não sei se é pelo meu rosto, às vezes eu estou só com a foto do meu rosto, ele já sabe qual é meu rosto, então ele pede "ah tem foto do corpo", aí eu mando e ele me bloqueia. [...] Afeta, afeta sim, mas eu fico pensando que ok, é mais fácil uma pessoa bloquear, eu prefiro que a pessoa me bloqueie do que a gente se encontrar e aí ela me tratar com desprezo ou parecer que ela não queria estar ali (Lito, 24 anos).

Eric afirma que apresentava uma visão sobre o corpo gordo e que após ter constituído um relacionamento teve sua visão sobre essa questão modificada, o que possibilitou maior abertura para se relacionar com outros caras independente de suas corporalidades.

Não, eu já tive, mas depois que eu me relacionei com uma pessoa gorda eu não tive mais o problema. E eu vi quando me relacionei com essa pessoa que... eu não sei, eu tinha essa questão antes de não sentir atração mas que não tinha nenhum motivo; quer dizer tem um motivo um bocado de construções e blá blá blá. “Blá blá blá” eu não estou falando é diminuindo. Mas não sei, acho que por desconhecimento ou por sentir essa certa repulsa por causa da construção social. E aí quando você tem contato com aquele corpo você pode confirmar que realmente é algo que você não tem interesse ou pensar, foi o que aconteceu comigo, eu me senti atraído por essa pessoa mesmo achando que não ia rolar, porque foi uma pessoa que eu marquei um encontro, que era uma pessoa legal e eu queria conhecê-la mas eu não sabia se na hora eu ia querer ficar com ela. E aí eu fiquei até me surpreendeu (Eric, 26 anos).

Ao compreender a estrutura do desejo e em que local ele está posicionado, Eric trouxe para entrevista que apesar de não corresponder ao grupo mais desejado tanto de masculinidade como corporalidade, ele reconhece que não é um dos perfis mais preteridos do aplicativo pois não possui certas características que o colocam nas posições mais baixas do desejo.

Eu acho que eu não estou na zona dos mais desejados, porque as pessoas que são mais desejadas são aqueles caras padrão que a gente conhece, pelo menos da nossa geração conhece que é um cara super masculino, com o corpo sarado e tudo mais, que não é afeminado e essas coisas. Mas eu também sei que eu não estou no oposto porque eu não sou velho, porque eu não sou gordo, porque eu não sou negro, por não ser deficiente (Eric, 26 anos).

Ao refletir a partir das falas dos interlocutores e biografias dos perfis do usuário é evidente que a busca sexual desses usuários é orientada por questões ligadas à masculinidade e corpo, mesmo os interlocutores que não apresentam rejeição a determinados sujeitos em suas biografias são orientados a partir da produção hegemônica de masculinidade e corpo, como no caso de Patrick que atribui essa rejeição ao gosto pessoal.

Os interlocutores que apresentam familiaridade com a discussão de gênero, ainda que discursivamente critiquem os modelos normativos, na prática utilizam de signos dominantes para definir o que é masculinidade e evidenciam em seus perfis signos de masculinidade que os colocam em melhores posições de desejo. O corpo é visto como espaço onde a masculinidade é posta em prática, ser musculoso, peludo,

alto, maior fisicamente e falar grosso foram apontados como características masculinas, assim os usuários que apresentam esses atributos encontram dentro do aplicativo maiores possibilidades de parceiros sexuais.

O termo utilizado por Patrick de “padrão Rio de Janeiro” expõe características que são mais desejadas dentro do aplicativo, porém é comunicado através das entrevistas que a maioria dos usuários da região não correspondem a esse padrão traçado pelos interlocutores. Ao analisar as biografias dos perfis de usuários foi possível visualizar normas de masculinidade e corpo que permitiram traçar características que tornariam um perfil mais desejado dentro da plataforma. Ao analisar os perfis de maneira individualizada pude perceber que os usuários que apresentam restrições de masculinidade ou corpo acionam e sua busca sexual algumas dessas exigências, assim, o “padrão Rio de Janeiro” compreende o imaginário dos interlocutores mas não se sustenta a partir dos perfis de usuários, pois estes não acionam ao mesmo tempo todas essas características que comporia essa definição.

Em contrapartida aos discursos que rechaçam outras masculinidades e corporalidades, há perfis que tencionam as posições dominantes e de subalternidade, onde questionam a rejeição a homens afeminados. Ao tratar do corpo, pude perceber perfis que comunicavam estarem “fora do padrão” como medida que evita frustrações a partir da interpelação com outros usuários, um perfil de usuário expõe “corpo malhado, trabalho dobrado”, o que traz para a interface do aplicativo tensões no que diz respeito a masculinidade e corpo, ainda que poucos usuários se posicionem dessa maneira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Olha, meu mundo antes de vir para Santa Maria era o gado” - Félix, 27 anos.

Para a trajetória dos interlocutores, Santa Maria representou um espaço em que esses sujeitos puderam construir a si mesmos de outro modo que em seus contextos de origem. Deixar o local de onde vieram, o “interior” e adentrar em uma cidade maior, longe da família, propiciou a constituição de novas relações. Ademais, os interlocutores idealizam que a homossexualidade só pode ser vivida quando estão na “cidade grande”, o que possibilitaria serem “eles mesmos”. Mas, conforme descreveram seus municípios, foi possível compreender que enxergam seus contextos de origem como um aprisionamento do eu. Embora atribuam a Santa Maria certa liberdade com relação a sexualidade, a preocupação com a visibilidade da homossexualidade é presente no município, revelando que questões como a exposição da homossexualidade está além dos limites territoriais de seus contextos de origens, sendo preocupações que refletem a vulnerabilidade de LGBTs em contexto nacional. Ainda que não enxerguem a possibilidade de experiências homossexuais em seus contextos de origem, as entrevistas revelaram que há homossexuais presentes nessas localidades. Patrick e Eric estabeleceram um circuito de sociabilidade com outros jovens gays que continuam residindo nesses contextos. Nesse sentido, a liberdade que relatam se resume menos ao seu local de origem e condiz mais com a dinâmica das relações com a presença da família e da vizinhança.

Para os interlocutores de municípios urbanos, Eric e Patrick, residir na cidade de Santa Maria ampliou consideravelmente o número de parceiros disponíveis. Eric relata que se sentia livre pois estava ausente da extensa comunidade que exercia certo controle de sua sexualidade e gênero. Para Lito e Félix, oriundos da zona rural, a cidade possibilitou que seus desejos homoeróticos pudessem ser desenvolvidos. O espaço do campo, seja a linha rural que Lito morou ou a zona rural de um município pequeno como o de Félix, apresentam poucas possibilidades para que um jovem homossexual pudesse construir relações com outros homens sem ser alvo constante de violência. Como Félix afirma, seu mundo antes de vir a Santa Maria era o gado, e as barreiras que lhe foram impostas estavam além dos limites geográficos de seu município, eram

barreiras que exerceram um controle da expressão de gênero e de sua sexualidade, que lhe impuseram um peso em atender a demanda desse espaço, a mesma rotina exaustiva e sem poucas mudanças o sufocara, levando até a pensar em ações extremas. E, ao se mudar para Santa Maria ele pôde experienciar seu desejo, ainda que mais tardiamente que os demais interlocutores. Mas, ainda assim, a preocupação com a exposição pública de sua sexualidade conduz suas interações na plataforma e nos ambientes offline, impondo um rígido mecanismo de gestão de sua sexualidade.

De modo semelhante, Lito também sentiu o peso da cobrança de gênero que incidiu sobre Félix. Era esperado que ele fosse “bagual”, “pegasse boi pelo pescoço” e fosse “toruno”, signos que eram partilhados por seu pai, tios, primos e o irmão. O trabalho braçal, o suor e a rusticidade foram-lhes apresentados como sinônimos de masculinidade, e ele, ao contrário de Félix, não conseguiu atender a essas demandas. Em ambas as trajetórias, atender ou não essas demandas, sinaliza uma opressão que foi experienciada pelos sujeitos, pois além de pressupostos da masculinidade, a heterossexualidade foi uma exigência que nenhum deles pôde atender.

No corpo os signos da masculinidade se evidenciam. É através da postura, do caminhar, falar e se portar, que esses sujeitos colocam à prova sua masculinidade. Desse modo, foi possível visualizar a repressão e disciplina que se impôs sobre Lito e os demais interlocutores, para que tomassem atitudes que fossem “de homem”. Por consequência, essa imposição do controle sobre seu gênero produziu modulações corporais, esses sujeitos revelam dificuldades em expressar suas emoções, chorar, sendo tímidos, retraídos etc. A masculinidade para esses dois interlocutores se apresentou entrelaçada com signos da cultura gaúcha e do campo. Lito chegou a frequentar o CTG de sua linha rural. O campo esteve presente desde a maneira como Félix se apresenta no aplicativo, pois compõe parte das fotografias selecionadas. Já os interlocutores do perímetro urbano apresentaram uma menor proximidade com signos do campo, Eric teve contato a partir de sua vizinhança e Patrick com o pai que se tornou fazendeiro após o divórcio com sua mãe, mas não foi algo que sobressaiu em suas narrativas.

A visibilidade da sexualidade na experiência de Lito significa um “eterno desconfiar sobre quem sabe” dentre seus próximos, posição que torna possível a manutenção das relações existentes, mas apresenta um peso já que necessita que sejam ocultadas características de sua personalidade, bem como, sua sexualidade e relacionamentos. Dessa forma, se criaram dois mundos intransponíveis, um em Santa Maria onde pode ser “ele mesmo” e outro quando retorna à casa de seus pais, algo que

compreende ocorrer também com sua irmã, que ele cita ter construído uma vida com sua parceira longe da família. A possibilidade de exposição da sexualidade publicamente para Lito é possível desde que em alguns círculos sociais, em que não há presença familiar. Já para Eric e Patrick a família foram os primeiros a quem comunicaram sua homossexualidade. Para Félix, as relações familiares tiveram um peso maior na constituição de sua masculinidade e sexualidade, o que fez com que a exposição de sua sexualidade no ambiente familiar seja sequer cogitada. Além disso, a dependência financeira faz com que as relações familiares necessitem serem preservadas. Assim, a confirmação da homossexualidade para Lito e Félix poderia arruinar a permanência na cidade de Santa Maria, o que afetaria sua trajetória pessoal e profissional.

O dispositivo da sexualidade na experiência desses sujeitos, assim como todos que não estão em conformidade com a heterossexualidade, apresenta uma bagagem de angústias, medos e constrangimentos que são cotidianas. O regime de visibilidade da homossexualidade faz com que os sujeitos que já se assumiram na família e publicamente, tenham que ponderar constantemente sua apresentação pessoal e a visibilidade de sua sexualidade quando adentram um novo espaço. O controle da sexualidade e a exposição do segredo no município de Félix levou, segundo seu relato, jovens a tentarem ou interromperem a vida, revelando a força dos rumores e das exposições públicas no que toca à sexualidade. A gestão da sexualidade para Eric exemplifica os “novos muros” que se impõem como Sedgwick (2007) descreve. A família, a vizinhança, a universidade, seu estágio no município e as amizades foram cenários que ditaram seu gênero e a visibilidade de sua sexualidade. No entanto, embora afirme ao longo do tempo ter perdido essa preocupação, ela se fez presente em toda sua narrativa e não apenas quando se referia ao passado. Todos os cenários descritos tiveram impacto na constituição de sua masculinidade. As relações de vizinhança em seu município de origem limitaram sua construção pessoal e o forçaram a compartilhar signos com os demais meninos, instituindo a necessidade de apresentar-se supostamente como heterossexual. A universidade se tornou o cenário em que ele (como também Lito e Patrick) puderam compreender que as possibilidades múltiplas de identificação no que diz respeito ao gênero e à sexualidade e, assim, adquirir uma criticidade em torno das relações online e offline.

Patrick encontrou nas discussões de gênero uma maneira de validar a si mesmo e combater as violências que advieram sobre ele desde tenra idade. Por conta de sua

expressão de gênero ser próxima da feminilidade, ele desenvolveu uma postura combativa como mecanismo de se preservar. Até uma certa idade desejou incorporar os mesmos atributos de gênero que os outros meninos e homens ao seu redor, a “forçação” simboliza a tentativa “desesperada” para aderir aos signos vistos como pertencentes à masculinidade hegemônica. Após a compreensão de que seus esforços não surtiram o efeito esperado, ele decidiu aceitar e incorporar sua feminilidade, dessa ação, novas retaliações surgiram, mas ao contrário do aconteceu antes, ele reagiu e questionou a estrutura de gênero que o oprimia e se fazia visível para ele. A aproximação das discussões ativistas é pontuada como parte de sua “militância” e “desconstrução”, seja em um nível pessoal ou social (família, amizades, entre colegas etc.). A opressão acerca da masculinidade produziu, segundo ele, uma aversão ao que considerava masculino. No entanto, pude perceber o desejo em exibir a masculinidade dominante dentro do aplicativo, em relação a qual ele próprio reconhece ter adotado certas características, como uso de barba e o trabalho intensivo do corpo. Mesmo se posicionando de forma crítica à masculinidade, Patrick identificou como masculino apenas os signos pertencentes a masculinidade viril como “falar grosso, ser peludo, ser bombado ou pelo menos maior fisicamente”, aspectos realçados da masculinidade dominante. Sua autocrítica, fruto de sua inserção no ativismo, não avançou a ponto de perceber que sua apropriação estilizada da masculinidade permitiu que incorporasse certos signos para fins estratégicos e individuais em suas buscas no aplicativo, também reproduzindo de certa forma as normas sociais que criticava.

Outra questão importante é que a internet e os espaços online permitiram que esses jovens estabelecessem contato com outros sujeitos homossexuais. Para os interlocutores isso representou a centralidade das relações, como Eric afirma “tudo começa na internet”. De fato, a internet possibilitou a Patrick e Eric adquirirem conhecimentos e estabelecerem relações de amizade com outros homens gays, para Lito e Félix propiciou a constituição do desejo homoerótico, onde puderam pela primeira vez encontrar parceiros sexuais. Mas, ainda assim, a internet não é o ponto em que a vivência da homossexualidade começa, pois é na família, escola, vizinhança e outros círculos sociais que esse jovens iniciam a construção de sua sexualidade. Nos segmentos de aplicativos eles se tornam reféns das normas sociais de masculinidade, e da necessidade de lidar com questões do mercado sexual ao utilizar tais tecnologias.

Na internet esses sujeitos lidam com as normas de masculinidade e corpo de forma mais consciente e com maior ênfase. Em conjunto, são atravessados pelas

mudanças ocasionadas pela emergência do que Illouz (2011) chama de capitalismo afetivo, associado ao desenvolvimento tecnológico que impõe a necessidade de que saibam empreender sobre seus corpos na plataforma. Assim, os interlocutores que apresentaram maior criticidade quanto às relações de gênero foram os que mobilizaram atributos da masculinidade hegemônica de forma mais consciente e estratégica na busca sexual.

Ao analisar a masculinidade, tanto na construção particular dos interlocutores, como na interface do aplicativo, foi possível identificar que a masculinidade se constrói de formas não associadas ao sexo biológico, exigindo um olhar atento às formas mais fluidas de identificação. Não basta ser considerado biologicamente um “homem”, é necessário que incorporem em suas apresentações pessoais signos que são reconhecidos pelos demais como símbolos da masculinidade. Assim, ser “homem” ou “homem de verdade” representa uma hierarquia posta sobre o gênero que pode ser observada na interface do aplicativo.

Para a masculinidade dominante, homens homossexuais ou bissexuais não estão agrupados nessa configuração, pois não são reconhecidos como cúmplices dos mesmos pressupostos que a definem. A tríade entre sexo-gênero-desejo é o principal referencial para a construção da masculinidade dominante, dessa maneira, mesmos os homens homossexuais que se “passam por hétero” não correspondem ao atributo da heterossexualidade, não sendo reconhecidos pela masculinidade dominante enquanto “homens de verdade”. Porém, na interface do aplicativo, na qual todos os usuários apresentam desejos homoeróticos, estar alinhado a masculinidade viril (heterossexual) coloca esses sujeitos como detentores de uma masculinidade desejada. Desse modo, esses usuários utilizam de seu prestígio social para desqualificar homens com expressão de gênero afeminada. A masculinidade hegemônica organiza as relações sociais, incluindo as masculinidades subalternas, assim, mesmo os interlocutores que se enxergam distante desse modelo de masculinidade, orientam sua apresentação pessoal e busca sexual no aplicativo por esses pressupostos dominantes.

O exercício de construir o perfil (currículo) utilizando a textualização de si e a representação imagética pode ser caracterizado pela escolha consciente e a mobilização de estratégias que evidenciam como o desejo se constrói online. Escolher o que visualizar ou ocultar no perfil mostra o que Zago (2009) denomina de projeto “mostrar-sombrear”, os perfis de usuários evidenciam nas fotografias atributos que classificam serem positivos e que despertam interesse sexual dos demais, dessa maneira,

torna-se compreensível como alguns usuários apresentam fotos evidenciando suas nádegas, genitais eretos sob a roupa íntima, peitoral, braços e abdômen definidos; e a maneira como ocultam intencionalmente outras partes, como o rosto, preservando sua identidade.

Segundo Illouz e Kaplan (2020), a busca sexual se dá em um jogo marcado pela distribuição desigual de capital erótico. O capital erótico é composto por um conjunto de atributos que envolvem a aparência, nível cultural e econômico e a afetividade. Alguns perfis que trouxe ao longo do texto como o de “bisigilo” e “katuete#22” mobilizam na construção de seu currículo, estratégias que tocam nas esferas que compõem o capital sexual. Para “bisigilo”, ele utiliza para construir sua apresentação evidenciando deter a masculinidade e a corporalidade desejadas, além de comunicar seu estilo de vida e afetividade. No perfil de “katuete#22”, ele utiliza dessas esferas para comunicar com quem deseja se relacionar, homens magros, preferencialmente brancos, dotados e com capital econômico. Do mesmo modo, os interlocutores construíram seus perfis evidenciando certos atributos como o rosto, a barba, parte do físico etc, mas não apresentaram uma preocupação estilizada da mesma maneira que outras pesquisas sobre o tema evidenciaram em outros contextos, o que demonstra como os usos dos aplicativos não podem ser generalizados.

A partir de sua única foto exposta no aplicativo, Patrick discorreu sobre qual a leitura que poderia ser feita de seu perfil, detalhando que expôs seu físico, mas não em excesso, que se mostrava amigável por estar em um local aberto, entre outras observações que demonstram que ele detém um grande conhecimento em construir seu *self* nos ambientes digitais. Não obstante, é o usuário que mais se aproxima da corporalidade desejada, que comporia o que ele nomeia de “padrão Rio de Janeiro”. Essa expressão utilizada por ele descreve os ideais de masculinidade e corpo presentes no aplicativo, o “padrão Rio de Janeiro” não é algo que foi observado por mim durante o campo. Essa expressão pode ser aproximada ao capital sexual dominante, pois tratariam de sujeitos com masculinidade, corpo, estilo social, capital cultural e econômico reconhecidos e desejados. Mesmo com a preocupação observada na construção do perfil dos interlocutores e demais usuários, eles não apresentaram sua construção como semelhante a de “bisigilo”, que movimentava todas as esferas do capital sexual.

Pela possibilidade de visualizar na interface do aplicativo algumas exigências ligadas à masculinidade, corpo, racialidade, idade e classe social, criou-se no imaginário

dos interlocutores, a ideia de que a busca sexual ocorria fixa nos denominados “padrões” ou ainda “padrões Rio de Janeiro”. Porém, ao analisar os perfis observados no campo, as exigências de determinadas características correspondiam a uma minoria de usuários que acionaram uma ou algumas restrições em sua busca sexual, mas nunca todo o conjunto que definiria um “padrão Rio de Janeiro”. As exigências presentes nos perfis foram percebidas pelos interlocutores de pesquisa que afirmaram que os demais usuários do aplicativo “exigem aquilo que não têm”. Essa afirmação atesta a premissa de que a busca por esse padrão está presente muito mais no imaginário desses interlocutores. As exigências quando acionadas nos perfis de usuários ou na busca sexual dos entrevistados, se mostraram de certo modo flexíveis. Lito pontuou que teria um limite máximo de quarenta anos para se relacionar com outro perfil, mas revelou que saiu com usuários que estavam acima do seu limite por considerá-los atraentes. Da mesma maneira, Patrick saiu com um homem com uma corporalidade distante de sua busca, constituindo relações sexuais, o que também expôs que existem acordos pré-estabelecidos e não-verbais acerca dos encontros offline, uma obrigação implícita em encontros presenciais.

Os discursos dos interlocutores sobre gênero, masculinidade, corpo e interações no aplicativo revelaram contradições entre o discurso ativista e questões práticas. A insatisfação em como ocorrem as interações no aplicativo, descritas como contendo um “forte apelo sexual”, “promiscuidade” e “baixaria” são mobilizadas como parte de um discurso reprovável aos usuários que aderem a essa forma “mais explícita” de construir as relações. Por outro lado, a maneira pessoal como veem a finalidade do aplicativo, conjuntamente com seus usos práticos revelaram que massivamente estão orientados para o contato sexual, sendo o uso do aplicativo similar aos perfis que desaprovam.

A busca sexual na interface do aplicativo se mostrou heterogênea e com discursos antagônicos relacionados à masculinidade e ao corpo. Uma pequena parcela de usuários reiterava em sua biografia normas relacionadas à masculinidade, sexualidade, questões raciais, em contrapartida, outra parcela de usuários mobilizava em suas apresentações pessoais discursos que buscavam subverter as normas anteriores, questionando a masculinidade e a corporalidade dominante, o que evidenciou que as posições dos usuários são divergentes.

As esferas analisadas como a família, a escola e as relações sociais, nos contextos de origem dos interlocutores, foram responsáveis por produzir um discurso de masculinidade e sexualidade que por algum tempo se mostrou como único caminho

possível para esses sujeitos, o que despertou a necessidade de adotarem um comportamento de gênero que apresentasse esses atributos que eram comuns aos sujeitos de seu grupo. Na internet e no ambiente universitário encontraram novas possibilidades de construir sua masculinidade destoando do que era comum em seus contextos de origem. Apesar de apresentarem seus contextos de origem como opostos à cidade de Santa Maria, esses dois contextos são complementares. A liberdade que afirmam usufruir no município se deve ao afastamento das relações familiares, o que permite uma maior exposição da homossexualidade. Mas dentro da cidade de Santa Maria esses jovens experienciam o medo e a falta de segurança para se exporem em determinados espaços, o que evidencia que o controle do gênero e da sexualidade está para além das fronteiras de seus municípios.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante da pesquisa “‘Tudo começa na internet’? Masculinidades interioranas no Grindr na cidade de Santa Maria - RS”.

Estamos realizando um estudo científico cuja principal finalidade é investigar como ocorre a construção de modelos de masculinidades nas interações dentro do aplicativo Grindr em Santa Maria-RS.

As informações coletadas a partir de sua participação voluntária nesta pesquisa fornecerão subsídios para a elaboração da dissertação de mestrado do pesquisador Daniel da Silva Stack, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação da Prof.º Dr.º Fernando de Figueiredo Balieiro.

Esclarecemos que esta pesquisa será realizada através dos seguintes procedimentos metodológicos:

1. Observações de perfis na interface do aplicativo.
2. Entrevistas semiestruturadas em profundidade e individuais para fim de pesquisa.

Ressaltamos que as informações reunidas serão utilizadas somente para os fins deste estudo e de trabalhos acadêmicos que dele se desdobrarão. Ademais, está assegurado aos participantes o direito à desistência da participação na pesquisa a qualquer momento, sendo todas as informações pessoais preservadas.

O telefone para contato com o pesquisador é: _____. Agradecemos desde já sua participação.

Santa Maria, ____/____/_____.

Eu, _____, CPF _____ declaro que fui informado dos objetivos, justificativas e procedimentos desta pesquisa de forma clara e detalhada. Todas as minhas dúvidas foram respondidas e eu estou ciente de que poderei pedir esclarecimentos a qualquer momento.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do acadêmico pesquisador

APÊNDICE B

Entrevista semiestruturada

Questionário inicial sobre o interlocutor

- Qual sua idade?
- Como você se identifica racialmente?
- Qual sua sexualidade?
- Qual sua ocupação?
- Qual seu nível de escolaridade?
- Há quanto tempo reside em Santa Maria?

Perguntas relacionadas a criação

1. Me conta sobre você?
2. Qual sua cidade natal?
3. Como ela é?
4. Sua família ainda mora lá?
5. Fale sobre a sua relação com seu pai?
6. No que ele trabalhava?
7. Quais os ensinamentos você aprendeu com ele?
8. Há alguma qualidade que você admira nele?
9. O que vocês geralmente faziam juntos?
10. Qual sua lembrança favorita com seu pai?
11. Seu pai incentivou a sexualidade? Seja com revistas ou outras tentativas
12. Como é sua relação com seu pai, ainda convivem juntos?
13. Me fale sobre a sua relação com sua mãe?
14. No que ela trabalhava?
15. Quais os ensinamentos você aprendeu com ela?
16. Há alguma qualidade que você admira nela?
17. O que vocês geralmente faziam juntos?
18. Qual sua lembrança favorita com sua mãe?
19. Como é a sua relação com a sua mãe?
20. Você tem irmãos? e irmãs?
21. Como foi sua relação com seus irmãos/irmãs?
22. Com o que você costumava brincar com seus irmão/irmãs?
23. Como é sua relação com seus irmão/irmãs?
24. Quais as brincadeiras favoritas da infância?

Perguntas sobre escola

25. Como você se lembra de sua experiência escolar?
26. Como eram os professores?
27. Quais as disciplinas que mais gostava?
28. Qual sua atividade favorita na educação física?
29. Como era sua relação com os colegas? Ainda mantém contato?
30. Você presenciou situações de bullying na escola?
31. Como você lidava com conflitos com outros alunos dentro da escola?

32. Quem te ajudava com as tarefas da escola em casa?
33. Como você se mudou para Santa Maria?

Perguntas sobre masculinidade

34. Quando foi sua primeira experiência de gostar de meninos?
35. Quando você deu seu primeiro beijo com um homem? Como foi?
36. Para você o que é masculinidade?
37. Você tem algum modelo de masculinidade? (seja um personagem de filme ou familiar)
38. O que você acha de homens que choram?
39. Você consegue expressar suas emoções?
40. Você acha que o homem tende a ser mais agressivo?
41. Por quais motivos você acredita que o homem é mais agressivo?
42. Você acredita que há tarefas que só podem ser desempenhadas por homens?
43. Para você qual o lugar do homem na sociedade?
44. Para você qual o lugar da mulher na sociedade?
45. Para o que a sociedade espera do homem?
46. Como você se descreve?
47. O que você considera mais atraente em você?
48. Você vai à academia ou pratica atividades físicas?
49. Você tem algum cuidado com o corpo?
50. Qual seria o tipo de homem ideal para você? traçar um perfil
51. O que você mais acha atraente em outro rapaz?
52. O que você acha de homens preocupados com a imagem (vaidosos)?
53. Você acredita que há preconceito com homossexuais na cidade?
54. O que você acha de homens gays que estão dentro do movimento?
55. O que você acha das reivindicações do movimento LGBT?

Perguntas sobre amor e relacionamentos

56. Que tipo de relação você busca estabelecer a longo prazo?
57. O que você acredita ser necessário para que tal objetivo se realize?
58. Tem sido bem sucedido nessa busca?
59. Tem interesse em namorar ou casar?
60. Para você o que representa o amor entre duas pessoas do mesmo sexo?
61. Você acha certo duas pessoas do mesmo sexo se casarem no cartório se elas desejarem? E na Igreja?

Perguntas sobre relações antes do aplicativo

62. O que costuma fazer para se divertir (lazer)?
63. Costuma sair com amigos?
64. Como é sua relação com seus amigos?
65. O que mais gosta de fazer com eles?
66. Quais os locais que você costuma encontrar parceiros sem ser online?
67. Antes de usar o aplicativo, como encontrava parceiros?
68. Quais os lugares em que você encontra outros homens para flertar?
69. Nas suas últimas relações, como conheceu o parceiro?

Perguntas sobre a plataforma e seus usos

70. Como conheceu o aplicativo?
71. Há quanto tempo utiliza o aplicativo?
72. Quais os usos que ele tem pra você?
73. Quais recursos disponíveis no app você mais gosta e/ou utiliza com frequência?
74. Você utiliza outro aplicativo semelhante ao Grindr?
75. Qual?
76. Qual finalidade você utiliza?
77. Comparando o Grindr com esse aplicativo, qual deles você consegue mais encontros?
78. Por que você acha que x aplicativo é mais difícil de desenrolar um encontro?
79. Você utiliza o Grindr somente em Santa Maria?
80. Quais outras cidades você utiliza?
81. Você percebe alguma diferença entre Santa Maria e a x cidade?
82. Quais os tipos de perfis mais chamam sua atenção no app?
83. Como você descreveria os perfis de Santa Maria?
84. Geralmente como você chama para conversar com os usuários?
85. E como geralmente entram em contato com você?
86. Para você qual a melhor forma de conduzir a conversa?
87. Por que decidiu escolher essas fotos no perfil?
88. Por que tem essa bio?
89. O que você acha que suas fotos falam sobre você?
90. Você poderia descrever um perfil ideal para você?
91. Poderia dizer o que mais chama sua atenção nos perfis?
92. Você troca fotos pelo aplicativo?
93. A troca de fotos é fundamental para um encontro presencial? Porquê?
94. Como geralmente acontece os encontros entre você e outros perfis no Grindr?
95. A distância entre os perfis é importante para você?

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Funções E Medidas Da Ruralidade No Desenvolvimento Contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. ISSN 1415-4765.
- ADELMAN, M.; FRANCO, C. B.; PIRES, A. F. **Ruralidades atravessadas**: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o(s) Outro(s) nas redes sociais. *Cadernos Pagu* (44), janeiro-junho de 2015:141-170. ISSN 1809-4449.
- BELELI, I. **O imperativo das imagens**: construção de afinidades nas mídias digitais. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), n. 44, pp. 91-114, 2015.
- BOURDIEU, P. **O senso prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Regulações de Gênero**. *Cadernos Pagu* [online]. 2014, n. 42, pp. 249-274. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>>. Acesso em: 19 Set 2020.
- BRAZ, C. A. **À meia-luz**: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Campinas: Unicamp, 2010.
- CARVALHO, C. A. **Do match ao date**: A tensão entre o medo, o desejo e a vergonha em mulheres que buscam relacionamentos com homens pelo Tinder em Santa Maria - RS. Santa Maria: Dissertação de mestrado, 2019. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2019.
- CASTELLS, M. A comunicação na era digital. In: **O poder da comunicação**. 1º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 101-190.
- CONNELL, R. W. **Masculinidades**. Universidade Nacional Autônoma do México: Cidade do México, 2003.
- CONNELL, R. W. **Política da Masculinidade**. *Educação e realidade*: 20(2):185-206 jul./dez. 1995.
- CONNELL, R. W. MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: Repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero uma perspectiva global**. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: Nversos, 2015.
- ECO, U. Para uma investigação semiológica sobre a mensagem televisional. In: **Apocalípticos e Integrados**. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1993, 5ª ed.
- FACCHINI, R. **Histórico de Luta LGBT no Brasil**. São Paulo: Pagu, 2011.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo, Graal, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRY, P. **Da hierarquia à igualdade**: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Para o Inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL, A. C. **Métodos das Ciências Sociais**. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2012.

GONDIM, L. M. P.; LIMA, J. C. **A pesquisa como artesanato intelectual**: considerações sobre método e bom senso. São Paulo: EdUFScar, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005 [1992].

_____. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo, Revista Educação e Realidade, 22 (2), Porto Alegre, p. 15-46, jul./dez.1997.

_____. Quem precisa de Identidade?. In: SILVA, T.T. et al. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAMMARÉN, Nils; JOHANSSON, Thomas. **Homosociality**: In Between Power and Intimacy. SAGE Open: January-March 2014: 1–11.

HINE, C. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

_____. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday, Bloomsbury, Londres, 2015.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, E.; KAPLAN, D. **El capital sexual en la modernidad tardía**. traducción Vicente Merlo Lillo. Barcelona: Herder editora, 2020.

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998

KURASHIGE, K. D. **Marcas do desejo**: Um estudo sobre critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas criadas on-line na cidade de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2014.

LEAL, O. F. **Os gaúchos**: Cultura e identidade masculina no Pampa. Pelotas: Tessituras, v.7 N¹ jan-jun 2019.

LE BRETON, D. A Sociologia do Corpo. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. **Etnografia em ambientes digitais**: Perambulações, acompanhamentos e imersões. Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, 1. sem. 2017.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARACCI, J.G ; MAURENTE, V. S ; PIZZINATO, A. **Experiência e produção de si em perfis do aplicativo Grindr**. Athenea Digital, 2019.

MILLER, D.; SLATER, D. **Etnografia on e off-line**: Cibercafés em Trinidad. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2004.

MISKOLCI, R.; BALIEIRO, F. F. **Sociologia Digital**: balanço provisório e desafios. Revista Brasileira de Sociologia, vol.6, n^o12, 2018.

MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **San Francisco e a nova economia do desejo**. São Paulo: Lua Nova, 2014.

_____. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. Porto Alegre: Sociologias, 2009a.

_____. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009b.

MOLINA, L. P. P. **A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual**. Antíteses, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011.

MORELLI, F.; PEREIRA, B. **A pornificação do corpo masculino**: notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros on-line. Dossiê Gênero e Sexualidade. Porto Alegre: Civitas, 2018.

PADILHA, F. A. **O segredo é a alma do negócio**: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2015.

PASSAMANI, G. R. **“Na Batida da Concha”**: um Olhar Antropológico sobre

Homossexualidade Masculina no Interior do Rio Grande do Sul. *Revista Sociais e Humanas*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 121–134, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1388>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PASSAMANI, G. R. “**É ajuda, não é prostituição**”. Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *cadernos pagu* (51), 2017, ISSN 1809-4449.

PELÚCIO, L. **Amores em tempos de aplicativos**. Bauru: Unesp, 2017.

PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, P. P. **Queer nos trópicos**. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 371-394.

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PIECHA, R. “**O serviço que não aparece**”: A divisão sexual do trabalho e as formas de agenciamento de mulheres camponesas em Jaguari - RS. Santa Maria: Dissertação de mestrado, 2020. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2020.

ROSA, O. C. **A ficção do homem: um estudo sobre recepção masculina de telenovelas**. Santa Maria: Dissertação de mestrado, 2018. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2018.

RUBIN, G. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1582>. Acesso em 21 Abr de 2022.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANT’ANNA-MULLER, M. R.; RIFFEL, R. **Performances de gênero: masculinidade, fotografia e história**. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Vol. 4 nº7, Julho de 2012.

SEDGWICK, E. K. **A Epistemologia do Armário**. In: *Cadernos Pagu*. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. et al. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, v.15, n. 2, jul./dez. 1990, p.71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 18 set. 2021.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer seguido de Ágape e êxtase: orientações**

pós-seculares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VAN DIJCK, J. **La Cultura de la Conectividad**: una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2016.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WAAL, M. **The platform society**: public values in a connective world. New York : Oxford University Press, 2018.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural brasileiro**: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. *Estud.soc.agric*, Rio de Janeiro, vol. 17, n°. 1, 2009: 60-85.

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos feministas*: 2/2001.

WITTIG, M. **A marca do gênero**. Paper entregue pela primeira vez no Eighth Annual International Colloquium on Poetics, “The Poetics of Gender”, patrocinado pelo Departamento de Francês e Filologia do Romance da Universidade de Columbia e pela Casa Francesa da Universidade de Columbia entre 15 e 17 de Novembro de 1984. Tradução: Rosa Vieira Guedes, 18 de Junho de 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. et al. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAMBONI, J. **A bicha na emergência da homossexualidade cultural**: Peter Fry e o que o inglês não viu. *Psicologia e Sociedade*, 2018.

ZAGO, L. F. **Masculinidades disponiveis.com**: sobre como dizer-se homem gay na internet. 2009. p.277. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, 2009.

ZUBOFF, S. **The Age of Surveillance Capitalism**: the fight for a human future at the new frontier of power. New York: Hachette, 2019.